

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

PRISCILA DE OLIVEIRA ARAÚJO

**IMAGEM E CIÊNCIA: PRODUÇÃO E USOS DA FOTOGRAFIA EM PERIÓDICOS
ESPECIALIZADOS NO RIO DE JANEIRO (1905-1930)**

Rio de Janeiro

2020

PRISCILA DE OLIVEIRA ARAÚJO

**IMAGEM E CIÊNCIA: PRODUÇÃO E USOS DA FOTOGRAFIA EM PERIÓDICOS
ESPECIALIZADOS NO RIO DE JANEIRO (1905-1930)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Teresa A. Venancio
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Lopes de Lacerda

Rio de Janeiro

2020

PRISCILA DE OLIVEIRA ARAÚJO

**IMAGEM E CIÊNCIA: PRODUÇÃO E USOS DA FOTOGRAFIA EM PERIÓDICOS
ESPECIALIZADOS NO RIO DE JANEIRO (1905-1930)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Teresa A. Venancio (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Aline Lopes de Lacerda (Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Coorientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Villela Bandeira de Mello (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro)

Prof.^a Dr.^a Cristiana Facchinetti (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Suplentes:

Prof. Dr. Pedro Felipe Neves de Muñoz (Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Prof.^a Dr.^a Simone Petraglia Kropf (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Rio de Janeiro

2020

Ficha Catalográfica

A663i Araújo, Priscila de Oliveira.

Imagem e ciência : produção e uso da fotografia em periódicos especializados no Rio de Janeiro (1905-1930) / Priscila de Oliveira Araújo ; orientada por Ana Tereza A. Venâncio. – Rio de Janeiro : s.n., 2020.
190 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2020.
Bibliografia: 177-190f.

1. História do Século XX. 2. Fotografia. 3. Publicações Científicas e Técnicas.
4. Brasil.

CDD 981

Catálogo na fonte - Marise Terra Lachini – CRB6-351

Aos meus pais, Valmir (*in memoriam*), a minha
saúde diária e Irene, o meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

O longo e árduo processo de redigir essa dissertação não foi um trabalho solitário e sem dúvidas não teria sido possível sem uma rede de apoio. À vista disso, torna-se imprescindível agradecer a todos os envolvidos.

Sou extremamente grata à minha família, por todo amor e incentivo incondicional durante toda a minha vida. Em especial, agradeço à minha mãe, Irene, e à minha irmã, Viviane, por acreditarem e sonharem comigo. Vocês são minha base.

Agradeço as minhas orientadoras Ana Venancio e Aline Lacerda, por caminharem lado a lado comigo durante esse processo, pela disponibilidade, pelas leituras sempre tão atentas e minuciosas, pela paciência e pelo aprendizado.

Às professoras Cristiana Facchinetti e Maria Teresa B. de Mello pelas frutíferas contribuições durante o exame de qualificação, os quais permitiram o aprimoramento desse trabalho.

Aos colegas de turma, pelas trocas de ideias, risadas e incentivo, em especial a Denise, Aline, Maria Izabel e Janille.

Aos meus tão queridos amigos, que entenderam minha ausência, que me acolheram com palavras de conforto e abraços apertados. Muito obrigada Vanessa Messias, Cristiane Elias, Jéssica Souza, principalmente, Lívia Dinamarco e José Roberto pela amizade, pelo companheirismo, pelas conversas sempre tão importantes, pelas leituras, enfim, por tudo.

Ao meu namorado Gabriel Stocco agradeço por toda compreensão, generosidade, amor e carinho, principalmente, nas horas mais difíceis.

Aos funcionários da biblioteca de Manguinhos e as funcionárias da biblioteca do IPUB, onde realizei minhas pesquisas. Em especial, Cátia Mathias e Célia, pelas indicações, carinho e atenção.

À toda equipe da secretária acadêmica do PPGHCS. Especialmente, agradeço ao Paulo Chagas, Sandro Hilário e Amanda Gutierrez por serem sempre tão solícitos e prestativos.

Agradeço, finalmente, à Fundação Oswaldo Cruz por tornar possível a realização dessa pesquisa.

Com todo o carinho, muito obrigada a todos.

RESUMO

A dissertação analisa o modo como as imagens — em especial a fotografia — foram utilizadas como elemento constitutivo da produção de conhecimento médico e de comunicação em ciência, no período de 1905 a 1930, na cidade do Rio de Janeiro, considerando-se sua divulgação em dois periódicos científicos especializados: os *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciência Afins* e as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Tais periódicos foram veículos oficiais de comunicação e disseminação das investigações científicas, produzidas pela Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1907) e pelo Instituto Oswaldo Cruz (1900), constituídos por diversas modalidades de ilustrações científicas, como desenhos, fotomicrografias e fotografias, elaboradas por desenhistas, fotógrafos e médicos. Além desses periódicos, como fontes primárias, examinamos também os jornais diários da época (1905 a 1930), a legislação e os relatórios ministeriais relacionados ao funcionamento das instituições mencionadas e seus colaboradores, a fim de contextualizar e complementar as informações presentes nos periódicos científicos. Portanto, este estudo fundamenta-se no eixo temático instituição-ciência-imagem, no qual procuramos ressaltar o modo como instituições científicas de especialidades médicas distintas se apropriaram da dimensão visual e, demonstrar a relevância e o papel de destaque desempenhado pelas imagens na produção científica.

ABSTRACT

The dissertation analyzes the way in which images — especially photography — were used as a constitutive element in the production of medical knowledge and communication in science, from 1905 to 1930, in the city of Rio de Janeiro, considering its dissemination in two specialized scientific journals: *os Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciência Afins* e *as Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Such journals were official vehicles for communication and dissemination of scientific investigations, produced by the Brazilian Society of Neurology, Psychiatry and Legal Medicine (1907) and by the Oswaldo Cruz Institute (1900), consisting of several types of scientific illustrations, such as drawings, photomicrographs and photographs, drawn up by draftsman, photographers and doctors. In addition to these journals, as primary sources, we also examine the daily newspapers of the period (1905 to 1930), legislation and ministerial reports related to the functioning of the mentioned institutions and their collaborators, in order to contextualize and complement the information present in scientific journals. Therefore, this study is based on the thematic axis institution-science-image, in which we seek to highlight the way in which scientific institutions from different medical specialties appropriated the visual dimension and demonstrate the relevance and the prominent role played by images in scientific production.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Capa das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 1909.....	30
Imagem 1.2. Diagramação de um artigo bilíngue	34
Imagem 1.3 Ex-líbris da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz.....	35
Imagem 1.4 - Macaco em estágio saudável, doente e em coma.	48
Imagem 1.5 - Boi adoentado.....	49
Imagem 1.6 - Fotomicrografia.....	50
Imagem 1.7 - Rio de S. Francisco, visto da Ilha do Fogo	53
Imagem 1.8 - Porto de S. João.....	54
Imagem 1.9 - Povoado de S. Marcelo.....	54
Imagem 1.10 - Grupo de mulheres com bócio.	57
Imagem 1.11 - Menina de 12 anos com bócio.....	57
Imagem 1.12 - Homem com bócio	58
Imagem 1.13 - Drs. J. Muniz e C.Pinto em caçada de tuyuyus	59
Imagem 1.14 - Drs. J. Muniz, C. Pinto, O. da Costa Mares e L. Travassos as margens do Rio Tiete	60
Imagem 1.15 - Quadro comparativo 1.....	62
Imagem 1.16 - Quadro comparativo 2.....	62
Imagem 1.17 - Homem leproso.	63
Imagem 1.18 - Professor S. v. Prowazek.....	66
Imagem 1.19 - Oswaldo Cruz.....	67
Imagem 1.20 - Adolpho Lutz.....	67
Imagem 2.1- Anúncios.	95
Imagem 2.2 - Capa ABPNCA,1905.	97
Imagem 2.3- Capa ABPNML,1915.	97
Imagem 2.4 - Capa ABNP, 1929	98
Imagem 2.5 - Microfotografia de J. Pinto.	106
Imagem 2.6 - Carleto.	109
Imagem 2.7 - Pensamentos de Carleto	110
Imagem 2.8 - Paciente da casa de correção do RJ	110
Imagem 2.9 – Mimetismo.....	112
Imagem 2.10 – Casos de paralisia.	114
Imagem 2.11 - Pavilhão Juliano Moreira no Asilo Colônia de Vargem Alegre	118

Imagem 2.12 - Inauguração do Manicômio Judiciário.....	118
Imagem 2.13 - Sessão inaugural do II Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal	120
Imagem 2.14 - Visita de Congressistas à Colônia de Alienadas no Engenho de Dentro	120
Imagem 2.15 - Inauguração do busto de bronze de Juliano Moreira.....	121
Imagem 2.16 - Juliano Moreira	123
Imagem 2.17 - Henrique Roxo.	123
Imagem 2.18 - Diogenes Sampaio.....	124
Imagem 2.19 - Médico praticando procedimento em paciente homem.....	125
Imagem 2.20 - Médico praticando procedimento em paciente mulher	125
Imagem 3.1 - Homem com tumor.	138
Imagem 3.2 - Homem que sofre de delírio religioso	140
Imagem 3.3 - Antes e depois do caso com granuloma venereo	142
Imagem 3.4 - Antes e depois caso infantil.....	143
Imagem 3.5 - Lesão em braço.....	149
Imagem 3.6 - Caso de infantilismo e Doença de Chagas	151
Imagem 3.7 - Enferma em movimento	157
Imagem 3.8 - Lesão em pé.....	160
Imagem 3.9 - Mulher com lepra	163
Imagem 3.10 - Homem com bócio	164
Imagem 3.11 - Mulher obesa.....	166
Imagem 3.12 - Homem criminoso de terno e gravata.	168

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de trabalhos ilustrados e não ilustrados <i>nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz</i> (1909-1930)	38
Gráfico 2 - Quantitativo dos trabalhos publicados e ilustrados nas <i>Memórias do Instituto Oswaldo Cruz</i> por ano (1909-1930)	39
Gráfico 3 - Quantitativo dos trabalhos ilustrados com Desenhos, com Fotografia e com ambos nas <i>Memórias do Instituto Oswaldo Cruz</i> por ano (1909-1930)	40
Gráfico 4 - Percentual de trabalhos ilustrados e não ilustrados nos <i>Arquivos Brasileiros</i> (1905-1930).....	101

Gráfico 5 - Quantitativo dos trabalhos publicados e ilustrados nos <i>Arquivos Brasileiros</i> por ano (1905-1930)	101
Gráfico 6 - Quantitativo dos trabalhos ilustrados com Desenhos, com fotografia e com ambos nos <i>Arquivos Brasileiros</i> por ano (1905-1930)	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Registros fotográficos publicados nas <i>Memórias do IOC</i> (1909-1930)	45
Quadro 2 - Registros fotográficos publicados nos <i>Arquivos Brasileiros</i> (1905-1930)	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Expedições científicas publicadas nas <i>Memórias do Instituto Oswaldo Cruz</i>	51
Tabela 2 - Classificação dos Colaboradores do ABPNML (1905-1930)	89
Tabela 3 – Relação do número de fotografias de doentes publicadas nos <i>Arquivos Brasileiros</i> (1905-1930)	161
Tabela 4 – Relação do número de fotografias de doentes publicadas nas <i>Memórias do IOC</i> (1909-1930)	161

LISTA DE SIGLAS

ABPNCA - Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins

ABPNML - Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal

ABNP - Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria

DGSP - Diretoria Geral de Saúde Pública

FMRJ – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

HNA - Hospital Nacional de Alienados

IOC - Instituto Oswaldo Cruz

MJNI – Ministério da Justiça e Negócios Interiores

SBNPML - Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1 - A consolidação da medicina experimental no Brasil	13
1.1 Instituto Oswaldo Cruz: "jardim de infância da ciência"	16
1.2 A revista <i>Memórias do Instituto Oswaldo Cruz</i> , 1909-1930.....	29
1.3 As representações visuais nas <i>Memórias do IOC</i>	38
Capítulo 2 - A constituição de uma sociedade médica especializada em medicina mental	70
2.1 Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: sua fundação e seus membros	71
2.1.1 Organização da Sociedade: estatutos.....	77
2.1.2 Especialidades	80
2.2 De Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins a órgão oficial da SBNPML (1905-1930)	86
2.3 As representações visuais nos <i>Arquivos Brasileiros</i>	100
Capítulo 3 - A fotografia na ciência psiquiátrica e biomédica: um exercício de análise	128
3.1 - O advento da fotografia e alguns dos seus processos técnicos	129
3.2 - O recurso fotográfico no discurso científico	134
3.2.1 - Olhares sobre o corpo doente: da pele aos nervos	145
3.2.2 - Semelhanças e diferenças nas apresentações de indivíduos doentes	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS	177
Fontes	177
Bibliografia.....	179
ANEXOS	191
Anexo I – Organogramas IOC.....	191
Anexo II – Seções que compreendiam os <i>Arquivos Brasileiros</i> (1905-1930)	193

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa procuramos analisar o modo como as imagens foram utilizadas como elemento constitutivo da produção de conhecimento médico e de comunicação em ciência nas primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro, considerando-se sua divulgação em dois periódicos científicos especializados: os *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciência Afins* e as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Ambos foram veículos oficiais de instituições científicas, produzidas respectivamente, pela Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1907) e pelo Instituto Oswaldo Cruz (1900), compostos por diversos tipos de imagens, tais como fotomicrografias, desenhos, fotografias de animais, natureza, doentes e manifestações das doenças sofridas por estes.

Para alcançar tal objetivo, partimos da análise do eixo temático instituição-ciência-imagem, através do qual buscamos observar o modo como trajetórias institucionais específicas se apropriaram de recursos visuais, especialmente a fotografia, que constituíram elementos importantes na produção de estudos científicos das especialidades da medicina mental e da medicina experimental, nas primeiras décadas do século XX. Ao longo da referida análise procuramos cotejar as semelhanças e diferenças desse processo em cada uma dessas instituições.

O *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciência Afins*, foi publicado a primeira vez em abril de 1905. Fundado pelos psiquiatras Juliano Moreira (1873-1933), então diretor do Hospício Nacional de Alienados e Afrânio Peixoto (1876-1947), também médico da instituição. Foi o primeiro periódico brasileiro especializado em medicina mental. Desde a sua criação, até o final do período sobre o qual essa dissertação se debruça, a revista mudou de nome algumas vezes. Em 1908, ao ser vinculado à Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal (SBNPML), como seu órgão oficial de divulgação, o periódico passou a se chamar *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria Neurologia e Medicina Legal*. A partir de 1919, passou a ser publicado com o nome de *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*, mudança que se justifica pelo crescente desenvolvimento dos estudos nessas áreas e também por determinações governamentais (AMARANTE, 2004:18-19; FACCHINETTI, et.al, 2010:529). No entanto, continuou como órgão oficial da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina legal (CERQUEIRA, 2014:15).

A *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, por sua vez, foi publicada pela primeira vez em abril de 1909. Criado por Oswaldo Cruz, o periódico assumia a função de veículo de divulgação das pesquisas e da instituição a qual era ligado, o Instituto Oswaldo Cruz, fundado em 1900

com o nome Instituto Soroterápico Federal, cuja finalidade era a produção de soro e vacina contra a peste bubônica, que havia chegado ao Porto de Santos em 1899 e ameaçava atingir a cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, o recorte temporal proposto para esta dissertação é estabelecido com base em períodos significativos para as publicações a serem estudadas. O ano de 1905 foi escolhido como marco inicial para esta pesquisa por ser o ano de criação do periódico *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciência Afins*. Quatro anos mais tarde, as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* começaram a ser publicadas. Dessa maneira, iniciando em 1905 abarcamos os anos de criação de ambos os periódicos.

A escolha de 1930 como o último ano desse estudo tem como justificativa o fato de que ele representa o início de uma década de mudanças políticas e institucionais que afetaram os periódicos e suas respectivas instituições. No caso dos *Arquivos Brasileiros*, com a saída de Moreira da direção do HNA em 1930 e depois da direção da SBNPML, em 1932, dando início a uma nova gestão; no caso das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, a Revolução de 30 que conduziu Getúlio Vargas ao poder teve por consequência uma série de mudanças na organização e na condução das instituições e das políticas públicas, sobretudo com a criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública. Esse contexto, marcado pela intervenção e pela centralização do governo federal na formulação de políticas públicas de saúde, provocou uma instabilidade institucional no Instituto Oswaldo Cruz, com a perda gradual de sua autonomia administrativa e financeira (BENCHIMOL, 1990).

O recorte espacial escolhido, a cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, justifica-se por ser onde a SBNPML e o IOC estiveram sediados e, com isso, local de publicação de ambos os periódicos. Além do mais, a cidade era o principal palco de discussões, formação e divulgação de práticas do saber médico que estavam em voga nas três primeiras décadas do século XX.

O Instituto Oswaldo Cruz foi objeto de estudo em diversos trabalhos, referentes a sua criação e trajetória (ARAGÃO,1950; STEPAN,1976; BENCHIMOL,1990), a seu primeiro periódico, as *Memórias do IOC* (MARTINS,2003; RODRIGUES; MARINHO,2009) e a sua produção fotográfica — em especial a realizada durante as campanhas sanitárias e as expedições científicas (THIELEN, 1992; MELLO, 2007; MELLO; PIRES-ALVES,2009; AZEVEDO, 2016). Em contrapartida, a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, como objeto de estudo possui poucos trabalhos dedicados exclusivamente a ela (CERQUEIRA, 2014). Quando estudada encontra-se associada à sua revista oficial, que por sua vez, é citada em um maior número de produções historiográficas como uma importante

fonte de pesquisa (AMARANTE, 2004; FACCHINETTI, CUPELLO, EVANGELISTA, 2010; VENANCIO, 2011a). Contudo, ainda não existem trabalhos que explorem os recursos visuais produzidos no âmbito da SBNPML e divulgados em seu periódico. Dessa maneira, por meio desta pesquisa pretendemos contribuir com a referida produção bibliográfica, concentrando nossa análise sobre o conjunto de imagens produzido e divulgado pela Sociedade, e ainda, agregar novos dados aos estudos sobre o IOC e o papel de seus registros visuais na constituição do saber médico ali produzido.

Segundo Maria Amélia Dantes (1988:267) foi a partir da chegada da Corte portuguesa ao Brasil, em 1808, que ocorreram medidas mais concretas para a institucionalização da ciência no país, através da criação de instituições científicas como as escolas profissionais, um museu de História Natural, um Horto e uma biblioteca. Em vista disso, a autora caracterizou o processo de implantação da ciência no Brasil em três fases, sendo cada uma delas compostas por atores sociais, disciplinas científicas e ideologias distintas, a saber: o iluminismo e a tradição naturalista no Brasil; a introdução da ciência experimental no final do século XIX e início do XX; as universidades e o desenvolvimento das ciências básicas de 1930 a 1945.

A primeira fase, que vai do final do século XVIII até meados do XIX, teve como formas habituais de organização da ciência as sociedades, academias e periódicos (FERREIRA, 1996:3; FERREIRA; MAIO; AZEVEDO, 1998:476). Nesse sentido, Ferreira (1996) ressalta o papel dos periódicos médicos brasileiros, surgidos no século XIX, considerando-os como “instituições típicas de uma fase de institucionalização da ciência no Brasil”. Segundo o autor, os periódicos foram “o modelo de organização social assumida pelos grupos médicos empenhados na legitimação social e na produção efetiva de conhecimento científico, no momento em que a ciência não era ainda uma atividade altamente profissionalizada” (FERREIRA, 1996:1-2).

Conforme Ferreira et.al (1998:477), somente no final do século XIX as sociedades tornaram-se uma organização do tipo profissional e restritas aos especialistas, passando a produzir ciência em universidades e institutos de pesquisa. Sendo assim, as sociedades perderam seu caráter generalista e tornam-se cada vez mais a expressão associativa de profissionais organizados por disciplinas especializadas.

Aqui interessa conhecer essa fase de institucionalização da ciência no Brasil, o final do século XIX e início do XX, pois é justamente nesse momento em que ocorre o surgimento de institutos de pesquisa e ensino. Segundo Mello (2007:52-53), estas instituições foram as responsáveis por muito do que foi produzido pela ciência brasileira até a década de 1930.

Segundo Dantes (1988:269), durante a segunda metade do século XIX, a Alemanha, com suas instituições de pesquisa e ensino, tornou-se líder em atividade científica e os seus modelos institucionais se difundiram em países europeus e no Brasil, que adotou uma reforma nas escolas profissionais de engenharia e de medicina, introduzindo o ensino prático. De acordo com a autora, a partir desse contexto foram criados e atualizados laboratórios e contrataram-se professores franceses e alemães.

Conforme Edler (1996:284-285), no Brasil, a pesquisa experimental conquistou sobretudo a geração de médicos mais jovens. O autor aponta que devido ao trabalho de persuasão política dos grupos que se reuniam em torno de alguns poucos periódicos, a medicina brasileira aproximou-se dos mais recentes trabalhos médicos produzidos nos centros científicos da Europa e da América do Norte.

É neste quadro que o Instituto de Manguinhos surgiu, em 1900, com o objetivo de produzir soros e vacinas contra a peste bubônica, colocado sob a direção de Oswaldo Cruz. Segundo Dantes (1988:270), pelo alcance político de sua atuação, tornou-se a instituição científica brasileira de maior prestígio nas primeiras décadas do século XX. A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, por sua vez, foi fundada em 1907 e seus principais objetivos, segundo Cerqueira (2016:52), eram a difusão dos ramos do conhecimento médico que a nomeavam e o incentivo ao desenvolvimento das instituições de assistência aos alienados, tanto no Rio de Janeiro como em outros estados brasileiros.

Apesar do *Arquivos Brasileiros* ser o órgão oficial da Sociedade, vale ressaltar também a estreita relação do Hospício Nacional de Alienados (HNA) com este periódico e com esta associação científica, pelas seguintes razões: dos primeiros anos de circulação da publicação até o ano de 1919, esta foi produzida pela tipografia do Hospício; grande parte das sessões realizadas pela Sociedade eram praticadas no salão nobre do HNA; os membros da entidade científica também eram médicos do HNA, como o próprio Juliano Moreira e Afrânio Peixoto – fundadores do periódico – e, por fim, a maioria dos casos publicados nos *Arquivos* e discutidos pela Sociedade eram sobre os pacientes internados no Hospício. Nesse sentido, devemos reconhecer a importância do HNA para o periódico, para a Sociedade e como um espaço científico de pesquisa e ensino, assim como o IOC.

Carlos Penafiel publicou em 1913 o trabalho intitulado "O Prof. Juliano Moreira" nos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, no qual coteja as trajetórias e contribuições de Oswaldo Cruz e Juliano Moreira, diretores das instituições a serem aqui exploradas, considerando-os figuras centrais para o desenvolvimento do ensino médico no país no início do século XX. Segundo o autor, “aprendizagem sem peias, livre de qualquer

influência, da lição prática que Oswaldo Cruz e Juliano Moreira davam no Instituto de Manguinhos e no manicômio, constituindo uma escola à parte – a Alma Mater das atuais gerações médicas” (PENAFIEL, 1913: 124).

De acordo com Penafiel (1913:127), no início do século XX, Manguinhos e o Hospício eram os principais destinos para os estudantes que buscavam completar sua educação e formação no sentido prático. O autor apontou que

Cristalizaram-se elementos notáveis em volta daqueles dois polos de constituição, alargando-se sua esfera cada vez mais, a tal ponto que já hoje não há como negar a transformação que imprimiu aos nossos métodos de estudo e observação clínica. No Hospício e em Manguinhos se começou a aprender o que não podiam ensinar as nossas velhas faculdades oficiais com seu imperturbável classicismo, e os estabelecimentos congêneres, recém-criados em alguns Estados, casas essas onde o magistério superior, embora independente e autônomo, despeado (*sic*) de qualquer tutela governamental, se comprazia em jungir-se à canga servil dos mesmos programas, e à cópia estreita dos mesmos processos de ensino, antes teóricos que práticos (PENAFIEL, 1913: 124-125).

Apesar de toda cooperação entre essas entidades, conforme apontou Muñoz (2015: 305), as instituições tiveram trajetórias distintas. Juliano Moreira foi responsável por modernizar o Hospício Nacional e torná-lo uma instituição de referência em pesquisas experimentais. Contudo, o sucesso da instituição parece ter se restringido ao período da administração de Moreira, já que, após a sua saída, o Hospício Nacional entrou em franco processo de decadência. O IOC, por sua vez, continuou a ser expandido após a morte de Oswaldo Cruz (MUÑOZ, 2015:305).

Assim, notamos características semelhantes e dissemelhantes entre o IOC e a Sociedade. À primeira vista, estas são instituições completamente díspares e, de fato, algumas diferenças devem ser ressaltadas. A primeira delas é a situação financeira de cada uma, enquanto o Instituto era financeiramente estável, a SBNPM, por outro lado, passou por crises orçamentárias para custear seu veículo de comunicação, passando a adotar diferentes medidas financeiras. A segunda é a conformação institucional. A Sociedade era uma agremiação que não possuía sede própria, composta por membros provenientes de diversos estados e países, especializados no estudo e tratamento de doenças mentais; o IOC, no que lhe concerne, dispunha de um conjunto arquitetônico em seu *campus*, contando com um quadro permanente de funcionários, cujas atividades eram estreitamente ligadas a agenda de saúde pública.

Contudo, apesar dessas diferenças, podemos dizer que tanto a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal quanto o Instituto Oswaldo Cruz foram importantes instituições especializadas que estiveram ativamente presentes nas discussões científicas do

período, que colaboraram por meio de suas pesquisas e seus periódicos com a institucionalização da ciência no Brasil e que difundiram os registros visuais como elemento constitutivo das produções médicas especializadas.

No que concerne aos registros visuais na medicina, Mello (2007:17) ressalta que a utilização de imagens por esta área é uma tradição antiga que data o século XV, com os primeiros livros médicos ilustrados. Segundo a autora, a utilização de imagens pelas ciências médicas ocorre devido a sua peculiaridade, na medida em que necessitavam confirmar seus discursos com demonstrações que tornassem viáveis as confirmações empíricas de sua teoria. Outro aspecto salientado pela autora é que “as imagens apresentam uma dupla função/inserção nas ciências médicas e da saúde, atuando tanto como técnicas auxiliares quanto como registros e testemunho — uso social mais generalizado — das obras e realizações do saber médico científico” (MELLO, 2007:17).

De acordo com Azevedo (2016: 28), as imagens ajudavam muito na produção e divulgação do conhecimento e, antes da fotografia, o desenho era o principal meio de representação no campo científico, desempenhando um papel didático e de divulgação. Com o advento da fotografia, esta assumiu papel de destaque quando se trata da importância da imagem no campo médico, devido à crença de sua representação objetiva da realidade, regida pela racionalidade técnica.

Pinturas, desenhos e gravuras produzidos com fins científicos, e também os moldes em cera, que reproduziam partes doentes do corpo, todos passaram a ser questionados em algum destes aspectos: na fidelidade ao real, na praticidade de realização e, principalmente, na objetividade para representar. (SILVA, 2014:345)

Todavia, o desenho não foi totalmente substituído pela fotografia, ao contrário, ambos conviveram em instituições científicas a partir da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, exemplo disso foi o próprio IOC que contava com os serviços de fotografia e desenho realizados por profissionais.

As principais fontes primárias utilizadas nessa pesquisa foram os periódicos *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, entre os anos 1909-1930 e, o *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, entre os anos 1905-1930, importantes para investigação dos trabalhos e ilustrações científicas produzidos pelo IOC e pela SBNPML. Como fontes complementares, recorri a jornais diários da época, decretos e relatórios ministeriais relacionados ao funcionamento das instituições mencionadas e seus membros, a fim de contextualizar e complementar as informações presentes nos periódicos.

Consultamos e realizamos o levantamento quantitativo de trabalhos publicados e ilustrados nos *Arquivos Brasileiros* nas respectivas instituições: Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB); Biblioteca de Manguinhos/FIOCRUZ e pelo portal da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Quanto as *Memórias do IOC*, consultamos sua versão impressa na Biblioteca de Manguinhos/FIOCRUZ e sua versão digital disponível na *Scientific Eletronic Librany Online (SCIELO)*¹. A análise desses periódicos é importante para demonstrar como estudos na área de medicina mental e experimental acompanhados por ilustrações científicas, principalmente fotografias eram publicados.

Consultamos de maneira eventual alguns jornais cariocas populares não especializados na área médica, dedicados a diferentes assuntos como política, literatura, comportamento, noticiários, entre outros, por meio do portal da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, buscando complementar e/ou contextualizar informações presentes nos periódicos e fontes secundárias.

Os decretos que reorganizaram as instituições e suas respectivas áreas de conhecimento foram acessados pelo portal da Câmara dos Deputados². Finalmente, consultamos os relatórios anuais enviados pelo diretor do Hospício Nacional de Alienados para o ministro da Justiça e Negócios Interiores, dos anos de 1905 e 1906 acessados pelo portal da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional e também disponível no *Center for Research Libraries*³, visando conhecer o possível funcionamento do gabinete fotográfico existente no HNA.

Para o tratamento de periódicos como fontes e objetos de análise como propomos neste trabalho, mobilizamos como referencial metodológico o trabalho de Tânia Regina de Luca (2008) sobre os impressos em geral.

Segundo Luca (2008:111-112), na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valiam de jornais e revistas como fonte de conhecimento da história do Brasil. Segundo a autora, embora fosse reconhecida a importância de tais impressos e a preocupação em escrever sobre a História da imprensa estivesse presente, havia uma resistência em mobilizá-los para a escrita da História por meio dessas publicações. Tal resistência esteve estritamente ligada à tradição historiográfica do século XIX e décadas iniciais do XX, que tinha como pressuposto a busca pela verdade dos fatos através de documentos marcados pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade e por seu distanciamento temporal.

¹ Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0074-0276

² Disponível em <https://www.camara.leg.br/>.

³ Disponível em: <http://brazil.crl.edu>

Dessa maneira, conforme Luca (2008:112), os periódicos eram considerados pouco adequados para a recuperação do passado, por conterem registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos, paixões, e por fornecerem imagens parciais, distorcidas e subjetivas do ocorrido.

Ainda de acordo com Luca (2008:113) a partir das décadas finais do século XX a prática historiográfica alterou-se, ampliando o campo de preocupações dos historiadores, alinhados com a terceira geração dos Annales que propunha "novos objetos, problemas e abordagens", permitindo a incorporação de novas temáticas como o inconsciente, o mito, o corpo, as festas, os filmes, as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano e outros. Tais mudanças alteram a própria concepção de documento e, com isso, tornou-se viável a introdução de novas fontes na pesquisa histórica como os jornais.

No que concerne à análise dos impressos, a autora não fornece um roteiro metodológico ou fórmula aplicável de observação a qualquer periódico, mas sistematiza alguns procedimentos e sugestões analíticas que nos orientaram na análise das publicações em questão. Dentre os procedimentos apresentados pela autora, procuramos nos atentar às características de ordem material de cada periódico, isto é, periodicidade, presença ou ausência de publicidade e, principalmente, uso de iconografia. Outros pontos importantes são a organização e divisão do seu conteúdo; a identificação e caracterização dos grupos responsáveis por sua publicação e organização, além de seu público alvo, com o intuito de compreender os objetivos propostos pelas publicações e conhecer seus autores. Por fim, como procedimento de análise fundamental, a caracterização do material iconográfico publicado nos periódicos se atentando para as funções por este assumidas (LUCA, 2008:142).

A autora salienta ainda que o pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que implica em se atentar aos motivos que levaram a dar visibilidade ao tipo de conteúdo publicado, dando destaque a este em detrimento de outros temas e eventos. Por este motivo, atentar-se à construção do discurso nos auxiliará a compreender a razão de sua publicação, sua importância e finalidade. Além disso, nos permitirá identificar a maneira pela qual o elemento iconográfico está inserido e em diálogo com o elemento textual.

Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. (LUCA, 2008: 140)

A imagem é um dos principais mecanismos de comunicação entre os homens, desde o início da história da humanidade, tendo sido utilizada em diferentes suportes e técnicas ao longo dos séculos, como as inscrições rupestres, composições elaboradas em vasos de cerâmica, em

materiais como papel, suportes digitais, pintura, desenho, fotografia, cinema, entre tantos outros exemplos (KNAUSS, 2006:98). Contudo, durante muito tempo as ciências sociais, de maneira geral, “viveram do imperialismo dos documentos escritos”, como se todas as outras fontes ocupassem um lugar subalternado ou apenas complementar às fontes escritas (SCHWARCZ, 2014:391). Tal defasagem entre os documentos escritos e imagéticos enquanto fontes históricas também foi sinalizada por Peter Burke (2017):

Relativamente poucos historiadores trabalham em arquivos fotográficos, comparado ao número desses estudiosos que trabalham em repositórios de documentos escritos e datilografados. Relativamente o fazem, poucos colaboradores aproveitam essa oportunidade. Quando utilizam imagens, os historiadores tendem a tratá-las como meras ilustrações, reproduzindo-as nos livros sem comentários. Nos casos em que as imagens são discutidas no texto, essa evidência é frequentemente utilizada para ilustrar conclusões a que o autor já havia chegado por outros meios, em vez de oferecer novas respostas ou suscitar novas questões. (BURKE, 2017:18-19)

O que esses autores evidenciam é uma "invisibilidade do visual", ou seja, as imagens enquanto fontes históricas ocuparam, por muito tempo, uma função complementar de ilustração, exemplificação ou de sintetização de argumentos, enquanto os documentos escritos eram os mais privilegiados. Tal fenômeno está ligado, também, à própria formação do historiador, já que em seu processo de socialização no ofício, eles são treinados majoritariamente para o manejo de fontes textuais, em detrimento das fontes imagéticas, materiais e etc. Assim como ocorreu com a incorporação dos periódicos como fonte primária e objeto, a possibilidade de reconhecer os documentos visuais como elemento interpretativo histórico se tornou possível com a revolução historiográfica que inseriu no campo uma gama de fontes e objetos, ampliando e viabilizando novas abordagens.

Sendo assim, a investigação com fontes visuais demanda atenção a determinados aspectos que procuramos seguir nessa pesquisa, como o ressaltado por Mello (2007:22) sobre a identificação de elementos referentes à sua forma de produção, autoria, tema retratado, pessoas, data e local. Também cabe ressaltar as contribuições de Lima; Carvalho (2009:45) e Mello (2007:22), quando afirmam que trabalhar com imagens fotográficas é trabalhar com séries, a medida em que uma só fotografia, assim como qualquer outro documento não pode dar conta do complexo significado do processo histórico.

Como etapa fundamental de estudo, investigamos o conjunto iconográfico publicado nos *Arquivos* e nas *Memórias*, com destaque para a fotografia, considerando sua importância na constituição do conhecimento médico como uma ferramenta capaz de assumir diferentes funções. Para tanto, realizamos um levantamento quantitativo e qualitativo cujo objetivo é apresentar e caracterizar tais conjuntos.

Com o intuito de nortear o leitor sobre os termos fotográficos muito citados ao longo dessa dissertação, devemos dizer que entendemos como iconografia e ilustrações as imagens obtidas tanto através de métodos manuais de representação como desenho, pintura e gravura, quanto de reprodução técnica, como a fotografia (OLIVEIRA; CONDURU, 2004:336). No que diz respeito a técnicas fotográficas, empregamos o termo fotomicrografia para as fotografias obtidas com o auxílio de um microscópio e, como retrato, as fotografias em que o indivíduo é o elemento principal de composição, em um enquadramento de busto, meio corpo e corpo inteiro.

Iniciamos nossa pesquisa quantitativa a respeito do número de trabalhos publicados por ano em cada periódico e, dentre estes, o número de trabalhos ilustrados, com o intuito de caracterizar em termos numéricos o conjunto disponível para análise, apresentando-o em gráficos. Em meio aos trabalhos ilustrados, identificamos aqueles que eram compostos por desenhos, fotografias e aqueles que se constituíam por ambos.

Partindo então para uma análise qualitativa dos desenhos, dedicando maior atenção ao conjunto publicado nas *Memórias do IOC*, devido à grande incidência desse recurso visual em suas publicações. Por isso, assumimos como fundamental a apresentação de alguns aspectos, a saber: autoria do desenho, sua materialidade e funções.

Na sequência concentramos nossa análise nos registros fotográficos, elaborando tabelas, classificando-os em tipos e subtipos, de acordo com o tema que retratam. Para tanto, procuramos seguir alguns pontos: apresentamos cada tipo fotográfico em seu contexto de produção e circulação, buscamos conhecer sua autoria e identificar a que propósito serviram para a instituição produtora e seu periódico.

Durante a análise desses registros visuais, recorremos por um lado a alguns autores que trabalharam com revistas médicas e fotografia como o caso de James Silva (2003; 2014); por outro lado, dialogamos com outros que nos auxiliaram a pensar as interconexões entre o texto científico e o visual como Lima (1980), Joly (1996), Noth & Santaella (2005).

Na medida em que tenho como um dos objetivos de trabalho cotejar as semelhanças e diferenças entre os periódicos a serem estudados, propomos um exercício de análise comparativo que nos auxiliasse na observação e identificação das principais características de cada periódico. Conforme Ciro Cardoso e Héctor Brignoli,

aplicar o método comparativo no quadro das ciências humanas consiste (...) em buscar, para explicá-las, as semelhanças e as diferenças que apresentam duas séries de natureza análoga, tomadas de meios sociais distintos. (BLOCH, 1930 *apud* CARDOSO; BRIGNOLI, 1979:409)

De acordo com Cardoso e Brignoli (1979:412), três vantagens podem ser esperadas da aplicação do método comparativo às pesquisas históricas. A mais importante é a possibilidade de um controle efetivo sobre hipóteses e generalizações explicativas, isto é, “a determinação de leis históricas e a construção de modelos históricos não podem ser feitas sem recorrer-se ao método comparativo” (CARDOSO; BRIGNOLI, 1979:412). Segundo os autores, este controle permite não só eliminar certas hipóteses explicativas como também, às vezes, enriquecer ou matizar as generalizações admitidas, ou mesmo esboçar novas explicações e problemáticas antes insuspeitadas.

Outra utilidade está na ruptura com uma herança historiografia do século XIX: o quadro das fronteiras políticas como definição de unidades homogêneas e quase “naturais” de análise. Para os autores (1979:412), a atitude comparativa abre vias à construção de universos de análise definidos segundo critérios conceituais bem mais coerentes.

Por fim, Cardoso e Brignoli (1979:413) apontam que a atitude comparativa pode ser aplicada também em estudo do tipo monográfico. Nesse caso, esse tipo de pesquisa adquire maior densidade quando situado em uma tipologia, buscando demonstrar, ao mesmo tempo, quais são as suas peculiaridades. Dessa maneira, conforme os autores, através da comparação é possível perceber os traços peculiares e essenciais de uma dada sociedade, pois a análise comparativa permite distinguir os referidos traços dos que são comuns a outros casos observados ou dos meramente ocasionais.

Essa dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro deles, nos dedicamos a trajetória institucional do Instituto Oswaldo Cruz, desde sua criação, em 1900 — antigo Instituto Soroterápico Federal — até 1930, quando devido a mudanças na organização e na condução das instituições e das políticas públicas, o IOC passou a vivenciar um processo de instabilidade institucional com a perda de sua autonomia administrativa e financeira. A partir de sua história, sua organização e seus quadros profissionais, observamos as especificidades de seu veículo de comunicação e divulgação a *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, publicada a primeira vez, em 1909, evidenciando a maneira pela qual as ilustrações científicas estão presentes nos trabalhos veiculados no periódico. Para tanto, realizamos um levantamento quantitativo representado por gráficos, que expressam visualmente a ocorrência das diversas espécies de ilustrações nos trabalhos produzidos pelo IOC.

O segundo capítulo apresenta a mesma proposta analítica do capítulo anterior, dessa vez, nos dedicando à trajetória da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina

Legal. Ela foi criada em 1907, no Rio de Janeiro, em um contexto de "modernização e civilização" da população brasileira, por um grupo de médicos interessados nos desenvolvimentos das especialidades que lhe nomeavam. No ano seguinte a sua criação, o periódico *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* publicado desde 1905, passou a ser veiculado a SBNPML, como seu órgão oficial de divulgação e recebeu a denominação de *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Tal veículo era responsável por divulgar os trabalhos a respeito da medicina mental realizados no Brasil e no mundo, muitos dos quais eram acompanhados principalmente por fotografias. Com o objetivo de observar o emprego dessas imagens, realizamos um levantamento quantitativo representado por gráficos e contendo descrição de cada tipo fotográfico encontrado.

No terceiro capítulo abordamos brevemente o contexto de criação da fotografia, evidenciando o desenvolvimento de alguns processos fotográficos e sua recepção no Brasil, destacando os seus diversos usos. Desenvolvemos, nesse capítulo, um exercício de análise tendo como *corpus* de investigação em particular as fotografias de doentes publicadas em ambos os periódicos estudados. Para tanto, selecionamos alguns exemplares de fotografias que consideramos significativas diante do conjunto fotográfico de doentes de cada periódico, tendo em vista serem os mais recorrentes ou mais excepcionais no conjunto das fotografias vinculadas nessas publicações. Buscamos assim observar o diálogo entre o discurso visual e o textual mediado pela legenda presente na construção de discursos médicos de especialidades distintas, e ainda, identificar a maneira como os indivíduos enfermos foram retratados, enfatizando a predileção em fotografar determinadas doenças e apresentando as semelhanças e diferenças no modo de registrar o corpo enfermo em cada um desses periódicos.

Capítulo 1 - A consolidação da medicina experimental no Brasil

Neste primeiro capítulo, procuramos apresentar a trajetória do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), desde sua criação, em 1900, nomeado como Instituto Soroterápico Federal, até o ano de 1930, quando, segundo a historiografia, devido a mudanças na organização e na condução das instituições e das políticas públicas, o IOC iniciou um processo de instabilidade institucional com a perda de sua autonomia administrativa e financeira (STEPAN,1976; BENCHIMOL,1990). Portanto, esses marcos cronológicos delimitam o período de transformação do IOC, abrangendo sua origem como um modesto laboratório à sua conversão no primeiro grande centro de medicina experimental do país que, a partir da terceira década de existência, inicia um processo gradual de perda da sua autonomia financeira e político-administrativa. Examinaremos o periódico *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* que, começou a circular em 1909⁴ com o intuito de ser o veículo oficial de disseminação do conhecimento produzido no IOC. Buscamos assim relacionar sua organização e números de publicados com a instituição à qual era vinculado destacando as mudanças e continuidades ao longo deste período. A descrição e análise da referida instituição e de seu periódico visa trazer subsídios para a análise das ilustrações científicas publicadas em seus trabalhos, a fim de identificar os padrões de uso destas como recurso para produção e divulgação do conhecimento médico-científico; tema da última parte desse capítulo.

Segundo Benchimol (2004:60), durante muito tempo a historiografia médica brasileira⁵, de cunho positivista, elegeu dois marcos fundamentais para balizar a institucionalização da microbiologia⁶ no país: a Escola tropicalista Baiana e a Escola de Manguinhos, havendo entre elas um intervalo de quase meio século. A proposta de Benchimol (2004; 1999) é demonstrar que, no intervalo de fundação de uma escola e outra, transcorreu um processo denso e conflitivo,

⁴ Embora tenha sido criado pelo decreto nº1.802, de 12 de dezembro de 1907, o periódico passou a circular apenas em abril de 1909.

⁵ De acordo com Edler (1996:285-290), muitos estudiosos procuraram demarcar uma ruptura entre a chamada medicina "pré-científica" e metafísica — em que predomina o caráter evolucionista com trabalhos que buscavam resgatar instituições, fatos e personagens —, e a chamada medicina científica — fundamentada na medicina experimental —, através da seguinte contraposição: de um lado aqueles que rejeitavam as teses pasteurianas; do outro, os verdadeiros luminares da medicina experimental, com Oswaldo Cruz à frente. No entanto, esta concepção simplista da historiografia foi desconstruída em trabalhos como o de Benchimol (1999;2004).

⁶ Este campo de estudo é considerado por Benchimol (1990:7) como “ciência-mãe que se desdobraria em várias outras disciplinas interrelacionadas: imunologia, a bioquímica, a biofísica, a parasitologia, a micologia etc.” Essas e outras disciplinas derivadas da microbiologia foram campos de estudo no Instituto Oswaldo Cruz.

repleto de controvérsias que envolvem novos atores e novas doenças, principalmente a febre amarela, tanto no âmbito brasileiro, quanto no internacional.

Para o autor (2004:60), o nome Escola Tropicalista Baiana foi cunhado em 1952 por Antonio Caldas Coni para designar o grupo de médicos que se organizou à margem da Faculdade de Medicina, na antiga capital do Brasil-Colônia, e que veiculava suas ideias por meio da *Gazeta Médica da Bahia*, periódico por eles fundado em 1866. Os tropicalistas buscavam produzir investigações originais sobre as patologias nativas daquela parte da ‘zona tórrida’, bem como posições independentes em relação à medicina acadêmica europeia e ao establishment médico local (PEARL 1996,1992, *apud* BENCHIMOL, 2004:60). Todavia, segundo o autor, em meados da década de 1880, os tropicalistas baianos deixaram de existir como grupo porque foram absorvidos pelo establishment médico e pelas lutas políticas que redundaram na extinção da escravidão (1888) e na queda da monarquia (1889).

A “ciência dos micróbios” se deu, no cenário internacional, ainda no século XIX, com as descobertas das vacinas contra a cólera das galinhas e o carbúnculo, por Louis Pasteur (1822-1895), em Paris. Tais descobertas expandiram o paradigma microbiano e bacteriológico e possibilitaram uma nova compreensão das causas da doença e de suas formas de transmissão e cura.

A consciência de que se vive uma revolução logo alcança o Novo Mundo, onde “rapidamente os estudos relacionados à febre amarela passam a gravitar em torno do parasitismo”. A ênfase nas vacinas serve para destacar, a um só tempo, a motivação dos médicos sul-americanos – “cada um sonhava impor-se como o Pasteur dos trópicos” – e a vulnerabilidade de seus trabalhos: “A esperança de obter vírus atenuados explica a rapidez com que darão corpo ao germe amarílico” (DELAPORTE, 1989:77-79 *apud* BENCHIMOL, 2004:59)

No Brasil, embora a medicina experimental tenha sido produzida e discutida ao longo de todo o século XIX, foi aplicada de forma sistemática somente em seu período final, a partir da criação dos primeiros Institutos que empregaram de forma regular a microbiologia na saúde pública no Brasil, criados em São Paulo e Rio de Janeiro, os centros políticos e econômicos do período republicano: o Instituto Bacteriológico de São Paulo, em 1892, e o Instituto Soroterápico, em 1900, na Fazenda de Manguinhos. Ambos realizavam pesquisas sobre as doenças que infestavam o país, como a febre amarela, peste bubônica e a cólera, buscando desenvolver soros e vacinas para combater essas doenças. Para Dantes (1988), dois fatores contribuíram para o sucesso destas instituições, a saber:

a) o apoio do governo, interessado no controle das epidemias que assolavam o país e comprometiam sua imagem no exterior, criando barreiras à política de atração de mão-de-obra estrangeira; b) o interesse de uma parcela da classe médica brasileira, atraída pelas novas áreas da medicina preventiva, mais

especificamente na linha de trabalhos desenvolvidos por Pasteur. (DANTES, 1988:270)

O Instituto Bacteriológico de São Paulo, fundado em 1892, foi o primeiro centro científico do Brasil organizado segundo as linhas modernas de laboratório. Ele tinha como objetivo estudar os problemas microbiológicos e bacteriológicos em geral e especialmente os relativos à etiologia das epidemias e das doenças endêmicas e epizooticas encontradas em estado mais contundente, com a produção de vacinas e soros e a realização de exames microscópicos e de laboratório necessários a elucidação dos diagnósticos clínicos (STEPAN, 1976:131).

Schwartzmann (2001:13) apontou como primeiro diretor Félix Alexandre le Dantec (1869-1917), discípulo de Pasteur, mas ele permaneceu no Brasil por poucos meses, retornando à França com os materiais que tinha coletado para estudar a febre amarela, e foi substituído por Adolpho Lutz (1855-1940). Adolpho Lutz esteve na direção do Instituto Bacteriológico de São Paulo entre 1893-1908 e, já nos primeiros meses como diretor, demonstrou a relevância dos seus conhecimentos, diagnosticando a cólera asiática. Conforme Schwartzmann (2001:14), o Instituto Bacteriológico, e Lutz, em particular, ganhariam fama com as campanhas de saúde pública contra a febre amarela e a peste bubônica. Essas campanhas serviram como um teste da interação entre cientistas, a administração pública e a população em geral, funcionando como um ensaio para as grandes campanhas nacionais propostas e executadas pelo Instituto de Manguinhos alguns anos mais tarde.

Contudo, o Instituto Bacteriológico não cresceu suficientemente para garantir a sua sobrevivência. Devido às dificuldades administrativas, Lutz abandonou o Instituto para entrar na equipe de Oswaldo Cruz, na qual teria a oportunidade na carreira de pesquisador. Além disso, as dificuldades orçamentárias e de manutenção de uma equipe estável, somadas a uma burocratização, fizeram com que as atividades do Instituto comesçassem a declinar. Em 1925 foi absorvido pelo Instituto Butantã e em 1931 foi reorganizado como Instituto Adolpho Lutz. Embora o Instituto Bacteriológico não tenha sobrevivido, foi a instituição mais parecida com o Instituto Oswaldo Cruz em suas funções e período de fundação (STEPAN, 1976:126-146; SCHWARTZMANN, 2001:15).

Portanto, ao contrário do que se encontra no mito fundador e escritos memorialistas sobre o IOC (DIAS,1917; ARAGÃO, 1950), a ciência existe no Brasil muito tempo antes de 1900. No entanto, Stepan (1976) e Benchimol (1990) consideram o Instituto Soroterápico como

um caso de ruptura com a tradição “colonial”⁷ de se fazer ciência, e ao mesmo tempo, um caso de inauguração da atividade científica na área da biomedicina produzida em laboratório, em que a elaboração do conhecimento esteve associada às demandas sociais, econômicas e políticas mais imediatas, sobretudo no campo da saúde pública.

Nas páginas que se seguem, estudaremos a trajetória do Instituto Soroterápico que devido o alcance político de sua atuação, tornou-se a instituição científica brasileira de maior prestígio nas primeiras décadas do século XX (STEPAN,1976; DANTES,1988; BENCHIMOL,1990).

1.1 Instituto Oswaldo Cruz: "jardim de infância da ciência"⁸

Segundo Benchimol (1990:6), numa perspectiva mais geral, a criação do Instituto Soroterápico inseriu-se no contexto da revolução inaugurada por Pasteur no campo das ciências biomédicas e, vis-à-vis aos problemas da saúde e da doença. Criado em maio de 1900, o Instituto Soroterápico Federal foi marcado principalmente pela preocupação das autoridades sanitárias acerca das doenças epidêmicas que afetavam os centros urbanos, em especial a capital, conhecida internacionalmente como uma "cidade empestada e mortífera", e também o estado de São Paulo.

Em outubro de 1899, Oswaldo Cruz⁹ (1872-1917), que há pouco tinha retornado de Paris, foi designado pela Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP) para investigar a ocorrência de um surto de peste bubônica no Porto de Santos, chegando à conclusão de que a peste havia chegado ao Brasil. Sua avaliação estava em concordância com as pesquisas que já haviam sido realizadas por Adolpho Lutz (1855-1940) e Vital Brasil (1865-1950) no Instituto Bacteriológico.

A notícia de uma possível epidemia da pouco familiar e arrebatadora peste bubônica numa ocasião em que a imigração era vitalmente importante para a

⁷ Nancy Stepan (1976:26-27) apresenta o termo ciência “colonial” baseada no estudo do historiador George Basalla intitulado “A disseminação da Ciência Ocidental”, no qual o termo é usado para descrever a segunda fase da ciência, isto é, uma tradição dependente mesmo quando não existe nenhuma disposição colonial.

⁸ Segundo Aragão (1950:22), Oswaldo Cruz se referia dessa maneira aos componentes do Instituto, fazendo menção a pouca idade da maioria de seus pesquisadores, que tinham menos de 30 anos.

⁹ Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917) nascido em 5 de agosto de 1872, em São Luiz de Paraitinga, no interior de São Paulo, onde seu pai Dr. Bento Gonçalves Cruz exercia a clínica particular. Mudou com a família para o Rio de Janeiro aos cinco anos de idade. Em 1886 matriculou-se na Faculdade de Medicina e doutorou-se em 1892. Viajou para Paris em 1896 para se aperfeiçoar no Instituto Pasteur. Retornou ao Brasil em 1899, e a cargo da Diretoria Geral de Saúde Pública foi a Santos-SP, para investigar o surto de peste bubônica. Assumiu a direção do Instituto Soroterápico Federal em 1902 e no ano seguinte, o cargo de diretor da Diretoria Geral de Saúde Pública. Em 1915, por motivos de saúde, afastou-se do cargo de diretor do Instituto Oswaldo Cruz e se mudou para Petrópolis onde morreu em 1917 (STEPAN, 1976:71); (MELLO, 2007:53).

aceleração da indústria de exportação do café, causou graves preocupações. Muita coisa estava em jogo política e economicamente. (STEPAN, 1976:67)

Com a confirmação de que a peste chegara ao Brasil, as autoridades sanitárias agiram com medidas de profilaxia e com a criação de laboratórios para a produção de vacina e soro contra a peste: o Instituto Butantã¹⁰, criado em 1899, sob a direção de Vital Brasil, em São Paulo, e o Instituto Soroterápico, no Rio de Janeiro, criado em 1900, tendo como seu diretor o barão de Pedro Affonso (1845-1920)¹¹. É importante destacar que a necessidade de criação de laboratórios próprios se deu pela inviabilidade do Instituto Pasteur de Paris, que já fabricava o soro e a vacina contra a doença¹², atender uma demanda externa (STEPAN, 1976; BENCHIMOL, 1990; MELLO, 2007).

Portanto, o Instituto Soroterápico tinha como objetivo produzir o soro para o combate à peste buscando, segundo Benchimol (1990:12), ainda que de modo limitado, substituir a importação do soro e da vacina contra esta doença. Foi instalado na Fazenda de Manginhos, na freguesia de Inhaúma, propriedade concedida pelo prefeito do Distrito Federal, Cesário Alvim (1839-1903) para o proposto fim e que reunia algumas condições vantajosas: era devidamente afastada do centro urbano para evitar que a população pudesse ser contagiada, tinha espaço suficiente para possíveis expansões dos laboratórios e pastagens para os animais utilizados em experiências.

Como diretor do Instituto Soroterápico, o barão de Pedro Affonso viajou para a Europa para adquirir aparelhos e contratar técnicos para completar a equipe. Embora tenha alcançado sucesso em conseguir os materiais necessários para o laboratório, o mesmo não aconteceu com os técnicos, conseguindo apenas contratar o veterinário Henri Carré (1870 – 1938)¹³ que já havia trabalhado com Yersin.

¹⁰ Foi criado como uma dependência anexa do Instituto Bacteriológico, visando fabricar vacinas antipeste e soros, instalado fora dos perímetros da cidade de São Paulo. Dirigido por Vital Brasil desde 1901, o Butantã começou a assumir a característica de um centro para pesquisas avançadas em áreas pouco conhecidas como a difteria, o tétano e os antídotos para venenos de cobra e escorpião. (SCHWARTZMAN, 2001:28) Ver também: BENCHIMOL, Jaime Larry; TEIXEIRA, Luiz Antônio. *Cobras, lagartos e outros bichos. Uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

¹¹ O Barão nasceu em 1845, no Rio de Janeiro. Formou-se em medicina nas faculdades do Rio (1869) e de Paris (1871). Foi professor de patologia cirúrgica e fundador do Instituto Vacínico. Durante sua vida publicou inúmeros trabalhos sobre varíola, vacinas e intestino, entre outros, vindo a falecer em 1920. Disponível em: <http://www.ioc.fiocruz.br/pages/personalidades/BaraoPedroAffonso.htm>

¹² Por volta de 1896, uma vacina contra a peste tinha sido criada por Haffkine, e por volta de 1898, Alexandre Yersin usou os primeiros soros antipestosos. (STEPAN, 1976:68)

¹³ O francês Henri Carré deixou a equipe antes mesmo da inauguração do Instituto, alegando motivos de saúde. (ARAGÃO, 1950:7)

Para a direção técnica do Instituto, o barão tinha como intenção contratar um especialista do Instituto Pasteur, e ao consultar Émile Roux, então diretor da instituição francesa, segundo Daniel-Ribeiro e Savino (2014:104) a resposta teria sido imediata: “*Ce professionnel existe et est déjà au Brésil, il s’agit du Docteur Oswaldo Cruz*”, isto é, “Esse profissional existe e já está no Brasil. Trata-se do Doutor Oswaldo Cruz”. Esta possível indicação de Oswaldo Cruz ao cargo está presente também em outros textos clássicos sobre o Instituto, como Aragão (1950) e Stepan (1976).

No entanto, o trabalho de Fernandes (1989:34) nos apresenta um fragmento de texto escrito pelo barão de Pedro Affonso, em que o barão nega tal indicação, alegando que todos os convites realizados para o desenvolvimento do trabalho técnico do Instituto, foram formulados sem qualquer interferência ou indicação. Embora tal indicação de Oswaldo Cruz por Roux tenha este caráter duvidoso, como apresentado por Fernandes (1989), a formação especializada de Oswaldo Cruz no melhor laboratório europeu do período é, sem sombra de dúvidas, o diferencial do cientista para assumir o cargo de diretor técnico.

Além de Oswaldo Cruz, o laboratório contava com Ismael Rocha, bacteriologista do exército, e dois estudantes de medicina, Henrique de Figueiredo Vasconcellos e Ezequiel Caetano Dias. No entanto, após um novo surto de peste entre as Forças Armadas, Ismael Rocha deixou a equipe e em seu lugar entrou o estudante Antônio Cardoso Fontes (STEPAN, 1976:76).

A data de 25 de maio de 1900 marca o início dos trabalhos nos laboratórios de Manguinhos. No entanto, antes mesmo de começar a funcionar, o novo prefeito Antônio Coelho Rodrigues (1846-1912), solicitou sua transferência para a administração federal, à medida que municipalidade pretendia montar outro laboratório no matadouro de Santa Cruz, em razão do surgimento do carbúnculo sintomático (BENCHIMOL, 1990:18). Por isso, em 9 de maio de 1900, o Ministério da Justiça e Negócios Interiores assumiu a administração do órgão, inaugurado oficialmente em 23 de julho de 1900 sob a designação de Instituto Soroterápico Federal, com a presença de autoridades e pessoas ilustres.

Meses após sua inauguração oficial, em outubro de 1900, o Instituto já demonstrava sua produtividade, ao entregar as primeiras caixas de vacinas e, em fevereiro do ano seguinte, já eram fornecidos também soros antipestosos (STEPAN, 1976:76; BENCHIMOL, 1990:18). De acordo com Schwartzman (2001:16), o sucesso da produção destes materiais em tão pouco tempo, deve-se em parte a Oswaldo Cruz que adaptou os procedimentos seguidos na Europa, às condições brasileiras para alcançar maior eficiência, estabilidade e adequação.

Em 1902, Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919) assumiu a Presidência da República, encarregando-se logo de pôr em prática alguns pontos básicos de seu programa de governo. Dentre eles, o saneamento da capital federal e a reforma urbana.

Para executar a reforma urbana, o governo nomeou o engenheiro Francisco Pereira Passos, que assumiu a prefeitura com poderes discricionários e, para cuidar da reforma sanitária, foi escolhido Oswaldo Cruz, um dos poucos profissionais plenamente familiarizados com o novo paradigma que devia nortear as ações de saúde pública, embora fosse ainda desconhecido entre os médicos da capital e extremamente jovem (tinha apenas 30 anos) para o perfil gerontocrático do Estado brasileiro. (BENCHIMOL, 1990: 23)

Como diretor geral da saúde pública, assumindo o cargo em 23 de março de 1903, Oswaldo Cruz coordenou as campanhas sanitárias que pretendiam erradicar as principais epidemias que frequentemente acometiam a cidade do Rio de Janeiro: febre amarela, varíola e peste bubônica. Com o intuito de combater essas doenças, Cruz elaborou algumas estratégias: para o combate à febre amarela, efetuaram-se medidas para o extermínio sistemático de mosquitos transmissores da doença e suas larvas. No que se refere à varíola, sua prevenção era pela vacinação compulsória da população. Já a peste bubônica deveria ser combatida através do extermínio de ratos, os vetores responsáveis pela transmissão da doença e pelo uso de vacinas e soros (STEPAN, 1976:86).

Em 1905, a febre amarela não se apresentava mais como uma doença epidêmica e alguns anos mais tarde, já tinha sido erradicada na capital (1976:90). Embora tais medidas tenham surtido efeitos positivos, a princípio, enfrentaram resistência da população e dos grupos políticos descontentes com a política de vacinação obrigatória. Tal processo desencadeou a conhecida "Revolta da Vacina", caracterizada por uma série de tumultos que paralisaram a cidade por uma semana (BENCHIMOL, 1990:25-26).

Além dessas doenças alvos da DGSP, investigavam-se no Instituto outras doenças como, a febre tifoide e paratifoide, tuberculose, sífilis e ainda as chamadas doenças tropicais, tais como, o impaludismo, a filariose, beribéri, ancilostomíase e a disenteria (BENCHIMOL, 1990:28).

Segundo Tânia Fernandes (1989) não há nada nas fontes primárias que indique a preocupação do barão Pedro Affonso em desenvolver novas técnicas ou pesquisas na área da medicina experimental. Ao que consta, ele era apenas interessado em produzir soros e vacinas de acordo com algumas técnicas desenvolvidas na Europa. Já Oswaldo Cruz, de acordo com a autora, seria o representante de uma nova mentalidade, dedicando-se “a um novo modelo médico, modernizador, baseado na concepção científica traçada pela medicina experimental”

(1989:461). Dessa maneira, devido às divergências sobre suas concepções técnicas, políticas e administrativas sobre o Instituto, o Barão demitiu-se no fim de 1902 e então Oswaldo Cruz assumiu a direção geral do Instituto em 1903, acumulando-a com o cargo de diretor geral de Saúde Pública. Como diretor da DGSP, Oswaldo Cruz proporcionou ao Instituto maiores facilidades e condições técnicas para que fossem ampliadas suas fronteiras de atuação (MELLO, 2007:58).

Em vista disso, neste período são realizados investimentos em mudanças físicas do Instituto, com reformas empreendidas nos edifícios já existentes e construção de um conjunto arquitetônico único. Esse conjunto arquitetônico foi esboçado por Oswaldo Cruz que o teria desenhado, segundo Henrique Aragão, em estilo bizantino. Ao entregar o esboço ao responsável pelas obras, o arquiteto português Luiz Moraes Júnior (1868-1955), segundo ainda Aragão, foi escolhido o estilo mourisco.

ao tratar do assunto com Luiz Moraes, suas preferências encaminharam-se para o estilo mourisco, mais grandioso e mais fortemente evocador de mistérios como convinha à sede de uma instituição destinada a simbolizar a grandeza da ciência e a perscrutar os segredos da vida (ARAGÃO, 1950: 34)

Dessa maneira, as escavações para o edifício principal, o Pavilhão Mourisco, deram início em 1905 e foram concluídas somente em 1918, embora durante esses anos de construção, os pesquisadores já estivessem ocupando o que hoje vem a ser considerado o símbolo da instituição (BENCHIMOL, 1990:103-105).

Investimentos também foram feitos na biblioteca da instituição. Oswaldo Cruz atribuía grande importância à biblioteca para os trabalhos do Instituto e quando elaborou os esboços do castelo mourisco, garantiu um espaço para o acervo e para o salão de leitura, revestido com especiais cuidados arquitetônicos e decorativos. Já nos primeiros dez anos de existência, o Instituto contava com uma biblioteca que continha mais de 10.000 volumes entre livros e revistas, sendo considerada a maior coleção científica especializada da América do Sul (STEPAN, 1976:108). Ela foi organizada e administrada, a partir de 1909, pelo poliglota holandês Assuerus Hippolytus Overmeer (1881-1944), que permaneceu no cargo de bibliotecário-chefe até o ano de sua morte em 1944 (ARAGÃO, 1950:16).

Enquanto o Congresso discutia, em 1903, sobre a reforma dos serviços sanitários, que envolviam questões como a lei da vacinação e as diretrizes propostas por Oswaldo Cruz para o Instituto Soroterápico Federal, Cruz defendia uma reconfiguração para a instituição, transformando-a em:

um Instituto para estudo das doenças infecciosas tropicais, segundo as linhas do Instituto Pasteur de Paris. O Instituto deve ser encarregado da preparação

de todos os soros terapêuticos, vacinas, com o tratamento antirrábido, a preparação de fermentos industriais, com o ensino da bacteriologia e parasitologia, e se transformará em um núcleo de estudos experimentais que acentuará grandemente o nome do nosso país no estrangeiro. (CRUZ, 1903 *apud* STEPAN, 1976:78; BENCHIMOL, 1990:26)

Com essa menção ao Instituto Pasteur de Paris, nota-se que Oswaldo Cruz considerava esta instituição, onde havia cursado, por dois anos, sua especialização em microbiologia, soroterapia e imunologia, como um modelo institucional a ser seguido. Embora possam ser reconhecidas algumas semelhanças entre o Instituto Soroterápico e o Instituto Pasteur, Stepan (1976) e Benchimol (1990) nos alertam que, ao estudarmos a relação entre estes Institutos, não devemos resumi-la a uma simples importação de paradigma e de modelo institucional.

Alguns elementos que marcam as diferenças entre o Instituto Pasteur e seu congênere brasileiro devem ser levados em consideração. A fundação do Instituto Pasteur foi decorrência do prestígio de Pasteur. Desde o início, embora atuasse como utilidade pública, possuía um estatuto privado que lhe conferia autonomia administrativa e financeira, isto é, liberdade para gerir a instituição e recursos provenientes de doações privadas, da venda de soros e vacinas e da prestação de serviços a setores médicos (BENCHIMOL, 1990:10). Quando o Instituto Pasteur foi inaugurado, a microbiologia já contava com algumas realizações práticas, em benefício da indústria, veterinária e medicina. Já o Instituto brasileiro se tornou autônomo oito anos após sua fundação, assumindo como únicas fontes de apoio órgãos federais, estaduais e particulares. Além disso, Oswaldo Cruz quando se tornou diretor do Instituto e diretor da DGSP era totalmente desconhecido e quando o Instituto de Manguinhos surgiu, a microbiologia tinha uma presença ainda limitada no contexto científico brasileiro (BENCHIMOL, 1990:14). Em resumo, as diferenças sociais, econômicas, políticas e intelectuais entre os contextos nacionais desses Institutos foram fundamentais para demarcarem suas assimetrias. Nas palavras de Benchimol,

A institucionalização da medicina experimental requereu a adaptação do modelo (o Instituto Pasteur) à realidade econômica e social do país e, sobretudo, a superação das barreiras políticas e culturais que bloqueavam um projeto de autossuficiência científica. (BENCHIMOL, 1990:13).

Nancy Stepan (1976) e Jaime Benchimol (1990) consideram que o Instituto Oswaldo Cruz marcou um rompimento na maneira de se fazer ciência no Brasil, se tornando o primeiro estabelecimento a dar visibilidade científica internacional ao país. Os autores atribuem este sucesso à construção de uma rede de interligação entre o ensino, a pesquisa e a produção, concentrados em uma única instituição, inclusive já combinados no Instituto Pasteur.

Stepan (1976) avaliou as condições políticas, sociais e econômicas que garantiram a ampliação e a sobrevivência deste Instituto, atribuindo o sucesso singular alcançado pelo IOC a três pilares: o recrutamento e treinamento de pessoal, a relação de clientela com o Estado e outros órgãos públicos e privados e a produção de ciência experimental, destinada aos problemas brasileiros de saúde. Segundo a autora (1976:103), existiram três fontes de recrutamento para o Instituto: a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o programa de saúde pública e um pequeno grupo de médicos treinados que já haviam começado a se estabelecer na medicina experimental. Os estudantes eram atraídos por Manguinhos para preparar as suas teses sob a direção de especialistas treinados na Europa. Outro elemento atrativo era a existência de cursos na instituição que garantiam a aplicabilidade da prática de pesquisa científica.

Oswaldo Cruz inspirou-se no Instituto Pasteur para a criação do curso de Manguinhos, mas em seu desenvolvimento, além da escola francesa, a Escola de Manguinhos também sofreu influências da escola alemã, através de Henrique B. Aragão, Henrique Rocha Lima e Alcides Godoy que fizeram sua formação em Berlim e, mais tarde, da escola suíço-alemã, com Adolpho Lutz, que diplomou-se em Berna. (COURA, et al, 2000:707)

Além disso, o desenvolvimento das relações em que os órgãos federais, estaduais e particulares se estabeleceram como clientes ajudaram a assegurar o apoio financeiro continuado para o trabalho do Instituto. Segundo Stepan (1976:109), a base para essas relações residia na crença de que o IOC, como órgão do governo, era capaz de dar soluções práticas aos problemas de saúde pública.

A indicação do alcance da pesquisa científica realizada no Instituto, pode ser examinada nos artigos publicados na revista do Instituto. Stepan (1976:112) elenca três principais áreas de estudo no IOC neste período: a bacteriologia, como o campo que ocupou um papel central entre 1900 e 1920, com trabalhos assinados por Vasconcellos, Cardoso Fontes e Gomes Faria que atribuíam atenção aos bacilos da peste, da lepra e da tuberculose; a febre amarela outra área de concentração de pesquisa; e a protozoologia, em que H. Aragão e C. Chagas eram os principais nomes. Segundo Stepan (1976:113), este último foi o campo da ciência que atraiu cientistas estrangeiros para a instituição.

Ainda em 1918 foi construído no IOC o Hospital de Oswaldo Cruz, que além de cumprir sua função específica de centro de estudos, desde cedo começou a prestar assistência médico-hospitalar à população suburbana, desassistida pela rede pública (BENCHIMOL, 1990:63).

Quanto à produção de insumos médicos, Benchimol também demonstra que o Instituto voltava-se principalmente para a solução dos problemas brasileiros de saúde, como a febre amarela, Doença de Chagas, peste bubônica e outras, como produtos veterinários, a exemplo

da produção da vacina contra o carbúnculo sintomático ou peste da manqueira, cujo pesquisador responsável era Alcides Godoy. O antídoto foi descoberto em 1907 e, no ano seguinte, já era produzido em escala industrial, sendo reconhecida como a primeira descoberta sensacional de Manguinhos (BENCHIMOL, 1990:29). Essa realização de Godoy foi publicada em 1910 nas *Memórias do IOC*, assim como outras produções importantes da instituição.

A referida vacina foi patenteada e se tornou uma grande fonte de renda para a instituição: pagava os salários de muitos pesquisadores e funcionários, parte das despesas com as novas construções, a impressão das *Memórias* e outros itens (BENCHIMOL, 1990:40). Além disso, essa vacina foi um dos principais motivos para que fosse criada a primeira filial do Instituto (MELLO, 2007:57), que foi instalada em Belo Horizonte, inaugurada em 3 de agosto de 1907, sob a direção de Ezequiel Dias (1880-1922).

Pode-se dizer que o sucesso na campanha de saneamento e a medalha de ouro na Exposição de Demografia e Higiene em Berlim, em 1907, foram decisivos para que o Congresso e o executivo aceitassem o projeto de Oswaldo Cruz de tornar o Instituto uma instituição de medicina experimental independente financeira e institucionalmente do Estado, que realizasse pesquisas no campo da microbiologia e fabricasse soros e vacinas. Dessa modificação, surgiu o decreto n. 1.802, de 12 de dezembro de 1907, que altera o nome da instituição, passando a ser chamada de Instituto de Patologia Experimental e a retira da alçada da DGSP, subordinando-a ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Art. 1º E' creado o Instituto de Pathologia Experimental de Manguinhos, subordinado directamente ao Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, destinando-se aos seguintes misteres,
a) estudo das molestias infectuosas e parasitarias do homem, dos animaes e das plantas;
b) questões referentes à hygiene e zoologia;
c) preparo dos sôros therapeuticos e demais productos congeneres, destinados ao tratamento e prophylaxia da molestia;
d) escola de veterinaria, comprehendendo a pathologia, a hygiene e therapeutica, mas na medida dos trabalhos scientificos occurrentes.
(BRASIL,1907)

No ano seguinte, foi promulgado o decreto nº 6.891, de 19 de março de 1908 que modifica o nome da instituição passando a se chamar Instituto Oswaldo Cruz (IOC), em homenagem a seu diretor e determina o regulamento a ser seguido pelo estabelecimento, o qual assegurou a autonomia administrativa e orçamentária, devido a sua subordinação direta ao MJNI e, com a autorização da venda de produtos biológicos confeccionados na instituição. Para que fossem divulgados os estudos e pesquisas do IOC, foi autorizada a publicação das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, foi sancionada a venda das vacinas, soros e outros

produtos, exceto em caso de epidemias, o que assegurou à instituição uma forma de ganho de recurso sem que dependesse de recursos do Estado, entre outros.

Com este decreto, o Instituto teve seu quadro de funcionários alargado, sendo ele composto pelo pessoal técnico-científico que eram o diretor, dois chefes de serviço e seis assistentes. O pessoal burocrático era o zelador, almoxarife, escriturário e um desenhista, enquanto o pessoal subalternado incluía o chefe de cocheiras, quatro serventes de primeira classe, quatro de segunda classe, cinco ajudantes, um mestre, dois maquinistas e dois foguistas (*sic*) (BENCHIMOL, 1990:39).

Quanto à escola de veterinária, o regulamento especificou que “os cursos aplicáveis à veterinária, feitos no Instituto, referem-se tão somente à bacteriologia e à parasitologia aplicadas à patologia, higiene e terapêuticas veterinárias”. Portanto, como descreveu Aragão (1950:38), o curso de aplicação se “destinava ao ensino teórico e prático, durante o período de dois anos, versando sobre as especialidades de que se ocupava” o IOC.

Assim como em 1907, nos cursos eram admitidos médicos e veterinários e estudantes de medicina e veterinária. As aulas eram gratuitas, responsabilizando-se os alunos pelo material utilizado nos trabalhos práticos. Para a inscrição, os candidatos deviam requerer matrícula ao diretor que, por sua vez, deveria solicitar permissão ao governo. Segundo Azevedo e Ferreira (2012:583), a criação desses cursos é o marco legal da atividade de ensino na instituição. Tal curso é ainda considerado por Coura et.al (2000:8), como o primeiro curso de pós-graduação na área biomédica do Brasil que “povoou o país de pesquisadores e sanitaristas”.

Em 1909, Oswaldo Cruz deixou o cargo de diretor geral de saúde pública devido a uma lei que proibia a acumulação de cargos públicos, mas continuou como diretor do Instituto até 1917, ano de sua morte.¹⁴ A morte de Oswaldo Cruz, em 11 de fevereiro de 1917, teve grande repercussão na imprensa da época que, segundo Azevedo (1995:45), tinha como narrativa padrão a apresentação do falecido a partir de suas realizações sanitárias e da fundação do Instituto de Manguinhos. A seguinte passagem enfatiza esses elementos:

Oswaldo Cruz - Não é só a sciencia médica brasileira que está de luto, mas toda nação. Com Oswaldo Cruz, o Brasil perde o mais universalmente conhecido dos homens de sciencia, aquelle que, entre os seus pares, foi reservado para os mais brilhantes destinos. O debellador da febre amarela, o fundador e director do Instituto de Manguinhos era um homem excepcional, pois que reunia ao talento os dotes de organização e as capacidades energéticas

¹⁴ Após sua morte, Oswaldo Cruz é transformado em mito, “o apóstolo da ciência”, um herói nacional, instituído representante dos cientistas brasileiros e símbolo da ciência no Brasil. VER: BRITTO, N. Oswaldo Cruz, a construção de um mito na ciência brasileira [online]. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 1995. 144 p. ISBN 85-85676-09-4. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/t7/pdf/britto-9788575412893.pdf>.

de disciplinas, que são os distintivo dos dirigentes. Em qualquer parte, como na sua terra, Oswaldo Cruz teria sido uma individualidade notável. Morre aos 45 anos, em plena glória, prematuramente, o homem que salvou tantos milhares de vidas e a cuja acção benemerita o Brasil tanto deve. (*Revista da Semana*¹⁵, RJ,17/02/1917)

Após sua morte, Carlos Ribeiro Justiniano Chagas (1879-1934) considerado discípulo e continuador de sua obra, foi nomeado diretor da instituição em decorrência da projeção adquirida tanto por sua descoberta científica do protozoário *Trypanosoma cruzi*, cujo nome foi uma homenagem a Oswaldo Cruz, quanto da tripanossomíase americana, nomeada também como Doença de Chagas ou Mal de Chagas; e ainda, por gozar da preferência do próprio Oswaldo Cruz para ocupar seu lugar (AZEVEDO 1995:56)¹⁶, Chagas manteve-se no cargo até sua morte em 1934. Durante sua gestão, entre os anos de 1917 a 1934, o Instituto sofreu reestruturações internas e ganhou novas atribuições, recebendo também novos regulamentos em 1919 e em 1926.

As principais modificações introduzidas no período (nas décadas de 1920 e 1930) consistiram na criação dos Serviços de Medicamento Oficiais e de Análise de Soros, Vacinas e outros produtos biológicos, na incorporação do Instituto Vacinogênico Municipal, responsável pela fabricação da vacina antivariólica, e nas reformas promovidas pelos novos regulamentos de 1919 e 1926. (BENCHIMOL, 1990:57)

Com o regulamento instituído pelo decreto nº 13.527, de 26 de março de 1919, o Instituto é reorganizado e suas atribuições ampliadas, passando a incluir além das atribuições do decreto de 1907, já mencionadas, a “execução dos serviços de medicamentos oficiais” e “outras áreas de estudo”. Além dessas atribuições, este regulamento triplicou o número de pesquisadores, passando a contar com seis chefes de serviço, nove assistentes, sete adjuntos de assistente e um secretário, todos nomeados por decreto.

No que se refere à produção, diversificou a pauta de medicamentos e produtos biológicos, estimulando a comercialização de forma a ampliar a renda própria do Instituto.

¹⁵ A Revista da Semana surgiu em 1900, no Rio de Janeiro, no contexto de modernização da cidade. Era um periódico ilustrado de variedades, voltado para conteúdos relativos à arte e à cultura. Com a ajuda de Medeiros e Albuquerque e de Raul Pederneiras, Álvaro de Tefé fundou o periódico, editado pela Companhia Editorial Americana. Segundo Dantas, este periódico era constituído por ampla utilização de reportagens fotográficas, considerado um elemento inovador na época. O periódico foi extinto em 1959. Fonte: DANTAS, Carolina Vianna. Revista da Semana. Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930), coordenado por Alzira Alves de Abreu (CPDOC, FGV) - em fase de editoração. Rio de Janeiro: FGV, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVISTA%20DA%20SEMANA.pdf>. Acessado em: 17/12/2019.

¹⁶ Contudo, segundo a autora (1995:56), a escolha de Carlos Chagas para suceder a Oswaldo Cruz na direção do Instituto, teria acirrado alguns conflitos internos existentes desde, pelo menos, o ano de 1910, em função da discordância de alguns pesquisadores acerca dos critérios estabelecidos por Oswaldo Cruz para as nomeações de determinados cargos.

Neste regulamento de 1919 foi criado o Serviço de Profilaxia Rural e, para subsidiá-lo, o Serviço de Medicamentos Oficiais¹⁷. Este último Serviço destinava-se a fabricar e a fornecer quinina, para a prevenção e o tratamento da malária, e ainda outros produtos terapêuticos, gratuitamente ou com preço subsidiados, aos postos de profilaxia rural e outros (KROPF, 2006: 195).

Quanto à área de ensino, no novo regulamento aparece a denominação “cursos de aplicação”, que deveriam ser realizados anualmente, dedicados “à zoologia médica, divididos em duas partes: uma de microbiologia e outra de zoologia médica”. Uma década mais tarde, novas diretrizes foram estabelecidas, preconizando a realização anual de “um curso de aplicação para o ensino de imunologia, bacteriologia, vírus, micologia, zoologia médica e outros ramos da biologia” estudados no Instituto.

Além de médicos e veterinários, também eram admitidos naturalistas nos cursos, desde que apresentassem “títulos de idoneidade bastante” e, a partir de 1931, também foram aceitos farmacêuticos. Definido como essencialmente prático, o curso permaneceu gratuito. Ao diplomado era permitida a admissão, sem exame vestibular, ao curso especial de higiene e saúde pública anexo à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ao classificado em primeiro lugar era oferecida a medalha de ouro do prêmio Oswaldo Cruz, instituída em homenagem à memória do fundador do Instituto, falecido em 1917 (AZEVEDO; TEIXEIRA, 2012:583-584).

O regulamento de 1919 também criou a Seção de Química Aplicada, inscrevendo entre os objetivos gerais do Instituto — além dos estudos de higiene, zoologia e veterinária definidos no regulamento de 1908 — a patologia experimental, a fitopatologia, a fisiologia e a química (BENCHIMOL, 1990:61).

No regulamento do decreto nº 17.512 de 5 de novembro de 1926 o Instituto tem, mais uma vez, seu quadro de funcionários ampliado contando com mais de 30 funcionários, além do diretor, (era um total de sete chefes de serviço, vinte e quatro assistentes e um assistente-secretário). Além disso, suas atribuições nas áreas de produção, ensino, pesquisa e assistência também foram estendidas. Como exemplo, podemos citar o programa do Curso de Aplicação que passou a compreender três partes: 1º bacteriologia e imunidade; 2º micologia, protozoologia, helmintologia, entomologia e zoologia médica; 3º anatomia patológica. Os

¹⁷ Criado pelo decreto nº 13.159, de 28 de agosto de 1918, que determinava que a manipulação e a difusão dos medicamentos oficiais, destinados ao combate das doenças endêmicas e epidêmicas no país, passariam ao encargo do Instituto Oswaldo Cruz.

pesquisadores designados para ministrarem suas disciplinas recebiam, a partir deste regulamento, gratificações pelo trabalho (BENCHIMOL, 1990:64-65).

Em 1929, foi publicado nas *Memórias* o programa do Curso de aplicação ministrado na instituição que era dividido em quatro partes: noções preliminares, imunologia e bacteriologia, spirochetos, vírus filtráveis e formas sistemática indecisa, micologia e protozoologia, helmintologia, animais venenosos e parasitas e transmissores de moléstias. Este curso foi realizado de julho de 1927 a dezembro de 1928 e ministrado por vários técnicos do Instituto, como: José Gomes de Faria, Adolpho Lutz, Henrique Aragão, Lauro Travassos, Oswino Penna, H.C. de Souza Araújo, entre outros. Dos 28 matriculados no curso, 18 saíram diplomados, com José Reis classificado em primeiro lugar e recebendo o Prêmio Oswaldo Cruz, como indicava o regulamento do Instituto.

Ao final do texto, foi publicada uma fotografia da turma do curso de aplicação com o diretor do Instituto, Carlos Chagas, em que todos posam para a fotografia vestindo seus jalecos e organizados em frente à escada do Castelo. Chamou a atenção a presença de duas mulheres¹⁸ neste grupo de diplomados, situadas entre o diretor e na primeira fila.

O regulamento de 1926 também organizou a área de pesquisa. A partir dele os pesquisadores passaram a se filiar às seções científicas que foram criadas: a química aplicada — existente desde o regulamento de 1919 — as de bacteriologia e imunidade, zoologia médica, micologia e fitopatologia, anatomia patológica e hospitais. Dessa maneira, conforme Benchimol (2001:72), os regulamentos de 1919 e 1926 pela primeira vez demarcaram “seções” abrangendo áreas já consolidadas ou novas (VER ANEXO I). Entretanto, segundo Benchimol (1990:61; 2001:72), esta organização tinha caráter apenas formal, pois no cotidiano dos laboratórios os pesquisadores continuaram a dividir seu tempo de trabalho em pesquisa, ensino e produção. O decreto de 1926 descreve em detalhes a estrutura do Instituto Oswaldo Cruz

¹⁸ São identificadas na lista de diplomados neste curso, como Lygia Pinheiro Bravo e Affonsina Leite. Ambas eram farmacêuticas, e de acordo com diversos jornais da época, faziam parte da Sociedade de Assistência aos Lázaros e organizavam festas para a sociedade carioca.

Lygia Pinheiro Bravo, filha de Emygdio Genaro da Fonseca Almeida e Carlinda Pinheiro da Fonseca que na ocasião de formatura da filha, “ofereceram uma mesa de doces e champagne para pessoas de suas relações.” (13/01/1927 - O Brasil (RJ) - 1922 a 1927). Fez parte da Sociedade de Assistência aos Lázaros como diretora e da comissão de chá-dançante, realizado no clube de regatas do flamengo, em 1927.

Affonsina Leite na ocasião da sua formatura recebeu destaque: “A senhorita Affonsina Leite durante todo o curso de seus estudos, se revelou uma vocação decisiva par a carreira que abraçou, merece, pelo conhecimento que della temos, uma referência especial de seus talentos e aplicação.” (08/01/1927 - Correio da Manhã (RJ) - 1920 a 1929). Fez parte da Sociedade de Assistência aos Lázaros como sócia e participou como uma das promotoras da festa em comemoração à entrada da primavera e em homenagem ao presidente Washington Luís, realizado no teatro municipal, em 1929.

organizado então em seções científicas, administrativas e auxiliares, que perdura até o período que data o fim de nossa pesquisa.

Portanto, no que concerne as áreas de atuação do Instituto, segundo Benchimol e Teixeira (2004:26), no período anterior aos seus primeiros regulamentos, em 1907-1908, o objetivo principal da instituição era alargar o âmbito de suas atividades e colocá-la em sintonia com as fronteiras da bacteriologia europeia. Segundo os autores, os trabalhos de Manguinhos poderiam ser enquadrados em determinadas disciplinas: bacteriologia, sorologia, hematologia, parasitologia, entomologia e anatomia patologia. Essa perspectiva é endossada por Aragão (1950:21) e Fonseca (1974:114) que também indicam essas especialidades como as pioneiras no Instituto. Conforme apontaram Benchimol e Teixeira (2004:27), a partir do seu primeiro estatuto, em 1908, novos objetos e recortes foram incorporados ao já existentes, evidenciando um processo crescente de especialização da ciência praticada no IOC.

Segundo a historiografia, a década de 1930 — marcada pela Revolução de 30 que conduziu Getúlio Vargas ao poder — teve por consequência uma série de mudanças na organização e na condução das instituições e das políticas públicas, sobretudo com a criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública. Esse contexto, constituído pela intervenção e pela centralização do governo federal na formulação de ações de saúde, provocou uma instabilidade institucional no Instituto Oswaldo Cruz, com a perda de sua autonomia administrativa e financeira.

Despojado de sua autonomia administrativa e financeira, o Instituto Oswaldo Cruz tornou-se vulnerável às ingerências políticas externas, assim como a crescente disputa interna, pelos recursos escassos e as crises de sucessão e legitimidade das diretorias. A ausência de consenso quanto aos rumos ou ao projeto a que deveria se ajustar a instituição dividiu o corpo técnico em facções que tenderiam a buscar o apoio junto às forças políticas-partidárias para fazer valer as suas propostas, comprometendo, assim, ainda mais a independência científica de Manguinhos. (BENCHIMOL, 1990:74)

Portanto, durante as três primeiras décadas do século XX, atravessando transformações físicas e em seus regulamentos, o Instituto Oswaldo Cruz se consolidou como uma instituição científica respeitável no Brasil e no mundo. Seu prestígio foi decorrente, em grande parte, de seus sucessos práticos contra as doenças epidêmicas, da formação de gerações de cientistas diplomados em seus cursos de aplicação e de sua própria revista de alcance internacional, *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, que nas palavras de Stepan (1976:20), durante muito tempo foi “considerada pelos cientistas médicos como uma das poucas revistas de pesquisa importantes vindas da América Latina”.

1.2 A revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 1909-1930

Segundo Ferreira (1999:332), o nascimento dos periódicos médicos da primeira metade do século XIX, funcionou como uma manifestação da valorização da ciência por parte das elites dirigentes, sendo o periodismo um mediador entre a sociedade e a comunidade científica. No entanto, em uma sociedade repleta de praticantes populares da medicina, como curandeiros, feiticeiros, barbeiros e outros, os periódicos médicos enfrentaram dificuldades para conquistar um público de colaboradores e leitores. Uma característica importante destes periódicos, apontada pelo autor, é a de consistir em conteúdo que fosse de interesse para a sociedade leiga. Entre os temas tratados, o da higiene foi o eleito como o principal para formar o diálogo entre a medicina e a sociedade.

Contudo, segundo Martins (2003:82), na virada do século XIX para o XX, esta já não era a principal característica dos periódicos médicos. Nesse período, as publicações assumiram um caráter especializado, direcionado a seus próprios pares, cujo conteúdo consistia em debates e pesquisas técnicas-científicas.

A revista *Memórias do IOC* nasce neste período de produção de ciência especializada, com o decreto nº 1.812, de 12 de dezembro de 1907 que transformou o Instituto Soroterápico Federal em Instituto de Patologia Experimental. No parágrafo 9º do Art. 1 do texto legislativo a criação das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vem afirmar que as pesquisas provenientes do Instituto deveriam ser publicadas, "a título de *Memórias*, ao passo que se forem confirmando as experiências." Ao se referir à criação do periódico "a título de memória", torna-se claro a intenção de produzir um veículo capaz de registrar e disseminar a produção intelectual do próprio Instituto Oswaldo Cruz. Mais que isso, a criação de um periódico com esta finalidade, por uma instituição científica, atende ao que Lorraine Daston (2012) chamou de as ciências do "arquivo". Fundamentalmente, o argumento da autora é de que, ao contrário do que se acredita, as ciências naturais não cultivam o esquecimento, e sim a memória, sobretudo porque o estudo de seus objetos frequentemente extrapola as escalas de uma vida humana. Nesse sentido, a ideia de produzir essas memórias, preservando sistematicamente suas pesquisas, está justamente ligada à possibilidade de as gerações futuras conhecerem seus trabalhos e darem continuidade a estes.

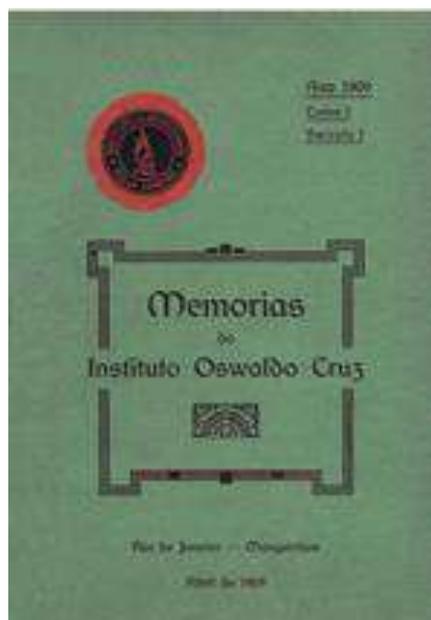


Imagem 1 - Capa das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 1909 - Fonte: Portal IOC/ Fiocruz

De acordo com Jeorgina Rodrigues e Sandra Marinho (2009:524), o periódico especializado proporciona "à comunidade científica um canal formal de comunicação, por meio da publicação de artigos originais que sistematizam os achados de pesquisas tecnocientíficas capazes de contribuir para o avanço da ciência." Além disso, as autoras destacam algumas funções atribuídas ao periódico científico, tais como: registro público do conhecimento; função social; canal formal de comunicação; espaço para divulgação dos resultados de pesquisas; arquivo ou memória científica e estabelecimento da ciência "certificada", isto é, aquela avaliada e legitimada pela comunidade científica.

Dessa maneira, como periódico científico veiculado por um espaço de produção de saber, podemos dizer que as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* assumiram funções como essas identificadas pelas autoras. À medida que registrava o conhecimento produzido pelo autor, era um canal formal de comunicação entre os pares, tornava-se reconhecida pela comunidade científica no Brasil e no exterior e funcionava como memória da produção da instituição.

Conforme Martins (2003:84), Oswaldo Cruz — fundador deste periódico científico brasileiro — inspirou-se em experiências anteriores de instituições brasileiras e estrangeiras, especialmente o Instituto Pasteur de Paris, onde este havia realizado sua especialização e conheceu os *Annales des l'Institute Pasteur*, veículo de divulgação do Instituto Pasteur. Embora

tenha sido criada pelo decreto em 1907, o tomo I, fascículo I¹⁹ do periódico somente foi posto em circulação em abril de 1909. Foi a primeira revista da instituição e é publicada até hoje, na versão eletrônica.²⁰ É considerado um dos mais antigos periódicos científicos da América Latina, que publica artigos especializados na área de ciências biomédicas e mantém destaque entre as publicações científicas especializadas em parasitologia e medicina tropical em todo o mundo (MARTINS, 2003:5; AZEVEDO, 2016:47).

Para Antonio B. de Lemos (1993), a *Memórias do IOC* pode ser classificada como uma revista institucional, na medida em que se tratava de uma publicação estrita e vinculada exclusivamente aos objetivos e interesses da instituição à qual é ligada.

As *Memórias* eram, portanto, uma revista tipicamente “institucional”, no sentido que desempenhavam o papel de arquivo da produção científica da instituição que a editava. Era uma publicação fechada à colaboração externa, a não ser quando se tratava de trabalhos realizados com a colaboração de pesquisadores de outra instituição. (LEMOS, 1993:163)

Tal afirmação pode ser verificada ao fazermos o levantamento dos autores que publicavam nas *Memórias* entre 1909 e 1930. Todos os autores faziam parte do quadro de funcionários da instituição ou eram parceiros destes, participando em coautoria da publicação. A transcrição de 1923, localizada após o sumário, corrobora a afirmação de Lemos:

AS MEMÓRIAS, órgão oficial do Instituto Oswaldo Cruz, são reservadas exclusivamente a publicação de trabalhos originaes nelle realizados. Aparecerão em fascículos, sem data fixa, havendo no mínimo um volume por anno. Toda a correspondência deverá ser dirigida a Redação das *Memórias* do Instituto Oswaldo Cruz – Caixa postal 926 – Rio de Janeiro. Endereço telegraphico: Manguinhos.

O primeiro "editor" do periódico foi Oswaldo Cruz, e então responsável por cuidar pessoalmente de todo o processo editorial. Quando por qualquer motivo, precisava se ausentar, as funções editoriais eram assumidas por Adolpho Lutz (ARAGÃO, 1950:30); (COURA, et al, 2000:713). Nas palavras de Aragão,

Como não houvesse, na época, no Instituto, quem pudesse cuidar do assunto ele [Oswaldo Cruz] tomou para si todo o trabalho, desde a escolha das máquinas impressoras, seleção dos tipos, encomenda do papel, entendimentos com litógrafo e especialistas na feitura de "clichês", a seleção dos tradutores para os artigos e finalmente ainda a revisão das provas. (ARAGÃO, 1950:37)

¹⁹ Segundo Willcox (1989) e Martins (2003), a terminologia “tomo” e “fascículo” seguiu até 1975, a posteriori foi substituída respectivamente por “volume” e “número”. Vale dizer que em sua versão eletrônica, a revista está organizada por volume e número.

²⁰ Segundo Martins (2003), a versão online da revista é uma réplica de sua edição impressa. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0074-0276&lng=en&nrm=iso

Com a morte de Oswaldo Cruz em 1917, pouco se conhece sobre quem teria assumido a responsabilidade de editor do periódico. No entanto, segundo o decreto nº 6.891, de 19 de março de 1908 sancionado pelo presidente da República Affonso Penna que aprova o regulamento do Instituto, no artigo 17, ficou determinado que só poderiam "ser publicados com o nome e responsabilidade do Instituto os trabalhos que fossem aprovados pelo diretor." E ainda, entre as competências a serem exercidas pelo diretor, disposta no artigo 21 alínea m, cabia a ele "autorizar a publicação dos trabalhos científicos" (MARTINS, 2003:85). Dessa maneira, podemos supor que, após a morte de Oswaldo Cruz, a responsabilidade pelo o que era publicado no periódico coube ao novo diretor, Carlos Chagas, que esteve no cargo até sua morte em 1934. Tal suposição fica apenas apoiada neste decreto, à medida que as referências consultadas a respeito das *Memórias*, pouco tratam da identificação do grupo ou indivíduo responsável pelo seu editorial²¹.

Composta por artigos científicos diretamente ligados aos campos de pesquisas dos cientistas do IOC, entre 1909 e 1930, a revista *Memórias* se dedicava as áreas de anatomia patológica, entomologia, micologia, helmintologia, bacteriologia, protozoologia, entre outras. Os artigos eram bilíngues, conforme determinação do artigo 15 do decreto nº 6.891, de 19 de março de 1908, que enunciava que os trabalhos "poderão ser publicados em diversas línguas, mas delles haverá sempre uma edição em portuguez.". Encontramos publicados nas *Memórias*, trabalhos em francês, alemão²² ou inglês, definidos de acordo com a decisão do autor.²³ Tal decisão de publicar artigos bilíngues demonstra o interesse da instituição em alcançar também o público estrangeiro. Como tradutor oficial dos trabalhos científicos publicados nas *Memórias*, Stepan (1976:141) aponta Adolpho Lutz, em razão de ser um "linguista hábil".

Segundo Martins (2003:89), duas características diferem as *Memórias do IOC* de outras revistas da época: o fato de ser uma revista bilíngue e de ser composta por artigos extensos. Os artigos eram escritos por cientistas com o intuito de alcançar seus pares, e por isso, obtinha uma linguagem própria e específica. Essa afirmação é comprovada no decreto de criação do Instituto de Pathologia Experimental, artigo 1 parágrafo 9, em que consta que as *Memórias* deveriam ser "distribuídas pelas escolas profissionais de medicina, de veterinária e de agricultura, existentes

²¹ Segundo Martins (2003:85), a partir de 1941 passou a ser indicado na revista quem era seu editor responsável, como o nome de H.C. de Souza Araújo que consta como responsável entre 1941-1952 e Herman Lent em 1959.

²² Segundo Willcox (1989), embora fossem correntes os idiomas inglês e francês, o idioma estrangeiro predominante no periódico era o alemão.

²³ A informação de que o idioma estrangeiro a ser escolhido era uma decisão do autor, está presente no relato de Henrique Aragão em Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*.1950. pp.37

no paiz, constituindo objecto de permuta com as publicações estrangeiras do mesmo genero." Somente em 1925 constam nos exemplares o preço de 20\$000 por fascículo (WILLCOX, 1989:435; MARTINS, 2003:95). Ainda segundo Martins (2003:95), a assinatura anual foi instituída a partir do segundo semestre de 1933.

Além de artigos científicos, a *Memórias do IOC* continha relatórios de expedições²⁴ realizados pela instituição e seus colaboradores, que consistem em observações científicas e registros fotográficos sobre as viagens realizadas ao interior do Brasil, nas primeiras décadas do século XX. Deve-se salientar também que, em caso de morte de algum membro da comunidade científica, acrescentava-se um texto em sua homenagem acompanhado por um retrato do pesquisador.

Quanto à sua diagramação visual, formatavam-se os artigos em duas colunas: a da esquerda era o texto em português e a da direita em idioma estrangeiro. Tal configuração perdurou até o fascículo 1 do ano de 1915. A partir deste ano, somente alguns trabalhos passaram a ser publicados em dois idiomas, sem justificativa. Todavia, a impressão em duas colunas se manteve até 1929.

²⁴ As expedições científicas fizeram parte de um movimento de interiorização do Estado brasileiro nas primeiras décadas do século XX. Baseados nos ideais de progresso e modernização, os primeiros governos republicanos demarcaram fronteiras e ocuparam esses territórios promovendo obras de infraestrutura. O conhecimento científico acompanhou este movimento através de instituições do governo federal. A figura de maior destaque neste movimento foi o militar Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), que a partir de 1907 realizou concomitantemente com os serviços de implantação de linhas telegráficas, uma série de expedições geográficas (THIELEN, 1992:62-63; LIMA,1998:s/p). Para o IOC, a realização de expedições ao interior ampliou suas fronteiras de atuação e auxiliou pesquisas em seus laboratórios, inserindo um conjunto valioso de observações e materiais referente às patologias brasileiras (AZEVEDO, 2016:17).

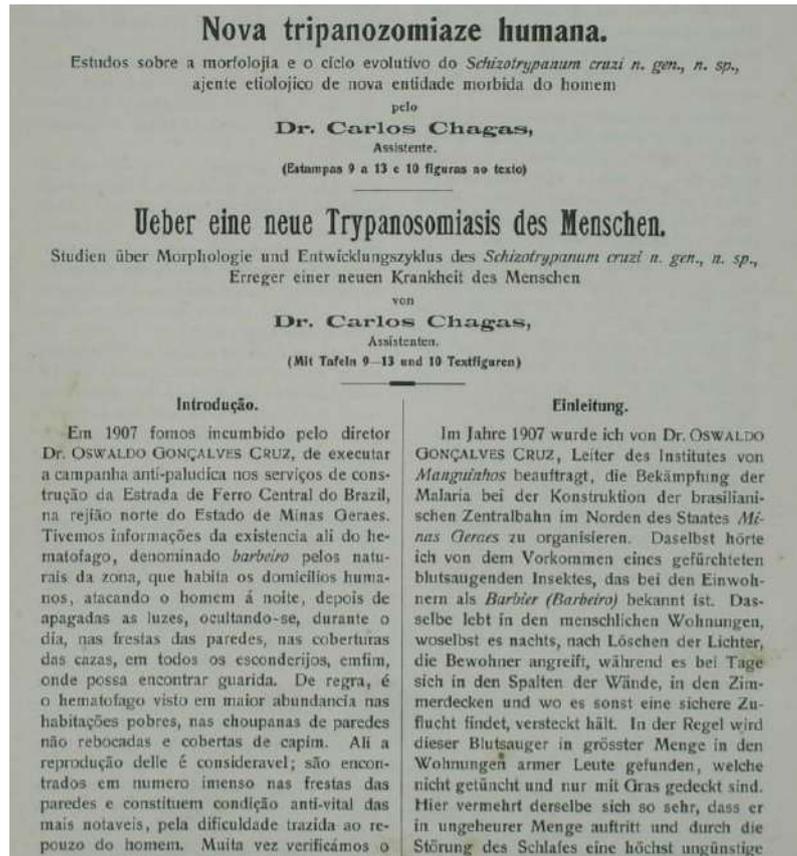


Imagem 1.2. Diagramação de um artigo bilíngue - In: CHAGAS, Carlos Ribeiro Justiniano das. Nova tripanozomíase humana: estudos sobre a morfologia e o ciclo evolutivo do *Schizotrypanum cruzi* n. gen., n. sp., agente etiológico de nova entidade morbida do homem. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*; vol.1, nº2, 1909.

É importante dizer que as representações visuais que acompanhavam os textos publicados nas *Memórias* eram localizadas sempre ao final dos mesmos, precedidas ou sucedidas pelo item “Explicação das estampas” constituído por legendas que norteavam brevemente o conteúdo da imagem. A adoção por essa organização editorial pode estar relacionada ao fato de que o papel usado na impressão de ilustrações era diferente daquele empregado para a impressão do texto. A separação, portanto, poderia simplificar e baratear a produção editorial das *Memórias*. Mas, chamamos a atenção para o fato de que, no mesmo período, um dos principais veículos de divulgação científica, o periódico *Brazil-Médico*²⁵,

²⁵ O *Brazil-Médico* surgiu em 15 de janeiro de 1887, com publicação semanal e vínculo com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo sido criado e dirigido pelo Dr. Azevedo Sodré (1864-1929). Além disso, o periódico também mantinha relações estreitas com a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, através da publicação das atas de reuniões e dos trabalhos dessa associação científica. Um dos principais objetivos do *Brazil-Médico* era registrar e tecer comentários das experiências e pesquisas dos médicos nacionais, além de divulgar as experimentações novas desenvolvidas no Rio de Janeiro, com foco na área de doenças tropicais. (MENDES; NOBREGA, 2008:2010)

inseriria suas ilustrações ao longo do texto escrito, configurando uma outra forma de diagramação – e conseqüentemente de uso – de imagens para usos científicos.

Sua capa em cor verde escuro com o símbolo de Manguinhos em vermelho permaneceu até 1932, ano em que esta cor foi alterada, para assumir as cores de capa em cinza, creme e branco e com o símbolo ainda em vermelho (WILLCOX, 1989:435). A respeito desse símbolo, a autora Ruth Martins (2003) o descreve em detalhes,

A capa verde musgo da primeira edição permaneceu inalterada até 1932, com o ex-líbris da instituição - Instituto Oswaldo Cruz - em letras maiúsculas, envolvendo em forma de arco a estampa do castelo de Manguinhos. Esta imagem é emoldurada por um círculo, que se sobrepõe a um microscópio, onde se lê CAUSAE OESTIMATIO SOEPE MORBUM SOLVIT. A expressão latina que quer dizer "A avaliação da causa muitas vezes soluciona a doença". (MARTINS, 2003:89)



Imagem 1.3 Ex-líbris da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz – Fonte: Biblioteca de Manguinhos

“Ex libris” é uma expressão em latim que significa "dos livros..." ou "da biblioteca de..."; portanto é um selo de propriedade que identifica seu proprietário, seja ele particular ou institucional (POTTKER, 2006:48). Desse modo, o símbolo descrito acima por Martins (2003), produzido pela Casa Stern, de Paris, identifica seu proprietário, a Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz. A meu ver, a frase da ex-libris expressa o fundamento que norteava os estudos na instituição, baseados na investigação das causas das doenças a fim de alcançar seu tratamento

e cura. Além da frase, são acionados os símbolos característicos do IOC: o microscópio, instrumento usado para pesquisas sobre os causadores de doenças e o castelo mourisco, como símbolo e sede da instituição.

Ao dispor de sua própria tipografia, para B. Lemos (1993:163), o Instituto buscava atender ao critério de qualidade exigido no artigo 16 de seu regulamento que ditava: "A impressão das «Memórias» poderá ser feita onde maior vantagem houver para que a realização dos trabalhos que ellas encerrarem seja a mais perfeita possível." Ainda segundo o autor, a tipografia Instituto Oswaldo Cruz teria sido responsável pela impressão da revista desde o seu início até 1940²⁶, quando, pelo decreto nº 5.963 de 16 de julho de 1940, a Imprensa Nacional passou a ser responsável pela execução dos trabalhos gráficos de repartições federais (LEMONS, 1993:1633; COURA, et.al, 2000:713). Cabe dizer que a impressão das ilustrações científicas publicadas nas *Memórias* era realizada na própria tipografia do Instituto, ou na Lith. Hartmann-Reichmbach, S.Paulo-Rio (OLIVEIRA; CONDURU, 2004:341).

Entre os anos de 1909 a 1930 a sua periodicidade permaneceu irregular tendo sido publicado, em geral, um tomo por ano, reunindo cada tomo de um a cinco fascículos que perfaziam aproximadamente duzentas páginas ou mais. Essa sequência de um tomo por ano, foi interrompida em 1922 e em 1930, quando foram publicados dois tomos anuais. A justificativa para um tomo extra em 1922, contendo 18 artigos — o maior número de artigos publicados em um fascículo — foi a comemoração pelo centenário da independência do Brasil. Além disso, nos anos de 1928-1929, incluíram-se também suplementos, constituídos por artigos sobre diversos temas que, supostamente, não demonstraram relação com eventos de qualquer natureza (COURA, et al, 2000:713).

Quanto aos colaboradores do Instituto Oswaldo Cruz, Wanda Weltman (2002) elaborou uma análise a respeito da produção científica publicada pela instituição no período 1900-17, visando caracterizar sua produção inicial e o desempenho de seus cientistas no aspecto informacional. Embora o recorte temporal da autora abarque apenas parte do recorte proposto por esta pesquisa, o texto nos auxilia a conhecer quem eram os colaboradores do Instituto e sua produção científica, no interior das *Memórias do IOC* e fora dela.

Entre os anos de 1900-1917, a autora identificou 29 cientistas que trabalharam no Instituto, entre eles, Henrique Aragão, Olympio da Fonseca Filho, Arthur Neiva, José Gomes de Faria, Gaspar Vianna, Adolpho Lutz e outros, além de quatro cientistas alemães, sendo

²⁶ Baseado no relato Henrique Aragão (1950:34), a tipografia se localizava no pavimento térreo do castelo.

eles: Gustav Giemsa (1867-1948), Stanislas Von Prowazek (1875-1915), Max Hartmann (1876-1962) e Hermann Duerck (1869-1941). Estes pesquisadores estiveram no Instituto entre os anos 1908-1912. Von Prowazek, Max Hartmann eram protozoologistas, Hermann Duerck era anatomopatologista e Gustav Giemsa, químico e inventor do método de coloração mais utilizado em observações microscópicas. Estes não só estiveram no IOC, como também publicaram seus trabalhos nas *Memórias* em autoria e coautoria com outros pesquisadores da instituição.

Segundo Weltman (2002:167), as publicações dos cientistas do Instituto aumentavam a cada ano, acompanhando a consolidação institucional, atribuindo este crescimento aos seguintes motivos: "o ingresso de novos cientistas, a compra de novos materiais, a criação de uma biblioteca, a construção de novos laboratórios e a criação das *Memórias do IOC*."

A autora constatou que do total de trabalhos publicados entre 1900-1917 por estes cientistas, figuravam 44% das publicações no *Brazil-Médico*, e 40% eram divulgados nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. A possível justificativa para este predomínio do *Brazil-Médico*, estaria no fato de ser uma revista semanal que gozava de grande prestígio entre os médicos. No percentual restante, encontram-se revistas como a *Revista Médica de São Paulo*, *Archivos Brasileiros de Medicina*, entre alguns outros títulos.

Com este percentual de publicações, podemos perceber que os cientistas do IOC privilegiavam as revistas brasileiras para divulgarem seus trabalhos. No entanto, quando se tratava das citações, isto é, de buscar conhecimento consolidado para respaldar suas pesquisas, os autores instrumentalizam-se por meio de textos e referências estrangeiras.

Ficou caracterizado, portanto, que o comportamento dos cientistas do IOC, no período estudado, estava voltado para o exterior, quando queriam buscar informação consolidada, e voltado para o Brasil, quando queriam transmitir informação. (WELTMAN, 2002:184)

Contudo, de maneira geral, para Weltman, os pesquisadores do IOC não só consumiram ideias e conhecimentos europeus, eles produziram conhecimentos originais na área das ciências biomédicas, que buscavam solucionar os problemas de saúde da população brasileira.

Entre os pesquisadores mais produtivos do período estudado pela autora (2002:166), quem se destaca é Arthur Neiva com 58 trabalhos publicados na área da entomologia, em 12 anos como pesquisador do Instituto, seguido por Henrique Aragão com 48 trabalhos em 15 anos e Carlos Chagas com 45 trabalhos em 16 anos, ambos dedicados a área da protozoologia. Em contrapartida, no tocante a nossa análise das publicações nas *Memórias do IOC* realizadas entre os anos de 1909 e 1930, o pesquisador que mais publicou trabalhos foi Adolpho Lutz com 44 trabalhos — contando autoria e coautoria — com ênfase nas áreas de entomologia e

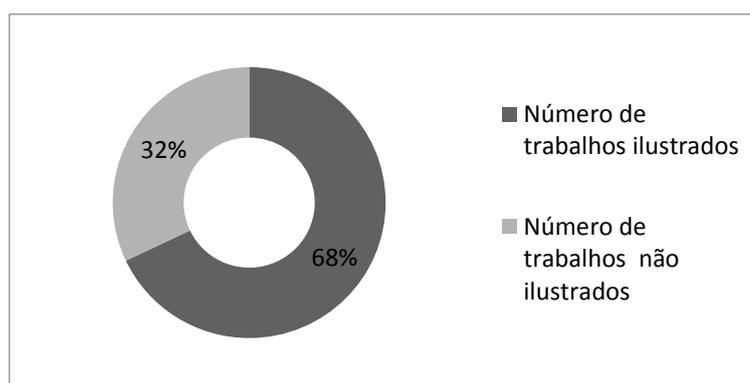
helminologia; Ângelo da Costa Lima com 32 trabalhos, sobre entomologia, estudo de barbeiro e outros insetos; Lauro Travassos com 31 trabalhos a respeito da fauna helmintológica brasileira e Henrique Aragão com 25 trabalhos na área de protozoologia.

Os trabalhos dos pesquisadores do IOC são abundantemente compostos por diversas modalidades de ilustração científica das espécies que eram seus objetos de estudo, e isso demonstra outra característica de destaque das *Memórias*, sua qualidade gráfica. Segundo Dias (1918:20) "cuja colleção [*Memórias* do IOC] constitue um repositório de muitas publicações, quasi todas magistraes e cuja feitura artistica, especialmente a perfeição dos desenhos, atrahe a curiosidade dos numerosos leitores estrangeiros."

1.3 As representações visuais nas *Memórias do IOC*

Entre os anos de 1909 e 1930 foram analisados 24 volumes, compostos por 46 números e 12 suplementos da revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Ao todo, foram contabilizados 337 trabalhos publicados, reunindo três tipos de textos: artigos científicos, relatórios de expedições e homenagens póstumas. Dentre esses, 229 trabalhos são acompanhados por ilustrações científicas de diversas espécies como: desenhos, fotografias e fotomicrografias. O gráfico 1 a seguir, expressa visualmente a inserção dessas ilustrações no periódico.

Gráfico 1 - Percentual de trabalhos ilustrados e não ilustrados nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* (1909-1930)



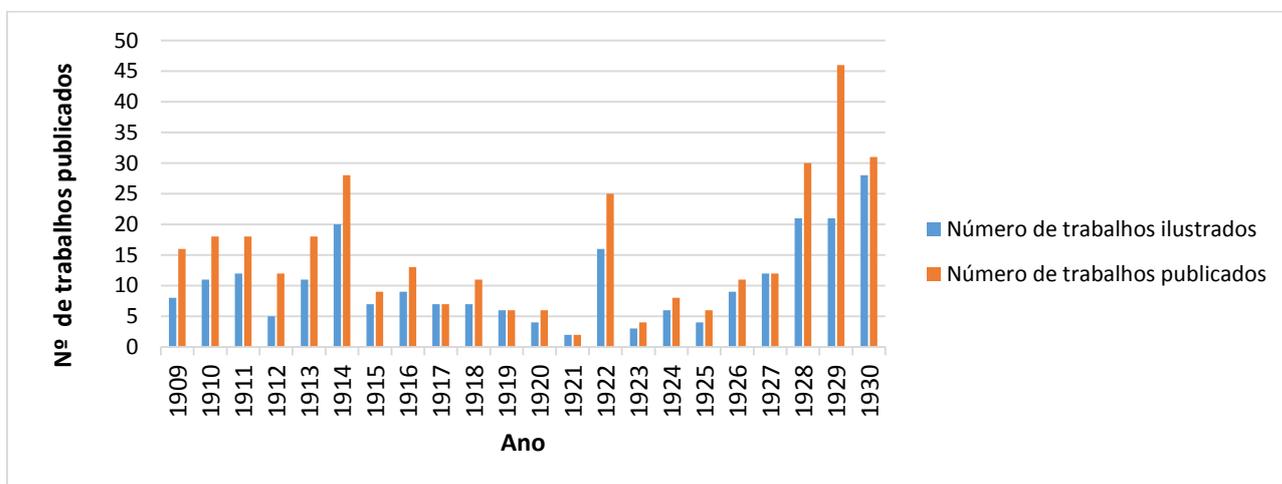
Fonte: Levantamento realizado pela autora nos exemplares das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*.

Oliveira e Conduru (2004) entendem as ilustrações científicas como um tipo de representação figurativa cuja "finalidade é registrar, traduzir e complementar por meio da imagem, observações e experimentos científicos que vão desde a descrição de espécies microscópicas de animais e vegetais até a anatomia humana, passando por diversos campos de conhecimento" (FORD, 1992 *apud* OLIVEIRA; CONDURU, 2004:336). O conceito de

iconografia ou ilustração é importante para percebermos quais eram as técnicas empregadas nas publicações realizadas pelas *Memórias* e, conseqüentemente, aplicá-las em nosso gráfico 2, no qual apresentamos a quantidade de trabalhos publicados por ano e, dentre esses, a quantidade de ilustrados. De acordo com Oliveira e Conduru:

Incluem-se no conceito de iconografia ou ilustração as imagens obtidas tanto através de métodos manuais de representação como desenho, pintura e gravura, quanto de reprodução técnica, como a fotografia. Em um sentido mais amplo, mosaicos, vitrais ou pinturas de passagens bíblicas em uma igreja por exemplo, podem ser entendidos como ilustrações. (OLIVEIRA; CONDURU, 2004:336)

Gráfico 2 - Quantitativo dos trabalhos publicados e ilustrados nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* por ano (1909-1930)



Fonte: Levantamento realizado pela autora nos exemplares das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*.

Neste gráfico 2, fica evidente a predominância de trabalhos ilustrados em todos os anos deste estudo. Em todo período em análise, mais de 50% das publicações anuais contêm elementos iconográficos, com a exceção de 1929. Sobretudo nos anos de 1917, 1919, 1921 e 1927, observa-se que todos os trabalhos publicados foram ilustrados, sendo eles, em sua maioria, artigos científicos.

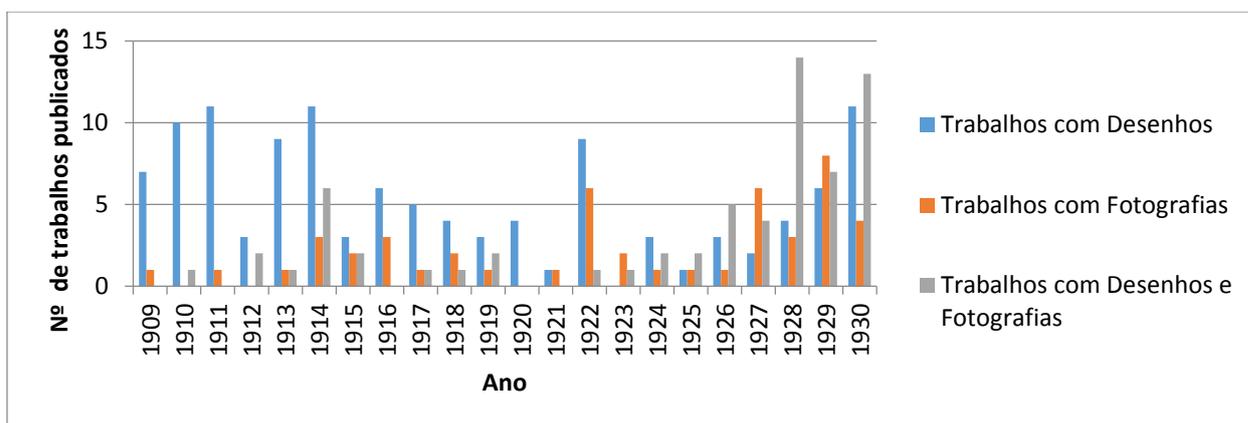
Como é possível verificar no referido quadro, mesmo nos anos em que o quantitativo de trabalhos publicados é pequeno, as iconografias se fazem bastante presentes. Este é o caso do ano de 1921, com apenas dois trabalhos, ambos ilustrados; em 1923 temos quatro trabalhos escritos sendo três deles ilustrados; e os anos de 1919, 1920 e 1925 com apenas seis textos publicados. Contudo, constata-se que, embora tenham sido divulgados menores números de trabalhos, o conteúdo deles era de grande extensão.

Os maiores índices de trabalhos publicados são verificados nos anos entre 1928 e 1930. Infere-se que esse aumento se justificou pela publicação de 12 suplementos em 1928-1929. Já

no ano de 1930, excepcionalmente, foram editados nove números em dois volumes. Tais casos atípicos nas publicações das *Memórias* ocorreram aparentemente, sem qualquer justificativa ou relação com quaisquer outros eventos. De modo geral, o quantitativo de trabalhos publicados apresenta uma certa assimetria ao longo do período analisado, pois, nos primeiros anos da revista, entre 1909 a 1914, foram publicados uma média de 18,5 trabalhos e nos anos finais deste estudo, de 1928 a 1930, uma média de 35,6. Portanto, os anos iniciais e finais foram os de maior número de publicações. A contar entre 1915 a 1927 este quantitativo oscilou, sendo publicados em média 9,2 trabalhos por ano.

No gráfico 3 são apresentados, por ano, a quantidade de trabalhos que são acompanhados por iconografias que atendem às técnicas manuais — como os desenhos — e a reprodução técnica — como a fotografia. E ainda, há aqueles que são acompanhados por estas duas modalidades de ilustrações. Esses dois tipos de iconografia foram por nós definidos a partir da observação das imagens em seu conjunto. Dessa maneira, no que concerne aos desenhos, foram considerados os desenhos científicos coloridos ou não feitos manualmente. Já os registros fotográficos foram classificados por temáticas de usos como: fotos de doentes, retratos²⁷ de médicos, fotomicrografias²⁸, fotografias oriundas das expedições científicas.

Gráfico 3 - Quantitativo dos trabalhos ilustrados com Desenhos, com Fotografia e com ambos nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* por ano (1909-1930)



Fonte: Levantamento elaborado pela autora nos exemplares das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*.

²⁷ Como retrato entendemos as fotografias em que o indivíduo é o elemento principal de composição, cujo o modo de representação é derivado da pintura.

²⁸ Empregamos o termo fotomicrografia para as fotografias obtidas com o auxílio de um microscópio.

Com este gráfico 3, é notória a grande incidência dos desenhos nos trabalhos publicados nas *Memórias* desde o primeiro ano até ao último proposto para estudo. São ao todo 116 publicações que apresentam apenas desenhos, um pouco mais da metade de todas as publicações ilustradas. Este predomínio dos desenhos se justifica, em parte, pela constatação do cargo de desenhista no quadro de funcionários aprovados pelo decreto nº 1.802, de 12 de dezembro de 1907, que cria o Instituto de Patologia Experimental, e que viabiliza a produção deste recurso imagético de forma ampliada no Instituto.

Apesar de nem sempre os desenhos publicados estarem assinados, no período entre 1909-1930, o cargo de desenhista foi ocupado por diferentes profissionais. Manoel de Castro Silva foi o primeiro desenhista contratado pelo Instituto Oswaldo Cruz, onde trabalhou de 1906 a 1934. Castro Silva teve elevada produção de desenhos científicos, como é possível identificar nos numerosos trabalhos por ele executados e publicados nas *Memórias* do Instituto Oswaldo Cruz (OLIVEIRA; CONDURU, 2004:340). Castro Silva é, portanto, apresentado por Fonseca (1974:128) como

artista de extraordinário mérito no gênero de trabalho que exigiam na época as publicações de Manguinhos, verdadeiro trabalho de miniaturista, no que se referia aos objetos macroscópicos representados, e de observação minuciosa no que dizia respeito aos cortes histológicos e demais preparados microscópicos. (FONSECA, 1974:128)

Além de Castro Silva, outro desenhista que recebeu destaque nas produções visuais do IOC foi o alemão Rudolph Fischer (1886-1955), contratado como ilustrador da instituição em abril de 1912, onde permaneceu até 1915 quando solicitou sua exoneração e mudou-se para São Paulo, cidade em que exerceu a mesma função no Instituto Butantã e a seguir no Instituto Biológico de Defesa Agrícola, lugar em que trabalhou durante mais de vinte anos.²⁹

Além de Castro Silva e Rudolph Fischer, encontramos outros importantes desenhistas, como Luiz Kattenbach (1898-1953), Raymundo Porciúncula de Moraes (1892-1981), que foi professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Raymundo Honorio Daniel³⁰ e Luiz Augusto Cordeiro.

Contudo, também chama atenção o fato de encontramos artigos científicos publicados nas *Memórias* em que os próprios pesquisadores desenhavam seus objetos, como Lauro

²⁹Biografia do desenhista disponível em: <http://www.bvsalut.coc.fiocruz.br/html/pt/static/correspondencia/rudolph.php>

³⁰ Este foi admitido em 1915 ou 1916 como servente no IOC. Em 1919 tomou posse como servente de laboratório, função que exerceu até 1921. Readmitido na instituição como desenhista em 1927. Em 1931 tomou posse e entrou em exercício na função de auxiliar de desenhista. Em 1934 integrou, na mesma função, uma lista de mensalistas contratados por um ano. Dispensado em 1944. (LACERDA et. al., 2016:103)

Travassos³¹, Aristides Marques da Cunha³² e Júlio Muniz³³, mesmo dispondo de desenhistas profissionais que pudessem fazê-lo. Conforme apresenta Lacerda, et.al (2016:94), a elaboração desses desenhos era auxiliada por aparatos tecnológicos como microscópios, lupas e outros equipamentos, que permitissem a ampliação máxima dos objetos a serem desenhados, a fim de tornar a observação a mais exemplar possível. E para sua confecção eram utilizadas técnicas como pintura a mão livre, grafite, nanquim, lápis de cor e guache. Dessa maneira, conforme apontou Alves (2017:219), o cientista assumia o papel de ilustrador que, a partir de técnicas e de observação minuciosa, era capaz de traduzir graficamente e da melhor maneira possível, o conteúdo científico. Utilizando-se de elementos como medidas, redução e aumento de escalas, texturas, cores, entre outros o ilustrador, torna-se capaz de executar desenhos precisos do ponto de vista científico, sem deixar de lado ou acrescentar nenhuma outra característica, sendo fiel ao objeto a ser ilustrado.

Portanto, como argumentam Oliveira e Conduru (2004:359), a imagem pressupõe uma comunicação visual, que se estabelece entre o emissor (desenhista) e o receptor (leitor). A mensagem a ser transmitida está contida no desenho, na representação, em que há um código, de conhecimentos que ambos os indivíduos têm em comum e permite que o sistema de correspondências nela existente leve à interpretação da mensagem, quando se dá a comunicação. Sendo assim, presumia-se que o público das *Memórias* fosse dotado de

³¹ Lauro Pereira Travassos (1890-1970) nasceu em Angra dos Reis dia 2 de julho de 1890. Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendeu tese sobre "As espécies brasileiras da subfamília heterakinae". Em Manguinhos, Lauro Travassos trabalhou a maior parte de sua vida. Iniciou sua carreira científica a partir da participação no combate à febre amarela no Rio de Janeiro e em Belém. Travassos frequentou o Curso de Aplicação Instituto Oswaldo Cruz e trabalhou como estagiário no Laboratório de Helminologia, sob a orientação de Gomes de Faria, com quem publicou, em 1913, uma monografia sobre ancilostomídeos, parasitos do intestino do homem causadores da ancilostomíase. Lauro Travassos participou, em 1912, da comissão que investigou as epizootias que flagelavam os rebanhos brasileiros na região de Botucatu (SP). Em 1915, acompanhou os trabalhos da Fundação Rockefeller, em Minas Gerais, relativos ao controle da ancilostomose. Em 1926, assumiu a cátedra de Parasitologia da Faculdade de Medicina de São Paulo. Travassos tem uma obra monumental com cerca de 420 trabalhos publicados, dos quais 181 no domínio da helmintologia e entomologia. Biografia disponível em: <http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=249&sid=77>

³² Encontramos poucas informações a seu respeito e atuação no IOC. Nasceu no Rio Grande do Sul em 1887 e faleceu no Rio de Janeiro em 1949. Seus trabalhos no Instituto foram na área de protozoologia. Descreveu diversas espécies de protozoários de plácton marinho e de água doce e parasitas de cavidades de mamíferos. Biografia disponível em: <http://www.neglectedscience.com/alphabetical-list/c/aristides-marques-da-cunha>

³³ Júlio Muniz (1898-1975) nasceu em 21 de janeiro de 1898, em Cuiabá (MT). Formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em 1919. Trabalhou na Santa Casa de Misericórdia. Fez curso de especialização do Instituto Oswaldo Cruz entre 1917 e 1919, onde alcançou o segundo lugar em sua classificação. Devido aos bons resultados, foi convidado a permanecer na Instituição onde trabalhou até 1975. No IOC, lecionou no Curso de Aplicação e publicou 103 trabalhos científicos em revistas nacionais e estrangeiras. Biografia disponível em: <http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=205&sid=58>

conhecimento e capacidade de projeção, percepção e interpretação dos dados apresentados na revista e, por isso, capaz de compreender a comunicação visual presente nas publicações.

De acordo com nosso levantamento, ao longo de todo período entre 1909 a 1930 as áreas de conhecimento que mais produziram e publicavam desenhos foram as áreas da entomologia, helmintologia e protozoologia. Essas especialidades têm em comum a descrição pormenorizada do seu objeto de estudo, — que por vezes são de pequeno tamanho — e que demandam exatidão e fidedignidade, que são atributos presentes no desenho. Em geral, os desenhos encontrados nas publicações das *Memórias* possuem tamanhos variados e, como já mencionado, são impressos em papel diferente do texto escrito, como o papel cartão, e dispostos majoritariamente ao final do texto.

O artigo “Tabanidas do Brazil e de alguns Estados visinhos”, publicado nas *Memórias* em 1913 por Adolpho Lutz, constituído por desenhos científicos assinados por dois desenhistas da instituição, Castro Silva e Rud Fisher, vai ao encontro das seguintes palavras de Oliveira e Conduru (2004),

A imagem produzida pelo indivíduo comissionado pelo cientista estará, de algum modo, ‘impregnada’ pelo controle exercido por este em detrimento da criatividade daquele, e a estrutura da imagem será ‘moldada’ segundo os códigos da ciência. Tais condições colidem com os interesses e objetivos da arte. (OLIVEIRA, CONDURU, 2004:372)

Durante a explicação das estampas, Lutz afirmou que "os desenhos são executados debaixo da minha direção." (1913:188) Ou seja, assim como descrito pelos autores, o trabalho elaborado pelos desenhistas era direcionado para atender a objetividade e as exigências científicas estabelecidas pelo autor do artigo. Embora esta supervisão ao trabalho do desenhista somente tenha sido descrita no referido artigo, isso não significa dizer que a mesma supervisão não tenha sucedido em todos ou na maioria dos trabalhos ilustrados, à medida que o desenho deveria ser útil à caracterização do objeto, sem ambiguidade ou alguma outra característica senão aquela que o cientista desejava transmitir.

Portanto, o desenho como uma ferramenta de investigação, percepção e registro, ao ser utilizado pela ciência, é assumido como uma ferramenta capaz de atender diversas finalidades e, como linguagem, viabiliza a comunicação das descobertas científicas por meio de representações visuais que não só complementam o texto, mas são por si só fontes de conhecimento científico (TRINCHÃO, et.al, 2018:43).

Em conformidade com o Gráfico 3, a fotografia também foi utilizada como ilustração científica nos trabalhos publicados nas *Memórias*. Em nosso levantamento, encontramos 48 publicações acompanhadas somente por fotografias. Se comparado com os desenhos, este

tipo de ilustração foi menos utilizado. Segundo Mello e Lacerda (2005:181), desde os primeiros anos de funcionamento do Instituto, a produção fotográfica e outros meios de informação como o material impresso e as correspondências, se estabeleceram como as atividades mais prolíferas, sendo instituídas formalmente como um dos setores de produção institucional.

Apesar disso, no que se refere às publicações nas *Memórias*, o gráfico 3 demonstra que o quantitativo de fotografias no período inicial de publicações foi reduzido. Ainda de acordo com Mello e Lacerda (2005:181), a existência de um laboratório próprio no IOC era incomum à época e denota a importância atribuída a este tipo de registro. No entanto, também nesse período, as autoras apontam ser possível encontrar serviços fotográficos em empresas de notícias e algumas instituições públicas, como a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e, conforme veremos adiante, também em outras instituições de saúde, como o próprio HNA.

Durante todo o período por mim investigado, o serviço fotográfico no Instituto Oswaldo Cruz ficou a cargo do fotógrafo Joaquim Pinto da Silva (1884-1951), conhecido como J. Pinto, cuja “função era incorporar a técnica fotográfica aos trabalhos científicos do Instituto” (THIELEN, 1992:46). Mas além destas produções, de acordo com Thielen (1992:46), J. Pinto foi encarregado de produzir registros fotográficos sobre as construções, seus pesquisadores, instalações físicas e vida da instituição, que, na busca por sua consolidação, produzia sua própria autoimagem, tornando clara a intenção de construção de memória. J. Pinto esteve na instituição de 1903 até 1946 quando se aposentou em decorrência de problemas de saúde.

O gabinete fotográfico do IOC era localizado inicialmente em um chalé improvisado, cujo espaço era dividido com a biblioteca do Instituto. Em 1911 foi transferido para o prédio principal, no castelo (MELLO, 2007:58). Segundo Dias

Entre o 3º e 4º andar estão os gabinetes de macro e microphotographia, cinematographia etc., onde são executados por profissional de real competencia - o Snr. Pinto - todos os trabalhos d'esse genero. Ao lado, se acha uma copiosa colleção catalogada de photographias e microphotographias, todas elas referentes a estudos realizados pelo pessoal do Instituto. (DIAS, 1918:23-24)

Dessa maneira, podemos dizer que o investimento em produções fotográficas pelo IOC demonstra a relevância e as funções exercidas pela técnica fotográfica, como um meio de registro, pesquisa, comprovação e memória das práticas desenvolvidas no Instituto.

Diante do conjunto fotográfico publicado nas *Memórias*, classificamos as fotografias em tipos e subtipos. Dessa maneira, os tipos fotográficos foram definidos da seguinte forma: (1) fotografias médicas-científicas agrupam os subtipos: fotomicrografias que expressam células, cortes histológicos de tecidos, e ainda, retratam diferentes espécies de insetos e

microorganismos; fotografias de órgãos e cobaias, o primeiro refere-se a órgãos de animais e humanos e o segundo, ao registro de animais que foram usados em experimentos laboratoriais; em espécies, reunimos os registros fotográficos dos espécimes de animais que são apresentados e descritos pelos pesquisadores como descobertas ou para adicionar informações a seu respeito e, por último, o subtipo plantas; (2) as fotografias de expedições científicas são os registros fotográficos realizados durante viagens pelo interior do Brasil. Este tipo fotográfico não foi organizado em subtipos, devido à grande variedade temática que a compõe e a dificuldade em classificá-las; (3) as fotografias de doentes compreendem os registros que retratam os estágios de manifestação da doença e em quadro comparativo de antes e depois do tratamento, definidas em subtipos que tratam da parte do corpo que predomina a fotografia; (4) as fotografias institucionais, que compreendem o subtipo eventos e visitas realizados na instituição e o subtipo instrumentos/aparelhos indicados como ferramentas utilizadas em pesquisas; (5) as fotografias de médicos, reúnem os registros sobre os médicos importantes para o IOC e/ou para a medicina experimental no Brasil e no mundo.

O conjunto de registros fotográficos está disposto majoritariamente nos artigos científicos e ao final do texto. Estes artigos científicos são resultados das pesquisas produzidas pelo IOC sobre questões iminentes de saúde pública como saneamento das cidades do litoral e do interior do país, e também pesquisas de doenças animais e humanas.

Quadro 1 - Registros fotográficos publicados nas *Memórias do IOC* (1909-1930)

Tipos fotográficos	Subtipos	Ocorrência
Fotografias médicas-científicas	Fotomicrografia	488
	Eletrocardiograma	128
	Espécies	124
	Cobaias	82
	Plantas	22
	Órgãos	19
	Subtotal	863
Fotografias de expedições científicas	Subtotal	438
Fotografias de doentes	Parte específica do corpo	40
	Corpo inteiro	34

	Busto	29
	Corpo metade superior	18
	Subtotal	121
Fotografias Institucionais	Aparelhos/instrumentos	26
	Eventos e reuniões	5
	Subtotal	31
Fotografias de médicos	Busto	6
	Corpo metade superior	3
	Corpo inteiro	3
	Outros ³⁴	7
	Subtotal	19
Total		1.472

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base em consulta aos exemplares das *Memórias do IOC*

Conforme o quadro 1, as fotografias médicas-científicas foram as mais publicadas nas *Memórias*, cujo subtipo mais frequente foi a fotomicrografia. Essa técnica fotográfica é resultado da associação de uma câmera escura fotográfica a um microscópio, que foi de grande importância para as pesquisas e estudos científicos realizados em meados do século XIX e início do século XX, em especial, no campo da medicina experimental.

Segundo Jardim e Peres (2014:300), o desenvolvimento da bacteriologia e histologia, na década de 1870, transformou a fotomicrografia em uma técnica central para a ilustração e disseminação de preparações microscópicas médicas. Robert Koch (1843-1910) conhecido como "fundador da bacteriologia moderna", cujo trabalho foi fundamental para estabelecer os critérios amplamente aceitos para nomear um bacilo como a origem de uma doença, foi um dos principais apoiadores da fotografia para a pesquisa científica. Segundo Daston e Galison (2007:164), Koch entendia a fotografia como essencial para um objetivo conhecimento do microrganismo: "As ilustrações fotográficas são de maior significado para a pesquisa de microrganismos". Na *Memórias do IOC*, as fotomicrografias publicadas retrataram insetos, microorganismos, plantas e lesões, vistas pelas lentes de aumento do microscópio, geralmente acompanhadas por outras ilustrações científicas, como desenhos e outras fotografias.

³⁴ Nessa categoria reunimos as fotografias que não são de médicos, mas fazem parte da história de Oswaldo Cruz, como o retrato de sua mãe, a casa em que nasceu, seu túmulo e outros.

Outros subtipos importantes nessa categoria, foram espécies e cobaias. Com o regulamento de 1908, o IOC tinha como uma de suas principais funções "o estudo de doenças infectuosas e parasitas do homem, dos animais e das plantas". No que se refere aos animais, a instituição contava com um biotério para animais pequenos e a cavaliça, para animais maiores. Nesses espaços os animais eram criados e tratados a fim de auxiliarem nas pesquisas de laboratório e preparo de soros e vacinas. Dentre os animais fotografados, encontramos cães, macacos, coelhos, aves e camundongos.

Apresentamos, a seguir, alguns artigos científicos publicados nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, com a intenção demonstrar como essas fotografias foram empregadas nas publicações. Por ora, excluiremos aqueles trabalhos acompanhados por retrato de pessoas doentes, que serão analisadas mais adiante.

Conforme Fonseca (1974:123), em 1928, a febre amarela voltou a se espalhar pela cidade do Rio de Janeiro. Nesta ocasião, Henrique Aragão teria realizado pesquisas experimentais sobre o assunto, na sua primeira tentativa de preparo de vacina contendo o vírus da febre amarela, usando macacos da espécie *macacus rhesus* experimentalmente infectados. A esse respeito, a *Memórias* publica em 1928 o "Relatorio a respeito de algumas pesquisas sobre a febre amarela", por H. Aragão, através do qual descreve a preparação da referida vacina com o uso de órgãos como fígado, rins, baço e cérebro do macaco, morto pela inoculação do vírus, apresentando desde a inoculação do animal ao resultado final da vacina. Segundo o autor, seus resultados foram satisfatórios e a vacina já vinha sendo utilizada pelo Instituto e pelo Departamento de Saúde Pública (ARAGÃO, 1928:33).

Este artigo é acompanhado por gráficos térmicos e três fotografias assinadas por J. Pinto, de uma das cobaias utilizadas em sua pesquisa: trata-se de um macaco em estado saudável, doente e prestes a morrer. As fotografias expressam visualmente o acompanhamento e registro da doença vivida pelo animal, que resultaria em sua morte. O autor descreve sua observação sobre o animal e referencia as fotografias durante sua descrição textual.

Geralmente, em período em que a temperatura se eleva bruscamente, o animal perde o apetite e começa a apresentar menor vivacidade. Quando ela principia a cair rapidamente abaixo do normal o macaco fica triste, encolhido a um canto da gaiola, deixa-se facilmente apanhar e muito enfraquecido apoia o corpo nos membros dianteiros um tanto afastados um do outro, e sua cabeça pende para diante, numa posição muito característica. Finalmente o animal tomba a fio comprido na gaiola e não tarda a morrer. (Figs.2 e 3). (ARAGÃO, 1928:25)



Fig. 1—*Macacus rhesus* normal.
Fig. 1—Normal *Macacus rhesus*.

Phot. J. Pinto.



Fig. 2—*Macacus rhesus* doente em período adiantado de hypothermia. Temp. 36°2.
Fig. 2—*Macacus rhesus*, ill, within the advanced period of hypothermy. Temp. 36°2.

Phot. J. Pinto.

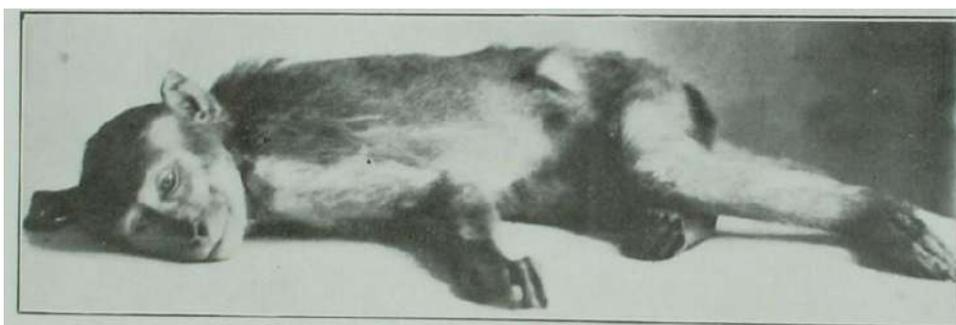


Fig. 3—*Macacus rhesus* doente, em coma, prestes a morrer. Temp. 31°4.
Fig. 3—*Macacus rhesus*, ill, in collapse, about to die. Temp. 31°4.

Phot. J. Pinto.

Imagem 1.4 - Macaco em estágio saudável, doente e em coma. In: ARAGÃO, Henrique de Beurepaire. Relatório a respeito de algumas pesquisas sobre a febre amarela. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.21, supl.2,1928.

A partir desta observação, esta sequência de fotografias ajuda a compor o quadro narrativo processual acerca do ciclo da doença, atuando não apenas como objeto meramente ilustrativo, mas também como elemento constituinte do argumento do próprio artigo.

Outra utilização semelhante à anterior pode ser encontrada no artigo “A Peste dos Pulmões: synonymia: "peste dos pulmões", "Vryburg's Disease", "Mal triste", "caroços", "Curso", "Diarrhoeas", "Peste de Seccar", "Mal do Tarde", "Febre dos Pantanos", "Pneumo-enteritis", "Multiform Septicaemia", "Caruára””, publicado em 1923, por Octavio C. de Magalhães. Nessa publicação encontramos uma série de recursos visuais como gráficos, fotografias, fotomicrografias e mapas que acompanham o extenso relatório apresentado pelo

autor a respeito da doença natural e inoculada sofrida por uma boiada em Belo Horizonte, Minas Gerais.

A narrativa visual iniciou-se por traçados térmicos, seguido por dois mapas coloridos. O primeiro demarca a incidência de casos da peste dos pulmões no Brasil e o outro mapa demonstra a distribuição apenas em Minas Gerais, local onde foi realizada a pesquisa, expressando ocorrências em cidades como Pirapora, Lagoas e outras cidades mineiras. São ao todo dezenove fotografias por diferentes ângulos, de bois acometidos pela doença apresentando, em sua maioria, lesões cutâneas, desnutrição e perceptível estado doentio. Ainda estão presentes fotografias de carrapatos, vetores da doença e vinte e nove fotomicrografias de amostras de pesquisas, culturas e corte de órgãos dos animais.

A utilização desses variados recursos visuais é justificada pelo autor ao longo do texto, como uma forma visual explícita das pesquisas e observações realizadas, capazes, segundo ele, de dispensar qualquer explicação escrita. "O laudo das necropsias, os graphics thermicos, as photographias juntas a esse trabalho são bem mais expressivas que qualquer pormenorizada explicação" (MAGALHÃES, 1923:158).

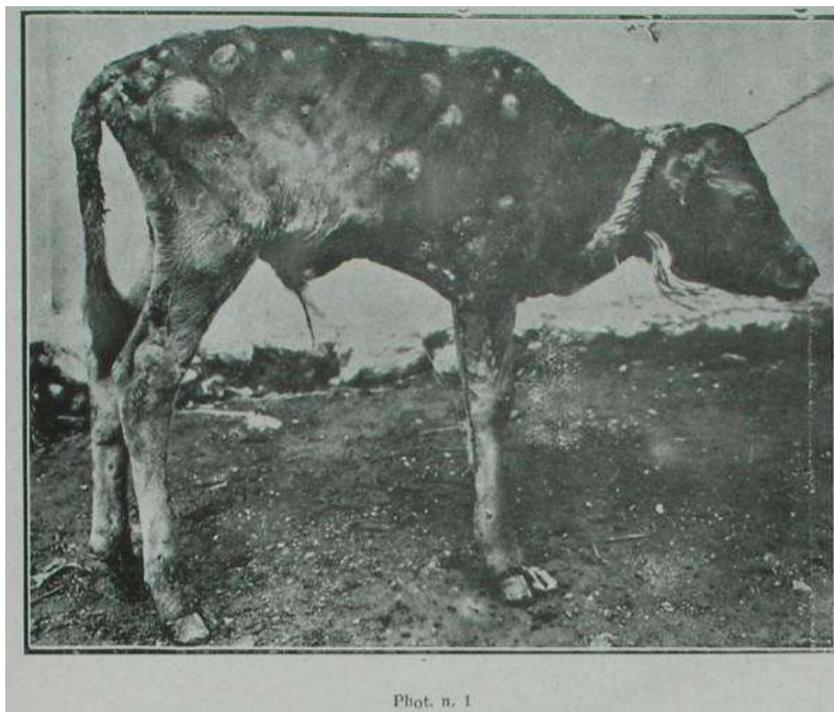


Imagem 1.5 - Boi adoentado. In: MAGALHÃES, Octavio Coelho de. A Peste dos Polmões: synonymia: "peste dos pulmões", "Vryburg's Disease", "Mal triste", "carços", "Curso", "Diarrhoeas", "Peste de Seccar", "Mal do Tarde", "Febre dos Pantanos", "Pneumo-enteritis", "Multiform Septicaemia", "Caruára". *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.16, nº1,1923.

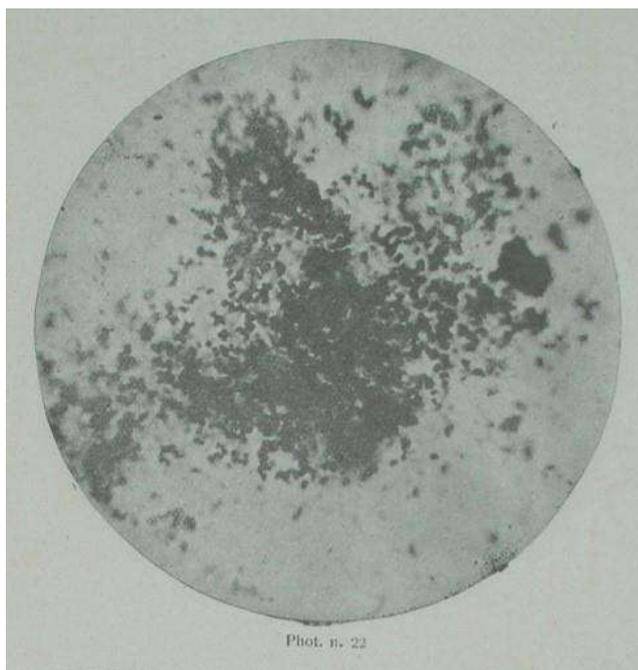


Imagem 1.6 - Fotomicrografia. In: MAGALHÃES, Octavio Coelho de. A Peste dos Polmões: sinonimia: "peste dos pulmões", "Vryburg's Disease", "Mal triste", "caroços", "Curso", "Diarrhoeas", "Peste de Seccar", "Mal do Tarde", "Febre dos Pantanos", "Pneumo-enteritis", "Multiform Septicaemia", "Caruára". *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.16, nº1,1923.

Sendo assim, a incorporação das fotografias nos artigos publicados nas *Memórias* demonstra um padrão de utilização recorrente, empregado em virtude da construção de seu valor como evidência e prova (MELLO; LACERDA, 2005:183) para confirmar e validar as observações e/ou experimentos e discursos.

Outro tipo fotográfico significativo observado nas publicações das *Memórias* se refere às fotografias de expedição científicas produzidas durante as viagens realizadas no interior do Brasil, nas quais os cientistas do IOC eram responsáveis por comandar os estudos produzidos durante a viagem³⁵. De acordo com Lima (1998),

As principais viagens ao interior ocorreram após 1910, quando o Instituto Oswaldo Cruz já se consolidara como centro de pesquisa experimental. Podem ser vistas como uma espécie de ampliação das fronteiras daquela instituição

³⁵ As viagens científicas produzidas nas primeiras décadas do século XX são objetos de estudo de diversos trabalhos. Ver: AZEVEDO, Maria Cecília Neves de. *Um olhar sobre o sertão, as fotografias do relatório da expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016. 169 f; LIMA, N. S.: 'Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. V (suplemento), 163-193 julho 1998; MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de Mello; PIRES-ALVES, Fernando A. Expedições científicas, fotografia e intenção documentária: as viagens do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913). *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, Rio de Janeiro. V.16, supl. 1, jul. 2009, p. 139-179.

científica, tanto em termos do elenco de pesquisas e atividades realizadas quanto de expansão geográfica através de viagens científicas e, em algumas localidades, de criação de postos permanentes. (LIMA,1998:s/p)

Sendo assim, os cientistas do Instituto Oswaldo Cruz trouxeram à tona o conhecimento do Brasil do interior, do sertão, uma realidade desconhecida no litoral. Essa realidade era legitimada não só pelas descobertas de novas doenças e seus ciclos, mas também pelos registros visuais e textuais produzidos através dos relatórios de viagem.

Segundo Thielen,

Essas viagens científicas formaram um rico arquivo documental textual, a maioria com produção de relatórios e diários de viagens e mais de mil imagens fotográficas da vida e da saúde do interior do Brasil. Além disso, as viagens científicas auxiliaram as pesquisas nos laboratórios do IOC, inserindo um conjunto valioso de observações e materiais referente às patologias brasileiras. (THIELEN, 1992:66)

Segundo Fonseca (1974:19), estas viagens tinham como objetivo "atender solicitações de entidades públicas e particulares, as quais se viam a braço dos problemas sanitários que lhes dificultava ou impediam a ação." O autor aponta quais foram estas entidades: Inspetoria de Obras contra as Secas, o Serviço de Defesa da Borracha, as Estradas de Ferro Central do Brasil, Noroeste do Brasil e Madeira-Mamoré; a Companhia das Docas de Santos, os serviços de abastecimento d'água da cidade do Rio de Janeiro e o Ministério das Relações Exteriores.

Foram publicadas nas *Memórias*, durante o período em que a estudamos textos sobre cinco expedições entre 1915-1929, conforme a tabela abaixo.

Tabela 1 - Expedições científicas publicadas nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*

Expedição (Duração)	Cientistas responsáveis	Ano de publicação nas <i>Memórias do IOC</i>	Quantidade de fotos	Fotógrafos
Viajem pelo rio S. Francisco e por alguns dos seus afluentes entre Pirapora e Joazeiro (abril a junho de 1912)	Adolpho Lutz e A. Machado.	1915, nº1	68 fotografias	Jacques Meyer- ³⁶
Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás (janeiro a outubro de 1912)	Arthur Neiva e Belisário Penna.	1916, nº3	116 fotografias	José Teixeira

³⁶ Encontramos duas fotografias da cidade de Xiquexique, na Bahia, cidade a margem do Rio São Francisco, em situação do rio baixo e rio alto, assinadas por Jacques Meyer.

Viagem científica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande (janeiro a março de 1918)	Adolpho Lutz, H.C de Souza Araújo e Olympio Fonseca Filho.	1918, nº2	108 fotografias	Drs. Araújo e Fonseca ³⁷
Excursão científica ao Estado de Matto Grosso na zona do Pantanal (Margens dos Rios S. Lourenço e Cuyabá) (maio a julho de 1922)	Lauro Travassos, Cesar Pinto e Júlio Muniz	1927, nº2	32 fotografias	B. Rondon ³⁸ e J. Pinto
Diário de uma viagem ao oriente da Bolívia, de Porto Esperança a San José de Chiquitos (dezembro de 1924 a julho de 1925)	Olympio Oliveira Ribeiro da Fonseca	1929, nº1	114 fotografias	-

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base em consulta aos exemplares das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*.

Como se pode notar, a quantidade de fotografias está proporcionalmente relacionada ao tempo de duração de cada viagem. As viagens que duraram nove e oito meses, as mais longas registradas, apresentaram mais de cem registros fotográficos, enquanto que, as que duraram dois meses acompanhavam uma quantidade menor.

As cinco expedições possuem algumas características em comum, a saber: todas foram realizadas por dois ou mais cientistas do IOC, sendo Adolpho Lutz o único a participar de duas expedições, entre essas publicadas. Em todas constam fotografias de temáticas próximas, dispostas ao final do texto, e foram publicadas alguns anos depois de sua realização; exceto a *Viagem científica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande*, que foi publicada no mesmo ano. As duas primeiras expedições desse quadro foram os únicos casos de viagens científicas publicadas em anos seguidos e ambos foram estudos feitos por requisição da Inspeção de Obras contra as Secas³⁹. No entanto, foram distintas em seus destinos, tempo de duração da viagem e ótica dos registros fotográficos.

³⁷ A maior parte das fotografias não foram assinadas. No entanto, logo abaixo do título, encontramos a seguinte indicação: “Com reproduções photographicas, tomadas pelos Drs. Araújo e Fonseca.” (1918:104) Apesar disso, oito fotografias foram assinadas por “Garcia”, que não recebe nenhuma menção no discurso textual.

³⁸ Presumimos que B. Rondon possa ser Benjamin Rondon, fotógrafo, filho de Marechal Rondon. Tal suspeita é baseada na identificação de Benjamin Rondon na legenda de uma fotografia da *Excursão* em que estão reunidas a comissão e a família do Dr. O. da Costa Marques.

³⁹ De acordo com Santos (2003:12), a Inspeção de Obras contra as Secas, criada em 1909, como órgão do Ministério das Indústrias, Viação e Obras Públicas com sede na cidade do Rio de Janeiro, pode ser considerada um marco no processo de institucionalização ao combate dos efeitos da seca. O período em que estas expedições foram realizadas, compreende a gestão (1909-1912) do engenheiro-de-minas Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa (1872-1932), em que se observa uma nova maneira de olhar para a seca nordestina, em que a mesma passou a ser entendida como um fenômeno pertinente para estudos. O objetivo da Inspeção de Obras contra as Secas durante essas viagens era definir um perfil dessas regiões, realizando amplo levantamento das condições climáticas, topográficas, epidemiológicas, socioeconômicas e sanitárias, além de estudos e pesquisas sobre a fauna e flora dessas regiões. Fonte: SANTOS, Claudia Penha dos. *As comissões científicas da Inspeção de Obras Contra as Secas na gestão de Miguel Arrojado Lisboa (1909-1912)*. 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

Nas fotografias produzidas nas expedições médico-sanitárias e publicadas nas *Memórias* do IOC, podemos identificar algumas recorrências temáticas: trabalho, vida social, transportes, paisagem urbana, paisagem rural/fluvial, habitação, animais, flora, doentes, famílias e fotografias da própria expedição. No entanto, como salientam Thielen et al (1991:8-9) essas temáticas não se distribuem homoganeamente pelas expedições, portanto, atribuem singularidades nas intenções documentárias manifestadas por cada uma delas. Há tanta variedade de temas nestes registros que, de acordo com Mello e Alves (2009:152), um só registro fotográfico pode conter um, dois, ou mesmo três temas.

Desse modo, após reconhecer as diferentes óticas fotográficas e temas retratados, o tema predominante em todas as expedições e mais fotografado, em termos quantitativos — em torno de 300 fotografias — é o meio percorrido por estes viajantes, isto é, de acordo com Thielen (1992), a natureza, paisagens fluviais, terrestres, vegetais e seus meios de transportes:

Muitas das paisagens do interior do país, também rurais, não trazem a figura humana: são rios, morros, vegetação, animais. Mostram a capacidade mimética do meio para os fotógrafos, que produzem paisagens do interior muito semelhantes aquelas realizadas por pintores e desenhistas já no século passado, e também o interesse dos cientistas nas relações entre meio ambiente e saúde humana, objeto principal de sua investigação. (THIELEN, 1992:67)

De maneira geral, grande parte dessas fotografias, tem o enquadramento horizontal, correspondendo, portanto, a uma forma de equilíbrio para a imagem (LIMA, 1988:63). Esse tipo de enquadramento proporciona o aumento do campo de observação, no qual o espaço retratado assume o papel principal, como demonstram as fotografias a seguir.

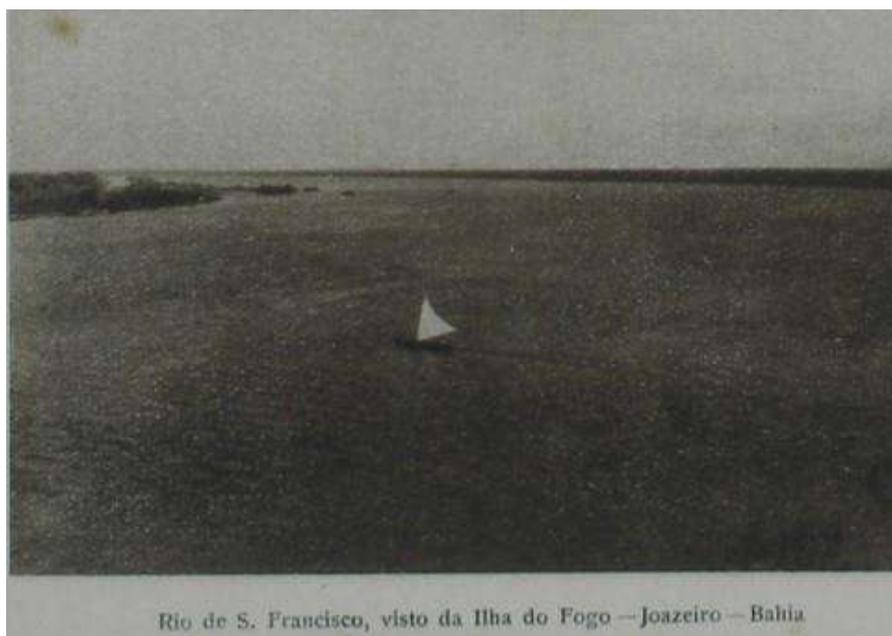


Imagem 1.7 - Rio de S. Francisco, visto da Ilha do Fogo. In: LUTZ, Adolpho Machado, A. Viagem pelo rio S. Francisco e por alguns dos seus afluentes entre Pirapora e Joazeiro. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.7, nº1,1915.

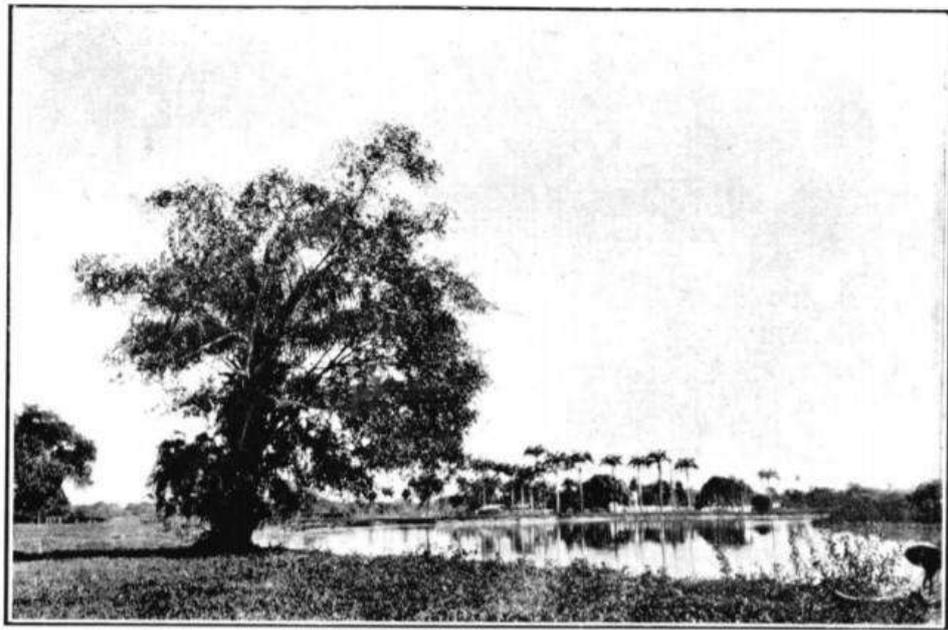


Fig. 15—Porto S. João no Rio Cuyabá. Fazenda do Dr. OSCAR DA COSTA MARQUES.

Imagem 1.8 - Porto de S. João. In: TRAVASSOS, Lauro; PINTO, Cesar; MUNIZ, Julio. Excursão científica ao Estado de Matto Grosso na zona do Pantanal (Margens dos Rios S. Lourenço e Cuyabá). *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.19, nº2,1927.

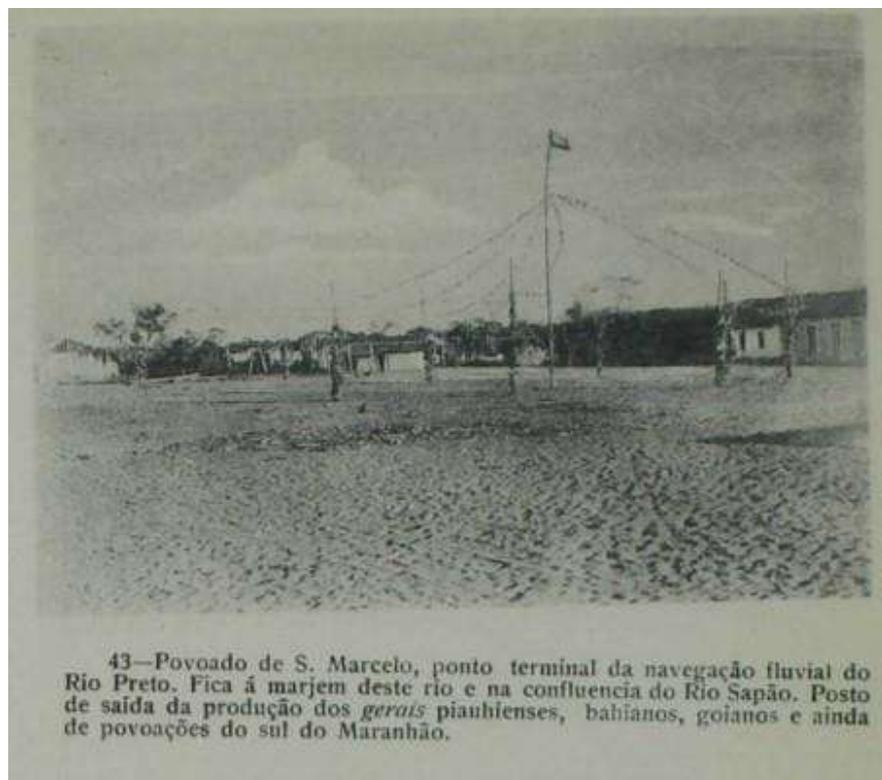


Imagem 1.9 - Povoado de S. Marcelo. In: NEIVA, Arthur; PENNA, Belisario. Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.8, nº3,1916.

O relatório de expedição que mais publicou fotografias foi a *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás* de Arthur Neiva entomologista do IOC e Belisário Penna⁴⁰, médico sanitariano, totalizando 116 fotografias distribuídas em 28 páginas que abrangem diferentes temas como fauna, flora, paisagens urbanas e rurais, meios de transporte, população, atividades e doentes. Tal expedição foi iniciada em março de 1912 e encerrada em outubro do mesmo ano, e percorreu sete mil quilômetros que se referem às regiões visitadas, nos estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás.

De acordo com Sá (2009:184) esta foi a viagem de maior repercussão nos meios médicos, intelectuais e políticos brasileiros, tornando-se um marco de origem do movimento pelo saneamento rural na Primeira República, e se estabelecendo como uma das referências centrais do discurso em que o médico Miguel Pereira, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1916, proferiu a célebre frase: "O Brasil é um imenso hospital" (LIMA, 1998: s/p; SÁ, 2009:335). O médico retratava um interior brasileiro doente, marcado pelo isolamento, precariedade e enfermidades, considerados então os principais motivos para o não progresso dessas regiões. Azevedo (2016) nos apresenta o ponto de vista dos autores Arthur Neiva e Belisário Penna a respeito da contribuição trazida por seu relatório.

Para Arthur Neiva, as descobertas contribuíram, principalmente, para as investigações quanto ao bócio endêmico e aos estudos posteriores, com as imagens de espécies ainda desconhecidas e doenças intrigantes como o tumor. Para Belisário Penna, a expedição contribuiu para a sua constante defesa da necessidade de saneamento e educação, como resolução para os problemas de saúde e vida produtiva. (AZEVEDO, 2016:160-161)

Este relatório foi publicado nas *Memórias* em 1916 e está dividido em duas partes. A primeira parte compreende as notas de viagem sobre o clima, diminuição das águas, observações científicas sobre protozoários, vermes, plantas venenosas, carrapatos, insetos, doenças como impaludismo, lepra, sífilis, boubas, tuberculose, leishmaniose, disenteria e outras, referências bibliográficas e terapêuticas populares. A segunda parte intitula-se "Itinerário", como uma parte descritiva, como um diário de viagem em que as observações realizadas foram registradas de acordo com os dias da viagem. Cumpre dizer que as fotografias deste relatório

⁴⁰ Foi inspetor sanitário no Rio de Janeiro em 1904. No ano seguinte, foi designado para trabalhar na Inspeção de Profilaxia da Febre Amarela, incorporando-se à campanha chefiada por Oswaldo Cruz pela erradicação dessa doença na capital. Durante esta campanha, propôs a diminuição no intervalo das visitas a cada seção para destruição dos focos e, com o seu sucesso, se tornou procedimento geral dessa campanha. Em virtude de seu destaque nas campanhas sanitárias Oswaldo Cruz e Penna se aproximaram. (THIELEN; SANTOS, 2002:391)

eram acompanhadas por legendas próprias que, além da descrição do tema fotografado, contavam com observações científicas, comentários e explicações⁴¹. A legenda aparece como parte integrante da fotografia, funcionando como mediadora entre a fotografia e o receptor, conforme mencionado por Lima (1988:31).

Como dito anteriormente, esta foi a expedição mais expressiva para a elaboração da imagem de um Brasil doente, composta por vinte e quatro fotografias de pessoas doentes. Conforme Nísia Lima (2003:187), a imagem de um país tão doente, constituído pelo grave tom de denúncia à nação, ofusca outros temas e argumentos presentes no relatório. Dentre as fotografias de doentes, dezessete são fotografias de portadores de bócio⁴², um dos sintomas característicos da Doença de Chagas, que foram fotografados individualmente e em grupos, de corpo inteiro ou do busto e cintura para cima, demonstrando uma pluralidade em tamanhos de inchaços no pescoço, conhecidos também como "papos". Esse predomínio, segundo a observação de Lima (2003:196), visava alcançar um dos objetivos desta viagem, isto é “encontrar evidências que corroborassem a importância epidemiológica da Doença de Chagas.”

A Doença de Chagas descoberta em 1909, por Carlos Chagas, teve grande repercussão nos meios científicos nacionais e estrangeiros, dada a originalidade da descoberta concomitante da identificação do vetor (o inseto conhecido como “barbeiro”), do agente etiológico (o protozoário *Trypanosoma cruzi*) e da doença causada por esse parasita (KROPF; AZEVEDO; FERREIRA, 2000:348). Essa doença instituiu no IOC uma ampla agenda de pesquisa em que seriam abordados os mais variados aspectos relacionados à nova enfermidade, que durante este período, buscavam demonstrar sua importância social como doença que assolava várias regiões do Brasil (KROPF; AZEVEDO; FERREIRA, 2000:351). Portanto, a fim de ratificar a existência do mal de Chagas no interior do país, Neiva e Penna enfatizaram em narrativa textual e visual o problema sofrido principalmente pelas mulheres, de acordo com casos encontrados e relatados.

⁴¹ Maria Cecília Azevedo (2016) dedicou-se ao estudo e análise deste relatório de Arthur Neiva e Belisário Penna, assim como os registros fotográficos presentes no relatório. VER: AZEVEDO, Maria Cecília Neves de. *Um olhar sobre o sertão, as fotografias do relatório da expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016. 169 f

⁴² Cumpre dizer que, o bócio como uma característica sintomática do mal de Chagas foi objeto de controvérsias durante o período em que a viagem de Neiva e Penna foi publicada. Para Chagas, o bócio endêmico constituía não uma entidade nosológica específica, mas uma decorrência da ação patogênica do *T. cruzi* sobre a tireoide. Por outro lado, pesquisas realizadas na Argentina, entre 1914 e 1916, trouxeram objeções importantes à caracterização clínica proposta por Chagas, sobretudo em relação à associação da doença com o bócio e à tese da vasta extensão da endemia. Os argentinos não conseguiam encontrar casos da doença naquele país e apontavam que, mesmo no Brasil, eram poucos os efetivamente comprovados. (KROPF, 2009:212; KROPF, 2006:156)



Imagem 1.10 - Grupo de mulheres com bócio. In: NEIVA, Arthur; PENNA, Belisario. Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhí e de norte a sul de Goiaz. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.8, nº3,1916.



Imagem 1.11 - Menina de 12 anos com bócio. In: NEIVA, Arthur; PENNA, Belisario. Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhí e de norte a sul de Goiaz. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.8, nº3,1916.

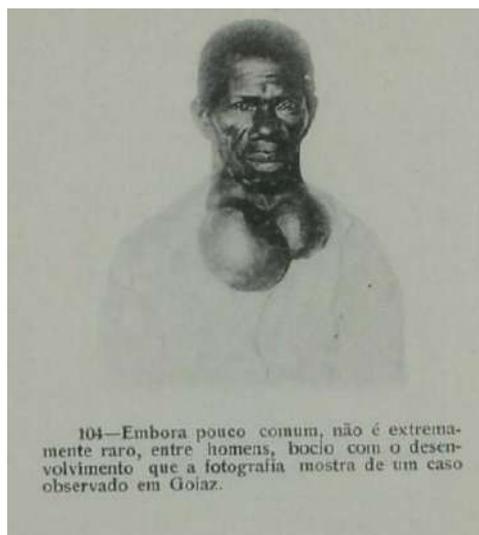


Imagem 1.12 - Homem com bócio. In: NEIVA, Arthur; PENNA, Belisario. Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiaz. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.8, nº3,1916.

Além desses casos, foram fotografadas duas meninas com tracoma; um homem que sofria com actinomicose; outro com tumor de "provável origem micótica"; um grupo de anões; mulheres que sofriam de ataques silenciosos (vexame⁴³); homem com entalação⁴⁴ e cretinos.

Na perspectiva de Mello e Alves (2009), as fotografias desta expedição apresentaram um padrão comum de representação visual:

São fotografias posadas, com enquadramentos tradicionais e consoantes com os recursos e padrões técnicos e estéticos fotográficos da época em que foram produzidas. Seja na representação da natureza, da paisagem natural, dos tipos humanos ou das condições de vida, as imagens obedecem a uma tradição de estética documental do final do século XIX, de composição harmônica dos elementos num 'quadro fotográfico' ainda bastante influenciado pela gravura e pela pintura acadêmica. (2009:161)

Por outro lado, o relatório que menos publicou fotografias foi a *Excursão científica ao Estado de Matto Grosso na zona do Pantanal (Margens dos Rios S. Lourenço e Cuyabá)* por Lauro Travassos, Cesar Pinto e Júlio Muniz, que trabalhavam, respectivamente, nas áreas de helmintologia, entomologia/hematozoários e protozoologia. Esta viagem tinha como objetivo principal realizar pesquisas parasitológicas médicas e veterinárias e a viagem durou quarenta

⁴³ Vexame ou Vexame do coração definida por Neiva e Penna (1916:139) como uma manifestação nervosa, raramente mortal, muito frequente em mulheres e rara em homens. Segundo os autores, a crise manifestava-se por palpitações, perda da visão e dos sentidos, ausência de contratura, convulsões, suores, gritos ou gemidos.

⁴⁴ Disfagia espasmódica também conhecida como "entalação", "mal de engasgo", "entalo" e "engasgue", definida como dificuldade de deglutição (AZEVEDO, 2016:119). Mais frequente em homens e, conforme Neiva e Penna (1916:134), em vários casos, mais de uma pessoa da mesma família estava acometida pelo mal. No entanto, os autores não obtiveram elementos que pudessem comprovar a forma de contágio.

dias, tendo como campo de ação a Fazenda de São João, propriedade do Dr. Oscar da Costa Marques.

O relatório contém observações sobre as áreas de pesquisa da helmintologia, protozoologia e entomologia e 32 fotografias distribuídas em 17 páginas. Neste relatório, além dos temas frequentes fotografados nesse tipo de publicação, como fauna, flora, aspectos da vida e das condições de trabalho da população, encontramos os cientistas responsáveis pela viagem como modelos fotográficos em atividades e na fazenda citada, sendo eles devidamente identificados nas legendas das fotografias.



Fig.23 – Fazen da de S. João. Caçada de Tuyuyus (*Mysteria americana*) 2) Dr. J. NUNIZ 3) Dr. C. PINTO.

Imagem 1.13 - Drs. J. Muniz e C.Pinto em caçada de tuyuyus. In: TRAVASSOS, Lauro; PINTO, Cesar; MUNIZ, Julio. Excursão científica ao Estado de Matto Grosso na zona do Pantanal (Margens dos Rios S. Lourenço e Cuyabá). *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.19, nº2,1927.



Fig. 2—Margens do Rio Tietê. 1—Dr. JULIO MUNIZ. 2—Dr. O. DA COSTA MARQUES. 3—L. TRAVASSOS. 4—CESAR PINTO.

Imagem 1.14 - Drs. J. Muniz, C. Pinto, O. da Costa Mares e L. Travassos as margens do Rio Tiete. In: TRAVASSOS, Lauro; PINTO, Cesar; MUNIZ, Julio. Excursão científica ao Estado de Matto Grosso na zona do Pantanal (Margens dos Rios S. Lourenço e Cuyabá). Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, vol.19, nº2,1927.

Azevedo (2016:108-109) argumenta que as fotografias publicadas na viagem de Arthur Neiva e Belisário Penna seguiram, não rigorosamente, mas de certa forma, o que se apresentava no discurso do relatório desses pesquisadores. À vista disso, observamos que o mesmo acontece a todas as cinco expedições, cujos relatórios dialogam com a narrativa visual, iniciando com registros fotográficos da saída da expedição em direção ao seu destino ou com registros fotográficos de suas primeiras observações da viagem. Dessa maneira, constatamos a importância das fotografias durante essas viagens atendendo a uma intenção documentária, a fim de expressar visualmente o que era visto e descrito, à medida que a fotografia era entendida como cópia do real.

Expedições realizadas em séculos anteriores sempre levaram desenhistas, com o intuito de documentar paisagens, tipos humanos, espécies da fauna e da flora e tudo o que pudesse interessar a curiosidade do viajante. A divulgação da fotografia tornou-a mais acessível, um meio privilegiado de registro das imagens encontradas. (...) Feixe de luz sobre material sensível, a fotografia era marca de modernidade e uma técnica cada vez mais utilizada. (THIELEN et.al, 1991:8)

Segundo Mello e Alves (2009:147), nestas expedições o trabalho do fotógrafo foi direta e continuamente acompanhado pelos médicos líderes da viagem para satisfazer a intenção documentária desses personagens representantes de uma ou mais instituições científicas. E por isso, para os autores, as fotografias das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz são resultadas de uma tríade onde interagem o ‘olhar’ dos fotógrafos; os pesquisadores e outros profissionais que lideram cada uma das expedições; e as instituições que as promovem e realizam.

Como podemos verificar, apesar de J. Pinto ser o fotógrafo oficial da instituição, outros profissionais foram contratados para produzir registros fotográficos durante estas viagens científicas. Nestas publicadas nas *Memórias*, encontramos apenas dois, além de J. Pinto: José Teixeira e B. Rondon. Contudo, infelizmente, não encontramos informações a respeito deles. Podemos supor que a ausência de J. Pinto nestas viagens seja justificada por suas outras atribuições como fotógrafo do IOC que, como já vimos, era encarregado de produzir tanto imagens científicas, como imagens sobre o funcionamento, espaços físicos e agentes da instituição.

A respeito das fotografias de doentes, no artigo *Sobre a Leishmaniose tegumentar e seu tratamento* de Oscar d'utra e Silva, publicado em 1915 — fruto de sua tese intitulada “Tratamento da Leishmaniose Tegumentar”, defendida em 1913 — encontramos casos comparativos como descrito anteriormente. Este artigo é composto por seis quadros comparativos e ainda, sete desenhos coloridos assinados por Rud Fisher, os quais ilustram a manifestação da doença em diversas partes do corpo humano (como joelho, queixo, ombro, punho e outros) frutos da pesquisa e observação realizada pelo autor. Além disso, estão presentes neste artigo dois desenhos não coloridos, inseridos no meio do texto, sobre os aparelhos usados na experiência. De acordo com Silva (1915:2014), a leishmaniose tegumentar era uma doença que estava “largamente disseminada pelo paiz.”

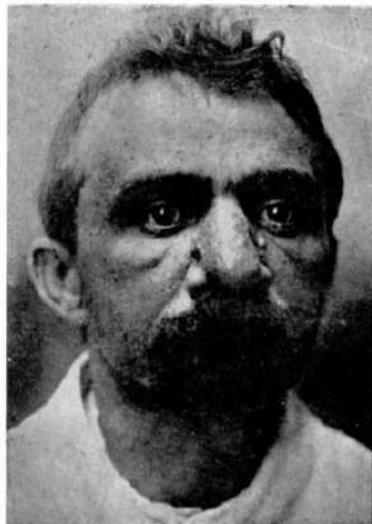


Fot. 3

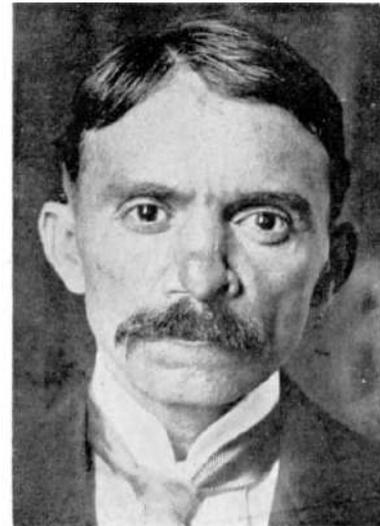


Fot. 4

Imagem 1.15 - Quadro comparativo 1. In: SILVA, Oscar d'utra e. Sobre a leishmaniose tegumentar e seu tratamento. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.7 n°2,1915.



Fot. 11



Fot. 12

Imagem 1.16 - Quadro comparativo 2. In: SILVA, Oscar d'utra e. Sobre a leishmaniose tegumentar e seu tratamento. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.7 n°2,1915.

No tocante a esses dois casos comparativos selecionados, chama atenção a construção de efeito do antes e depois. Além da evidente cura, o paciente na perspectiva do antes, encontra-se com a blusa aberta, barbudo e com cabelo desarrumado, enquanto que na perspectiva do depois é fotografado com o cabelo penteado, blusa fechada e sem barba. O mesmo acontece com o segundo caso clínico. Sendo assim, estes podem ser considerados aspectos de uma teatralização que contribuem para construção da imagem e percepção da mudança do doente. O primeiro caso comparativo também foi publicado no trabalho de Gaspar Vianna publicado

em *Annaes paulistas de Medicina e Cirurgia*⁴⁵, em junho de 1914, em que foram apresentadas algumas das observações da tese de Oscar d'utra e Silva, defendida em 1913.

Portanto, as fotografias encontradas neste artigo, assim como o conjunto fotográfico de retrato de pacientes publicado nas *Memórias*, assumem a função de atestado da eficácia do tratamento desenvolvido e aplicado nestes pacientes, bem como o registro da doença vivida por estes.



Imagem 1.17 - Homem leproso. In: SOUZA-ARAÚJO, H. C. Estudos sobre a Lepra: I. transmissão da Lepra humana ao camundongo branco. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.21 supl.1, 1928.

Dentre todas as fotografias de doentes publicadas nas *Memórias do IOC*, encontramos apenas uma que apresenta tarja nos olhos do paciente, visando seu anonimato. Diferente de outros pacientes que tiveram o rosto revelado e o olhar fixado para a objetiva, este homem leproso “há 26 anos” foi o único a ter seu rosto oculto por uma tarja⁴⁶. E ainda, ao contrário daqueles doentes retratados com roupas simples e até uniformes hospitalares, este homem veste

⁴⁵ Vianna Gaspar. *Annaes paulistas de Medicina e Cirurgia* em junho de 1914, ano II, VOL. II nº6 pg.167-171. In: COURA, José Rodrigues; FERREIRA, Luiz Fernando; LOBATO-PARAENSE, Wladimir (Org.). *Centenário do Instituto Oswaldo Cruz: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Ed. Instituto Oswaldo Cruz. 2000.

⁴⁶ Cabe ressaltar a existência de outro caso como esse nos arquivos do IOC. Trata-se de uma mulher bem vestida e com uma máscara.

um terno e é apresentado no discurso textual como Dr. J.P.A morador em Minas Gerais. Isto nos mostra que este homem, fotografado por ter sido a fonte do material colhido para o estudo da doença, pode ter sido poupado da exposição devido à sua posição social, como doutor, e/ou decerto, devido ao estigma e preconceito histórico milenar em relação à própria lepra⁴⁷.

A partir dessas pesquisas dedicadas à solução de problemas de saúde pública, os registros fotográficos selecionados servem como uma ferramenta desses estudos produzidos, em geral, em períodos de alta incidência de determinadas doenças recorrentes no país, como foi o caso da lepra, Doença de Chagas, febre amarela e leishmaniose tegumentar.

Outro tipo fotográfico presente nas *Memórias* se refere as fotografias institucionais, que compreendem os registros de eventos e visitas realizadas na instituição e também de instrumentos utilizados como ferramenta de trabalho em laboratórios, em especial, tubos de ensaio etiquetados de acordo com a pesquisa.

As fotografias de visitantes e eventos foram publicados em 1929, em um trabalho intitulado "Homenagem à memórias de Oswaldo Cruz", composto por cinco fotografias, a saber: uma placa de bronze que a Faculdade de Medicina de Montevideu ofereceu ao IOC em homenagem à memória de Oswaldo Cruz; três fotografias de diferentes momentos da inauguração de um monumento a Oswaldo Cruz, ocorrido na Avenida das Nações, na cidade do Rio de Janeiro e por último, uma fotografia da caravana médica uruguaia e delegados estrangeiros aos congressos do centenário da Academia Nacional de Medicina, todos em frente uma mesa repleta por bebidas e comida.

Nesse trabalho são apresentados dois discursos proferidos por José Luis Scoseria, presidente da delegação médica uruguaia e o diretor interino do IOC, Alcides Godoy, durante a inauguração da placa de bronze que enaltecem as contribuições do homenageado a medicina e a sociedade. Podemos dizer que tal trabalho faz parte de um movimento de culto à memória do cientista, que segundo Azevedo (1995:70), deu origem ao fenômeno de mitificação de Oswaldo Cruz como um símbolo da ciência brasileira.

Os grandes homens, os benfeitores da humanidade, não morrem, vivem em suas obras e este Instituto que com toda justiça leva o nome de Oswaldo Cruz é o mais digno e o maior monumento a sua memória; aqui perduram seus ensinamentos e a memória que consagra será sempre estímulo e fonte de energias, para a atual e as futuras gerações de trabalhadores que ali andam em busca de ensinamentos, por isso, a Faculdade de Medicina de Montevideo

⁴⁷A lepra foi objeto de estudo de diferentes trabalhos. Ver: SCHNEIDER, Silvia Danielle. Lepra: fotografia e discurso na obra de Souza-Araújo (1916-1959). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2011, 232 f.; CABRAL, Dilma. *Lepra, medicina e políticas de saúde no Brasil (1894-1934)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

quer que a figura em forma indelével a homenagem que reverentemente tributa ao sábio, ao patriota, ao grande Oswaldo Cruz, glória do Brasil e da América Latina. (SCOSERIA, 1929: 202)

Dessa maneira, as fotografias juntas a esses discursos funcionam como um dispositivo de memória institucional que exercem a função de preservar e divulgar os fatos ocorridos durante sua trajetória, nesse caso, reuniões e eventos comemorativos importantes para o IOC e a memória de seu diretor.

O último tipo fotográfico encontrado em menor incidência com apenas seis publicações, são as chamadas fotografias de retrato (*portraits*) dos médicos cientistas que acompanhavam o texto em necrológios e homenagem. Este gênero é conhecido como o mais popular dentre os gêneros de fotografia, desde os primórdios de sua invenção (LIMA, 1988:93-94).

As fotografias de retrato de cientistas são publicadas ao início do texto, seguida pelo texto em homenagem, que representa a identidade do cientista fotografado junto com suas contribuições a sociedade e comunidade científica. Para a historiadora Annateresa Fabris (2004:35), “o retrato fotográfico é uma afirmação pessoal, moldada pelo processo social no qual o indivíduo está inserido e do qual derivam as diferentes modalidades de representação”. Em geral, as fotografias de retrato representam o enquadramento de busto, meio corpo ou corpo inteiro, em que a pose funciona como uma atitude teatral inscrita em um sistema simbólico para o qual são importantes a gestualidade e vestimenta, por exemplo.

Segundo Fabris (2004:38), o retrato contribui para a afirmação moderna do indivíduo, à medida que participa da configuração de sua identidade como identidade social. Por isso, as fotografias de retrato destes médicos representam a sua identidade enquanto indivíduos e como personagens inseridos em um determinado meio social; por esta razão se encontram divulgados na efeméride textual como uma apresentação do indivíduo e seus feitos realizados no interior da comunidade em que estava inserido. As fotografias de retrato (*portraits*) de cientistas encontradas nas *Memórias*, portanto, demonstram uma estética teatralizada produzidas em estúdios e ligada à tradição de retratos pictóricos, em que elementos são articulados para situar visualmente o retratado em seu universo cultural, pessoal e coletivo (LIMA, 1988:114).

Contudo, as fotografias de doentes e manifestação de suas doenças, por sua vez, também podem ser consideradas fotografias de retrato, em virtude das mesmas características dos *portraits*, como o enquadramento do corpo e a teatralização. No entanto, estes registros possuem funções e formas diferentes de representar o sujeito. Sua principal função é a de acrescentar a informação visual sobre a doença e/ou lesão sofrida pelo paciente às observações clínicas a seu respeito. Estas fotografias foram publicadas nas *Memórias do IOC* em artigos

científicos, acrescidas por observações clínicas, na perspectiva frontal, de “antes” e “depois” do processo de tratamento e cura, e também como representação da doença e/ou lesão sofrida.

De acordo com Sekula (1992:346), o retrato fotográfico assumiu no século XIX, um sistema duplo de representação, que funciona de maneira honorífica, que seria a apresentação cerimonial do eu burguês, e a repressiva, que deriva dos imperativos da ilustração médica e anatômica. Em conformidade com esta dupla representação, Lacerda (2015) afirma que

No primeiro caso, temos a ascensão do mercado de produção de retratos nos estúdios fotográficos voltados para a nascente clientela burguesa. No segundo caso, temos a importante utilização dos retratos na profissionalização e padronização das áreas policiais e penais, por exemplo. Nesses espaços, completamente opostos nos seus objetivos, a composição formal dos retratos assume formas próprias, relacionadas, evidentemente, à finalidade de cada tipo de registro. (LACERDA, 2015 *apud* AZEVEDO, 2016:35)

Sendo assim, as fotografias de retrato publicados no IOC obedecem a esta dupla expressão em relação aos *portraits* dos médicos e dos doentes, atendendo cada uma a sua finalidade e elementos de construção.



Imagem 1.18 - Professor S. v. Prowazek. In: Professor S. v. Prowazek. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.7 nº1,1915.

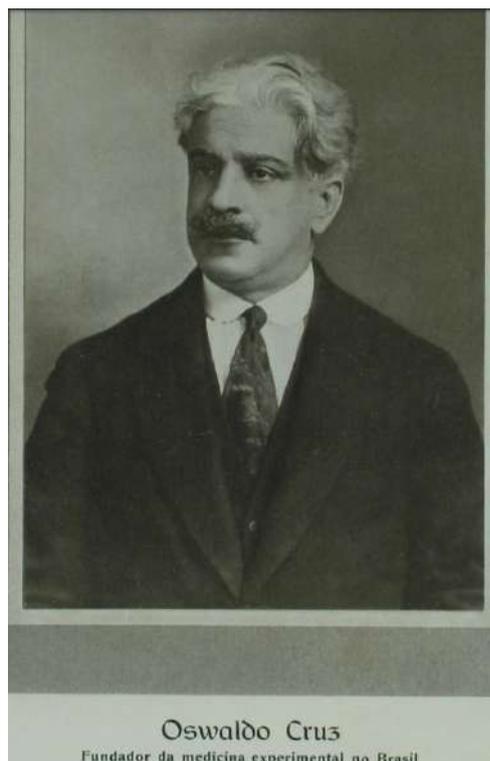


Imagem 1.19 - Oswaldo Cruz. In: CHAGAS, Carlos. Oswaldo Cruz. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.8 nº2,1916.

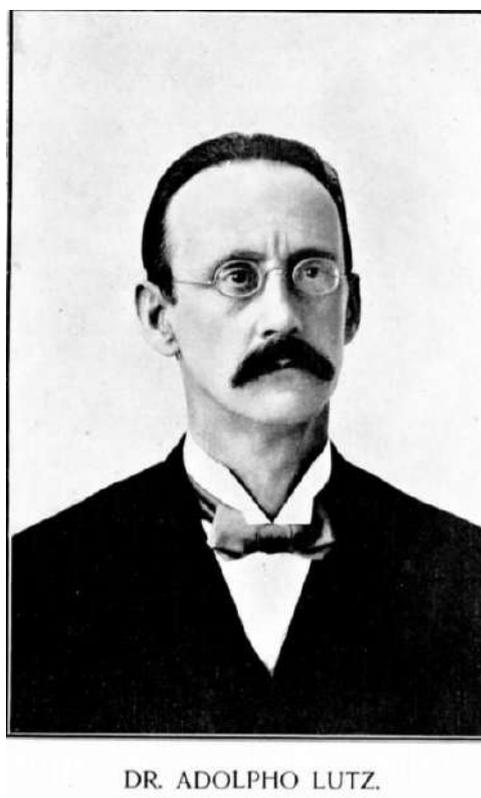


Imagem 1.20 - Adolpho Lutz. In: CHAGAS, Carlos. Adolpho Lutz. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, vol.18 nº1,1925.

O Dr. Von Prowanek é o único estrangeiro a ter sua fotografia publicada nas *Memórias* e ainda, o único fotografado de uma perspectiva ampliada, abrangendo a cintura pra cima, pose e postura bem demarcadas e o cenário constituído por mesa e cadeira. Os médicos brasileiros, por sua vez, são retratados do busto para cima. Oswaldo Cruz tem uma legenda abaixo de sua fotografia lhe concedendo um lugar social e profissional o de "fundador da medicina experimental no Brasil". Este necrológio a Oswaldo Cruz faz parte de uma extensa bibliografia de culto à memória do autor que contribuiu para a criação mítica de sua imagem. Segundo Azevedo (1995)

o movimento de culto à memória do cientista deu origem ao fenômeno de mitificação de Oswaldo Cruz. Esta ação, a princípio involuntária, decorrente do estado emocional provocado pela morte, evoluiu para um processo em que se pode notar um certo grau de intencionalidade no sentido de construir uma imagem perfeita do cientista, o que o tornou o símbolo da ciência brasileira. (AZEVEDO, 1995:70)

O Dr. Adolpho Lutz foi o único a receber homenagem ainda vivo, em comemoração aos seus 70 anos de idade. Os textos em homenagem a Cruz e Lutz foram os mais extensos publicados no periódico: o necrológio dedicado a Oswaldo Cruz foi composto por 10 páginas e a homenagem à Lutz por 23 páginas, ambos assinados pelo mesmo autor, Carlos Chagas, então diretor da instituição à época das duas publicações. De modo geral, é interessante notar que os três médicos homenageados não fixaram o olhar para a câmera, atribuindo aos seus retratos um certo sentido de superioridade, de hierarquização, ao contrário do que observamos em fotografias de doentes.

Além disso, todos os retratos de médicos receberam destaque especial ao serem publicados na primeira página do artigo e em página inteira. Notamos ainda, uma característica comum a todos os médicos retratados, os bigodes, que para a sociedade ocidental do século XIX e XX, eram símbolos que revelavam a importância do indivíduo e sua posição socioeconômica (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006: 120-12 *apud* SCHNEIDER, 2011:102-103).

Por fim, segundo o gráfico 3, as publicações nas *Memórias* que são acompanhadas, ao mesmo tempo, por desenhos e fotografias somam 65 publicações. Esse dado nos demonstra que embora o desenho tenha sido o recurso visual mais utilizado, não foi o único. Pelo contrário, é notável a convivência entre as diversas formas ilustrativas e cabe ressaltar que, mesmo após o aumento dos registros fotográficos o desenho jamais foi substituído. Como argumentou Fonseca (1974:128) “desenho, fotografia e cartografia são serviços complementares

indispensáveis em qualquer organização do tipo do Instituto Oswaldo Cruz. Às duas primeiras deram Oswaldo Cruz e seus sucessores mais próximos a maior atenção.”

Sendo assim, a utilização de ambos os recursos visuais está ligada ao propósito que se quer alcançar. O desenho realizava feitos não possíveis pela fotografia, como por exemplo, o uso das cores e maior detalhamento do objeto desenhado, enquanto que a fotografia trazia o estatuto de realidade à imagem produzida, de evidencia e prova, seja nos retratos, seja na fotomicrografia.

Em síntese, a ilustração científica é a materialização gráfica de um corpo de ideias de gênese científica, válidas à época e que traduz o modo como a Ciência vê ou compreende o mundo natural, passando no imediato a constituir informação com valor documental e arquivístico. Se, em regra geral, constitui complemento à informação escrita, assume por vezes a relevância de ser também suplemento em alguns outros documentos descritivos — principalmente porque é uma excelente ferramenta para revelar padrões repetitivos, ou regularidades que possam constituir modelos explicativos; numa forma ou doutra, faz parte integrante e indissociável do discurso científico, desde a sua gênese. (CORREIA, 2011:232-233)

* * *

Como vimos, o Instituto Oswaldo Cruz, foi criado com o intuito limitado de produzir soros e vacina contra a peste bubônica, e já nas primeiras décadas de existência, se constituiu como instituição científica de maior prestígio no Brasil, graças a sua autonomia administrativa e financeira em relação ao Estado e às atividades fundamentadas no tripé pesquisa, ensino e produção. Podemos perceber que o Instituto, esteve diretamente ligado à agenda de saúde pública, produzindo análises e realizando tratamento para as doenças existentes no território brasileiro, nas grandes cidades e no interior do país. Observamos também que o periódico criado pela instituição, funcionou como uma ferramenta de armazenamento e divulgação de suas pesquisas, nas quais as ilustrações científicas que acompanharam estes estudos, produzidas por desenhistas e fotógrafos profissionais distintos, conferiram a esse material uma expressão visual, aliando a “hermenêutica híbrida da leitura e visão” (DASTON, 2012). Nessa perspectiva, salientou Daston (2012:178) “no meio do caminho entre ler e observar, o estudo de imagens impressas vinculava as habilidades que tornavam os textos legíveis e a natureza inteligível.” Sendo assim, concluímos que a pesquisa, a observação e o registro estiveram lado a lado na produção de conhecimento e elementos imagéticos fabricados pelo IOC e publicados nas *Memórias*.

Capítulo 2 - A constituição de uma sociedade médica especializada em medicina mental

Neste segundo capítulo, nos dedicaremos a observar as representações visuais divulgada no primeiro periódico científico brasileiro especializado na medicina mental no início do século XX, buscando identificar e caracterizar os tipos fotográficos, seu contexto de produção, seus autores e as funções que estas imagens exerciam nesse veículo de comunicação científica. Investigaremos aqui o periódico *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*⁴⁸, criado em 1905, por Juliano Moreira⁴⁹ e Afrânio Peixoto⁵⁰ que, a partir de 1908, tornou-se veículo de divulgação da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (SBNPML) desde sua fundação em 1907, até a década de 1930. Para tanto, partiremos da análise de Cerqueira (2014; 2015; 2016) para apresentar brevemente a organização da referida associação científica e das especialidades que lhe dão nome, a fim de compreendermos a maneira pela qual o saber psiquiátrico era produzido e divulgado nos meios científicos e o estatuto das representações visuais nesta área científica.

De acordo com Ferreira, Maio e Azevedo (1998:476), as sociedades e academias eram, nos séculos XVI e XVIII as formas mais comuns de agrupamento científico, compostas "pelos interessados em trabalhar em prol do movimento científico", em outras palavras, por amantes da ciência, possuidores de conhecimentos gerais, cujo objetivo era " estimular os indivíduos a

⁴⁸*Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* (1905-1907); *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* (1908-1918); *Arquivos Brasileiros de Neuropatologia e Psiquiatria* (1919).

⁴⁹ Juliano Moreira (1873-1933) nasceu em Salvador (Bahia) em 6 de janeiro de 1873, mestiço e filho de pais pobres, ascendeu socialmente a partir de seus estudos médicos. Ingressou na Faculdade de medicina da Bahia aos 13 anos e se formou aos 18 anos, em 1891, defendendo a tese "*Sifilis maligna precoce*". Entre os anos de 1895 a 1902, viajou para a Europa para buscar tratamento para a tuberculose. Durante sua estada na Europa, frequentou cursos sobre doenças mentais e os principais asilos na Europa, países como Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Escócia. (ODA; DALGALARRONDO, 2000:178; VENANCIO; CARVALHAL, 2005:67)

⁵⁰ Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) nasceu em Lençóis (BA) no dia 17 de dezembro de 1876. Concluiu a Faculdade de Medicina da Bahia em 1897. Em 1902 tornou-se catedrático de medicina pública na Faculdade Livre de Direito de Salvador. Mudou-se em 1903 para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, onde se tornou inspetor sanitário da Saúde Pública e, no ano seguinte, diretor do Hospital Nacional de Alienados. Sempre no Rio de Janeiro, em 1906 tornou-se professor substituto das cadeiras de higiene e medicina legal da Faculdade de Medicina. De 1907 a 1911, dirigiu o Serviço Médico Legal da Polícia. Em 1910 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras na vaga de Euclides da Cunha e passou a ocupar a cadeira nº 7. Mais tarde, em 1923, tornou-se presidente da instituição. Assumiu a direção da Escola Normal em 1915, ano em que também se tornou professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi ainda diretor da Instrução Pública do Distrito Federal em 1916. Deputado federal pela Bahia de 1924 a 1930, tornou-se em 1932 professor de história da educação do Instituto do Rio de Janeiro. Em abril de 1935, ao ser criada a Universidade do Distrito Federal (UDF), foi nomeado reitor. Também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, professor emérito da Universidade do Brasil em 1942, membro da Academia de Ciências de Lisboa e do Instituto de Medicina Legal de Madri. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/julio-afranio-peixoto>

realizar pesquisas, recompensá-los pelos êxitos obtidos e facilitar a comunicação das atividades científicas existentes", além de servir como veículo de preocupações utilitárias. No entanto, segundo os autores, ao final do século XVII, as sociedades assumem o papel de uma organização profissional e restrita a especialistas. Ainda conforme os autores, a fundação de sociedades científicas respondia a diversos propósitos:

Aos propósitos civilizatórios da ciência somava-se seu caráter utilitarista; a ciência deveria estar a serviço da modernização do país. Além de assessorar os governos em várias matérias, e propaganda do ideário cientificista, as sociedades se converteram num espaço de institucionalização da ciência, estimulando debates científicos e divulgando o conhecimento através de publicações. Muitas vezes funcionavam como um grupo de pressão não apenas em relação à 'comunidade' científica, mas também ao poder político local. (FERREIRA; MAIO; AZEVEDO, 1998:477)

Em vista disso, o início do século XX, tornou-se favorável a criação de sociedades científicas, participantes do movimento em prol da modernidade e do progresso, que vivia o Rio de Janeiro, através das reformas urbanas que visavam o saneamento e remodelação da cidade, e no qual a ciência teve papel fundamental. Tal movimento iniciou-se durante o mandato de Rodrigues Alves, na presidência e a gestão de Pereira Passos como prefeito do Rio de Janeiro, ente 1902 e 1906. A fim de sanear, embelezar e ordenar a cidade, Passos implementou remodelação em diversos setores, principalmente na saúde pública – combatendo as doenças que acometiam a população carioca – e na estrutura urbanística, como o alargamento de avenidas para melhorar circulação de ar e maior rede de transportes (BENCHIMOL, 2003:259). Este contexto de modernização da cidade também é marcado pelo surgimento de especialização de algumas áreas da medicina (CERQUEIRA, 2014:38), como a psiquiatria e, em seguida, a neurologia.

A seguir apresentaremos a fundação, organização e especialidades da SBNPML, considerada a primeira sociedade científica brasileira especializada em medicina mental (CERQUEIRA, 2013; 2014; 2016).

2.1 Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: sua fundação e seus membros

No dia 17 de novembro, reunidos no salão da Academia de Medicina os cultores das especialidades acima mencionadas [neurologia, psiquiatria e medicina legal] deliberaram fundar a referida Sociedade. (ABPNCA, 1907:435)

O trecho acima narra a versão publicada em nota, em 1907, pelos redatores da revista *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* sobre a criação da SBNPML, cujo objetivo era não só lutar "em prol da maior difusão" dos referidos campos de conhecimento médico, como também "fazer uma grande propaganda em favor da melhora da sorte dos alienados e aqueles que a eles se dedicam" (ABPNML, 1907:435-437).

Entretanto, Cerqueira (2014:40-41) nos apresenta a partir de fonte jornalística, o jornal *Correio Paulistano*⁵¹, editado no dia 18/11/1907, uma reunião que teria sido realizada no dia anterior, na cidade do Rio de Janeiro, convocada pela comissão responsável pelo IV Congresso Médico Latino Americano, formada por Azevedo Sodré⁵², como presidente, Jacinto de Barros⁵³, José de Oliveira Botelho⁵⁴ e Álvaro Ramos⁵⁵, como secretário. De acordo com a autora, baseada na fonte citada, a reunião tinha como objetivo discutir questões referentes ao evento, como a aprovação de dezesseis artigos dos estatutos do congresso médico e de deliberações sobre o mesmo. Além disso, também foi decidido enviar ao presidente da República uma petição para que fosse construído um novo edifício para a Faculdade de Medicina e outra solicitação para o ministro do Interior, para que fossem proporcionados os meios para que "o congresso desempenhasse cabalmente sua missão". E, por fim, foi deliberada a fundação de uma sociedade de psiquiatria, neurologia e medicina legal (*Correio Paulistano*, 18/11/1907: 1 apud CERQUEIRA, 2014:41).

⁵¹ Lançado no dia 26 de junho de 1854 em São Paulo, tendo por fundador o proprietário da Tipografia Imparcial, Joaquim Roberto de Azevedo Marques e primeiro redator Pedro Taques de Almeida Alvim. Nascido como um órgão de imprensa liberal e independente, em 1874 quando comprado por Leôncio de Carvalho, assumiu um caráter conservador e dependente do poder político oficial da província de São Paulo, novamente adepto da trilha liberal, em 1882, abolicionista e republicana. O *Correio Paulistano* tornou-se mais uma vez oligárquico e conservador depois do advento da República, atingindo neste período sua maioridade e prestígio juntamente com o PRP (Partido Republicano Paulista), então dirigido pelos oligarcas paulistas Manuel Ferraz de Campos Sales, Prudente de Moraes, Antônio Prado e Francisco de Paula Rodrigues Alves, entre outros. O periódico deixou definitivamente de ser editado em meados do segundo semestre de 1963. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano> Acessado em: 29/01/2020

⁵² Antônio Augusto de Azevedo Sodré (1864-1929) nasceu na Fazenda Caboclo, em Maricá, Estado do Rio de Janeiro, formou-se em medicina pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, em 1885. Fundou a revista "Brasil Médico", que durante muitos anos foi o principal periódico médico do país, e que Azevedo Sodré dirigiu e orientou até a morte, durante quarenta e dois anos. Em 1894 conquistou a Cátedra de Patologia Interna e depois de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual foi diretor em 1911-1912. Foi eleito membro titular da Academia Nacional de Medicina, em 1898 e a presidiu de 1905 a 1907. Disponível em: http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=169

⁵³ Jacinto de Barros foi docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e em 1912 tornou-se médico legista da polícia do Distrito Federal. (FACCHINETTI, et.al., 2010:533)

⁵⁴ Não encontramos informações sobre este médico.

⁵⁵ Álvaro Porfírio de Andrade Ramos (1872-1921) nasceu no Rio de Janeiro, tornou-se doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1896. Integrou o quadro de profissionais de Cirurgia, tanto na geral quanto na ginecológica, no Hospício Nacional de Alienados entre 1903-1921. Disponível em: <http://www.anm.org.br>.

Dessa maneira, a apresentação da notícia publicada no *Correio Paulistano*, por Cerqueira (2014:57), demonstra que ao contrário da ideia implícita na nota do periódico da SBNPML, a reunião com a presença de médicos conceituados e iniciantes na carreira, não tinha como objetivo exclusivo fundar tal Sociedade, na verdade, a reunião tinha como finalidade principal preparar e organizar o IV Congresso Médico Latino-Americano.

Os Congressos Médico Latino-Americano tinham anexa a eles, a Exposição Internacional de Higiene e, faziam parte de um "circuito médico" inaugurado em 1901, no Chile, por iniciativa de corporações médicas do país. O segundo congresso aconteceu em Buenos Aires (1904), o terceiro em Montevideu (1907), o quarto no Rio de Janeiro (1909), o quinto em Lima (1913) e o sexto em Havana (1922) (ALMEIDA, 2006:742-744; CERQUEIRA, 2014: 42). De acordo com Almeida (2006), estes congressos tinham como objetivos:

estimular os estudos e investigações acerca das ciências médicas; possibilitar o exato conhecimento de todas as questões relacionadas com as ciências cuja resolução interessasse às nações latino americanas; favorecer a adoção de medidas uniformes para a defesa sanitária internacional, de acordo com os meios a seu alcance; criar e manter vínculos de solidariedade entre as instituições, associações e personalidades médicas da América Latina, fomentando o intercâmbio intelectual; e, ainda, garantir como exclusivamente científicos seus fins. (ALMEIDA, 2006:742)

As Exposições Internacionais de Higiene, por sua vez, tinham como objetivo principal, segundo seu regulamento, descrito por Almeida (2006:745), "apresentar ao público o mais completo conjunto de registros das atividades médico-sanitárias, incluindo instrumentos médicos, publicações, imagens, demonstrações e maquetes, enfim, uma parafernália material do universo da medicina e de áreas do saber relacionadas, como química, climatologia, farmácia, botânica, odontologia e engenharia sanitária."

Dentre os materiais consideravelmente utilizados na Exposição de Higiene realizada no Rio de Janeiro, em 1909, Almeida (2006:8-9) atribuiu destaque para as imagens fotográficas que foram levadas para o evento por diferentes instituições e referiam-se predominantemente aos espaços destinados à pesquisa médica, saúde pública e educação como, por exemplo, o IOC e o HNA. Nas palavras da autora (2006:8), "a fotografia era em si mesma, representação do progresso daqueles tempos", nesse sentido, as fotografias tinham como função comprovar e difundir o crescimento científico das instituições e a modernização das cidades.

Segundo a autora, a Exposição de Higiene contou com outros tipos de atrativos para os não interessados em artefatos médicos científicos e afastados do mundo do comércio, como diversões circenses, teatros, carrosséis, competições esportivas, parques de diversões,

restaurantes, uma organização incomum ao ambiente idealizado de uma exposição científica (ALMEIDA, 2006:745).

Além do IV Congresso Médico, o período de criação da Sociedade também contou com a realização de outra exposição, no ano anterior, em comemoração ao centenário da abertura dos portos ao comércio internacional, onde se pretendia apresentar o progresso do país nos últimos cem anos, com destaque para a capital recém saneada e urbanizada a partir das reformas realizadas⁵⁶. Dessa maneira, conforme salientado por Cerqueira (2014:46), esse contexto era favorável à implantação de instituições científicas, à medida em que era imprescindível abastecer o Rio de Janeiro, palco desses eventos, com o que fosse considerado "moderno" e "científico". Ao mesmo tempo, a autora defende que a criação desta instituição reforçava as iniciativas e trabalhos em prol da institucionalização da psiquiatria e neurologia e modernização da medicina legal. Portanto, a fundação institucional da Sociedade, em 1907, parece representar, segundo a autora:

uma resposta ao anseio pela ampliação e sistematização dos espaços de debate e de legitimação das três áreas do conhecimento médico a que se refere, frente à comunidade médica já estabelecida e a determinados setores da sociedade leiga, como o Estado. A Sociedade, enquanto instituição, teria maior força agregadora e mais meios de buscar a concretização das ideias e posicionamentos defendidos no periódico, pelo menos em tese. (CERQUEIRA, 2014:46)

No término da nota de fundação da Sociedade publicada nos *Arquivos Brasileiros*, foram listados trinta e um⁵⁷ médicos que compareceram à sessão inicial e outros onze⁵⁸ que enviaram cartas de adesão. Segundo o levantamento de Cerqueira (2014:48-49), este grupo de membros "fundadores" foi formado em sua maioria por médicos renomados e outros ainda em

⁵⁶ De acordo com Heizer (2008) e Pereira (2010), inaugurada no atual bairro da Urca, a exposição teve duração de três meses — 11 de agosto a 15 de novembro de 1908 — e recebeu milhares de visitantes. Em seu conjunto exibia um "inventário" do país, a partir de "vitrines do progresso" que apresentavam os "avanços" na indústria, comércio, infraestrutura urbana e outros setores. Todos os estados do país foram apresentados em pavilhões específicos, demonstrando seus avanços culturais e econômicos em álbuns, fotografias ou catálogos. Cabe dizer que esta exposição de 1908, fez parte de um circuito de exposições universais, isto é, eventos mundiais regulares existentes desde o meado do século XIX, em que os países sedes do evento demonstravam seus "progressos" e invenções.

⁵⁷ Azevedo Sodré, Miguel Couto, Nascimento Silva, Juliano Moreira, Fernandes Figueira, Carlos Eiras, Dias de Barros, Afrânio Peixoto, Miguel Pereira, Abreu Fialho, Álvaro Ramos, Carlos Seidl, Leitão da Cunha, Waldemar Schiller, Werneck Machado, Lucio de Oliveira, Chardinal, Braule Pinto, Bruno Lobo, Rocha Vaz, J. Botelho, Ulysses Vianna Filho, Diógenes Sampaio, Dantas Salles, Duque Estrada, Manuel Bonfim, Sampaio Corrêa, Epimacho, Jayme Gonçalves e Gastão Guimarães. (ABPNCA, 1907: 436) Como apontado por Cerqueira (2014:48), embora Henrique Roxo não tenha sido citado nesta lista, foi um dos responsáveis por elaborar o estatuto da Sociedade.

⁵⁸ A. José Souza Lima, Teixeira Brandão, Alfredo Britto, Marcio Nery, A. Austregésilo, Humberto Gotuzzo, Pinheiro Guimarães, Rego Barros, Domingos de Araújo, Suzano Brandão e Epaminondas Martins. (ABPNCA, 1907: 436)

início de carreira. Quarenta desses médicos eram membros efetivos, residentes e clínicos no Rio de Janeiro, e dois foram sócios correspondentes, identificados pela autora como Alfredo Thomé de Brito⁵⁹ e Jayme Gonçalves⁶⁰, respectivamente residentes na Bahia e em São Paulo. Cabe dizer que, dentre esses médicos fundadores, não identificamos os cientistas atuantes no Instituto Oswaldo Cruz. Todavia, estes foram encontrados ainda nos primeiros anos da Sociedade, entre os membros admitidos em 1908-1915, sendo eles: Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Arthur Moses⁶¹, Miguel Osório de Almeida⁶² e Gaspar Vianna⁶³.

Cerqueira (2014:49-50) classificou o grupo de membros fundadores em três subgrupos⁶⁴: iniciantes, estabelecidos e sênior, dividindo-os conforme o período de formação em medicina e faixa etária. Os "iniciantes"⁶⁵ eram aqueles recém formados em 1907, com faixa etária entre 20 e 30 anos e em seu primeiro emprego. Enquanto os "estabelecidos"⁶⁶ eram aqueles formados entre os anos de 1890 e 1903 e com idade entre 30 e 40 anos, portanto, recém

⁵⁹ Alfredo Thomé de Brito (1863- 1909) formou-se doutor no ano de 1885, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1888, por concurso, tornou-se Adjunto da 1ª cadeira de Clínica Médica. Lente Substituto da 7ª seção, em 1891, tornou-se Catedrático de Clínica Propedêutica em 1893. Entre 1901-1908 atuou como diretor da referida Faculdade.

⁶⁰ Jayme Gonçalves era recém-formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e ex-interno do Hospício Nacional de Alienados, que em 1908 muda-se para o estado de São Paulo. (CERQUEIRA, 2014:48)

⁶¹ Arthur Moses (1886-1967) formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1908. Foi assistente no Instituto Oswaldo Cruz no período entre 1908 e 1917, biólogo do Ministério da Agricultura, a partir de 1917 e membro titular da Academia Brasileira de Ciências, cuja presidência ocupou por vários mandatos eletivos. Moses publicou mais de uma centena de trabalhos em revistas nacionais e internacionais. Disponível em: <http://www.ioc.fiocruz.br/pages/personalidades/ArthurMoses.htm> Acessado em: 03/02/2020.

⁶² Miguel Osório de Almeida (1890-1953) iniciou sua formação na área de engenharia, no curso anexo da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, e em 1911 doutorou-se em medicina na Faculdade de Medicina da mesma cidade. Nesta instituição desenvolveu grande parte de sua carreira docente, como livre-docente de fisiologia, de higiene e de fisiocbiológica. Seus estudos no campo da fisiologia foram desenvolvidos especialmente a partir de 1919, quando foi contratado como assistente da Seção de Fisiologia do então Instituto Oswaldo Cruz. (FONSECA; MAIO, 2004: 460-461)

⁶³ Gaspar de Oliveira Vianna (1885-1914) Nascido em Belém, iniciou seus estudos no Pará, onde obteve o grau de bacharel em ciências e letras e o título de agrimensor. Mudou-se para o Rio de Janeiro a fim de estudar medicina. Ao término do curso apresentou a tese intitulada "Estrutura da célula de Schwann nos vertebrados", doutorou-se em 1909. Neste ano, Oswaldo Cruz convidou-o para assumir a direção da Seção de Anatomia Patológica do Instituto de Manguinhos. Em 1913, conquistou o título de livre docente em Anatomia Patológica, na Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=188&sid=58>

⁶⁴ A autora elabora tabelas sobre os membros da Sociedade, identificando sua especialidade, participação nas sessões da SBNPML. Ver anexos de CERQUEIRA, E. A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933). Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro: COC – Fiocruz, 2014.

⁶⁵ Neste grupo, a autora classificou os seguintes médicos: Bruno A. da Silva Lobo, Carlos Mattoso Sampaio Corrêa, Diógenes de Almeida Sampaio, Gastão de O. Guimarães, Jayme Gonçalves, Miguel D. Salles, Henrique D. Duque Estrada e Ulysses M. P. Vianna Filho. (2014:49)

⁶⁶ A autora incluiu neste grupo Alvaro A. Ramos, Antônio Austregésilo, Carlos P. Seidl, Francisco Pinheiro Guimarães, Henrique Rôxo, Humberto N. Gotuzzo, J. Antônio de Abreu Fialho, Juliano Moreira, Júlio Afrânio Peixoto, Juvenil da Rocha Vaz, Miguel Pereira, Raul Leitão da Cunha e Waldemar da Ponte R. Schiller. (2014:49-50)

estabelecidos na carreira. Já os considerados "sênior"⁶⁷ foram aqueles com faixa etária acima de 40 anos, formados em medicina entre os anos 1860 e 1895, que já ocupavam cargos de destaque em suas áreas de atuação. Cerqueira (2014:196-197; 2016:58-59) elabora uma tabela⁶⁸ que classifica tais membros por especialidades, cargo e status profissional, qualificados dentro dos critérios de organização dos mencionados subgrupos definidos pela autora.

De acordo com Cerqueira (2014:50; 2016:60), a maioria dos fundadores pertencia ao último grupo, o sênior, atribuindo a SBNPML, portanto, "um caráter de respeitabilidade e reconhecimento dentro da área médica", emprestando o seu prestígio e influência para a constituição da Sociedade. Além disso, de acordo com a análise da autora, desses membros, oito eram generalistas, dezesseis eram da área da psiquiatria; um era da neurologia, oito da medicina legal e ainda, membros que não atendiam as especialidades da Sociedade, mas atuavam em instituições como o Hospício Nacional de Alienados e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (CERQUEIRA, 2014:49; 2016:58).

Ainda de acordo com a autora (2016:60), nos anos seguintes a fundação da Sociedade, formou-se um pequeno grupo de sócios fundadores que efetivamente participavam das reuniões da instituição e decidiam seu destino enquanto membros da sua diretoria⁶⁹. Estes pertenciam principalmente ao grupo dos "estabelecidos", com apoio de alguns dos fundadores "iniciantes" e também de sócios admitidos ao longo das décadas seguintes. Ressalta-se que, do ano de sua fundação até 1933, a direção da Sociedade manteve-se centralizada em Juliano Moreira, eleito seu presidente perpétuo desde 1914.

⁶⁷ Neste grupo encontramos A. Epimacho C. de Albuquerque, Agostinho J. de Souza Lima, Alfredo T. de Britto, Antônio A. de Azevedo Sodré, Antônio Dias de Barros, Antônio Fernandes Figueira, Aureliano V. Werneck Machado, Carlos Fernandes Eiras, Domingos L. da Silva Araújo, Epaminondas de Moraes Martins, Ernesto Nascimento Silva, João C. Teixeira Brandão, José Chardinal Arpenans, José S. de L. Braule Pinto, Lúcio J. de Oliveira, Manoel Bomfim, Manoel C. do Rego Barros, Marcio F. Nery e Miguel de O. Couto. (2014:50)

⁶⁸ Ver anexo 1 de Ede Cerqueira (2014:196-197; 2016:58-59).

⁶⁹ Entre 1909 a 1924, a diretoria da Sociedade foi composta por um presidente, um vice-presidente, secretário geral, primeiro secretário, segundo secretário e um tesoureiro. Após a reforma estatutária de 1923, que entrou em vigor somente em 1925, a diretoria passou a contar também com os cargos de primeiro e segundo vice-presidente e de mais um segundo secretário (CERQUEIRA, 2014: 73). Para conhecer os ocupantes desses cargos, entre 1908 a 1933, ver anexo 4, tabela 4 da dissertação de Ede Cerqueira (2014: 208-212).

2.1.1 Organização da Sociedade: estatutos

Na mesma ocasião de fundação da Sociedade, os médicos Afrânio Peixoto, Henrique Roxo⁷⁰ e Carlos Eiras⁷¹ por determinação de Juliano Moreira, foram designados a elaborarem o seu estatuto⁷² (ABPNCA, 1907:436; AMARANTE, 2004:18; CERQUEIRA, 2013, s/p). Conforme aponta Cerqueira (2014:38), estes estatutos⁷³ passaram por algumas reformas em 1915, em 1919, quando novos estatutos foram aprovados, e em 1923. Este último, conforme Cerqueira (2014:73), somente entrou em vigor em 1925. Com tais reformas estatutárias, podemos identificar como principais mudanças na entidade: o processo de admissão dos membros, o aumento no número de sócios e a organização das comissões destinadas a cada área de estudo.

Em conformidade com seu estatuto, a Sociedade era composta por membros efetivos, correspondentes e honorários. De acordo com Cerqueira (2014:51), entre 1908 e 1915 para se tornar sócio da Sociedade era necessário que um membro efetivo fizesse a indicação do nome do candidato à vaga e que este fosse eleito por maioria simples dos presentes, sem a necessidade de apresentação de trabalho escrito ou memorial. No entanto, a partir de 1914, segundo a autora (2014:52), as indicações de novos sócios, feitas diretamente por um único membro efetivo, começaram a ficar escassas, e a aprovação “unânime” passava ser o critério adotado para admissão na Sociedade.

Contudo, com a reforma no estatuto de 1919 novos requisitos foram implementados para a admissão de membros. Os membros efetivos e os correspondentes deveriam atender, ao

⁷⁰ Henrique de Brito Belford Roxo (1877-1969) tornou-se doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ) em 1900, com a tese intitulada *Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados* orientada por João Carlos Teixeira Brandão (1854–1921). De 1904 a 1907, substituiu seu orientador, Teixeira Brandão, na direção do Pavilhão de Observações do Hospital Nacional de Alienados. Em 1919, era professor substituto das Clínicas Neurológica e Psiquiátrica, tornando-se professor catedrático de psiquiatria em 1921 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mesmo ano em que publicou sua obra mais conhecida intitulada *Manual de Psiquiatria*. Foi o primeiro diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil – IPUB (1938-1946) e sua gestão foi marcada pela defesa de uma ciência psiquiátrica. Foi eleito membro titular da Academia Nacional de Medicina em 1922, apresentando a memória *Conceito clínico das parafrenias*. (VENANCIO, 2012: 32; MATHIAS, 2017:14-15; http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=376)

⁷¹ Carlos Fernandes Eiras (1855-1932) formou-se em medicina em 1877 pela FMRJ, defendendo a tese das Indicações e Contra Indicações da Hydrotherapia no Tratamento das Moléstias do Sistema Nervoso. Filho de Manoel Joaquim Fernandes Eiras e irmão de Francisco Fernandes Eiras administrou a Casa de Saúde Dr. Eiras no período de 1889 a 1920, depois da morte de seu pai. (PICCININI, 2008: s/p). Carlos Eiras foi um dos que contribuíram para a institucionalização da Policlínica Botafogo. (MATSUMOTO, 2018: 49)

⁷² Todavia, assim como sucedido com Cerqueira (2014:61), não identificamos em nosso levantamento, a publicação dos primeiros estatutos desta Sociedade. Encontramos apenas os estatutos de 1919 e de 1923.

⁷³ Determinavam assuntos organizacionais da própria entidade, como: admissão dos membros, os deveres dos diferentes cargos da diretoria, as sessões da Sociedade, comissões seccionais, dos congressos brasileiros de neurologia, psiquiatria e medicina legal e outros.

menos, uma dessas condições, a saber: ter seus "trabalhos publicados sobre as especialidades ou ciências affins", ter "exercido cargos oficiais ou hospitalares que se relacionem com as mesmas", "ter sido interno nas clinicas psiquiátricas," "haver sido proposto por pelo menos 3 membros efetivos, e aceito por maioria absoluta," "residir na capital para participar das sessões," "ser formado em medicina ou habilitado por uma das faculdades do país," e por fim, "na ausência destes requisitos ser pessoa de notório saber nas especialidade que dão nome a sociedade" (ABNP, 1920:59).

Os membros correspondentes, por sua vez, eram provenientes de diversos estados brasileiros, como Porto Alegre, São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Amazonas e Rio Grande do Sul, e ainda, de cidades estrangeiras como Paris e Buenos Aires. Segundo o estatuto, estes poderiam se tornar membros efetivos, desde que atendesse aos outros requisitos, já mencionados, e vaga disponível. Eram ao todo, trinta e dois nomes (ABNP, 1920:60).

De acordo com Cerqueira (2014:54), desde 1909 os sócios efetivos organizavam-se em comissões ou seções dentro da entidade, conforme a área de interesse de cada um – psiquiatria, neurologia ou medicina legal – e os representantes de cada comissão eram escolhidos anualmente, junto com os membros da diretoria. Para cada comissão eram eleitos três representantes até 1915, quando a reforma no estatuto da Sociedade determinou o aumento para cinco sócios. Após o estatuto de 1919, mais um membro foi incluído em cada comissão. Com a reforma deste estatuto em 1923, mais duas comissões foram criadas, a saber: Assistência profilática e curativa das Neuro-Psicopatias, de Psicologia e de Biologia aplicadas à Neuro-psiquiatria (ABNP, 1924:239-255).

Cabe dizer que, o número de membros efetivos era de no máximo oitenta membros e o número máximo para correspondentes e honorários era de cinquenta. Ao final da publicação do estatuto de 1919, foi anexada uma lista com o nome e cargo de cada membro. Eram ao todo, setenta e dois membros efetivos. Já com a reforma de 1923, o número possível de sócios efetivos aumentou para no máximo cem.

Já para os membros honorários, poderiam ser colaboradores nacionais e estrangeiros, “de notória reputação científica” desde que fosse apresentada “uma proposta assinada por 13 membros efetivos e acompanhada da justificação dos títulos e méritos propostos”. Os membros efetivos também poderiam se tornar membros honorários, após completarem vinte anos como membros e se fossem reconhecidos pela Sociedade como dignos, por proposta em votação (ABNP, 1920: 61; CERQUEIRA, 2014:53). Segundo Cerqueira (2014:58-59), o número de membros na categoria honorários e correspondentes tiveram fases de crescimento e redução, entre 1908-1930.

No que concerne as sessões da Sociedade, eram divididas em ordinárias, extraordinárias e solenes. De acordo com seu estatuto (ABNP, 1920:63-64), as sessões ordinárias eram realizadas semanal ou quinzenalmente, enquanto que as sessões extraordinárias e solenes eram realizadas quando julgadas necessárias por convocação do presidente ou requerimento justificado por, pelo menos, cinco membros efetivos. Cumpre-se dizer que, para a realização das sessões extraordinárias e ordinárias deveriam estar presentes, pelo menos sete sócios, dos quais no mínimo, cinco deveriam ser efetivos.

Em geral, estas sessões são divididas em duas partes, a primeira subdivida em cinco passos: "leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior, apresentação do expediente, indicações e requerimento a respeito do mesmo, necrológio de sócios e de suas individualidades de destaque na ciência médica, quer nacionais, quer estrangeiros, procedimento de eleição para uma vaga eventual do correr do ano, recepção de novos associados." Enquanto na segunda parte deveria haver "continuação da discussão e votação de matéria científica que não tiver sido encerrada na sessão anterior, comunicações verbais e escritas com ou sem apresentações de doentes, discussões da mesma à medida que forem apresentadas, apresentações, justificações e discussão de moções, indicações, votos de pesar, louvor, etc" (ABNP, 1920:64-65).

Tais sessões aconteciam em diferentes instituições, à medida que a SBNPML não tinha uma sede física própria e esta situação era prevista no artigo 3º em seu estatuto de 1919:

A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal terá por sede a Capital da República e realizará suas sessões no Hospital Nacional de Alienados, nas Colônias de Alienados, na Santa Casa de Misericórdia, nas Clínicas Neurológica e Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no Gabinete Médico Legal do Distrito Federal e em qualquer hospital, gabinete, clínica ou instituto que se ligue às especialidades que lhe dão o nome, desde que obtido dos seus diretores e chefes o necessário consentimento e enquanto não tiver uma sede social (ABNP, 1920:58).

A ausência de uma sede própria justifica as constantes realizações de suas sessões no Hospital Nacional de Alienados. Em parte, a realização das sessões no HNA, também era devida às apresentações dos pacientes do referido Hospital nessas ocasiões, como previsto em estatuto, para que fosse posto em discussão o caso clínico do paciente. A ausência de uma sede própria, segundo Cerqueira (2014:64), demonstra dois aspectos contraditórios: poderia tratar-se de uma “estratégia de divulgação e legitimação da Sociedade, enquanto instituição médica especializada e científica, frente a outras instituições”. Contudo, apresentava também a “dificuldade em concretizar este movimento de legitimação das áreas da “medicina mental” que a compunham” como a psiquiatria e a neurologia, que estavam se consolidando como especialidades. Além disso, de acordo com Cerqueira (2014:64) a ausência de uma sede própria

evidencia as limitações financeiras da SBNPML, à medida que não ter um local próprio significava, provavelmente, não ter como arcar nem com as despesas do aluguel ou com a compra de algum imóvel.

Apesar de ter havido reformas nos estatutos da Sociedade ao longo dos anos, os quatro fins a que se destina permaneceram os mesmos, a saber: "Concorrer para o desenvolvimento e progresso das especialidades que lhe dão nome; Apurar a contribuição nacional a estas especialidades, dando-lhes divulgação e realce nos círculos científicos nacionais e estrangeiros; Estudar e propagar recursos profiláticos contra o aparecimento e disseminação dos distúrbios mentais; Interessar-se pela sorte dos alienados e nervosos do país, cuidando em especial das suas questões médico-legais e influindo por todos os meios ao seu alcance para perfeição dos processos de bem assisti-los" (ABNP, 1920:329; ABNP,1924:209).

2.1.2 Especialidades

As especialidades que deram nome a esta Sociedade eram disciplinas ligadas à medicina mental, que no início do século XX, como apontou Cerqueira (2014:77), estavam em processo de constituição e institucionalização enquanto especialidades do saber médico e, para isso, buscavam demarcar entre si as fronteiras de seus objetos de estudo, estabelecendo elementos que as definissem enquanto especialidades autônomas.

No que tange a disciplina da medicina legal — disciplina mais antiga que a neurologia e psiquiatria —, Maio (1995:231) defende que esta especialidade com toda sua bagagem instrumental de aferição e classificação, através da craniometria, da antropometria e da frenologia, ofereceu a mediação técnica e empírica que outras áreas mais gerais do saber médico não possuíam em seu tempo. Portanto, a medicina legal se constituiu no século XIX, na França, como "a primeira especialidade médica digna desse nome"⁷⁴.

No Brasil, a cadeira de medicina legal foi criada no período de reformas de ensino superior nas Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia em Faculdades de Medicina, em 1832, que estabeleceu um programa de ensino de natureza teórica. De acordo com Maio (1995: 231-232), até o final do século XIX a cadeira de medicina legal não gozava

⁷⁴ DARMON, Pierre. Médicos e Assassinos na Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, pp.231-232 *apud* MAIO, M. C. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica. Cad. Saúde Públ. Rio de Janeiro, 11 (2): 226-237, abr/jun, 1995.

de prestígio. Não muito diferente de outras matérias, seu ensino buscava um caráter mais prático, segundo Cerqueira (2015:643), baseando-se nos ideais de desenvolvimento de uma “medicina experimental” no Brasil.

Em 1881, com a reforma promovida no ensino da medicina legal, o curso de Direito passou a adotar a disciplina como obrigatória e o ensino passou a exercer um curso prático em casos de clínica forense da Polícia. No ano seguinte, uma nova reforma ampliou o quadro técnico e além do lente catedrático, do adjunto, do preparador, do ajudante de preparador, deu ao laboratório um conservador e um servente. Em 1895, uma reforma das Faculdades de Direito uniu as cadeiras de Higiene e de Medicina Legal em uma única, a de Medicina Pública (MAIO, 1995:232; CERQUEIRA, 2015: 643).

Após anos em busca de “modernização” do serviço médico-legal, no Brasil, com o decreto nº 6440 de 30 de março de 1907, o regulamento do serviço policial da capital foi reorganizado e criado o Serviço Médico-Legal da Polícia, de forma autônoma do Serviço da Polícia, sendo dirigido por Afrânio Peixoto. Em 1913, Peixoto se tornou professor de Medicina Pública na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, devido a sua reputação consolidada, sem precisar prestar concurso. Em 1917, Peixoto juntamente com Aloysio de Castro criou o primeiro curso de especialização em Medicina Pública (medicina legal e higiene) baseado em programas de cursos periciais e sanitários da Europa (MAIO, 1994:77-78).

Num período em que a ciência tornou-se uma fonte preciosa para a legitimação das análises sobre o social, a medicina legal no Brasil foi uma das primeiras disciplinas a conquistar um espaço institucional próprio e a demarcar a atuação de um profissional adequado: o perito. (MAIO, 1995:232)

Quanto a neurologia no Brasil, Cerqueira (2014:78) afirma que os primeiros anos da história neurologia se confundem com a história da própria psiquiatria, ou da neuropatologia, disciplinas científicas frequentemente relacionadas aos estudos sobre doenças mentais e moléstias nervosas. De acordo com Teive e Gomes (2012:12) o primeiro livro brasileiro inteiramente dedicado à neurologia foi *Lições sobre as moléstias do systema nervoso feitas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, assinado por João Vicente Torres Homem, em 1878. Alguns anos depois, em 1882, em Paris, foi criada a cadeira de neurologia empossada por Jean Martin Charcot (1825-1893). No Brasil, a cadeira de neurologia foi criada somente em 1912 e assumida por Antônio Austregésilo (1876-1960), considerado pioneiro da neurologia brasileira. (TEIVE, et.al, 1999:898) Segundo Cerqueira (2014:78), ainda em 1912, o estudo das moléstias nervosas foi desvinculado da cadeira de psiquiatria e surgiu a cadeira de doenças do sistema nervoso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, também denominada de clínica neurológica.

Segundo Teive e Gomes (2012:19), o principal berço da neurologia brasileira se deu principalmente no Hospício Nacional de Alienados, a medida em que nessa instituição trabalhavam os principais incentivadores desta disciplina, como Juliano Moreira e Antônio Austregésilo, e também, devido à aplicação prática dos estudos neurológicos por meio de laboratórios presente na instituição.

No que diz respeito a psiquiatria, segundo Neves (2008:24), este termo apareceu pela primeira vez em 1808, com médico alemão Johann Christian Reil (1759-1813), contudo, é Philippe Pinel (1745-1826) quem comumente é considerado como fundador desse campo, devido ao seu *Tratado médico-filósofico da alienação da alma ou mania* (1801) e seu trabalho como diretor de Bicêtre (1793) e Salpêtrière (1795). No Brasil, o decreto nº 8.024 de 1881, que ampliava a Reforma Leôncio de Carvalho, aprovada desde o ano de 1879⁷⁵, foi responsável pela criação da cadeira de clínica psiquiátrica e moléstias mentais, em um contexto de reformas no ensino médico em prol das especialidades⁷⁶ (VENANCIO, 2003: 887; CERQUEIRA, 2014: 77-78).

Nuno de Andrade⁷⁷ (1851-1922) foi nomeado lente interino da cadeira de psiquiatria, e três meses depois, assumia a direção geral do Hospício de Pedro II, função que exerceu entre 1881 e 1882. Durante sua gestão, Andrade entrou em confronto com a administração da Santa Casa de Misericórdia ao propor a separação do Hospício da Santa Casa. Com este período de crise administrativa, Nuno de Andrade foi demitido da direção do hospício e da cátedra de moléstias mentais, sendo substituído por Souza Lima⁷⁸ (TEIXEIRA; RAMOS, 2012:370-371). De acordo com Venancio (2003:887), com a lei 3141 de 1882, foi designado que se realizasse concurso público para a cátedra de psiquiatria na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,

⁷⁵ O decreto o nº 7247, de 19 de abril de 1879 trata-se da Reforma Leôncio de Carvalho, que reorganizou o ensino no Império, aumentando o número de disciplinas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dentre elas, a de psiquiatria (TEIXEIRA; RAMOS, 2012: 370).

⁷⁶ Este decreto também foi responsável por criar as cadeiras de zoologia e anatomia comparada; a de fisiologia patológica e patologia experimental; moléstias cutâneas e sífilíticas; a de cirurgia dentaria; a de clínica oftalmológica; a de clinica medica de crianças, passando a clínica cirúrgica de adultos a formar com a clínica cirúrgica de crianças e as clinicas obstétrica e ginecológica. (BRASIL, 1881: art 35)

⁷⁷ Nuno Ferreira de Andrade (1851-1922) nascido no Rio de Janeiro, tornou-se doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1875, defendendo a tese *Do diagnóstico e do tratamento das nevroses viscerais*. Foi eleito membro titular da Academia Imperial de Medicina, em 1876, apresentando memória intitulada *Da natureza e do diagnóstico da alienação mental*. Foi Presidente da Academia Nacional de Medicina de 1901 a 1903 e tornou-se emérito em 1907. Disponível em: http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=594

⁷⁸ Agostinho José de Souza Lima (1842-1921) nasceu em Cuiabá, estado do Mato Grosso, doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1864, defendendo a tese intitulada *Qual a natureza e o tratamento das urinas vulgarmente chamadas leitosas ou quilúria?* Foi Professor Catedrático de Medicina Legal e Toxicologia na mesma faculdade, entre 1877 e 1912 e professor de Medicina Pública na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro entre 1902 e 1916. Disponível em: http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=130

portanto, no ano seguinte, em 1883, o jovem alienista João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921)⁷⁹, de apenas 29 anos, foi empossado. Em 1887, Brandão tornou-se também diretor do hospício, permanecendo no cargo por dez anos.

Teixeira Brandão, em 1907, conceituou a psiquiatria como “uma ciência que estuda as perturbações mórbidas da atividade física, as causas que as determinam e os meios de corrigi-las. Síntese dos conhecimentos médicos, pois todos entram na solução do problema da influência que exerce o físico sobre o moral e deste sobre aquele, a psiquiatria prende-se também as ciências sociais e morais” (BRANDÃO, 1907:157).

A partir dessa definição, fica evidente os preceitos do alienismo francês, seguido por Teixeira e Henrique Roxo, seu discípulo. A grosso modo, o alienismo francês é baseado segundo os paradigmas do tratamento físico-moral, no qual, a loucura passa a ser entendida como uma afecção médica provocada pela combinação de causas físicas e morais (TEIXEIRA; RAMOS, 2012:367). Tal perspectiva foi baseada em autores como Philippe Pinel (1745-1846), Jean Etienne Dominique Esquirol (1772-1840), Bénédict Augustin Morel (1809-1873) entre outros.

Nesse sentido, pode-se dizer que a assistência aos alienados, no Brasil, seguiu em duas direções⁸⁰, em meados do século XIX e início do XX: o modelo francês, "em que a ciência e a assistência pública andavam de mãos dadas" e o modelo alemão, no qual a ciência psiquiátrica se afastou da assistência e passou a ser exercida em laboratórios (VENANCIO, 2003:884).

⁷⁹ João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921) nasceu em São João Marcos, no Rio de Janeiro, graduou-se no Colégio Imperial Dom Pedro II, onde se formou em Ciências e literatura. Em 1872, se matriculou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e se formou em 1877, depois de defender sua tese em cirurgia intitulada “Operações exigido pelo estreitamento da uretra.” Em 1883, tornou-se o primeiro titular aprovado por concurso público para a cátedra de professor de clínica psiquiátrica e moléstias mentais da Faculdade de Medicina. Em 1884, Teixeira Brandão começa a trabalhar como alienista no Hospício e três anos depois assume o cargo de diretor da instituição. Em 1897, Teixeira Brandão deixou a direção do hospício e, conseqüentemente, a do Pavilhão de Observação, assim como a direção da Assistência Médico-Legal de Alienados e a cátedra de professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina, passando a dedicar-se à carreira política. (VENANCIO, 2003:889; TEIXEIRA, 2008: s/p)

⁸⁰ Como expressão da existência desta tensão entre perspectivas teóricas diferenciadas no campo da psiquiatria, no início do século XX, citamos o evento da criação de uma classificação psiquiátrica brasileira. Em 1908, em reunião da SBNPML, o membro Antônio Austregésilo propôs a formação de uma comissão a fim de elaborar uma classificação psiquiátrica brasileira que servisse de base para a coleta dos dados referentes as moléstias mentais nos manicômios existentes. (VENANCIO; CARVALHAL, 2001:151) Cerqueira (2014:65) salientou que na ocasião, Henrique Roxo considerou impossível a realização deste feito, “dada a divergência de base de cada classificação”. No entanto, a ideia foi aprovada pela maioria dos membros da Sociedade e a comissão foi formada por: Juliano Moreira, Carlos Eiras, Ulysses Vianna Filho, Afrânio Peixoto, Henrique Rôxo e A. Austregésilo. Tal classificação foi composta por catorze grupos de doenças mentais, categorizadas sob a influência das ideias kraepelinianas, que compreendiam as manifestações psicopatológicas como universais e que, portanto, as classificações europeias poderiam servir de modelo para a brasileira. (VENANCIO; CARVALHAL, 2001:153-154)

A segunda direção foi, certamente, difundida e estimulada por Juliano Moreira⁸¹ (VENANCIO; CARVALHAL, 2005) ao contrário de Teixeira Brandão que fundamentava-se no alienismo francês. Por isso, Moreira é comumente apresentado por parte da historiografia como “fundador” da psiquiatria científica no Brasil e principal divulgador da teoria e prática da medicina alemã no país. Foi diretor no Hospício Nacional de Alienados entre os anos de 1903 a 1930, ao mesmo tempo em que esteve na presidência da SBNPML. De acordo com Oda e Dalgalarondo (2000:178), apesar de Moreira não ser professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,

aglutinou ao seu redor médicos que viriam a ser, eles também, organizadores ou fundadores na medicina brasileira, de diversas especialidades: neurologia, psiquiatria, clínica médica, patologia clínica, anatomia patológica, pediatria e medicina legal, tais como Afrânio Peixoto, Antônio Austregésilo, Franco da Rocha, Ulisses Viana, Henrique Roxo, Fernandes Figueira, Miguel Pereira, Gustavo Riedel e Heitor Carrilho, entre outros. (ODA; DALGALARRONDO, 2000:178)

Conforme Facchinetti e Muñoz (2013:246), como grande propagador da teoria kraepeliana e epicentro da articulação entre diversos psiquiatras no Brasil e médicos de língua alemã é que Juliano estabeleceu as reformas na assistência, criou colônias de alienados, fez reformas estruturais no Hospício Nacional e expandiu a psiquiatria alemã em solo brasileiro.

Seguindo-se a teoria kraepeliniana, passava-se a privilegiar e consolidar o interesse pelas relações causais entre distúrbios somáticos e conseqüências mentais, procurando sistematizar as entidades mórbidas mentais, a exemplo das orgânicas, para efeito das classificações nosográficas. Era uma retomada da psiquiatria pela própria psiquiatria, viabilizada pela esperança nas pesquisas na área da anatomia patológica que respaldava o modelo da observação clínica. (VENANCIO, 2003:890)

Portanto, como mostra Venancio (2003:890), a ciência psiquiátrica que se sobressaiu foi a comandada por Juliano Moreira do interior do asilo e das sociedades de tipo científico e filantrópico. Nesse sentido, podemos dizer que, nas primeiras décadas do século XX, o saber psiquiátrico era produzido pelas sociedades científicas e pelo próprio HNA.

No interior da SBNPML, segundo Cerqueira (2016:60), contudo, o processo para o reconhecimento da psiquiatria, neurologia e medicina legal, como áreas independentes, não foi “rápido, uniforme ou linear”. Conforme a autora, a entidade acompanhou esse processo, de

⁸¹ Em sua trajetória, pode-se encontrar uma intensa participação em congressos nacionais e internacionais, na Europa e no Japão, e uma produção bibliográfica acerca de diversas especialidades como sífilografia, dermatologia, infectologia, anatomia patológica e doenças mentais e nervosas. Moreira foi membro de diversas sociedades científicas no Brasil e no mundo, e ainda, foi responsável pela fundação alguns periódicos científicos em conjunto com outros médicos. (ODA; DALGALARRONDO, 2000:179; NEVES, 2008:117-118)

modo que a autora identificou oscilações na forma como os membros definiam suas áreas de atuação e o objeto de estudo de cada especialidade. Ela apresenta como exemplo desse processo a dubiedade na forma como o termo “alienista” e “psiquiatra” foram empregados durante o primeiro período de existência da Sociedade (1907-1915). Ainda de acordo com Cerqueira (2016:60-61), o termo “alienista”, era usado de maneira dupla: de um lado era mencionado de forma ampla e indiscriminada, abrangendo também os estudiosos do sistema nervoso; de outro lado, os sócios da SBNPML “procuravam estabelecer uma diferenciação entre os alienistas, enquanto médicos que tratavam das doenças mentais estudadas pela psiquiatria; os neurologistas, enquanto médicos que estudavam e tratavam das moléstias relacionadas ao sistema nervoso, e os médicos legistas, como encarregados das perícias médicas.”

Segundo a autora (2016:61) os termos “psiquiatra” e “neuriatra” foram empregados apenas a partir de 1913 a fim de especificar a especialidade a que se dedicava prioritariamente cada médico. Na SBNPML, segundo Cerqueira (2014:70), após as reformas de 1915 no estatuto da entidade, por decisão de seus membros, a seção de Medicina Legal passou a funcionar separadamente das sessões de psiquiatria e neurologia, “por ser isso mais conveniente à apresentação e discussão dos casos da especialidade”. Posteriormente, em 1919, seu nome retirado do título do periódico oficial da instituição, como veremos mais adiante.

Na primeira década de existência da Sociedade, Cerqueira (2016:61) aponta ser relativamente comum seus membros se definirem como atuando nas áreas da psiquiatria e da neurologia simultaneamente. Embora estas três disciplinas tenham traçado meios para alcançarem sua autonomia e reconhecimento como tal, de certo modo, permaneceram encontrando-se nos debates promovidos pela SBNPML sobre tratamento, diagnóstico, apreciação e evolução dos doentes mentais, baseando-se em diferentes referenciais teóricos europeus. Segundo a autora,

A Sociedade acabou por favorecer muito mais o desenvolvimento institucional da psiquiatria e da neurologia que da medicina legal, até porque esta última já estava mais estruturada do que as duas primeiras, enquanto área específica da medicina, no momento da criação da SBNPML. Porém, a Sociedade também representou um espaço de debate, mesmo que em menor escala, para as questões referentes à modernização e profissionalização da medicina legal. (CERQUEIRA, 2016:62)

Além dessas especialidades que davam nome a Sociedade, Cerqueira (2016:61) ressaltou que os debates da SBNPML também envolviam outros conhecimentos relativos à medicina mental como a psicologia experimental e a psicanálise, mesmo que em menor proporção se comparada a psiquiatria, neurologia e medicina legal. A autora reconhece essa presença da psicologia tendo-se em vista dois eventos. O primeiro foi o convite feito pela

Sociedade ao psicólogo francês George Dumas⁸², quando da sua vinda ao Rio de Janeiro, em 1908, para que ministrasse uma série de conferências sobre temas do campo.

A primeira visita de Dumas ao Brasil, em 1908, foi de grande importância para a SBNPML no seu primeiro ano de funcionamento, pois representava o início da participação da entidade como organizadora de palestras e conferências de vulgarização da ciência e também possibilitava o estreitamento de suas relações oficiais com outras instituições internacionais da mesma área, como, por exemplo, a Sociedade de Psicologia Francesa, da qual Dumas fazia parte. (CERQUEIRA, 2016:61)

O segundo fator foi a produção de teses sobre o assunto por parte de alguns membros da Sociedade, como Henrique Roxo, Maurício de Medeiros (1885-1966) e Plínio Olinto (1886-1956).

Conforme Cerqueira (2016:62), embora a primeira referência à psicanálise encontrada nas atas de reuniões da Sociedade tenha sido em 1914, por ocasião da apresentação de Pedro Pernambuco⁸³ sobre “um caso de epilepsia onde fenômenos de automutilação substituíam os ataques”, foi somente a partir da década de 1920 que a influência da psicanálise nos debates da SBNPML se tornou mais frequente.

2.2 De Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins a órgão oficial da SBNPML (1905-1930)

Em abril de 1905, os *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* teve seu volume inaugural publicado, apresentando como seus fundadores Júlio Afrânio

⁸² George Dumas (1866-1946) foi o primeiro palestrante internacional que esteve na Sociedade em 1908, e que posteriormente, retornou em 1917 e 1925. Professor de psicologia experimental (1902-1937) da Faculdade de Letras da Sorbonne, em Paris, e chefe do Laboratório de Psicologia Experimental, anexo à clínica de moléstias mentais da Faculdade de Medicina da citada universidade. (CERQUEIRA, 2014:81; VENANCIO; CERQUEIRA, 2016:22-23) No Brasil, organizou cursos e palestras, e fundou no Rio de Janeiro a Aliança Universitária Franco Latina (seção brasileira). (FERREIRA, 2005:227-228)

A SBNPML recebeu outros visitantes internacionais, demonstrando um incentivo e participação em intercâmbios científicos sobre os saberes que lhe nomeavam. Ver: VENANCIO, A. T. A.; CERQUEIRA, EDE C. B. Os intercâmbios científicos pela Sociedade Brasileira de Neurologia Psiquiatria e Medicina Legal (1907-1933). In: Artur Cesar Isaia; Natalia Priego. (Org.). História, Ciência e Medicina no Brasil e América Latina (séculos XIX e XX). 1ªed.Canos: Editora Unilasalle, 2016, p. 1-312.

⁸³ Pedro José de Oliveira Pernambuco Filho (1887-1970) nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, graduou-se em medicina pela FMRJ em 1909, defendendo a tese intitulada “Contribuição ao estudo de ciclotimia”. Concluído o curso de medicina, aperfeiçoou-se, durante dois anos, nas Clínicas Psiquiátricas de Paris e Viena. De volta ao Brasil iniciou a vida profissional como Assistente de Clínica Psiquiátrica na Faculdade Nacional de Medicina, obtendo, por concurso, pouco depois, e lugar de livre docente de Psiquiatria. Mais tarde, também por concurso, obteve o cargo de médico escolar e, de neuropsiquiatra do Instituto dos Marítimos. Disponível em: <http://www.anm.org.br>

Peixoto e Juliano Moreira, respectivamente, um alienista efetivo do Hospício Nacional de Alienados e o diretor da mesma instituição. Conforme apontam Amarante (2004); Facchinetti et.al (2010); Venancio (2011a), este foi o primeiro periódico científico brasileiro especializado no campo da psiquiatria e, ainda segundo Venancio (2011a:414), um dos veículos de institucionalização desta área. Embora não tenha sido possível determinar com precisão o ano em que o periódico deixou de circular, de acordo com as referências bibliográficas a respeito do periódico, sua extinção ocorreu no final da década de 1950 (AMARANTE, 2004:18; FACCHINETTI, et.al, 2010:530; VENANCIO, 2011a:414).

Segundo Engel (2001:137), ao passo que a psiquiatria se consolidava como um saber especializado no país, os estudos acerca desta disciplina ganhavam cada vez mais espaço em periódicos médicos gerais, ao mesmo tempo em que surgiam as primeiras publicações especializadas, que tinham como objetivo incentivar e divulgar a produção dos psiquiatras brasileiros e favorecer a atualização dos leitores em relação às principais correntes da psiquiatria europeia e americana. Tais objetivos apontados por Engel (2001), são também explicitados na apresentação assinada pelos fundadores do periódico, em seu primeiro número:

Os Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins, destinam-se a registrar as contribuições nacionais a estes estudos e noticiar o movimento destas especialidades médicas no mundo culto. Sopesamos bem as responsabilidades da empresa, certos das atribuições com que vamos lutar. Em geral, as publicações brasileiras desaparecem precocemente, mais por falta de quem as escreva, que de quem as leia. Para rebater essa ameaça, contamos com a colaboração de mestres e estudiosos nesses departamentos científicos e, mais ainda, cuidamos que uma publicação deste gênero dará estímulo aos que dele necessitarem e encaminhará para ela os estudos esparsos pelas revistas médicas do país. (ABPNCA,1905, nota editorial)

Cerqueira (2014:28) apontou também que a fundação desse periódico, em 1905, atendia o regulamento da assistência, em vigor desde o ano anterior, em que uma das competências do diretor do Hospício era “encarregar-se dos estudos e pesquisas que interessarem a psiquiatria e às moléstias nervosas, publicando esses trabalhos, conforme os meios orçamentários de que dispuser a Assistência para ocorrer a despesa” (BRASIL, 1904: art. 38, V).

O periódico era composto por diversas seções, como trabalhos de pesquisa originais, boletins da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, noticiários, bibliografias, versas e outros. Entre 1905 e 1930, houve poucas variações nessas seções, algumas sofreram mudanças no nome ou foram extintas (VER ANEXO II). Cumpre dizer que, não identificamos responsáveis por cada seção, apenas seus editores, redatores e diretores, como veremos adiante.

Os trabalhos publicados nesse periódico reuniam a teoria e a prática, destinadas a assistência a alienados, no Brasil e no mundo, envolvendo instituições direcionadas a este fim e divulgavam as querelas sobre a construção de diagnósticos de doença mental. Desse modo, considerando o periódico reflexo das práticas clínicas e terapêuticas empregadas e discutidas no período, podemos encontrar a influência de diferentes escolas para a construção do saber psiquiátrico brasileiro, como por exemplo, a escola francesa, a italiana e a alemã. Esta última, se tornou predominante entre os anos 1920 e 1930 (FACCHINETTI, et.al.2010:528).

A difusão de trabalhos em outros idiomas se realizava por meio das traduções de obras dos principais autores sobre o assunto proposto em discussão, como a "A paranoia" de Emil Kraepelin traduzido por Antônio Austregésilo, publicado no primeiro ano de circulação da revista, em 1905. Ademais, ao final de alguns trabalhos os resumos e ou/conclusões foram publicados em outros idiomas, como o francês e espanhol.

Na ocasião da criação da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal nos fins do ano de 1907, ficou determinado que o periódico se tornasse órgão oficial da referida sociedade, levando a renomeação do periódico no ano seguinte. Por isso, em 1908, tornou-se *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*.

Propõe-se tão útil agrupamento não só a pugnar em prol da maior difusão, entre nós, do estudo daquelles ramos de conhecimento médico, como ainda a fazer uma grande propaganda em favor da melhora da sorte dos alienados e daqueles que a eles se dedicam onde quer que tão benefico movimento não se tenha ainda iniciado. (ABPNML, 1908:436)

Podemos perceber que embora seu nome tenha mudado, sua numeração manteve-se corrente, e ainda, enquanto órgão oficial da SBNPML, a revista passou a contar com uma seção dedicada a publicar as atas de reuniões e conferências da referida instituição.

O periódico era confeccionado no interior do Hospício Nacional de Alienados⁸⁴, pelos próprios pacientes durante as oficinas de tipografia e encadernamento⁸⁵, localizadas no Pavilhão Seabra, como uma atividade terapêutica para estes pacientes, conforme nos informa o relatório ministerial de 1912: "(...) continuam a ser impressos na officina de typographia do estabelecimento, na qual são aproveitados os serviços dos enfermos typographos, os quaes, por

⁸⁴ Em 1890, com a Proclamação da República e desvinculação da Santa de Misericórdia o Hospício de Pedro II, recebeu a denominação de Hospício Nacional de Alienados. A partir do decreto nº 8.834, de 11 de julho de 1911, passou a ser denominado Hospital Nacional de Alienados. No entanto, nesta seção, irei me referir a instituição como Hospício Nacional de Alienados ou HNA.

⁸⁵ Tais oficinas já constam como existentes no relatório ministerial desde 1906. Além dessas, outras são citadas, a saber: ferraria, colchoaria, pedreiro e pintor, sapataria, carpinteiro, torneiro, costura, trabalhos com agulha e flores, entre outras. Além da prática terapêutica, estas oficinas funcionavam como uma forma de economia com estes serviços. (BRASIL, 1906:60-62)

esse meio, não só não esquecem a sua profissão, como encontram no trabalho uma distração" (BRASIL, 1912: 62).

É notável a importância do Hospício Nacional de Alienados para esta revista. As duas instituições estavam diretamente relacionadas, posto que os autores que publicavam e organizavam o periódico eram também funcionários da instituição; sua confecção foi realizada entre os anos de 1905 a 1918; a maioria dos casos observados e publicados nos *Arquivos* é de pacientes internados no Hospício; e ainda, o salão nobre do Hospício teria sido palco das diversas reuniões da própria Sociedade.

Apesar de a maioria dos escritores serem também profissionais do próprio HNA e/ou residentes no Rio de Janeiro, o periódico contava com colaboradores de diferentes estados, como Franco da Rocha⁸⁶ (São Paulo), A. Carlos Penafiel⁸⁷ (Porto Alegre), Olínto de Oliveira⁸⁸ (Porto Alegre), entre outros. Os colaboradores do Rio de Janeiro e de outros estados eram apresentados na capa e contracapa da revista, de formas distintas entre os anos de 1905 a 1930.

Tabela 2 - Classificação dos Colaboradores do ABPNML (1905-1930)⁸⁹

Ano	Classificação dos colaboradores e redatores
1905-1906	Professores; Professores substitutos; Professores doutores e secretário.
1907-1910	Professores; Professores substitutos; Professores doutores, secretário; gerente e colaborador estrangeiro.
1911-1914	Professores ordinários; Professores extraordinários ⁹⁰ ; docentes; professores doutores; secretário; gerente.

⁸⁶ Francisco Franco da Rocha (1864-1933), natural do interior de São Paulo, realizou sua formação na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo aluno de João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921) e adepto da corrente francesa de psiquiatria. Em 1893, foi nomeado para compor o corpo médico do Hospício de Alienados do estado de São Paulo. Em 1898, foi inaugurado um novo hospício, posteriormente chamado Hospício de Juquery, sendo dirigido por Franco da Rocha desde sua fundação até 1923. (ALMEIDA, 2008: 138; FACCHINETTI, et.al, 2010: 532)

⁸⁷ Antônio Carlos Penafiel (1883-1960) nasceu em Porto Alegre, entre os anos de 1898 e 1901, foi professor de física, química, matemática e história natural em Porto Alegre. Em 1904 formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Depois de formado, dedicou-se à clínica médica, ao magistério e ao jornalismo. (Raimundo Hélio Lopes/Izabel Noll, s/ano: s/p) Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PENAFIEL,%20Carlos.pdf>. Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)

⁸⁸ Olympio Olinto de Oliveira (1866-?) nasceu em Porto Alegre, e graduou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em 1887. Começou sua vida profissional em Porto Alegre e transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1918, quando iniciou, juntamente com Fernandes Figueira, intensa atividade em favor da criança no Instituto Fernandes Figueira (antigo Hospital Artur Bernardes). Dedicou-se intensamente à formação de pediatras e à implementação de políticas públicas de proteção à criança. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/pessoas/pessoa/peid/olympio-olinto-de-oliveira/>

⁸⁹ Tabela elaborada pela autora com base em consulta aos exemplares dos *Arquivos Brasileiros*

⁹⁰ A mudança na nomenclatura das funções hierárquicas do corpo docente da FMRJ, justifica-se pelas reformas do ensino superior. Cerqueira (2014:44) apresenta que antes da reforma de 1911, as denominações utilizadas eram as de lente (o efetivo regente da cadeira), professor substituto concursado ou interino, professor honorário e livre

1915-1918	Diretores, redatores, secretário e gerente. ⁹¹
1919-1924	Diretores, redatores, gerente, redator chefe e secretário da redação. ⁹²
1925-1928	Diretores, redatores, redator chefe e secretário da redação. ⁹³
1929-1930	Diretores; Direção científica; Secretário da redação; Redatores subsecretários. ⁹⁴

Conforme a tabela 2, podemos notar que de 1905 até 1914 os redatores da revista não são identificados. Encontramos na capa da revista somente a identificação de seus fundadores Juliano Moreira e Afrânio Peixoto, do secretário Humberto Gotuzzo, e do gerente Euzébio Mattoso Maia. Os demais médicos aparecem apenas como colaboradores (ABPNCA 1905-1907; ABPNML 1908-1914: capa e contracapa). De 1915 em diante, a especificação dos redatores e responsáveis por cada seção da revista passa a ser expressada. De acordo com Cerqueira (2014:28) os editores da revista eram sempre membros da Sociedade e geralmente integrantes da diretoria.

Ainda no que concerne aos colaboradores dos *Arquivos* constatamos que, entre os anos de 1905 e 1930, o pesquisador que mais publicou trabalhos foi Antônio Austregésilo com 16

docente. A partir da citada reforma, a nomenclatura varia um pouco, mudando para professor ordinário (o regente da cadeira), professor extraordinário efetivo ou honorário, mestre e livre docente (Brasil, 1911). Após a promulgação do decreto 11.530, de 18 de março de 1915, que reorganizou o ensino superior, a nomenclatura do corpo docente voltou à formação anterior a 1911, apenas com a substituição da nomenclatura de lente pela de professor catedrático (Brasil, 1915, art. 36). Como podemos perceber, o ABPNML aderiu essas mudanças para classificar seus colaboradores.

⁹¹ Como diretores Juliano Moreira, Afrânio Peixoto, A.Austregesilo; redatores em 1915, Henrique Roxo, F. Figueira, Ulysses Vianna, F. Esposel, M. Fonseca, W.Schiller, Diogenes Sampaio, J. de Barros e Miguel Salles, entre 1916 e 1917 Octavio Ayres, F.Esposel, F. Figueira, M. Fonseca, Humberto Gotuzzo, Plinio Olinto, Carlos Penafiel, Franco da Rocha, Henrique Roxo, W.Schiller, Diógenes Sampaio, Miguel Salles, em 1918 foram acrescidos a estes W. Almeida e Heitor Carrilho. Como gerente E.Mattoso Maia, secretário Humberto Gotuzzo e Plínio Olinto em 1915, e entre 1916-1918 Ulysses Vianna.

⁹² Encontramos como diretores Antonio Austregésilo, Henrique Roxo, Ulysses Vianna, Juliano Moreira; como redatores, em 1919 e 1921 Waldemar de Almeida, Faustino Esposel, Heitor Carrilho, Adauto Botelho, em 1920 foram Waldemar de Almeida, Faustino Esposel, Heitor Carrilho, Adauto Botelho, Fernandes Figueira, Humberto Gotuzzo, Moreira da Fonseca, Plinio Olinto, Carlos Penafiel, Franco da Rocha, Henrique Roxo, Miguel Salles, W. Schiller; em 1922 e 1924 foram Waldemar de Almeida, Faustino Esposel, Heitor Carrilho, Adauto Botelho e I.Cunha Lopes, e por fim, em 1923, identificamos Waldemar de Almeida, Faustino Esposel, Heitor Carrilho, Adauto Botelho, I.Cunha Lopes, Pedro Pernambuco Filho. Como gerente E. Mattoso Maia (identificado somente em 1920); redator chefe Waldemar de Almeida (somente 1923) e Secretario da Redação, em 1920 foi Heitor Carrilho e em 1923, I.Cunha Lopes.

⁹³ Neste período os diretores eram Antonio Austregésilo, Henrique Roxo, Ulysses Vianna e Juliano Moreira; os redatores eram Waldemar de Almeida, I. Cunha Lopes (ambos somente em 1925), F. Esposel, Heitor Carrilho, Adauto Botelho, Pernambuco filho; como redator chefe Waldemar de Almeida e secretario da redação I. Cunha Lopes em 1925, em 1926, Waldemar de Almeida e em 1927 e 1928 I Cunha Lopes e J.V. Colares. (ABNP,1925-1928, capas)

⁹⁴ Os diretores eram Adauto Botelho, Heitor Carrilho, Pernambuco Filho e Waldemar de Almeida; os diretores científicos eram Antônio Austregésilo, Henrique Roxo, Ulysses Vianna, Juliano Moreira, F. Esposel; o secretário da redação era Hélon Póvoa e os redatores subsecretarios eram J.V.Colares e I. Costa Rodrigues. (ABNP,1929-1930, capas)

trabalhos – contando autoria e coautoria - com ênfase na área de neurologia; Juliano Moreira com 15 trabalhos; Waldemar Almeida com 14 trabalhos e Henrique Roxo com 13 trabalhos. Estes três últimos, com trabalhos na área da psiquiatria, principalmente sobre debates referentes a diagnósticos e assistência a alienados no Brasil e no mundo. Todos eram atuantes no Hospício Nacional de Alienados.

Vale destacar que, embora tenhamos identificado alguns cientistas do IOC como membros da Sociedade, somente alguns deles publicaram trabalhos nos *Arquivos*, como Arthur Moses com o trabalho intitulado "Do método biológico de diagnóstico em neurologia e psiquiatria", em 1909; e Miguel Almeida o trabalho "Reflexo plantar e innervação reciproca" em 1920. Além disso, Moses também publicou em parceria com Ulysses Vianna o estudo nomeado "Diagnóstico das afecções nervosas e mentais pelo emprego de elevadas quantidades de líquido cefalorraquiano" em 1919. Segundo Muñoz (2015:107), essa parceria entre os dois estreitou também as relações entre o HNA e o IOC, como veremos adiante.

Em comemoração pelos dez anos da revista, em 1915, seus editores elaboraram uma nota editorial em que relatam o alcance atingido pelo periódico: "países de ambos os continentes a até do remoto Japão, nos tem vindo provas de aceitação e apreço" (ABPNML,1915, nota editorial). Entretanto, segundo o editorial, os especialistas brasileiros não colaboraram, veementemente, para as publicações no periódico. Não obstante, os editores festejam seus resultados e o tempo de duração do periódico.

A permuta com revistas de valor, o registro de trabalhos publicados em nossas páginas nas bibliografias das mais reputadas revistas da especialidade, a citação dos artigos de nossos colaboradores em livros como o tratado de Kraepelin, de Aschafenburg etc. são incentivo para continuarmos a editar os *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Dez annos de existência para uma revista de especialidade no Brazil é caso raro, senão único. (Nota editorial, 1915)

Ainda nesta edição de 1915, podemos notar o início da especificação dos responsáveis pela redação da revista (tabela 2) com destaque na capa da revista às três áreas de conhecimento a que se dedicam e seus respectivos coordenadores: Juliano Moreira, na psiquiatria, Afrânio Peixoto, na medicina Legal e Antônio Austregésilo, na neurologia. A redação também foi dividida de acordo com essas especialidades, na qual para cada comissão eram eleitos três

representantes, a saber: com Henrique Roxo, Fernandes Figueira⁹⁵ e Ulysses Vianna⁹⁶ para a Psiquiatria, Diógenes Sampaio⁹⁷, Jacintho de Barros e Miguel Salles⁹⁸ para medicina legal, e por fim, F. Esposel⁹⁹, Moreira da Fonseca¹⁰⁰ e Waldemar Schiller¹⁰¹ para a neurologia, todos esses membros efetivos da entidade. Os editores justificam esta mudança "para maior garantia de desenvolvimento das partes neurológicas e medicina legal" (ABPNML, nota editorial, 1915; FACCHINETTI, et.al, 2010:529).

Com a falta de verbas para o Hospício e em um contexto pós-guerra com a escassez de papel, tinta e outros materiais necessários para publicações, a impressão do periódico passou a ficar a cargo de tipografias particulares (AMARANTE, 2004:19). Facchinetti, Cupello e Evangelista (2010:530) apontam uma mudança entre essas gráficas de 1919 a 1930, totalizando seis gráficas diferentes, a saber: "a Besnard Frères em 1919; em 1920¹⁰², a do Jornal do

⁹⁵ Antônio Fernandes Figueira (1863-1928) formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1886, apresentando tese de doutoramento "Condições patogênicas e modalidades clínicas da histeria". Em 1903, tornou-se chefe do Pavilhão Bourneville do Hospital Nacional de Alienados, destinado a educação médico-patológica de crianças. Também foi chefe do Serviço de Pediatria da Santa Casa da Misericórdia e fundador do primeiro hospital de Pediatria da cidade do Rio de Janeiro, a Policlínica das Crianças, criada em 1909. Na ANM, foi eleito membro titular, em 23 de julho de 1903, e foi seu Presidente entre 1907 e 1908. Disponível em: http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=183

⁹⁶ Ulysses Machado Pereira Vianna Filho (1880-1935) nasceu no Recife, onde estudou até 1899, quando mudou-se para o Rio de Janeiro a fim de cursar medicina na FMRJ; entretanto, dois anos depois, transferiu-se para a Faculdade de Medicina da Bahia, onde concluiu o curso. Em 1905 retornou para o Rio de Janeiro, foi docente de Neurologia Psiquiátrica na FMRJ e alienista da Assistência a Alienados do Distrito Federal. Em 1920 fez estudos de aperfeiçoamento com Alzheimer, em Munique. Mais tarde fundou o Sanatório Botafogo, em sociedade com Pedro Pernambuco e Aduato Botelho. (FACCHINETTI, et.al., 2010:532; CERQUEIRA, 2014:29)

⁹⁷ Diógenes Sampaio (1885-1919) formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1906 e ano seguinte, tornou-se médico-legista da polícia. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1911, como professor da cadeira de química. (SANTOS; FARIA, 2006 *apud* FACCHINETTI et.al, 2010:533)

⁹⁸ Miguel Dantas Salles foi admitido em 1907 como perito do Serviço Médico-Legal, e no mesmo ano, participou da fundação da SBNPML. (CERQUEIRA, 2015 :648)

⁹⁹ Faustino Monteiro Esposel (1888-1931) natural do Rio de Janeiro, doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1910, defendendo tese intitulada "Arteriosclerose Cerebral". Em sua atuação como docente destacam-se os cargos de livre-docente e assistente de Clínica de Doenças Nervosas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, professor substituto da Seção de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, professor de Neurologia na Faculdade Fluminense de Medicina, professor substituto de Medicina Pública na Faculdade de Direito Teixeira de Freitas. E ainda, esteve à frente de cargos como chefe de Serviço na Policlínica de Botafogo e no Sanatório de Botafogo, médico do Hospício Nacional, adjunto do Hospital da Misericórdia e outros. Disponível em: <http://www.anm.org.br>

¹⁰⁰ Joaquim Moreira da Fonseca (1886-1970) formou-se em 1910 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi assistente de Miguel Couto na cadeira de Clínica Médica, tornando-se livre-docente em 1913. (FACCHINETTI, et.al, 2010:532). Foi também sócio efetivo e secretário geral da Sociedade Médica de São Lucas, Membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia, da Sociedade Brasileira de Medicina Interna, da Sociedade de Patologia Infecciosa de Buenos Aires. Além de Membro efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Disponível em: <http://www.anm.org.br/>

¹⁰¹ Waldemar Schiller (1880-1940) foi médico alienista da Casa de Saúde Dr. Eiras, onde exerceu também o cargo de diretor, em parceria com o médico Carlos Eiras, permanecendo nessa função até o ano de sua morte. (Facchinetti, Cupello, Evangelista, 2010: 533)

¹⁰² Encontramos no acervo localizado no IPUB uma edição do ano de 1920, cuja tipografia responsável foi a do Hospício Nacional de Alienados.

Commercio, de Rodrigues & C.; a partir de 1923, a tipografia do Sanatório Botafogo; a dos editores Paulo de Azevedo & Cia., da Livraria Francisco Alves, assumiu a impressão em 1926; a dos *Arquivos Brasileiros de Medicina*, em 1929; e por último a do laboratório do Largo da Carioca, em 1930".

Diante desta crise orçamentária e de materiais, foi realizada a sessão de 27 março de 1919, na qual, em proposta feita por Ulysses Vianna o grupo de médicos constituído pelo próprio Vianna, Juliano Moreira, Antônio Austregésilo, Faustino Esposel, Heitor Pereira Carrilho¹⁰³ e Waldemar de Almeida¹⁰⁴ publicasse os *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria*¹⁰⁵ e *Psiquiatria* sob sua própria responsabilidade (AMARANTE, 2004:19; FACCHINETTI et. al, 2010:529; CERQUEIRA, 2014: 29-30).

Em 1919, o periódico alterou sua nomeação mais uma vez e passou a ser publicado como *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, fundamentado, segundo a versão dos editores, por dois fatores. Em primeiro lugar, tendo em vista o "desenvolvimento crescente dos estudos da neuropsiquiatria e psiquiatria", excluindo, no entanto, a medicina legal. Em segundo lugar, devido "as determinações do governo, no sentido da máxima economia, impedindo, porém, a impressão daqueles Arquivos nas oficinas do Hospital Nacional, com a devida periodicidade" (ABNP, nota editorial, 1919). Conforme a análise de Cerqueira (2015)¹⁰⁶, em 1919, logo após a contenda intitulada "Perícia e ensino" — que envolviam questões características do campo da medicina legal, como o sigilo na perícia e a formação especializada do médico-legista —, entre maio e julho de 1918 foi criado um novo periódico, suprimindo o termo "medicina legal" em seu título e iniciando como Ano I, 1º trimestre de 1919.

A autora apresenta o grupo de médicos participantes desse conflito, divididos em duas correntes. De um lado estavam os professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

¹⁰³ Heitor Pereira Carrilho (1890-1954) doutorou-se em medicina pela FMRJ em 1913, defendendo tese intitulada "Contribuições ao estudo das formas depressivas da psicose pré-senil". Pouco tempo depois, começou a exercer clínica geral com especialização em Psiquiatria no Hospital de Alienados da Praia Vermelha, onde foi interno extranumerário (1909), interno efetivo (1910), alienista interino (1917) e alienista efetivo (1918). Dedicou sua vida pública ao manicômio judiciário do Rio de Janeiro, onde foi diretor desde sua fundação, em 1921, até sua morte. Dedicou-se também a Psiquiatria Forense e a Psicopatologia Criminal. Disponível em: <http://www.anm.org.br>

¹⁰⁴ Waldemar Gualberto de Almeida, médico psiquiatra e sociólogo. Em 1914 era assistente interino do HNA. (FACCHINETTI, et.al, 2010, 533)

¹⁰⁵ De acordo com Neves (2008:51), durante o período de 1916 a 1919, o termo Neuropsiquiatria passou a ser usado como um termo alternativo à Neurologia, assim como os termos de Neuropatologia e moléstias nervosas. No entanto, segundo o autor, o sufixo *iatros* é concernente a "médico", dessa maneira, o termo neuropsiquiatria se aproximaria mais do campo médico.

¹⁰⁶ CERQUEIRA, Ede. A perícia médico-legal e o ensino: dissidências e discussões na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.22, n.2, abr.-jun. 2015, p.641-649.

responsáveis pelo curso de medicina pública¹⁰⁷: Afrânio Peixoto, Nascimento Silva, Leitão da Cunha e Diógenes Sampaio, todos membros fundadores da SBNPML; e, de outro, os peritos oficiais do Serviço Médico-Legal: Rodrigues Caó, Antenor Costa, Miguel Salles, Suzano Brandão e Moretzsohn Barbosa, contrários à realização do curso de medicina pública, que utilizava das perícias para as aulas práticas de medicina legal (CERQUEIRA, 2015: 646). Ressalta-se que todos esses peritos também eram membros da Sociedade: Suzano Brandão como um dos fundadores e os outros admitidos entre 1908-1915 (CERQUEIRA, 2014, anexo 1).

Cerqueira (2015) nos apresenta os dois principais argumentos dos dois grupos durante os debates na SBNPML:

O argumento mais forte dos contrários à manutenção do curso nas instalações do Serviço Médico-Legal era que o perito deve sigilo à Justiça sobre suas conclusões relativas ao ato da perícia até o momento do julgamento, quando seu parecer se torna público. Os favoráveis ao curso, no entanto, argumentavam que a perícia é um ato médico ligado à Justiça, e, possuindo caráter público, conseqüentemente também é um ato público.

O argumento principal dos professores do curso baseava-se no artigo 185 da lei 11.530, de 18 de março de 1915 – que permitia a entrada do professor de medicina legal em repartições policiais e judiciárias com alunos –, e também no costume dos professores usarem essa prática desde o século XIX, como admitiu ter feito Souza Lima em carta enviada a Diógenes Sampaio e lida na SBNPML (maio-set. 1918, p.197-198). Em relação ao primeiro argumento, os peritos declaravam que acima dessa lei estava a que regia o funcionalismo público, e que o perito oficial do serviço médico, como funcionário público, ficava restrito às penalidades do artigo 49 da lei 6.439, de 30 de março de 1907, que o impossibilitava de tornar pública qualquer informação obtida em razão de seu ofício (SBNPML, maio-set. 1918, p.120-239). (CERQUEIRA, 2015:646)

As discussões sobre o caso foram encerradas na Sociedade após três meses, segundo Cerqueira (2014:104; 2015:646), com a votação de uma moção pela manutenção do funcionamento do curso de medicina pública e apoio aos seus organizadores, em sessão sem a presença dos peritos. Em síntese, na perspectiva da autora, esta contenda expressa a busca de ambos os grupos pela demarcação de suas esferas de atuação.

¹⁰⁷ Foi criado no início de 1917, como curso facultativo de especialização da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por iniciativa dos seguintes professores daquela faculdade: Afrânio Peixoto, catedrático de higiene; Ernesto Nascimento Silva, catedrático de medicina legal; Leitão da Cunha, catedrático de anatomia patológica e Diógenes Sampaio. O curso condensava as disciplinas de Higiene e Medicina Legal, com aulas de um caráter eminentemente prático, de acordo com as fontes da época. Estas aulas eram realizadas no Serviço Médico Legal, onde os professores do curso realizavam as perícias médico-legais na presença dos alunos, utilizando os relatórios das perícias como material de estudo. Em razão disso, iniciou-se o debate sobre ensino prático da medicina legal. (CERQUEIRA, 2014: 94)

Ambos os lados, ao fim e ao cabo, disputavam como a formação especializada da perícia médica baseada no ensino prático se daria, e quem seria responsável por ela. O que estava em disputa era muito mais que a simples realização de um curso, mas a delimitação de autoridade sobre o campo de formação profissional dos peritos médicos legistas. (CERQUEIRA, 2015:647)

Ademais, este novo periódico passou a contar com a aparição de propagandas ilustradas que, em geral, diziam respeito às instituições que prestavam assistência a alienados, e às que produziam e vendiam medicamentos e outros produtos, a saber: Instituto Butantã; Instituto Sieroterapico Milanez; Sanatório de Botafogo; consultório dentário; materiais sanitários; o Cyanurol medicamento para o tratamento contra a sífilis, pastillas gutturaes, disponíveis na drogaria Francisco Giffoni & C; Casa da Onça, especialista em sapatos; produção de fotogravura; Livraria Drummond; entre outros. Uma das propagandas mais recorrentes é a referente aos refrigerantes da Brahma da Companhia Cervejaria Brahma, "bebidas sem álcool, de delicioso paladar: preparadas de acordo com os mais rigorosos princípios higiênicos" (ABNP,1919).

Experimentem os
Refrigerantes da
BRAHMA

Bebidas sem alcool, de delicioso paladar:
preparadas de accordo com os mais rigorosos
princípios hygienicos.
Constituem magnificos refrigerantes para
os dias de calor

Berquis
Ginger Ale
Soda Limonada
Sport Soda
Agua tonica de Quinino
Agua Crystal
Soda Limonada Especial

COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA
Telephone — V. 111

**Gradados,
Professores,
Advogados,
Cantores,
Pregadores,
Aprezadores**
e todas as pessoas que
precisarem conservar a voz
perfeita e sonora,
devem usar as

Pastilhas Gutturales

porque ellas não só curam como estam todas
as doenças da booca, da garganta e das vias
respiratorias a saber: laryngite, pharyngite,
angina, tracheite, estomacite, apthas, gen-
givas, ulcerações, granulacões, angina, não
falita, rouquidão, sibilos e tosse rebelde
consequentes a resfriados, influenza, bronchi-
tes, croupilhe, sarampo, escarlatina, etc.
Tonificam e reconstituem as cordas vocaes.
Substituem com vantagem os gargarejos liqui-
dos. Como preventivos e para garantir o tim-
bre da voz bastam 3 pastillas por dia.

A' venda nas boas pharmacias e drogarias e
no deposito geral:
Drogaria Francisco Giffoni & C.
17, Rua 1ª de Março, 17—Rio de Janeiro

Imagem 2.1- Anúncios. Fonte: *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria, II trimestre, 1919.*

Como vimos, o periódico científico passou por dificuldades econômicas para custear seus exemplares, tendo os próprios membros da Sociedade o financiado. Em vista disso, a presença de propagandas no periódico, evidencia a produção de uma renda proveniente desses anúncios, a fim de custear a manutenção da revista. Cumpre observar que as *Memórias do IOC*, por outro lado, não contavam com a promoção de nenhum tipo de produto e/ou anúncio, isto é,

não adotava esta estratégia orçamentária, visto que o seu financiamento era fruto de uma verba estável, a verba da “manqueira”¹⁰⁸, e ainda, sua produção e impressão executadas no interior do próprio IOC.

Além dessa renda advinda dos anúncios, o *Arquivos* contava com os valores pagos anualmente pelos membros da SBNPML, assinatura semanal e semestral de leitores não associados à entidade e da venda avulsa de seus exemplares (CERQUEIRA, 2014:31). Entre 1906 e 1914, encontramos os valores aplicados à assinatura da revista que variavam por aquisição anual 8\$000 e semestral 5\$000. Em 1915 a 1918, estes valores mudaram, passando a ser o preço anual 10\$000, semestral 6\$0000, número avulso 2\$000 e número especial por 3\$000. E por fim, entre 1920 a 1930, foram inseridos valores diferentes para assinatura anual no país que variaram de 12\$000 e 20\$000, para o estrangeiro de 30 e 40 francos e para número avulso de 3\$000 e 5\$000. Este crescente aumento no valor das assinaturas, pode ser justificado pela transferência do periódico para a responsabilidade de tipografias particulares e pelo contexto pós-guerra de escassez de materiais. De maneira oposta, as *Memórias do IOC* não eram vendidas, eram distribuídas¹⁰⁹ pelas escolas profissionais, de medicina, de veterinária e de agricultura, existentes no país. Contudo, ambas publicações eram objeto de permuta com as publicações estrangeiras do mesmo gênero.

Além das mudanças em seu título, o periódico também teve sua periodicidade alterada algumas vezes. Tratava-se, inicialmente, de uma publicação trimestral¹¹⁰ que, entre 1915 e 1919 se tornou bimestral, justificada por seus editores como uma característica da “nova feição” assumida pela revista em comemoração aos seus dez anos de existência. De 1920 a 1928, o periódico voltou a ser trimestral. Segundo os editores, as determinações governamentais, de máxima economia, que impediram a impressão daqueles *Arquivos* nas oficinas Hospital Nacional, não possibilitava manter o mesmo ritmo de publicações (ABNP,1919, nota editorial). Em 1929, voltou a ser publicada bimestralmente “em virtude do grande desenvolvimento que

¹⁰⁸ Como vimos no primeiro capítulo, a vacina contra o carbúnculo sintomático ou peste da manqueira, desenvolvida por Alcides Godoy foi a primeira vacina veterinária desenvolvida no Brasil e o primeiro produto comercializado pelo IOC. A renda obtida pela venda dessa vacina ficou conhecida como verba da manqueira que, segundo Benchimol (1990:39-40), teve importância vital na sustentação do Instituto, com ela foram pagos os salários de muitos pesquisadores e funcionários, parte das despesas das novas construções, a impressão das *Memórias* e outros itens. Dessa maneira, essa verba permitia que a instituição gerenciasse seus recursos, sem ter de se submeter à burocracia do MJNI ou do Congresso.

¹⁰⁹ De acordo com o decreto nº 6.891, de 19 de março de 1908, art.14.

¹¹⁰ Sua periodicidade era trimestral, contudo, como foi lançada em abril de 1905, seu primeiro ano de publicação contou com apenas três números, com a justificativa de em janeiro do ano seguinte regularizar a numeração corrente para quatro números anuais.

dia a dia toma a neuropsiquiatria brasileira” (ABNP,1929, nota editorial). Ao todo, tais publicações perfaziam por ano, um total de 200 a 400 páginas.

Quanto à sua diagramação visual, formatavam-se os textos em uma só coluna, majoritariamente em português, todavia, também podemos encontrar impressões em outras línguas, como espanhol, e resumos e/ou conclusão ao final do trabalho, em francês. (ABPNML,1905,1910,1916;1917,1918); (ABNP,1919,1922,1927,1929,1930). Em decorrência dos processos de conservação do acervo, suas lombadas e revestimentos foram trocados e, por isso, não foi possível identificar a lombada original do periódico.

Entre 1905 a 1913, a capa do periódico era composta pelo título, nomes de seus fundadores, tipografia e ano, em letras pretas e, ainda, uma fotografia da fachada do Hospício Nacional de Alienados. Nos anos seguintes, esta fotografia não foi mais publicada e observamos algumas mudanças. De 1915 em diante, ainda em letras pretas, passou a constar na capa os responsáveis pela redação, direção e outros cargos, conforme organizado na tabela 2. A partir de 1929, sua capa ganhou cor, sendo seu título formatado em vermelho e o restante do texto em azul.

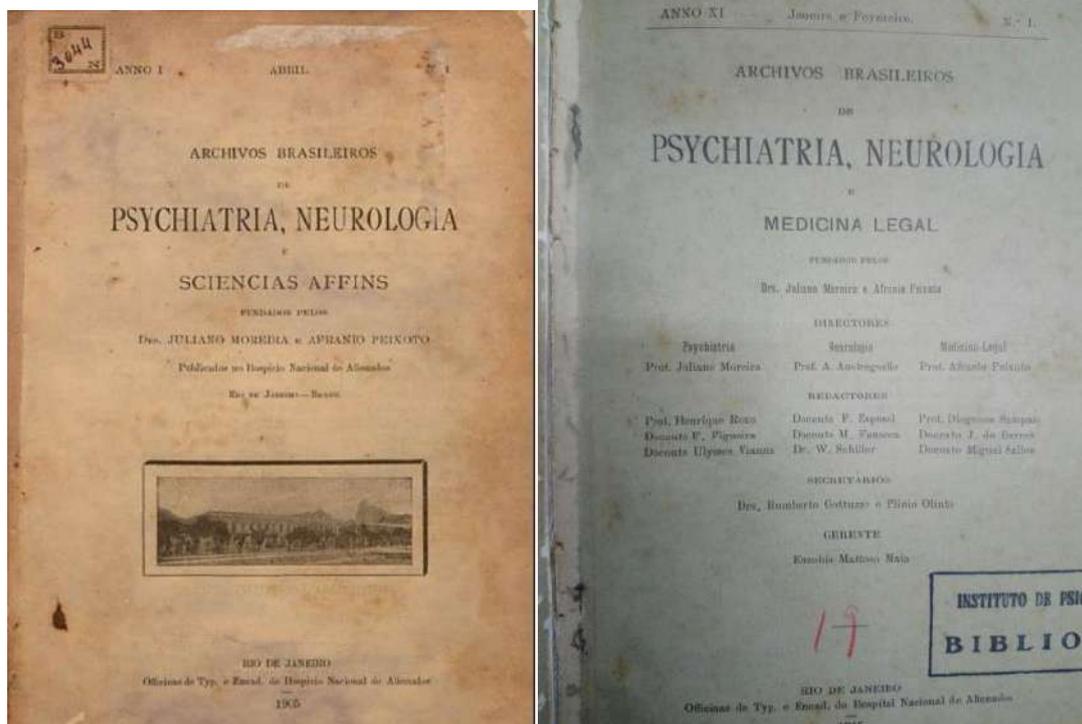


Imagem 2.2 - Capa ABPNCA,1905. Fonte: *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências affins*, 1905.

Imagem 2.3- Capa ABPNML,1915. Fonte: *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, 1915.

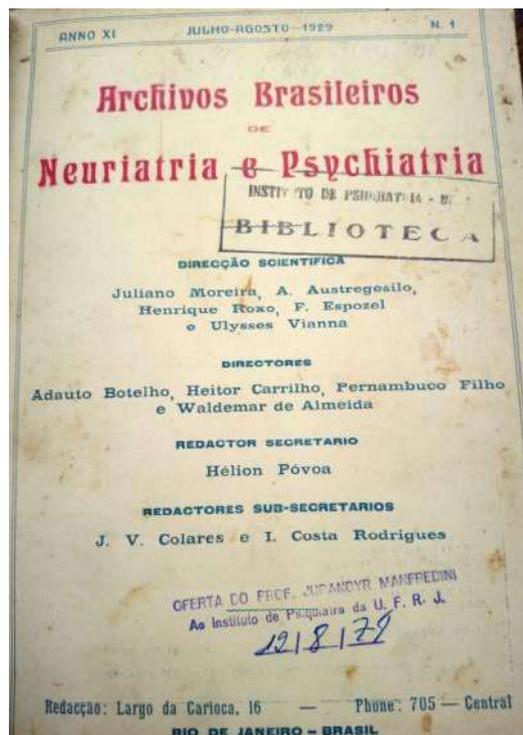


Imagem 2.4 - Capa ABNP, 1929. Fonte: *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psychiatria*, nº1, 1929.

Cumprir dizer que, entre os anos 1925 a 1928, nas capas da revista, ficou evidenciado que o periódico passou a ser também órgão oficial da Fundação Juliano Moreira. A referida fundação foi criada em 1925, durante uma sessão extraordinária da SBNPML realizada no dia 18/07/1925 em comemoração ao 84º aniversário da fundação do Hospital Nacional de Alienados e em homenagem ao prof. Juliano Moreira. Nesta mesma sessão, também foi criado o prêmio Juliano Moreira, "como um incentivo aos estudiosos da especialidade, visando, sobretudo, premiar os melhores trabalhos, concernentes a ordem de ideias, em redor dos assuntos de profilaxia mental, dado o relevo científico e social desses assuntos" (ABNP, 1925:171).

Conforme o seu estatuto, publicado em 1926 nos *Arquivos Brasileiros*, esta Fundação tinha como finalidade estudar "as causas das doenças nervosas e mentais" e "o tratamento profilático e curativo das mesmas" e para alcançar este fim, era necessário a criação de um Instituto de Pesquisa para estudos nas áreas da "anatomia normal e patológica do sistema nervoso" que deveria ser organizado por laboratórios de "psicologia normal e patológica", no qual, os "cientistas de valor" tinham como objetivo "estudar as causas da criminalidade e os meios de evita-las", "estudar os meios terapêuticos mais aperfeiçoados de curar" as enfermidades mentais, "apurar os meios de melhor orientar a formação da raça brasileira, velando, principalmente, pela corrente imigratória" que entrava no Brasil naquele período (ABNP, 1926:183-184).

Tendo em vista que Ulysses Vianna era o idealizador desta Fundação, o médico Arthur Moses, que participava da sessão, propôs que Vianna fosse nomeado presidente da instituição, o que foi aceito por unanimidade. Portanto, a organização da Fundação foi definida da seguinte maneira: Juliano Moreira foi declarado como Presidente de honra, Ulysses Vianna como presidente, Waldemar de Almeida como primeiro-secretário, Heitor Carrilho como segundo-secretário, um conselho consultivo formado por quinze médicos, como diretor do Instituto de Pesquisa Henrique da Rocha Lima, um consultor jurídico, membros honorários e vinte e cinco sócios efetivos (ABNP, 1926:187).

A criação dessa Fundação foi notícia em 1926 em dois jornais, *o Jornal do Commercio (RJ) - (1920-1929)* e *O Imparcial (RJ) - (1920-1929)* e na sessão Noticiário da revista *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental (RJ) - (1925-1947)*. Dentre estas, a notícia publicada no jornal *O Imparcial*, escrita pelo diplomata Jorge Latour (1897-1985) chama a atenção por seu entusiasmo com os objetivos propostos pela Fundação.

Li há dias a notícia de uma iniciativa que vem enriquecer o patrimônio científico brasileiro, enfileirando-se entre os melhores exemplos de atividade profícua para o desenvolvimento do país. (...). Os meios de alcançar tão alto escopo entusiasmaram por serem de molde dos grandes estalões [*sic*] de trabalho científico, conhecidos nos maiores centros de cultura. (...) Os nomes e título dos empreendedores, encimados pela personalidade de alta projeção do Dr. Juliano Moreira e o simples enunciado dos intentos seriados demonstram a seriedade da obra magnífica. (*O Imparcial* (RJ), 21/07/1926)

Infere-se que o desaparecimento do nome dessa Fundação das capas do periódico, a partir de 1929, está relacionado ao insucesso da Fundação e do seu Instituto de pesquisa em adquirir recursos¹¹¹ e apoio oficial (PAIM, 2003:1908 *apud* CERQUEIRA, 2014:129). Grosso modo, podemos constatar que o periódico em análise neste capítulo representou a veiculação de estudos e debates produzidos pela SBNPML e, ainda que no período breve de dois anos, da Fundação Juliano Moreira; ambas entidades destinadas à medicina mental e formadas pelos mesmos membros, com a primeira certamente reunindo maior número de participantes, existindo já por duas décadas.

Portanto, no período aqui analisado, observamos de que modo as inúmeras mudanças sofridas pelo periódico *Arquivos Brasileiros*, como em seu título, seções, organização editorial, tipografias e diagramação visual, estiveram diretamente relacionadas à história da SBNPML.

¹¹¹ Muñoz (2015:198) corrobora com a referida ideia ao afirmar que esta instituição não prosperou em relação aos seus objetivos de investigação científica, como um instituto de pesquisas no domínio do sistema nervoso, devido à falta de recursos que viabilizasse a manutenção da iniciativa. Para mais detalhes sobre esta Fundação, ver: MUÑOZ (2015:195-200).

Dentre essas mudanças, devemos ressaltar que após a modificação estatutária em 1915, a seção de medicina legal passou a funcionar separadamente das sessões de psiquiatria e neurologia e, tal separação foi notada nas capas do periódico, com a apresentação dos responsáveis pelas sessões e redação de cada uma das três áreas de conhecimento. Além disso, em 1919, a medicina legal foi retirada do título da revista devido a uma reorganização nos responsáveis por sua publicação e um contexto de especialização do médico-legista. Veremos adiante como alguns marcos institucionais da SBNPML impactaram na publicação de representações visuais no veículo oficial da instituição.

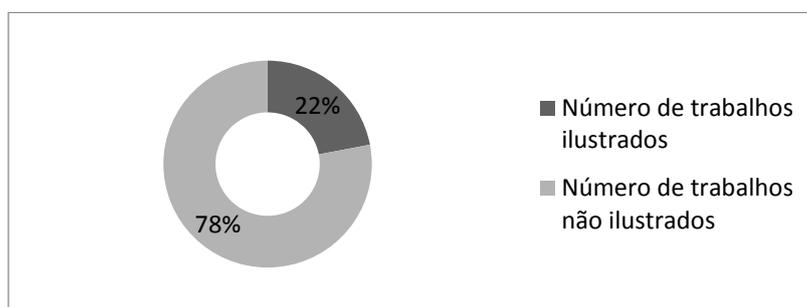
2.3 As representações visuais nos *Arquivos Brasileiros*

Os trabalhos publicados nesse periódico eram acompanhados por desenhos coloridos e não coloridos e por diversas espécies de fotografias, como fotomicrografias, retratos de médicos e de doentes, registros de eventos comemorativos, de órgãos e de instituições responsáveis pelo tratamento de alienados. Apesar de serem fotografias de tipo similares as publicadas nas *Memórias do IOC*, nos *Arquivos* elas não vinham ao final do texto, estando dispostas ao longo da narrativa textual.

Entre os anos de 1905 e 1930 foram analisados 26 volumes, compostos por 60 números/trimestres da revista *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*. Ao todo, foram contabilizadas 350 publicações, reunindo apenas os artigos científicos e textos em homenagem aos médicos ligados à medicina mental.¹¹² Dentre essas, apenas 77 publicações são acompanhadas por ilustrações científicas de diversas espécies — como desenhos, fotografias e fotomicrografias. O gráfico 4 a seguir, expressa visualmente a incidência dessas ilustrações no periódico.

¹¹² Contamos apenas os artigos e textos efêmeros, à medida que são majoritariamente as fontes de imagens do periódico. Encontramos apenas três exceções em que fotografias foram publicadas em atas de reunião da SBNPML dos anos de 1918, 1919 e 1925.

Gráfico 4 - Percentual de trabalhos ilustrados e não ilustrados nos *Arquivos Brasileiros* (1905-1930)

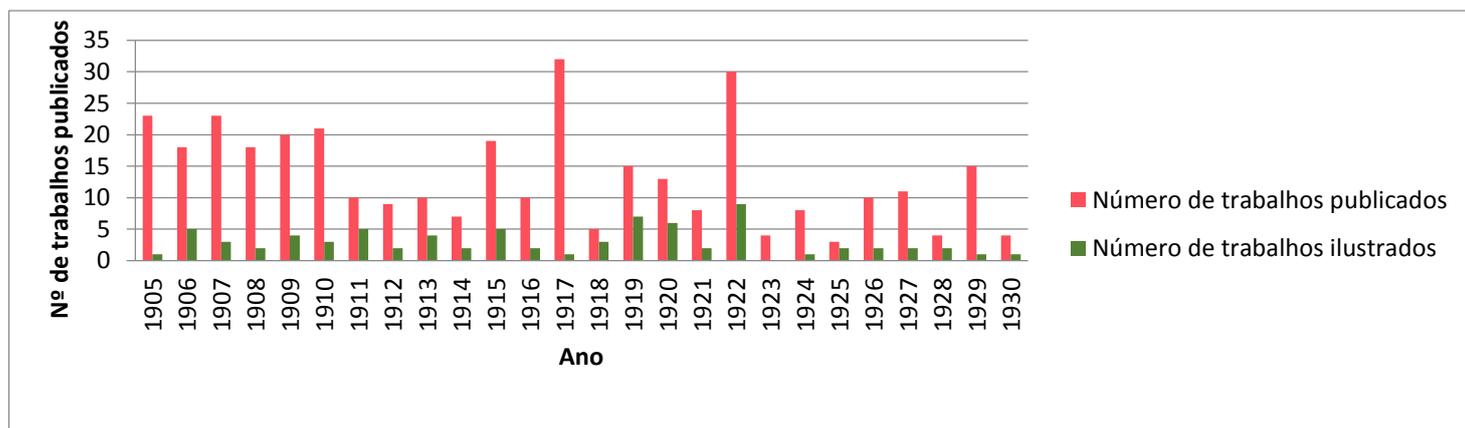


Fonte: Levantamento realizado pela autora nos exemplares dos *Arquivos Brasileiros*

Em comparação com as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, este periódico possui uma incidência significativamente menor de ilustrações. No entanto, devemos considerar as diferenças entre as instituições que produzem e publicam estas imagens, como fator determinante para essa incidência. Além disso, como vimos, o periódico *Arquivos Brasileiros* passou por diversas dificuldades financeiras durante o período em que o estudamos; por isso, entendendo o recurso imagético como custoso para a publicação, o resultado seria essa menor ocorrência.

No gráfico 5, apresentamos por ano, a quantidade de trabalhos publicados, e dentre esses, a quantidade de ilustrados. Embora haja uma grande quantidade de trabalhos publicados que não constam imagens, podemos perceber que as representações visuais foram empregadas em todos os anos de nosso estudo, com exceção de 1923, sem justificativa. As maiores ocorrências de imagens foram entre os anos de 1919 a 1922, cumpre dizer que esse período também é marcado pela mudança no nome, periodicidade do periódico e tipografias.

Gráfico 5 - Quantitativo dos trabalhos publicados e ilustrados nos *Arquivos Brasileiros* por ano (1905-1930)

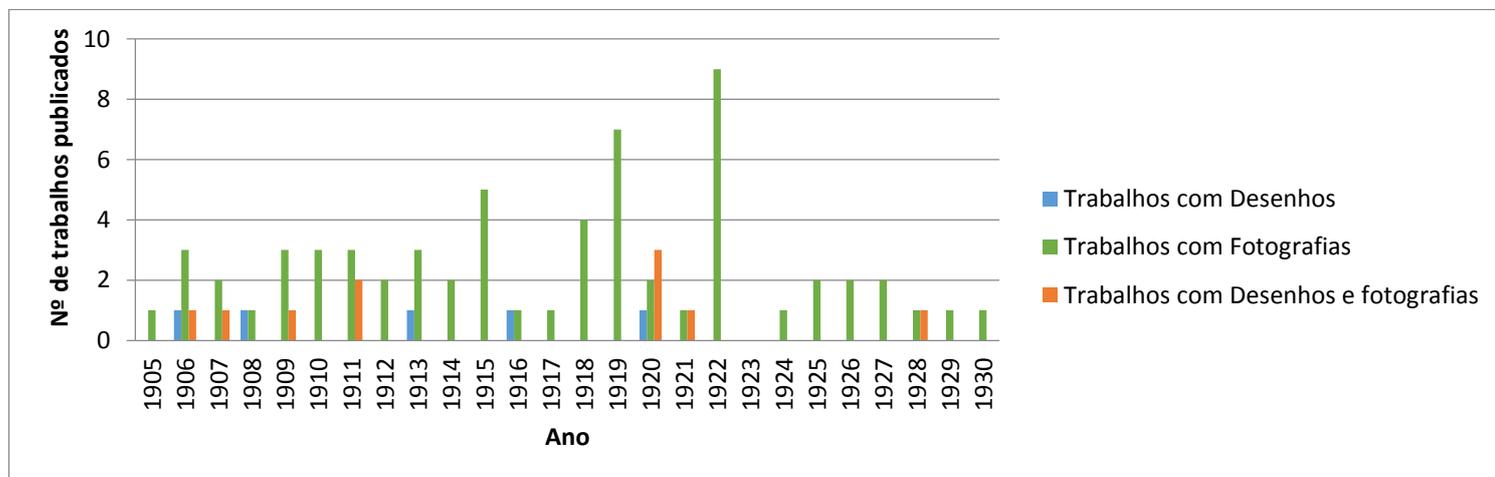


Fonte: Levantamento realizado pela autora nos exemplares dos *Arquivos Brasileiros*

De acordo com o gráfico 5, os primeiros anos de existência do periódico entre 1905 e 1909 foram anos que mantiveram o padrão quantitativo de publicações, indicando uma participação constante de colaboradores. Depois de uma baixa na produção de textos entre 1911-1914, temos quase sempre um aumento na publicação de textos até 1922, com produção mais expressiva em três anos variados: 1915, 1917 e 1922. Após 1922 o quantitativo de publicações declinou mais uma vez. Entendemos que esses três anos citados de maior publicação foram anos de mudança no periódico e de eventos da Sociedade: em 1915 a comemoração de dez anos de revista e a reforma de seu estatuto; em 1919 a mudança no nome com o corte da medicina legal em seu título e mudanças nas tipografias e periodicidade, também obedecendo às novas diretrizes estatutárias; em 1917 a revista contou com trabalhos apresentados no Boletim da Sociedade, em comemoração ao 10º aniversário da Sociedade; e em 1922 foi o ano de comemoração do centenário da independência e de realização do II Congresso de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, promovido pela instituição. Contudo, apesar do crescimento de textos publicados pode ser relacionado a eventos e mudanças institucionais considerados significativos pelos membros da Sociedade, nem todo momento de comemoração gerou um aumento nas publicações. É o que podemos observar com a edição de 1925, enxuta, apesar de ser ano de mudanças — na diretoria da Sociedade e criação de mais duas comissões —, e de homenagem a Juliano Moreira.

No gráfico 6, apresentamos por ano a quantidade de trabalhos ilustrados que contém desenhos, fotografias, e ainda, aqueles que são acompanhados por estas duas modalidades de ilustrações. Na categoria desenho estamos incluindo todos os tipos de trabalhos manuais, coloridos ou preto e branco, retratando imagens corporais como tecidos, glândulas, células e corpo. Na categoria fotografia incluem-se fotomicrografias e fotografias dos mais diferentes tipos: retratos de médicos, pacientes, eventos e elementos corporais.

Gráfico 6 - Quantitativo dos trabalhos ilustrados com Desenhos, com fotografia e com ambos nos Arquivos Brasileiros por ano (1905-1930)



Fonte: Levantamento realizado pela autora nos exemplares dos *Arquivos Brasileiros*

Com este gráfico, é notória a grande incidência de fotografias nos trabalhos publicados nos *Arquivos*, ao contrário do que observamos nas *Memórias do IOC*, em que os desenhos foram preponderantes. São ao todo, 63 publicações que apresentam apenas fotografias, quase 80% de todas as publicações ilustradas. À vista disso, no quadro 2 apresentamos os tipos e subtipos de registros fotográficos encontrados, indicando a quantidade de cada tipo publicado.

A partir da observação de todo o conjunto fotográfico publicado no periódico, classificamos as fotografias em tipos e subtipos da mesma maneira que fizemos no primeiro capítulo. Sendo assim, os tipos fotográficos foram definidos da seguinte forma: (1) fotografias médico-científicas que agrupam fotomicrografias de lesões específicas no sistema nervoso, em tecidos e glândulas, bem como fotos de órgãos e de cobaias, estas últimas referindo-se a registro de animais demonstrando uma experimentação; (2) as fotografias de doentes compreendem os registros que retratam os estágios de manifestação da doença e em quadro comparativo de antes e depois do tratamento, definidas em subtipos que tratam da parte do corpo que predomina a fotografia, e ainda, um subtipo para as fotografias que dizem respeito aos desenhos e pensamentos escritos pelos enfermos; (3) as fotografias institucionais, que compreendem os subtipos que abordam eventos e reuniões, além de registros sobre a estrutura física interna e externa dos asilos de assistência aos alienados, consideramos também como subtipo os instrumentos/aparelhos indicados como ferramentas utilizadas em pesquisas; (4) as fotografias de médicos, reúnem os registros sobre os médicos importantes para a instituição e/ou para a medicina mental no Brasil e no mundo, retratados de busto, em meio corpo e praticando procedimentos terapêuticos em pacientes.

Quadro 2 - Registros fotográficos publicados nos *Arquivos Brasileiros* (1905-1930)

Tipos fotográficos	Subtipos	Ocorrência
Fotografias médicas-científicas	Fotomicrografia	130
	Órgãos	5
	Cobaia	1
	Subtotal	136
Fotografias de doentes	Corpo inteiro	66
	Busto	46
	Meio corpo	9
	Parte específica do corpo	4
	Corpo metade inferior	1
	Escritos, desenhos e outros dos pacientes	8
	Subtotal	134
Fotografias Institucionais	Instalações internas e externas	51
	Eventos e reuniões	15
	Aparelhos/instrumentos	4
	Subtotal	70
Fotografias de médicos	Busto	13
	Meio corpo	2
	Praticando procedimentos	4
	Subtotal	19
Total		362

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base em consulta aos exemplares dos *Arquivos Brasileiros*

Conforme o quadro 2, as fotografias médicas-científicas foram as mais publicadas nos *Arquivos Brasileiros*, cujo subtipo mais frequente foi a fotomicrografia¹¹³, assim como ocorreu nas *Memórias do IOC*. Dessa maneira, nota-se que a fotomicrografia serviu como instrumento em pesquisas e prática médicas para fins de ilustração e ensino em diferentes áreas como a microbiologia, a histologia, a fisiologia, a neurologia e outras. Para a neurologia, essa técnica

¹¹³ As primeiras experiências, no século XIX, de fotomicrografia foram realizadas por William Talbot (1800-1877), em 1835, com o microscópio solar, sendo também de salientar, entre outros, os trabalhos de Andreas Ettingshausen (1796-1878), em 1840, utilizando a técnica do daguerreótipo, de Auguste Bertsch (1813-1870), com o microscópio heliográfico e do psiquiatra francês Alfred Donné (1801-1878), autor da obra *Cours de Micrographie*, publicada em 1844. (JARDIM, et. al, 2010:226)

foi fundamental por possibilitar a visualização do sistema nervoso e a estrutura dos tecidos microscópicos patológicos e normais (AZEVEDO, 2016:30). Nesse sentido, o uso da fotomicrografia foi impulsionado pelo contexto de ênfase na ciência experimental, no qual o laboratório tornou-se um espaço de produção de conhecimento instalado em hospitais e instituições médicas (JARDIM; PERES, 2014:313; AZEVEDO, 2016:28).

No que diz respeito aos *Arquivos*, as fotomicrografias estiveram presentes em todos os anos entre 1907 a 1913, e apenas tornou a ser encontrada nos anos de 1920 e 1922. Esse intervalo de não publicação das fotomicrografias chama a atenção, por ser tratar do período posterior a criação da cadeira de neurologia na FMRJ (1912). Chama também a atenção o fato de Antônio Austregésilo, primeiro professor dessa cátedra e autor muito produtivo, não ter se servido desse tipo de fotografia em seus textos no período. Os trabalhos mais recorrentes com esse método fotográfico foram assinados por Gustavo Riedel (1887-1934), nos anos entre 1909 e 1911, Bruno Lobo (1884-1945) em 1907-1908, e Ulysses Vianna (1880-1935), em 1912 e 1920. Os dois primeiros autores atuaram no laboratório anátomo-patológico do Hospício Nacional de Alienados, enquanto Ulysses Vianna esteve ligado aos estudos neurológicos. Desse modo, todos esses autores produziam estudos clínicos de objetos diminutos nos quais para observá-los, era indispensável o uso do microscópio e, para registrá-los, a fotomicrografia.

Todas as fotomicrografias publicadas nos *Arquivos* eram em preto e branco, de formatos variados, como redondo, retangular e quadrado, dispostas no meio e ao final do texto. Ressalta-se que aquelas publicadas separadamente do texto, foram impressas em papel diferente do restante da revista. Em suas legendas, podemos identificar que algumas fotomicrografias traziam a autoria dos próprios médicos, como as produzidas por Lobo e Riedel.

De acordo com Muñoz (2015:107), Ulysses Vianna produziu diversos trabalhos em parceria com Arthur Moses (1886-1967), assistente no IOC entre 1908 e 1917, sobre a "a sorologia da lues e da reação de Wassermann em psiquiatria". Nos *Arquivos*, os autores publicaram em parceria o artigo "Diagnostico das affeições nervosas e mentaes pelo emprego de elevadas quantidades de liquido cephalo-rachiano" (1919), o qual, entretanto não tinha nenhuma imagem publicada.

O artigo "A doença de Alzheimer" (1920) escrito por Ulysses Vianna, chama a atenção por conter desenhos e microfotografias assinadas pelos profissionais do Instituto Oswaldo Cruz, respectivamente, Castro Silva e J. Pinto. As fotomicrografias e desenhos que acompanham esse artigo de Vianna, são resultados de exames anatomopatológico e histológico do sistema nervoso, cujo o objetivo era detectar as diferentes fases do desenvolvimento da doença nas células nervosas. Nesse sentido, para tal observação o instrumento a ser usado deveria ser o

microscópio e, para registro, a fotomicrografia. Cada uma das imagens foi descrita textualmente pelo autor,

Para maior clareza e ao mesmo tempo tendo em vista mostrar todas as fases das alterações neurofibrilares de Alzheimer, trasladamos para o nosso trabalho figuras que Alzheimer desenhou de um mesmo corte cerebral. (...) As fotografias 5,6,7 e 8 das estampas ns. 6 e 7, representam as alterações da neurofibrila do período terminal da doença. (1920: 277-278)

Mais do que qualquer outra imagem, as fotomicrografias dependem de uma descrição para que a interpretação da informação visual seja possível, na medida em que se configura numa imagem abstrata, a exemplo da fotografia a seguir.

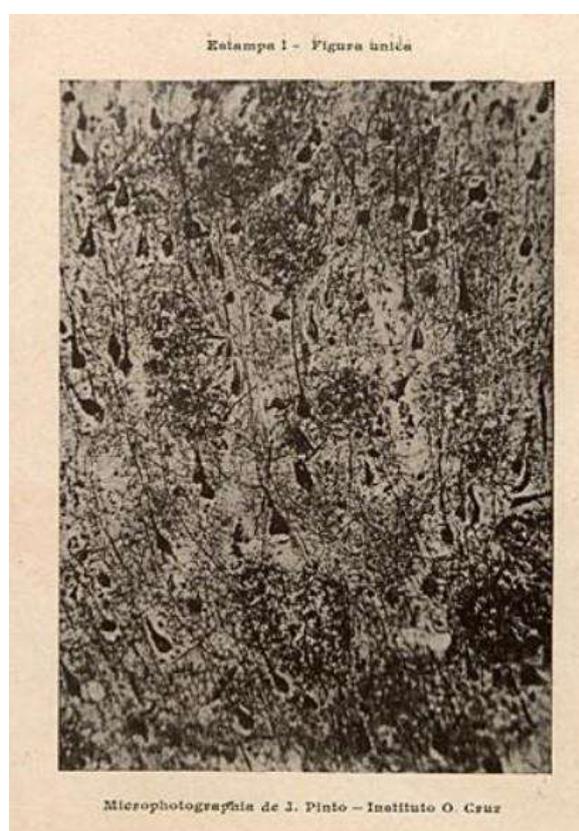


Imagem 2.5 - Microfotografia de J. Pinto. In: VIANNA, Ulysses A doença de Alzheimer. *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, ano II, IV tri.,1920.

Além desse trabalho de Vianna, o artigo "Distribuição citoarquitônica das lesões características da senilidade" (1921) de Floriano de Azevedo, fruto do laboratório Nissl¹¹⁴ da

¹¹⁴Franz Alexander Nissl (1860-1919) psiquiatra alemão, pesquisador médico, histopatologista / neuropatologista de destaque, além de um excelente clínico e ilustre representante do início do século XX, período em que muitos centros de pesquisa em neurologia e psiquiatria floresceram na Alemanha, concentrando-se em elucidar novos distúrbios nesses campos. Ele descobriu uma nova técnica para colorir células nervosas, ainda estudante de medicina (1884). Nissl foi ainda considerado discípulo e sucessor de Kraepelin. (GOMES, 2019: s/p)

seção Pinel do HNA, também consta fotomicrografias assinadas por J. Pinto. Segundo Muñoz (2015:107), o laboratório Nissl foi fundado e dirigido por Ulysses Vianna, no qual eram realizadas pesquisas sobre a "neuropatologia e histopatologia do sistema nervoso". Desse modo, é provável que a inclusão das fotomicrografias assinadas por J. Pinto no trabalho de Floriano de Azevedo tenha sido um efeito da aproximação de Vianna com o IOC.

Outro tipo fotográfico significativo se refere aos registros fotográficos de doentes, que tinham como objetivo atribuir visualidade à doença mental sofrida pelo sujeito, isto é, a caracterização da patologia psíquica se apoiava tanto na expressão textual dos seus sintomas quanto na tentativa de descrição visual. Tal visualização se fazia por meio de fotografias que demonstravam suas deformidades físicas e, fotografias em que a face e/ou o corpo teatralizavam os sintomas das patologias mentais. A utilização da fotografia de doentes foi mais frequente nos trabalhos de Fernandes Figueira, Waldemar G. de Almeida e Antônio Austregésilo. De acordo com Sousa,

Nos seus primórdios, a medicina mental, tal como a medicina orgânica, tentou decifrar a essência da doença no agrupamento coerente dos sinais que revelam a sua presença. Construiu uma sintomatologia na qual são realçadas as correlações constantes ou somente frequentes. Desde aí, a doença mental passou a conceptualizar-se, tal como a doença somática, como uma constelação de sinais e sintomas causados por uma anomalia biológica desconhecida mas presente. (SOUSA, 2000:11 *apud* GONÇALVES, 2010:93)

Em vista disso, ao analisarmos os registros fotográficos de indivíduos doentes observar-se entre as mais comuns, as fotografias de corpo inteiro, busto e meio corpo. Em geral, estas fotografias são produzidas em perspectiva frontal e utilizadas, principalmente, para a identificação dos pacientes em prontuários e observações clínicas a seu respeito. Conforme Sekula (1992: 346), "a fotografia chegou a estabelecer e delimitar o terreno do outro, a definir tanto a aparência generalizada — a tipologia — quanto a instância contingente de desvio e patologia social." Sendo assim, as instituições que mais empregaram a fotografia com o objetivo de estabelecer "tipos" foram a polícia e os hospitais, especialmente, os psiquiátricos.

Segundo Lissovsky (1993:58), ao longo da década de 1850, tornou-se comum fotografar criminosos em algumas cidades da França, Inglaterra e Estados Unidos, como um método de identificação de delinquentes. No entanto, somente com a criação do Serviço de fotografia da Prefeitura da Polícia de Paris, em 1874, iniciou-se o registro sistemático de todos aqueles que ingressavam nos presídios. Dessa maneira, as fichas criminais eram acompanhadas por fotografias dos indivíduos, como um instrumento de identificação e reconhecimento destes sem, contudo, existir um padrão classificatório capaz de tornar o banco de dados manipulável de modo rápido

e satisfatório (GALEANO, 2012: 727; NETO, 2014: 1066). Em 1879, Alphonse Bertillon (1853-1914) ingressou como auxiliar escrevente e passou, em seguida, a um *bureau* dedicado à cópia e ordenação das fichas de criminosos, na Prefeitura de Polícia, propondo como solução para a questão da organização e identificação das referidas fichas, a partir de um sistema de classificação por meio da antropometria. Tais medidas antropométricas, segundo Galeano (2012:728-729) eram compostas por nove medições corporais: estatura, envergadura, altura do busto, comprimento e largura da cabeça, comprimento da orelha direita, comprimento do pé, dedo médio e antebraço esquerdo. Conforme Bertillon, dois indivíduos podiam ter algumas dessas medidas iguais, mas em nenhum caso apresentariam as mesmas dimensões nessas nove categorias; com isso, ordenava-se as singularidades dos indivíduos no conjunto de uma população.

Segundo Neto (2014:1067), as fichas criminais baseadas no método científico de Bertillon eram compostas por duas fotografias em preto e branco, em retrato duplo de rosto e perfil direito, com um fundo branco ou cinza e em escala de 1/7, com o intuito de enquadrar de maneira mais precisa possível o corpo do indivíduo, com o propósito de ressaltar a individualidade. Dessa maneira, o próprio corpo humano oferecia os dados necessários para estabelecer rigorosamente sua "identidade". Conforme apontou Fabris (2004),

Ao retratar o sujeito doente e/ou infrator de frente e de perfil, obtêm-se duas visões de sua fisionomia: a frontal, que corresponde ao que é imediatamente reconhecível no indivíduo; a lateral, que remete a uma representação morfológica precisa, posto que o contorno da cabeça não sofre modificações com o passar dos anos. (FABRIS, 2004:43)

A dupla imagem com vestígios dessa normatização do retrato judiciário, elaborado por Alphonse Bertillon, foi publicada nos *Arquivos* em apenas três trabalhos distintos e situados no meio do texto. Dentre esses, o trabalho de Murilo de Campos, em 1924, versava sobre um homem negro diagnosticado com delírio alucinatório crônico e, os outros dois trabalhos, publicados em 1911 e 1918, referiam-se a casos de dois criminosos, veremos a seguir as fotografias desses dois casos.

No caso de Carleto¹¹⁵, — imigrante italiano chamado Justino Carlo — publicado no artigo "*Contribuição ao estudo da simulação da loucura*" escrito pelo Dr. Miguel Salles em 1911, tratava-se de sujeito acusado de ter cometido duplo assassinato e roubo a uma joalheria,

¹¹⁵ DIAS, Allister Andrew Teixeira. "Dramas de Sangue" na Cidade: psiquiatria, loucura e assassinato no Rio de Janeiro (1901-1921). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010. 191 f.

o célebre “Crime da Rua da Carioca”, de 1906, que ganhou notoriedade da imprensa carioca por vários meses. Após Carleto apresentar sinais de perturbação mental, foi encaminhado pelo juiz a um exame de sanidade mental a ser feito pelos médicos legistas da polícia do Distrito Federal, Diógenes Sampaio e Miguel Salles. O parecer dos médicos sobre este caso foi publicado no periódico da Polícia, o *Boletim Policial*, em 1908, e nos *Arquivos*, em 1911. Em ambas publicações encontramos sete fotografias: além da fotografia judicial, estão presentes as imagens dos “pensamentos do paciente”, sua tatuagem¹¹⁶, seu desenho e o instrumento que utilizou para atentar contra sua vida, que funcionaram como meios de provas e legitimação para o diagnóstico do paciente, reconhecido pelos médicos como um criminoso que simulava ser louco para fugir a responsabilidade criminal de seus atos.

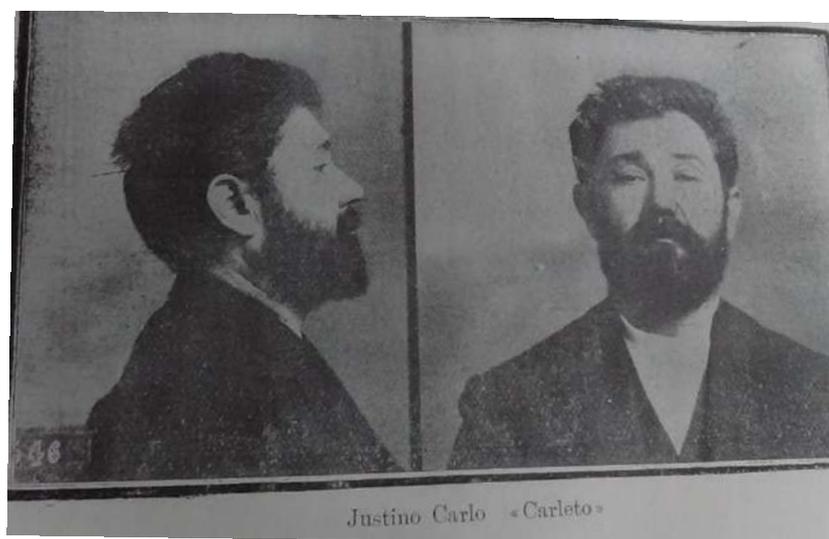


Imagem 2.6 - Carleto. In: SALLES, Miguel. Contribuição ao estudo da simulação da loucura. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Rio de Janeiro, Ano VII, nº 1 e 2, 1911.

¹¹⁶ Segundo Dias (2010:94), embora Carleto não possuísse estigmas de degeneração, tinha uma tatuagem em seu peito. Tal desenho chamou a atenção dos médicos, que acreditavam que seu significado poderia dizer bastante sobre a personalidade do indivíduo. Conforme Dias (2010:94-95), as tatuagens foram tema importante para os discursos criminológicos do início do século XX. A esse respeito, Dias expõe os argumentos defendidos por diferentes autores que relacionaram a tatuagem como característica de degenerados, criminosos e das classes baixas. De acordo com o autor (2010:95), para Afrânio Peixoto as tatuagens eram comuns em “primitivos, inferiores, degenerados e ociosos, traduzindo as ideias, os sentimentos, os impulsos”, todavia, Peixoto questionava a articulação direta das tatuagens com a criminalidade (PEIXOTO, 1914: 515 *apud* DIAS, 2010: 95). Por outro lado, naquele período, estavam em voga, estudos sobre a relação entre tatuagem e crime, como o trabalho de Elísio de Carvalho (1921).

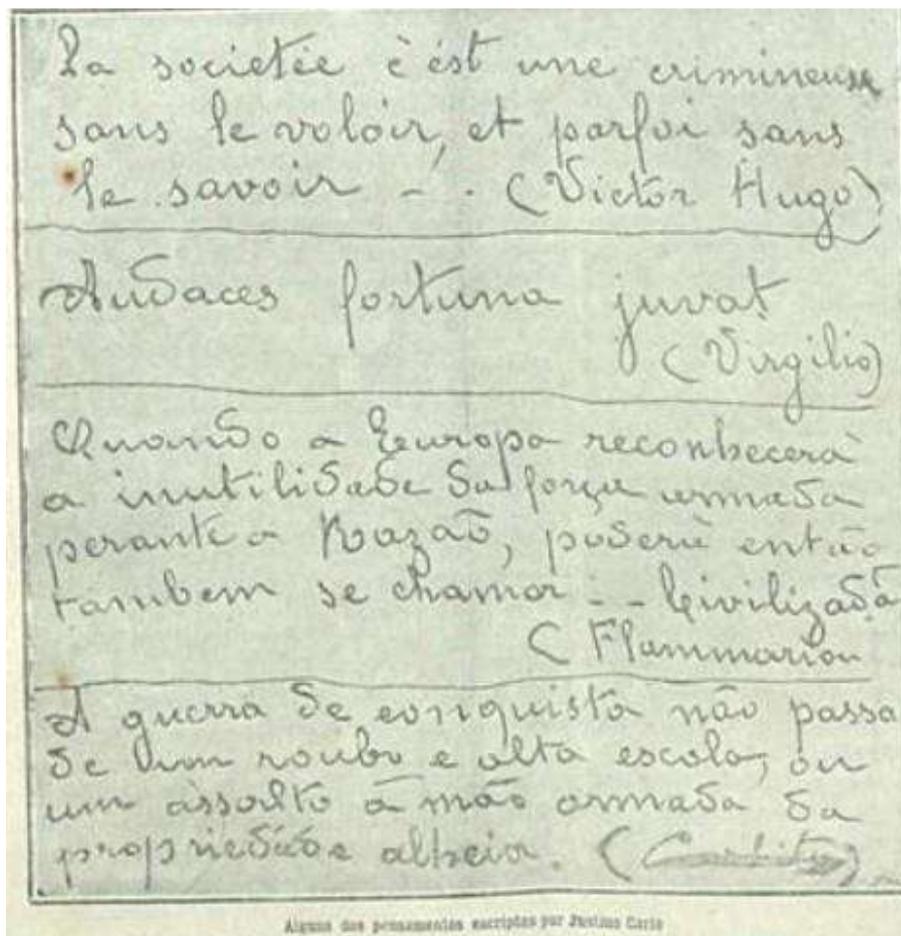


Imagem 2.7 - Pensamentos de Carleto. In: SALLES, Miguel. Contribuição ao estudo da simulação da loucura. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Rio de Janeiro, Ano VII, nº 1 e 2, 1911.

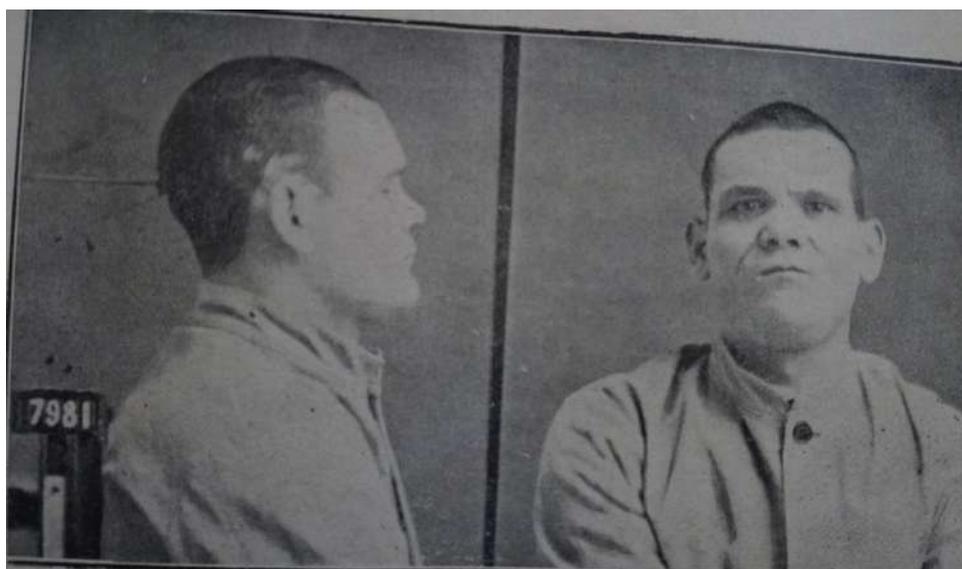


Imagem 2.8 - Paciente da casa de correção do RJ. In: ALMEIDA, Waldemar. Relatório sobre o estado de sanidade mental de B.M. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Rio de Janeiro, Ano XIV, 1918.

Cumprir dizer que o segundo caso, foi publicado em um boletim da SBNPML, na qual Waldemar de Almeida apresentou o sujeito como um “degenerado de caráter impulsivo”, um criminoso que estava detido na Casa de Correção do Rio de Janeiro, vide a numeração que o acompanha e o uniforme usado. Assim como no caso anterior, esta comunicação de Almeida, acompanha uma fotografia dos “pensamentos do paciente”. Além disso, em ambos os casos, a ênfase atribuída ao rosto deixa evidente a função a qual atendia, ou seja, a de identificação do sujeito.

Contudo, além dos retratos de tipo judiciário, o corpo como um todo era capaz de expressar visualmente, a doença sofrida pelo indivíduo, a partir da gestualidade, do comportamento e das deformações físicas.

Produto científico e artístico a um só tempo, a fotografia do corpo humano terá como foco privilegiados o hospital e a Escola de Belas-Artes. O corpo que interessa ao hospital não é, porém, semelhante ao corpo que desperta a atenção da academia. No primeiro caso, a fotografia ajuda a definir uma norma, a diferenciar o sadio do patológico graças ao registro do corpo em crise. No segundo caso, a fotografia permite alcançar uma definição de belo, alicerçada na observação da natureza e não mais numa idealização derivada dos modelos antigos. (FABRIS, 2002:35)

Encontramos no *Arquivos* imagens de pacientes em que o elemento principal demonstrado não são os traços faciais, mas a gestualidade do corpo, inclusive facial do enfermo, como vemos nas fotos a seguir. Essas imagens são a primeira ocorrência de fotografia de pacientes, verificada no periódico, em 1906, um ano após a primeira edição da revista, com o trabalho de Antônio Austregésilo intitulado *Mimetismo nos idiotas e imbecis*, no qual o autor trata de três observações de casos de imitação de animais, feitos por pacientes masculinos, internados no Hospício Nacional de Alienados. Destes três casos, dois foram fotografados.



Imagem 2.9 – Mimetismo. In: AUSTREGESILO. A. Mimetismo nos idiotas e imbecis. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências affins*, 1906.

Austregésilo considera como “mimetismo em patologia, como a tendência a imitação consciente ou inconsciente” (1906:4) Em outras palavras, o mimetismo em patologia seria uma forma comportamental em que é realizada a imitação de outros humanos ou animais. No caso dessas fotografias, os pacientes imitam dois animais e por isso, funcionam como um suporte na categorização sobre o mimetismo praticado por imbecis e idiotas. Os mimetistas estudados neste artigo, segundo o autor, imitam ainda com facilidade outras pessoas; mas após um período de observação, Austregésilo percebeu o prazer destes doentes em imitar animais. Neste artigo, o próprio autor descreve a fotografia e seus casos:

I. Machadinho, imbecil manso e conhecido no Hospício como mimetista instintivo. Imita com perfeição todos os indivíduos com os quais convive. Surpreende os hábitos, as pequenas estereotípias ou cacoetes das pessoas, a marcha, a voz, o gesto, etc. A imitação que mais prazer lhe traz é, entretanto, a do cavalo de tilbury, cuja semelhança é flagrante. Infelizmente a fotografia instantânea não deu bom resultado. A marcha, o oscilar da cabeça do animal, etc, são por ele perfeitamente imitados. A fotografia indica um instantâneo em que o paciente imita um cachorro cansado, com a língua para fora, babando e coçando a orelha. II. A segunda observação é de um imbecil e epilético – Pedro – cuja habilidade para os trabalhos mecânicos é admirável. A fotografia indica de uma maneira aproximada o modo porque este paciente imita as caretas, os gestos, a mímica de um macaco. Coça-se, move-se, trepa, faz todos os trejeitos de um símio, isto espontaneamente, para mostrar sua habilidade. Este mesmo imbecil sempre que pode imita os médicos na linguagem técnica, mas já sabemos, eivadando-a de absurdos e disparates. Quer ser médico, quer receitar e de vez em quando, quer dar opinião sobre seu receituário e sobre os meus diagnósticos. (AUSTREGESILO, 1906:15-16)

Podemos dizer então que o autor acrescenta às fotografias, mais do que legendas. Produz uma descrição detalhada de quem são seus pacientes, de que maneira demonstram suas doenças, de onde são e quais são suas predileções. Além disso, ao se referir a uma fotografia que “não deu bom resultado”, o autor nos faz supor que a razão para tal, tenha sido a limitação fotográfica em não capturar o dinamismo dos movimentos produzidos pelo paciente. Contudo, essa descrição detalhada sobre o paciente e sua doença, não é tão frequente entre os artigos publicados no *Arquivos Brasileiros*. É mais comum, encontrarmos descrições sintéticas de observações médicas a respeito do paciente, como as informações presentes no prontuário como: idade, histórico do paciente e da família em relação a doenças, cor, profissão, diagnóstico e tratamento.

Além das fotografias de doentes que privilegiam a linguagem corporal do retratado, como seus gestos, posturas e atitudes, a constituição anatômica do sujeito também foi fotografada e publicado nos *Arquivos*. Os enfermos foram retratados de corpo inteiro, nus ou vestidos, em posições características como frente, costas, perfil e sentado, com cenários construídos por elementos como tapetes, fundos neutros construídos e outros artefatos.

Nestas fotografias em que o corpo era o objeto de investigação, suas qualidades físicas e/ ou fisiológicas, ganharam destaque. No artigo de Marcio Nery¹¹⁷ "Dous casos de paralisia datando a infância", em 1907, como bem apresenta o título, o autor trata de dois casos de paralisia em homens adultos que sofriam dessa condição desde sua infância. Contudo, a "sede e natureza" dessas paralisias não são as mesmas. O autor descreve as deformações físicas de seus pacientes, se referindo as imagens como figura I e II

Logo a inspeção impressiona vivamente a desproporção considerável que se nota entre os membros inferiores e o dorso. (...) Ambos os pés são deformados: um varus, outro valgus. (Fig.1) (...) há paralisia dos membros inferiores, com atrofia notável dos músculos, atrofia que é mais acentuada nas pernas. (Fig.2). (NERY, 1907:139-140)

¹¹⁷ Márcio Philaphiano Nery (1865-1911) nascido em Manaus, graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1890, defendendo tese de doutoramento intitulada “Da influência exercida pelas moléstias do aparelho circulatório quanto ao desenvolvimento das moléstias mentais”. Disponível em: <http://www.anm.org.br>. Foi também lente substituto da cadeira de clínica psiquiátrica da FMRJ. (ABPNCA, 1907)

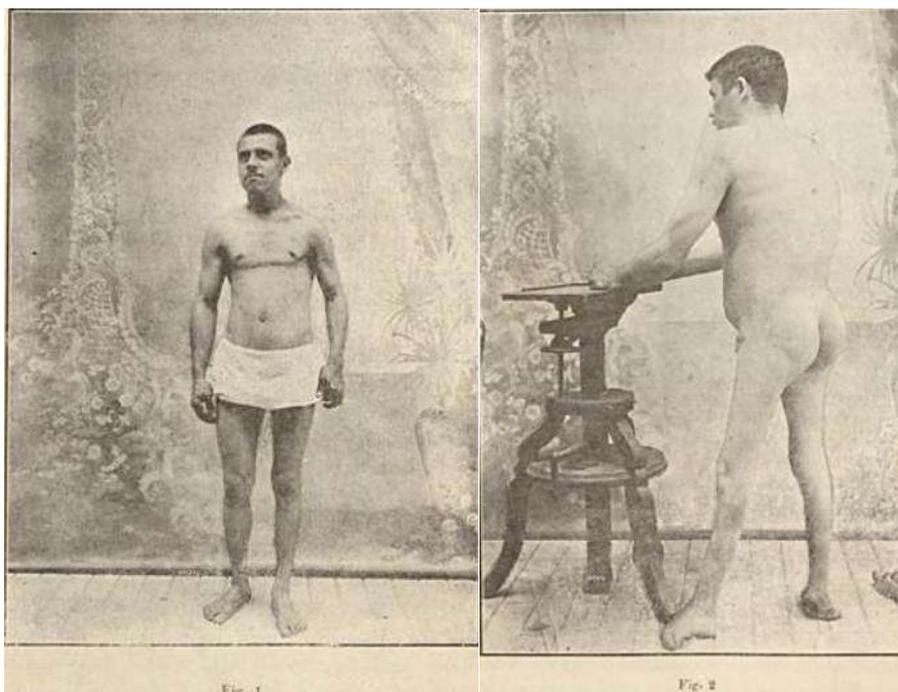


Imagem 2.10 – Casos de paralisia. In: NERY, Marcio. Dous casos de paralisia datando a infância. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências affins*, ano III, n 2, 1907.

Além da visível deformação física, o cenário em que são fotografados, chama atenção, em razão de destoar da maioria dos registros fotográficos publicados nos *Arquivos*, à medida que, em geral, notamos um fundo simples e neutro, utilizado provavelmente para que não desviasse a atenção do paciente (referente). Nos casos apresentados por Nery, o cenário não é o mesmo. No fundo pintado, identificamos imagens de plantas e cortinas, na retratação do segundo caso, o paciente ainda se apoia em um objeto de madeira para se manter de pé. Com este cenário, supõe-se que a fotografia pode ter sido realizada em um estúdio fotográfico dentro ou fora do hospital, ou ainda, registrada em um espaço improvisado.

Segundo James (2003:182), a elaboração dessas fotografias dependia de quatro componentes: "o fotógrafo como operador, o doente como referente, a câmera fotográfica como meio e o médico como diretor". Enquanto diretor, o médico era responsável por controlar elemento como a pose do doente, sua expressão, a superfície do corpo a ser abrangida, a determinação do local e do fundo (2003:182). Como operadores dos registros fotográficos publicados no periódico, encontramos alguns nomes, mas infelizmente, da maioria não encontramos mais informações.

Sabemos, todavia, que as fotografias publicadas nos *Arquivos* eram, em sua maioria, de pacientes internados no HNA e buscamos conhecer um pouco mais sobre o serviço fotográfico presente na instituição, seu funcionamento, o médico responsável pelo serviço e fotógrafo que ali atuava. No entanto, as fontes que dizem respeito à existência desse serviço fotográfico vêm se mostrando escassas, sendo encontrada apenas em uma notícia de jornal (1896) e em relatórios

anuais enviados pelo diretor do HNA ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, como se segue.

A visita realizada por um dos redatores do jornal *O Paíz* ao Hospício Nacional, virou notícia em 13/06/1896, na qual o escritor detalha os espaços físicos e pacientes da instituição, citando a existência de um ateliê fotográfico mantido pelo Dr. Marcio Nery, e ainda, explicitando a importância das fotografias e a qual finalidade atendiam.

Além de uma sala clínica, onde vimos várias peças anatomicas servindo para o estudo e confirmação de diagnósticos, notamos também junto deste pavilhão (Pavilhão de observação) um atelier de fotografia cuidadosamente mantido pelo Dr. Márcio Nery, o que reconhecemos da mais alta importância, não só para o estudo comparativo das diferentes fases da moléstia que acomete o indivíduo como também para o estabelecimento da identidade dos doentes que muitas vezes ali chegam sem informações por parte da autoridade policial que os remete. (*O Paíz*, 13/06/1896)

Parece assim que o Dr. Nery, à época, médico responsável pela seção Pinel do hospício, destinada a pacientes masculinos, corroborava a necessidade de identificação do doente presente no conhecimento de meados do século XIX como vimos em relação ao *portrait*.

Além disso, no relatório dos anos 1904-1905 escrito por Afrânio Peixoto, à época diretor interino do HNA, ao ministro J. J. Seabra, consta no plano orçamentário do Hospício para o ano de 1906 a pretensão de contratação de um fotógrafo para o gabinete fotográfico e antropométrico. E ainda,

Uma das boas installações é o gabinete photographico. Actualmente está este estabelecimento bem aparelhado para fazer a mais delicada photographia. Foi construído com todos os requisitos para desempenhar os mistéres que lhe são proprios. Todo ladrilhado, com um puxado envidraçado e possuindo uma boa camera para revelar as chapas. Adquirimos uma boa machina além de bom material de que dispõe. (BRASIL, 1906:58)

No entanto, não foram encontradas mais fontes primárias que trouxessem dados complementares sobre este serviço fotográfico, quem teria sido o fotógrafo e como teria funcionado.

As fotografias publicadas nos *Arquivos Brasileiros* recebem assinatura de diferentes fotógrafos. Em todo ano de 1906 foram assinadas pela mesma sigla "DBC" ou "EBC"¹¹⁸. No ano seguinte, em 1907, no artigo de Marcio Nery, citado anteriormente, e em 1919, encontramos a assinatura de "BRUN" em dois artigos desse ano “Tratamento das paralisias

¹¹⁸ A maneira como as letras das siglas está sobreposta dificulta a identificação exata da sigla e, conseqüentemente, a identificação do autor da imagem.

faciais de origem periférica” de A. Austregésilo e “Oftalmoplegia externa e neuralgia facial” de José Osorio. No entanto, não encontramos nenhuma informação sobre este fotógrafo.

Em 1928, no artigo “A contractura da hemiplegia dita capsular é pirâmido-extra piramidal” de A. Austregésilo, identificamos a assinatura de M. Escobar nas quatro fotografias presentes no trabalho do autor. De acordo com Kossoy (2002:127), trata-se de Manoel Escobar que “anunciava-se como M. Escobar & C. Foi sucessor de José de Mello Argueles (*Almanak Laemmert, 1892-1995*). Poderia tratar-se do mesmo Escobar que fora associado a Marques de Araújo durante 1882-83.” E ainda, em um anúncio na *Gazeta de Notícias* em 28/06/1908, podemos conhecer um pouco do trabalho deste fotógrafo: “Photographia Carioca - photographo M. Escobar - Especialidade em retratos de crianças e grupos. Encarrega-se de trabalho a domicilio”.

A presença de fotografias assinadas por diferentes fotógrafos nos demonstra que apesar da existência de um serviço fotográfico interno no HNA, serviços fotográficos particulares eram frequentemente realizados. O fato de não conhecermos profundamente o serviço fotográfico instalado no HNA inviabiliza nossa compreensão a respeito dessas contratações particulares.

No que tange às fotografias institucionais, observamos a existência de imagens de edificações de asilos-colônias, de pavilhões específicos destes asilos, manicômio judiciário, além de eventos celebrados pela Sociedade e seus membros. Dentre as edificações, destacam-se os asilos colônias ou colônia agrícola¹¹⁹, cujas imagens se fizeram presentes na revista por mais de uma década, num total de 4 trabalhos com fotografias, publicado em 1910,1913,1921 e 1924, destacando-se em especial o interesse por imagens de suas estruturas físicas internas e externas.

As publicações dos anos de 1910 a 1924 foram as que tiveram menos incidência de registros fotográficos. Em 1910, Franco da Rocha (1864-1933) publicou um trabalho com duas fotografias panorâmicas do Asilo Colônia de alienados de Juquery, em São Paulo, intitulado “Assistência familiar aos insanos em S.Paulo”. Nesse artigo, Franco da Rocha discorreu sobre a implantação da assistência familiar¹²⁰ no Hospício Juquery, realizado em 1908. Já em 1924,

¹¹⁹ De acordo com Venancio (2011:36), o modelo institucional das colônias na assistência psiquiátrica foi utilizado no tratamento de diversas doenças, tanto dentro quanto fora do Brasil, associado na maioria das vezes ao isolamento dos doentes, no intuito de evitar a propagação da doença. Nesse sentido, o modelo das colônias apresentava duas vantagens: o valor terapêutico, atribuído ao exercício do trabalho agrícola; o seu baixo custo de manutenção, à medida que os frutos desse trabalho poderiam contribuir para seu próprio sustento.

¹²⁰ A assistência familiar consistia na instalação de pacientes em ambiente doméstico, aos cuidados de moradores da região, denominados nutrícios, no perímetro do hospital ou fora dele. Tal sistema foi adotado pela psiquiatria europeia no século XIX, a exemplo da experiência na colônia de Gheel, na Bélgica, na qual durante a peregrinação até a Igreja de Santa Dimphne, na esperança de uma cura milagrosa, os doentes que não ficavam bons até o final

no noticiário da revista foram publicadas três fotografias da área externa e interna, do recém construído asilo colônia Juliano Moreira, na Paraíba do Norte, informando, no entanto, que devido à falta de recursos para equipar a instituição técnica e humanamente, sua inauguração ocorreu somente em 1928. No período de sua construção, o asilo-colônia constituía-se como a primeira instituição psiquiátrica no estado da Paraíba, como parte das políticas estaduais de saneamento e profilaxia rural, articuladas aos discursos da classe médica parahybana que reivindicava a responsabilidade sobre a “Assistência aos Alienados” desde os anos 1910 (JUNQUEIRA, 2016:23).

A publicação composta pela maior quantidade de fotografias institucionais foi a "A Remodelação do Asilo-Colônia de Alienados de Vargem Alegre", em 1921, ano da inauguração das reformas realizadas no estabelecimento. Foram vinte e oito registros internos e externos — majoritariamente das fachadas dos pavilhões e edifícios — das melhorias físicas que, segundo a fonte, a colocava " à altura das melhores do país." Para tal inauguração, foi organizada uma comitativa que, contava com os Drs. Raul Veiga, presidente do Estado; Eneas Ribeiro de Castro, secretário geral; Ranulpho Bocayuva Cunha, Prefeito de Niterói, Juliano Moreira, diretor geral da assistência a alienados do distrito federal; Henrique Roxo, catedrático da clínica psiquiátrica; Rodrigues Caldas, diretor da colônia de alienados da Ilha do Governador; Gustavo Riedel, diretor da colônia de alienadas do Engenho de Dentro e Paulino Cavalcanti, diretor do posto zootécnico federal, além demais representantes da assistência aos alienados, imprensa e outros (ABNP,1921:270). Junto com as reformas e a chegada da comitativa, também foi fotografado o trabalho exercido pelos alienados nessa Colônia.

da novena eram, muitas vezes, deixados na casa de algum habitante do lugarejo, até a próxima festa da padroeira. (ROCHA,1906; PORTOCARRERO,2002: 134; VENANCIO, 2011:49)

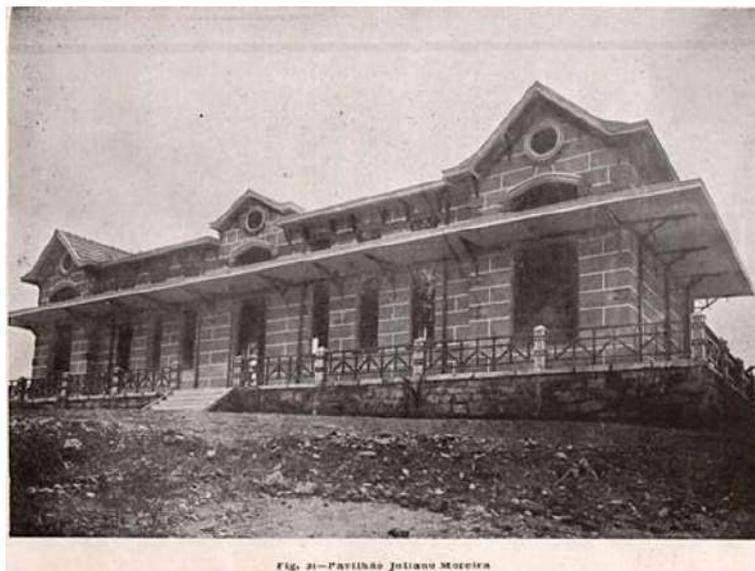


Imagem 2.11 - Pavilhão Juliano Moreira no Asilo Colônia de Vargem Alegre. In: A Remodelação do Asilo-Colônia de Alienados de Vargem Alegre. *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria*, III-IV trimestres, 1921

Nesse mesmo ano, foi inaugurado o primeiro manicômio judiciário do Brasil, destinado a "assistência aos loucos delinquentes e a observação dos acusados suspeitos de alienação mental", regido pelo regulamento aprovado pelo decreto nº14.831, de 25 de maio de 1921 e cujo cargo de diretor coube a Heitor Carrilho. Embora a notícia não faça referência a única fotografia publicada do Manicômio, o seguinte trecho a descreve: "O edifício achava-se totalmente cheio do que o Rio de Janeiro tem de mais representativo na magistratura e na classe médica" (1921:120).



Imagem 2.12 - Inauguração do Manicômio Judiciário. In: *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria*, I-II trimestres, 1921

Além das instituições brasileiras, as estrangeiras também foram divulgadas no periódico. Em 1913, foi publicado um relatório sobre a assistência a alienados no Rio da Prata, apresentado por Plínio Olinto.

Exm.Sr. Dr. Diretor Geral da assistencia a alienados do Rio de Janeiro - De volta da viagem, que de acordo com o n.XXII do art. 36 do regulamento aprovado pelo decreto n 8834, de 11 de julho de 1911, me incumbiu V.Ex. de fazer ao Rio da Prata, com o fim de verificar o progresso dos estabelecimentos que a Argentina e Uruguai tem erguido aos insanos, tenho a honra de passar às mãos de V.Ex. a relação de minhas impressões, à vista do que me foi dado observar. (OLINTO, 1913: 75)

O autor relata sobre diversas instituições destinadas a assistência a alienados na Argentina e o Uruguai, apontando aspectos como estruturas físicas, funcionamento e população interna. Junto ao relatório, constam doze fotografias da visita a Colônia de Lujan, a respeito do trabalho exercido pelos pacientes e edificações do estabelecimento vistas a distância. É importante salientar que desse tipo fotográfico, apenas as publicadas no noticiário de 1924, sobre o asilo na Paraíba do Norte¹²¹, consta a autoria, a saber, a do *Voltuire d' Alves*¹²².

Ademais, as fotografias institucionais também compreendem as imagens relativas a comemorações e eventos promovidos pela Sociedade. As edições de 1922 e 1925 foram dedicadas, principalmente, a comemorações e homenagens. Durante a realização do II Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, publicado em edição especial de agosto de 1922, foram realizados alguns registros fotográficos, a respeito de sua sessão inauguração, das visitas realizadas pelos congressistas, da conferência do neurologista alemão Max Nonne, na Academia Nacional de Medicina e do almoço entre os congressistas.

A sessão inaugural do Congresso, realizada no salão nobre do HNA, em 20 de agosto de 1922, reuniu representantes de Estado como Dr. José Lobo que representava o Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Dr. H. Fontes representava o Ministro das Obras Públicas, os presidentes das seções da Sociedade Antônio Austregésilo, Henrique Roxo e Ernesto Nascimento da Silva, e os professores alemães Max Nonne (1861-1959), professor de Hamburgo e neurologista e prof. Much de Berlim. Além de "delegados das Faculdades Médicas do Rio e dos Estados e das Associações Médicas" (ABNP, 1922:12). No momento da fotografia, os participantes estão organizados em formato de quadrado e sentados, o único de pé é Juliano

¹²¹ Ver: JUNQUEIRA, H. G. F.W.. Doidos[as] e Doutores: A medicalização da loucura na Província /Estado da Parahyba do Norte (1830-1930). Tese de doutorado Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, 2016.

¹²² Este nome foi o que compreendemos da leitura da assinatura. Contudo, não encontramos nenhuma informação a respeito deste na bibliografia consultada. Portanto, não sabemos se de fato não existem informações sobre este indivíduo ou se, a nossa leitura de alguma letra do nome foi equivocada.

Moreira, situado no centro da foto, junto a mesa, parecendo estar lendo um texto ou falando à audiência.



Imagem 2.13 - Sessão inaugural do II Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. In: Sessão Inaugural. *Arquivos Brasileiros de Neurolatria e Psiquiatria*, ano IV, I-II tri., 1922

No dia seguinte, como atividade proposta para o Congresso, foram realizadas visitas dos congressistas às instalações da Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, à Colônia de Alienados de Jacarepaguá e ao Asilo Colônia de Alienados de Vargem Alegre. Os participantes destas visitas foram Max Nonne, Much, Rocha Lima, Henrique Roxo, Juliano Moreira, Waldemar de Almeida, Faustino Esposel e suas respectivas esposas (ABNP, 1922:137-138).



Imagem 2.14 - Visita de Congressistas à Colônia de Alienadas no Engenho de Dentro. In: Excursão à Colônia de Jacarepagua e a Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro. *Arquivos Brasileiros de Neurolatria e Psiquiatria*, ano IV, III-IV tri., 1922

Em ocasião de uma sessão solene realizada em 18/07/1925, em homenagem a Juliano Moreira, foram publicadas três fotografias nos *Arquivos*, no mesmo ano. A primeira diz respeito ao busto de bronze de Juliano Moreira, em perfil, que era inaugurado naquela oportunidade. As outras duas são registros da referida sessão, em que, em uma imagem constam alguns participantes sentados, ao lado do homenageado, frente à uma mesa, no salão nobre do Hospital Nacional de Alienados, ouvindo um participante, em outra, o mesmo grupo aparece organizado em formato de L diante da câmera.



Imagem 2.15- Inauguração do busto de bronze de Juliano Moreira. In: Homenagens ao Professor Juliano Moreira. *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria*, ano VII, 1925

Portanto, nessas fotografias, notamos que o discurso institucional foi construído por meio da fotografia que atendia a fins promocionais das instituições que eram criadas e adaptadas a determinados modelos de assistência. No que concerne às comemorações e homenagens da Sociedade, os registros fotográficos funcionaram, ao mesmo tempo, como testemunho e suporte à memória institucional produzida por seus agentes.

O último tipo de produção fotográfica publicada nos *Arquivos*, e também presente nas *Memórias do IOC*, diz respeito às fotografias de médicos nas seções Necrologia e Notícias do periódico, assim como em trabalhos originais. Podemos constatar escritos em homenagens a Juliano Moreira e necrológios para nomes influentes na medicina, em especial, nas áreas da psiquiatria, neurologia e medicina legal, no Brasil e no mundo, como os Drs. Jean Charcot,

Diogenes Sampaio, Carlos Wallau, Miguel Pereira, Raul Chagas Doria, Teixeira Brandão, Raul Veiga e Emil Kraepelin.

Assim como vimos no capítulo anterior, os retratos de médicos representam uma imagem idealizada de si, no qual o indivíduo fotografado busca construir sua identidade, caracterizando sua posição social e, no caso desses médicos, também seu estatuto profissional, a partir de elementos como pose, cenário e vestimenta.

A comunhão entre pose e cenário, os trajes cuidadosamente escolhidos e engomados, o cabelo minuciosamente penteado, a maquiagem e o retoque caracterizam a fotografia de retrato – desde o seu surgimento – como uma construção da identidade do indivíduo, idealizado em um personagem que diz mais respeito à forma como cada um gostaria de ser visto do que sobre sua verdadeira identidade. Reconhece-se a partir daí a ideia da “máscara social”, mutável, e que se integra numa variedade de cenas e representações. A maneira como é representado “o ser no mundo” é que determina sua encenação. (ZAMBON; LOPES, 2007:34)

Assim como os médicos fotografados do IOC, os médicos que receberam homenagens em vida e póstumas, tiveram suas fotografias vinculadas aos textos de suas realizações na carreira, dispostas em páginas inteiras, em formato quadrado e, em formato oval, em tamanho menor. Mas ao contrário do que vimos no primeiro capítulo, as fotografias dos médicos publicadas no *Arquivos* além de vestirem ternos, também usaram como vestimenta as becas de formatura. Esta escolha pode estar ligada ao propósito de simbolizar e valorizar a sua relação com a FMRJ, tendo em vista que, de acordo com o decreto nº 3.902 de 12 de janeiro de 1901, que aprova o regulamento das Faculdades de Medicina, os doutores, os lentes e os substitutos vestiam-se de maneira específica:

Art. 86 – O distintivo de Doutor em Medicina consiste na beca e na borla, conforme o modelo aprovado pelo Governo e no anel em forma de serpente com uma esmeralda ladeada de dois brilhantes. Art. 87 – A beca dos Lentes e Substitutos trará sobre o braço direito, bordados a ouro, duas palmas em semi círculo e ligadas inferiormente. Sobre a beca e cobrindo o ombro esquerdo usarão os Lentes e Substitutos uma murça verde, a dos Lentes orlada de arminho. A murça do Director será vermelha e não mais como a dos Lentes. (BRASIL,1901)

Sendo assim, Diogenes Sampaio na qualidade de professor da cadeira de química (1911) e Henrique Roxo como catedrático de Clínica Psiquiátrica (1921) foram fotografados com a vestimenta de professores de medicina.



Imagem 2.16 - Juliano Moreira. In: *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria*, ano VII, ,1925



Imagem 2.17 - Henrique Roxo. In: *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria*, ano IV, I-II tri.,1922

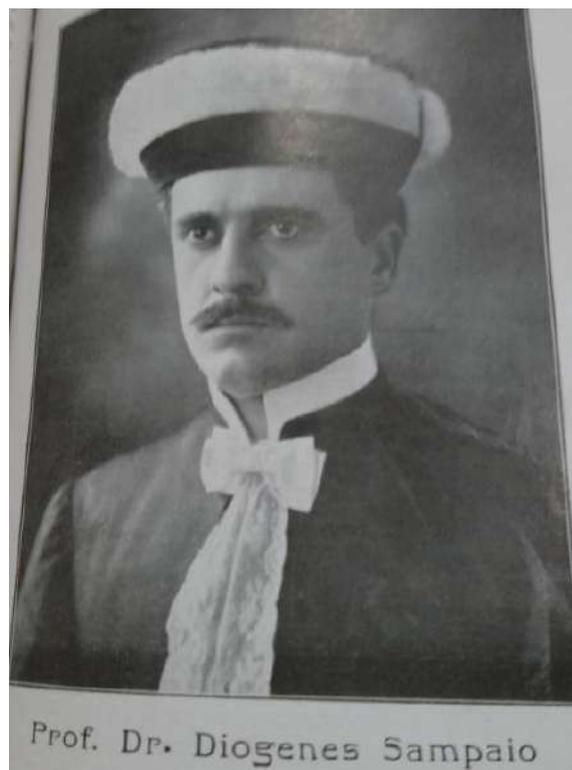


Imagem 2.18 - Diogenes Sampaio. In: Prof. Diogenes Sampaio. *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, ano I, III tri., 1919

Além dos retratos (*portraits*), os médicos também foram fotografados durante o exercício de sua prática médica. Em dois artigos nos *Arquivos* —, em 1907, “Em torno do beriberi e da sua topografia anestésica” pelo Dr. Júlio Novaes e 1919, “Tratamento das paralisias faciais de origem periférica” pelo Dr. Antônio Austregésilo —, verificamos fotografias em que o médico e o paciente são fotografados lado a lado. Em ambos os casos, o médico é registrado durante o exercício de sua profissão, realizando procedimentos nos rostos dos pacientes. Sendo assim, estes registros fotográficos demonstram uma preocupação em documentar uma etapa do procedimento.



Imagem 2.19 - Médico praticando procedimento em paciente homem. In: NOVAES, Júlio. Em torno do beriberi e da sua topografia anestésica. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, ano III, n 1, 1907.

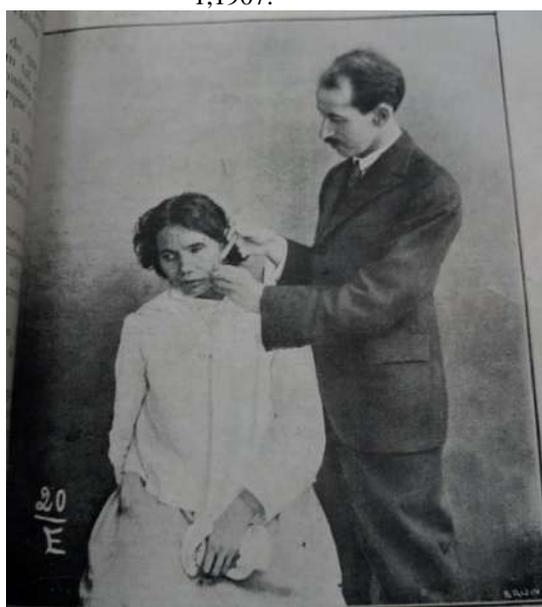


Imagem 2.20 - Médico praticando procedimento em paciente mulher. In: AUSTREGÉSILO, Antônio. Tratamento das paralisias faciais de origem periférica. *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria*, ano I, II tri., 1919.

Por fim, fica evidente no gráfico 6 que se comparado com a quantidade de fotografias publicadas, os desenhos foram empregados em menor quantidade, apenas 10 trabalhos. Dentre estes, constatamos majoritariamente, desenhos não coloridos e referentes a células, tecidos, órgãos e, eventualmente, a aparelhos, sem qualquer assinatura ou referência no texto escrito, sobre quem produziu tais desenhos. Verificamos nos anos de 1906, 1913, 1915 e 1920,

desenhos não coloridos do corpo humano demonstrando esquematicamente áreas no corpo em que ocorreu lesão sensorial.

Apenas dois artigos foram ilustrados com desenhos coloridos, "Subsidio aos estudos das formas nervosas do impaludismo" (1916) de Joaquim Moreira da Fonseca e "Glândula tiroide e sua secreção interna" (1911) de Gustavo Riedel; ambos assinados por Antônio Serapião Figueiredo. Infelizmente, deste encontramos apenas a indicação de que era médico. (*Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940* - médico no estado do Paraná nos anos de 1917,1918,1919 e 1924)

Além da assinatura de Figueiredo, em ambos os artigos constam as tipografias responsáveis pelas suas impressões. A tipografia que ficou a cargo dos três desenhos de cortes histológicos do sistema nervoso central, que acompanhavam o artigo de Joaquim Fonseca, foi a tipografia "América" situada na Rua Senado, 70, no Rio de Janeiro, propriedade de Américo Monteiro de Azevedo (*Gazeta de Notícias (RJ)*, 26/04/1917; *A Razão (RJ)*, 16/08/1919). Já a responsável pela impressão dos desenhos coloridos do trabalho de Gustavo Riedel foi a litografia Cattaneo & Borseti, localizada na Rua 13 de maio, 43, no Rio de Janeiro que trabalhava com "Clichés em madeira, (xilographia) trichromia em todos os processos chimicos-photographicos applicadas as artes graphicas, lytographia,typographia, encadernação e pautaço. Esmero no trabalho" (Rua do Ouvidor (RJ), 27/05/1911).

Como vimos, as fotografias de doentes foram o tipo fotográfico de maior prestígio nos *Arquivos*, constituída por subtipos que caracterizaram as diferentes maneiras em que os enfermos foram fotografados. Sendo assim, no próximo capítulo abordaremos como *corpus* de investigação este tipo fotográfico, buscando estabelecer semelhanças e diferenças entre as fotografias publicadas nos *Arquivos* e nas *Memórias do IOC*, bem como o sentido que imprimiam e revelavam sobre o estatuto das patologias mentais e das enfermidades observadas por meio da microbiologia.

Nesse segundo capítulo, assim como no primeiro, percorremos o eixo instituição-ciência-fotografia sob uma perspectiva descritiva. Iniciamos com o contexto de fundação da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal que, como pudemos observar, aconteceu em um período de realização de eventos científicos, na cidade do Rio de Janeiro que, por sua vez, vivenciava a implantação de um projeto "civilizatório", baseado em "modernizar, sanear e embelezar". A entidade foi a primeira sociedade brasileira especializada em medicina mental, constituída por médicos brasileiros e estrangeiros, de três especialidades principais, psiquiatria, neurologia e medicina legal. Examinamos assim seu periódico, *Arquivos*

Brasileiros, veículo oficial de divulgação da instituição que passou por inúmeras transformações e funcionou como um espaço dedicado a debates em torno das categorias diagnósticas, das práticas clínicas e terapêuticas executadas no período, em grande parte, relativas ao Hospício Nacional de Alienados, quando se tratava do modo como o assunto estava sendo levado a efeito na capital federal. Identificamos assim que os trabalhos publicados nesse periódico foram acompanhados por ilustrações científicas, utilizando-se com mais frequência dos métodos fotográficos, produzidos por fotógrafos e também por médicos. Os registros imagéticos, como vimos, atenderam a finalidades específicas, a saber: as fotografias de pacientes para sua identificação individual e patológica; as fotografias médicas-científicas, com destaque para as fotomicrografias que foram indispensáveis para estudos neurológicos; as fotografias institucionais que divulgavam tanto a aplicabilidade de um modelo assistencial – o das colônias agrícolas – , quanto suas reuniões e eventos, buscando promover a entidade e os estudos psiquiátricos; e as fotografias de médicos como uma maneira de homenagear os nomes importantes para a SBNPML e para medicina mental.

Capítulo 3 - A fotografia na ciência psiquiátrica e biomédica: um exercício de análise

Neste terceiro capítulo, buscamos compreender o estatuto que as fotografias adquiriram nos periódicos médicos. Para tanto, elegemos como *corpus* de investigação os registros fotográficos de indivíduos enfermos, que foram publicados nas *Memórias do IOC* e nos *Arquivos Brasileiros*, para averiguar como a técnica fotográfica foi empregada na construção do saber médico de especialidades distintas, reconhecendo conexões entre o discurso visual e textual e, desses com todos os outros elementos da edição editorial que constituem o veículo de comunicação em questão, as revistas científicas. Dirigimos assim nosso foco para a investigação de como o corpo e a doença dos enfermos foram representados nesses veículos especializados. Para nossa análise utilizamos fontes primárias e secundárias, a fim de observar as fotografias em seu contexto de produção, circulação e comunicação institucional, levantando subsídios para reconhecer seus elementos constitutivos.

Este *corpus* de investigação compreende 40 trabalhos publicados nos *Arquivos Brasileiros* entre os anos de 1905 e 1930, que totalizam 126 fotografias. No que diz respeito as publicações das *Memórias*, entre 1909 e 1930, identificamos apenas 17 trabalhos com imagens fotográficas reunindo 121 fotos. Diante desses números, apresentaremos nesse capítulo algumas fotografias selecionadas para análise, cujo principal critério de escolha foi a frequência com que os tipos de casos foram publicados, fossem eles mais regulares ou excepcionais perante todo o conjunto fotográfico.

Surgida na segunda metade do século XIX, a fotografia foi apropriada como um instrumento de registro, de pesquisa e de divulgação em diversas áreas da ciência, como a astronomia, a botânica, a medicina, nos estudos etnográficos; na área judicial foi utilizada na identificação e criação de perfis criminosos, entre outras aplicações em áreas tanto científicas quanto técnicas (SILVA, 2014:347). O período de criação da fotografia coincidiu com os anos do advento e consolidação do saber técnico e científico (CLODE, 2010:10; GURAN, 2012:5). Desse modo, rapidamente a fotografia se impôs como uma ferramenta da ciência moderna. Rouillé afirma que,

funcionando ela própria conforme princípios científicos, a fotografia vai contribuir para modernizar o conhecimento; em particular, o saber científico. (...) É na astronomia e na microfotografia, ciências ao mesmo tempo dinâmicas e habituais usuárias de instrumentos óticos, que o aparelho fotográfico é primeiramente utilizado. (ROUILLE, 2009: 109)

Desde seu surgimento, no século XIX, a fotografia foi sendo entendida como um dispositivo capaz de alcançar a realidade objetiva, regida pela racionalidade técnica e

apreendida mecanicamente pelo olhar neutro da máquina fotográfica. Em sua aplicação nos trabalhos científicos, os autores Lorraine Daston e Peter Galison, denominam o caráter objetivo atribuído à fotografia como objetividade mecânica, surgida a partir de uma nova forma de investigação científica, sob o lema “deixe a natureza falar por si” (DASTON; GALISON, 1992:81). Essa nova concepção valoriza a autenticidade e o autodomínio dos cientistas em frear suas projeções e ideais, tendo sua observação médica dirigida por um mecanismo neutro. Dessa maneira, a objetividade mecânica retrataria os indivíduos reais e não os ideais. Na crítica ao elemento artístico das ilustrações médicas a ideia de objetividade mecânica se consolida, tornando-se um mecanismo eficaz de contenção da subjetividade e que triunfa sobre a arte, devido à ausência da agência humana.

Considerando as contribuições desses e de outros autores focamos, portanto, na observação das fotografias em análise como instrumento de registro, de pesquisa e de divulgação na medicina experimental e mental, destacando seus elementos constitutivos. O capítulo organiza-se assim em quatro partes.

Na primeira, julgamos necessário apresentar brevemente o contexto de criação da fotografia, evidenciando o desenvolvimento de alguns processos fotográficos e sua recepção no Brasil, destacando os seus diversos usos. Na segunda parte, "O recurso fotográfico no discurso científico" visamos investigar a relação entre a fotografia e a linguagem escrita mediada pela legenda fotográfica na construção do discurso médico, evidenciando como tal conjunto se organizou de maneira distinta nos periódicos estudados. Na terceira parte, "Olhares sobre o corpo: da pele aos nervos" identificaremos as formas pelas quais determinadas doenças foram registradas, apresentando as moléstias mais comuns nos casos publicados nos periódicos, buscando estabelecer relações entre o contexto de produção da imagem, a maneira como foram representados seus sintomas e a existência de predileção por métodos fotográficos para doenças específicas. Na quarta parte, "Semelhanças e diferenças nas apresentações de indivíduos doentes", buscamos identificar a maneira pela qual os indivíduos enfermos foram fotografados, em ambos periódicos: quem eram os retratados, quais semelhanças e diferenças no modo de registrar os corpos enfermos e quais as ordenações desses corpos que foram produzidas.

3.1 - O advento da fotografia e alguns dos seus processos técnicos

Fruto da sociedade industrial do século XIX, o advento da fotografia se inscreveu em um contexto de florescimento cultural de grandes metrópoles, de transformações nos modos de produção, de desenvolvimento tecnológico aplicado às indústrias, às comunicações e aos

transportes, com o surgimento da máquina a vapor, a criação do telégrafo e das estradas de ferro. Nessa esteira, segundo Rouillé (2009: 16), a fotografia serviu, antes de mais nada, para documentar e atualizar os valores da sociedade burguesa europeia onde nasceu.

A modernidade da fotografia e a legitimidade de suas funções documentais apoiam-se nas ligações estreitas que ela mantém com os mais emblemáticos fenômenos da sociedade industrial: o crescimento das metrópoles e o desenvolvimento da economia monetária; a industrialização; as grandes mudanças nos conceitos de espaço e de tempo e a revolução das comunicações; mas, também, a democracia. (ROUILLÉ, 2009: 29-30)

Conforme o autor (2009:36), a fotografia tinha o poder de captar forças, movimentos, intensidades e densidades, sendo ela qualificada a produzir e reproduzir o que é passível de ser visível, considerando seu resultado objetivo e preciso. Além disso, o autor salienta (2009:38) a eficácia do dispositivo fotográfico em fabricar uma reprodução serial, possibilitando a constituição de álbuns sobre diversos temas, como monumentos, povos, doenças e outros, nos quais as imagens seriam organizadas, arquivadas e consultadas, construindo uma narrativa visual.

O advento da fotografia, de acordo com Rouille (2009:32), surgiu quase simultaneamente na França e na Inglaterra. Joseph-Nicéphore Niépce¹²³ (1765-1833) e Louis Jacques Mandé Daguerre¹²⁴ (1787-1851) uniram-se a fim de desenvolver métodos que permitissem fixar imagens de maneira permanente. A sociedade entre eles durou até a morte de Niépce, mas Daguerre seguiu realizando experiências sozinho. Em 1837, completou o processo de impressão das chapas de metal e de sua fixação permanentemente. Nas palavras de Silva, o processo denominado daguerreótipo consistia em:

A imagem se forma pela ação da luz sobre uma placa de cobre, cuja superfície é recoberta por uma solução argêntea, que, embora sensível à incidência luminosa, exige um tempo dilatado de exposição, de vários minutos, para que a imagem nela projetada seja 'gravada'. A imagem latente na placa é, em seguida, processada em solução química. A técnica do daguerreótipo não concebeu, contudo, a possibilidade de reprodução de cópias, o que tornava única a imagem resultante, observável apenas na plaqueta metálica. (SILVA, 2014:345)

Em 1839, o astrônomo e político francês François Arago (1783-1853), anunciou como de domínio público, o invento de Niépce-Daguerre à Academia de Ciências de Paris e na

¹²³ Físico francês cujas pesquisas foram fundamentais para o desenvolvimento do processo fotográfico. Niépce desenvolveu a heliografia (escrita pelo sol), onde produziu suas primeiras imagens sobre metal e sobre pedra, usando a Câmara Escura. (CLODE, 2010:3)

¹²⁴ Pintor e físico francês que inventou o primeiro processo prático de fotografia, conhecido como daguerreótipo. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Louis-Daguerre>

Assembleia Nacional Francesa, enaltecendo a importância da invenção. Arago defendia a utilização do daguerreótipo no campo da arqueologia, da astronomia, fotometria, topografia, fisiologia, meteorologia e medicina.

Para copiar os milhões e milhões de hieróglifos que cobrem, mesmo externamente, os grandes monumentos de Tebas, Mênfis e Karnac, seriam necessárias umas vintenas de anos e legiões de desenhistas. Com o daguerreótipo um só homem poderia concluir esse imenso trabalho. (ARAGO, 1839:3-7 *apud* ROUILLÉ, 2009:109)

Paralelamente a invenção do daguerreótipo, em 1840, o inglês William Henry Fox Talbot¹²⁵ (1800-1877), desenvolveu o processo negativo-positivo, nomeado como calótipia.

A técnica do calótipo (do grego kalos: belo, bom, útil) consiste em impressionar luminosamente uma folha de papel, que contém, em sua superfície, uma emulsão composta de nitrato de prata, ácido gálico e ácido acético, muito sensível à luz, que requer um tempo de exposição de dezenas de segundos ou poucos minutos, muito curto se comparado ao que exigia o daguerreótipo. Em uma câmara escura, o papel emulsionado é exposto e, em seguida, revelado em solução química, obtendo-se uma imagem negativa, a partir da qual se reproduzem as cópias em positivo. (FRIZOT, 2001b:61 *apud* SILVA, 2014:345).

Clode (2010:4) elenca as maiores vantagens desse método: a possibilidade de reprodução de vários exemplares a partir do mesmo negativo e, além disso, a impressão em papel tornava a sua produção muito mais barata e permitia a sua inserção em publicações. Nessa esteira, em 1844, Talbot foi responsável pela elaboração de um livro ilustrado, em seis volumes, considerado o primeiro livro ilustrado com fotografias, intitulado “*The Pencil of Nature*”.

Embora o daguerreótipo não permitisse realizar cópias, o seu sucesso deveu-se, segundo Fabris (2008:13), pelos seguintes fatores: a sua capacidade de representação precisa e fiel da realidade, fornecendo à imagem um estatuto técnico e objetivo; a nitidez, a rapidez e os procedimentos simples proporcionaram uma ampla difusão do daguerreótipo. Já as imagens do calótipo, embora passíveis de reprodução de cópias, não foram amplamente difundidas por razões técnicas: não ofereciam a mesma qualidade do anterior, eram granuladas e com baixa sensibilidade à luz (SILVA, 2014: 346).

De acordo com Fabris (2008:16), o procedimento do daguerreótipo manteve-se como preferido até os anos 1850, quando progressivamente foi substituído pela fotografia sobre papel, capaz de satisfazer à necessidade de uma difusão das imagens de consumo. Os novos processos

¹²⁵ Químico inglês, linguista, arqueólogo e fotógrafo pioneiro. Ficou conhecido por seu desenvolvimento do calótipo, um processo fotográfico inicial que foi uma melhoria em relação ao daguerreótipo do inventor francês L.-J.-M. Daguerre. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/William-Henry-Fox-Talbot>

fotográficos buscavam o aperfeiçoamento da obtenção de imagens, melhorar sua qualidade e a rapidez do processo. Dentre eles podemos citar as experiências realizadas com colódio úmido, albumina, brometo de prata, gelatina e outros¹²⁶.

Frente a essas novas técnicas, Clode (2010:5) considera que o processo que destronou o daguerreótipo como processo de escolha para a fotografia, foi o *carte de visite*. Segundo Lissovsky (2005:3), entre todos os gêneros praticados e funções cumpridas pela fotografia, na segunda metade do século XIX, o retrato foi o mais difundido, com destaque ao formato *carte de visite*, patenteado por André Eugene Disdéri, na década de 1850, período em que segundo Lima (1993:99), a fotografia passou a integrar o rol de objetos destinados a consolidar o modo de vida burguês. Eram fotografias pequenas, coladas em cartão do tamanho de cartões de visita, geralmente no tamanho 6 x 9 cm, produzidas em ateliês fotográficos, seguindo algumas normas da tradição pictórica. De acordo com Clode (2010:6), estes retratos eram mais baratos, fáceis de produzir e eram oferecidos como presente e trocados entre amigos e familiares.

Na década de 80 daquele século, conforme Clode (2010:6), surgiu a última descoberta em fotografia, realizada por George Eastman (1854-1932), fundador da Kodak, que desenvolveu a película flexível na forma de rolo. Segundo o autor, em 1889, a fotografia tornou-se popular com o lançamento da câmara Kodak. Portanto, a fotografia que antes era produzida por fotógrafos profissionais que manuseavam aparelhos pesados, com o desenvolvimento da indústria fotográfica, ampliou-se do número usuários da fotografia, sob o lema: “Você aperta o botão, nós fazemos o resto”¹²⁷ (tradução nossa) (MAUAD, 2008:38; CLODE, 2010:6).

Portanto, ao longo do século XIX, os inúmeros processos de fixação de imagem ampliaram os usos da fotografia, tornando-a objeto de colecionamento de indivíduos, famílias e instituições (MELLO; LACERDA, 2005:182; MELLO, 2007:62).

No Brasil, a primeira experiência realizada com o daguerreótipo ocorreu ainda no século XIX, poucos meses após o anúncio de sua invenção. O responsável pela apresentação do instrumento na cidade do Rio de Janeiro, foi o abade Louis Compte, conforme ilustrou a notícia no *Jornal do Commercio*¹²⁸

¹²⁶ Na década de 50, há o surgimento do ambrótipo, processo baseado em uma imagem em positivo produzida a partir de um negativo do colódio úmido, que colocado sobre um fundo negro e acondicionado em estojos, tinha o custo menor que o daguerreótipo. Este processo foi sucesso até o surgimento do ferrótipo, que era ainda mais barato. O ferrótipo era o processo formado por um negativo de colódio úmido sobre a placa de ferro revestida com esmalte preto, o que faz com que a imagem seja visualizada em positivo (MELLO, 2007:62; CLODE, 2010:5)

¹²⁷ Frase original “You press the button, we do the rest”.

¹²⁸ O *Jornal do Commercio* foi publicado a primeira vez em outubro de 1827 e deixou de circular em 2016, a época de sua extinção, era um dos mais antigos jornais de toda a América Latina. Foi criado pelo tipógrafo parisiense Pierre René François Plancher de La Noé (1764-1844), possuía um caráter estritamente comercial e pautou-se por

Finalmente passou o daguerreótipo [sic] para cá os mares e a photographia, que até agora só era conhecida no Rio de Janeiro por theoría, [...]. Hoje de manhã teve lugar na hospedaria Pharoux um ensaio photographico tanto mais interessante, quanto he a primeira vez que a nova maravilha se apresenta aos olhos dos brasileiros. Foi o abade Compte que fez a experiência: he hum dos viajantes que se acha a bordo da corveta francesa L'Orientale, o qual trouxe consigo o engenhoso instrumento de Daguerre, por causa da facilidade com que por meio dele se obtém a representação dos objectos de que se deseja conservar a imagem. He preciso ter visto a cousa com os seus próprios olhos para se fazer ideia da rapidez e do resultado da operação. Em menos de nove minutos, o chafariz do Largo do Paço, a Praça do Peixe, o mosteiro de S.Bento, e todos os objetos circunstantes se achavam reproduzidos com tal fidelidade, precisão e minuciosidade, que bem se via que a cousa tinha sido feita pela mão da natureza, e quase sem a intervenção do artista.” (*Jornal do Commercio*, 17/01/1840)

Conforme salientou Leite (2001:94), o daguerreótipo encontrou no Brasil um contexto diferente do mundo europeu do século XIX. O país vivia o início do Segundo Reinado, e a sociedade encontrava-se dividida basicamente entre o aparato imperial, a aristocracia rural e a mão-de-obra escrava.

Nesse contexto, D. Pedro II aparece como o maior incentivador da inserção e disseminação do recurso fotográfico no país. O imperador assumiu como missão primordial a implementação de um projeto nacional romântico, isto é, a criação de uma identidade política e cultural nacional, pautando-se em recursos visuais como a fotografia, em que os principais personagens foram os índios, a natureza e o próprio monarca (LEITE, 2001:95; SCHWARCZ, 2014: 396). Segundo Schwarcz (2014:406), D. Pedro não só assumiu a função de mecenas das artes, financiando artistas e impulsionando a entrada da fotografia no Brasil, como também, atuou como fotógrafo amador e modelo.

Mais tarde, conforme apontou Stepan (2001:122), com a implementação da república, em 1889, a fotografia mais uma vez, funcionou como instrumento auxiliar a instituições governamentais e/ou científicos, agora, para mapear a “ordem e progresso” que vivia o país, principalmente, a cidade do Rio de Janeiro. A capital que passava pelo processo de saneamento e remodelação arquitetônica, cujo objetivo era tornar a cidade “moderna, higiênica e civilizada” à altura das cidades europeias, norte-americanas e de Buenos Aires, fotografou suas obras de engenharia, as novas estradas e ferrovias, as melhorias urbanas e as campanhas sanitárias.

uma orientação conservadora. Em suas diversas fases, o jornal contou com o trabalho e a colaboração de nomes proeminentes da imprensa, da política e da cultura nacionais, como o visconde de Taunay e o barão do Rio Branco, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, José de Alencar, Homem de Mello, Félix Pacheco, Alcindo Guanabara, Austregésilo de Athayde, entre outros. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro/>. Acessado: 07/05/2020

Segundo Stepan (2001: 120-122), os cientistas brasileiros se interessaram especialmente pela fotografia, acreditando que "coletar fotografias é coletar o mundo". A autora ressalta ainda que

A ênfase na ciência sobre a importância de uma observação precisa, sobre a distinção entre conhecedor e conhecido, e a maneira através da qual o conhecimento poderia ser obtido por meio de um inventário e da ordenação de objetos do mundo natural no interior de esquemas classificatórios, tudo isso fez a fotografia parecer não apenas uma aliada da ciência, mas uma representação dela. (STEPAN, 2001:121)

Em vista disso, ao longo do século XX, o recurso fotográfico se tornou um instrumento científico bastante presente, em discursos médicos e institucionais a exemplo de entidades como o Instituto Oswaldo Cruz e a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Veremos adiante com as publicações médicas produzidas por estas instituições, como a fotografia foi componente na formulação dos discursos médicos e a maneira através da qual foi empregada por diferentes disciplinas.

3.2 - O recurso fotográfico no discurso científico

Como vimos nos capítulos anteriores, o Instituto Oswaldo Cruz e a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal foram entidades criadas na segunda década da república e, fizeram parte de um projeto modernizador que apostou na ciência como um dos caminhos para alcançar o progresso e civilização. Foram instituições preocupadas com diferentes áreas da medicina: o IOC com base na medicina experimental promovia o combate às doenças endêmicas que atingiam a capital e o interior do país, a partir de campanhas sanitárias e outras ações; enquanto a SBNPML tinha como objetivo a produção e circulação de conhecimento relativo à psiquiatria, neurologia e medicina legal.

Todos os estudos e debates produzidos por estas instituições foram publicados nos seus respectivos veículos especializados de divulgação, as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* e os *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Conforme visto nos capítulos anteriores, tais periódicos foram compostos por artigos, notícias, relatórios de expedições, textos póstumos, e outros, que muitas vezes eram acompanhados de fotografias e desenhos, demonstrando, portanto, a importância da utilização de imagens nos estudos médicos. Dentre os diferentes tipos de imagens divulgadas nestas revistas científicas, passamos aqui a dar destaque aos usos e sentidos das fotografias expressas por meio de técnicas e formatações imagéticas variadas, dentre elas, a do retrato.

Mencionamos anteriormente que o retrato fotográfico foi um gênero muito famoso entre camadas sociais do século XIX e XX, que objetivavam construir sua identidade. Além disso, o retrato também foi apropriado por outras instituições como a esfera judiciária, que utilizou do conjunto de normas criados por Alphonse Bertillon para identificar o tipo criminoso, e o campo médico, para evidenciar os desvios patológicos de um indivíduo. Sobre esses usos do retrato fotográfico, Annateresa Fabris afirma que

Se o retrato enquanto fotografia de identidade identifica o eu burguês e o direito à imagem por ele conquistado, existe um outro aspecto desse processo que não pode ser considerado um privilégio, e sim um fardo imposto a todos os indivíduos que não se conformavam às normas vigentes. A sociedade do século XIX, ao conferir à imagem fotográfica o papel de atestado de uma existência, faz do retrato um instrumento de recenseamento generalizado, que tanto pode exaltar os feitos do indivíduo, quanto apontar à atenção pública aqueles que apresentam desvios patológicos. Não é por acaso que o retrato fotográfico seja aplicado desde os primórdios à esfera judicial e à esfera médica, pois era nelas que se concentravam aqueles indivíduos que punham em xeque a saúde social. (FABRIS, 2004:40)

As autoras Lima e Carvalho (2012:31), endossam essa perspectiva, ao afirmarem que a disseminação do retrato não se limitou aos ateliês fotográficos que atendiam famílias e indivíduos interessados em constituir uma auto representação social; servindo também aos campos científicos, como um instrumento de documentação. Conforme as autoras, no meio médico, os retratos produziam registros de deformações físicas, distúrbios mentais, procedimentos cirúrgicos, acompanhamento de doentes e manifestações físicas de suas enfermidades.

Dessa maneira, podemos perceber que as imagens dos doentes, publicadas nas *Memórias* e nos *Arquivos*, foram produzidas no formato de retrato, visando demonstrar as lesões do paciente. Tais retratos, segundo Mauad (2008:129), herdaram da tradição pictórica alguns elementos de composição, mas também ganharam novos atributos, como a pose e o cenário, que compunham uma intenção de leitura. Para Fabris,

O retrato fotográfico está, sem dúvida, na base da crise e da transformação do gênero pictórico no qual se inspira e do qual deriva boa parte de seus recursos representativos. Mas é impossível não perceber que ele próprio coloca em crise uma definição de identidade que remontava ao Renascimento, ao criar um paralelo absoluto entre fisionomia e personalidade e ao escamotear o indivíduo por trás do tipo. A identidade do retrato fotográfico é uma identidade construída de acordo com normas sociais precisas. (FABRIS, 2004:55)

As *Memórias do IOC*, assim como os *Arquivos*, publicaram registros fotográficos contendo diferentes temáticas. Para essa pesquisa, definimos como objeto de estudo as fotografias dos doentes, destacando nesse primeiro item analítico a relação entre a fotografia e

o texto mediada pela legenda na construção do discurso médico, em ambos os periódicos. Para tanto, autores como Joly (1996), Noth e Santaella (2005) nos auxiliam na compreensão dessa relação.

Martine Joly defende a relação texto-imagem a partir da seguinte analogia referida por Godard: "Palavra e imagem, é como cadeira e mesa: para estar à mesa necessitamos das duas" (GODARD, 1993: s/p *apud* JOLY, 1996:135). Com isso, a autora propõe refletir sobre tal relação em termos de complementariedade, na qual um depende do outro para que possam funcionar, sem deixar de reconhecer a especificidade de cada linguagem: a da imagem e a das palavras.

Para tanto, a autora reflete sobre conceitos que envolvem a relação texto-imagem, dentre eles, a ideia de exclusão/interação. Segundo a autora, a imagem não exclui a linguagem verbal, ao contrário, quase sempre uma acompanha a outra sob a forma de comentários, legendas, slogans e outros, principalmente, quando a imagem não é capaz de mostrar, as palavras servirão como um suporte. Assim " as palavras vão completar a imagem" (JOLY, 1996:139).

Mais do que completar as imagens, para a autora a linguagem verbal ou escrita determina a impressão de verdade ou falsidade que o leitor pode ter de uma mensagem visual.

As imagens transformam, portanto, os textos, mas os textos, por sua vez, transformam as imagens. Aquilo que lemos ou ouvimos a propósito das imagens, o modo como a literatura, a imprensa e a sinalização se apropria delas, as trituram e apresentam, determina necessariamente a abordagem que em seguida faremos. (JOLY, 1996:153)

Assim como Joly (1996), Noth e Santaella (2005:53) argumentam que a relação entre a imagem e seu contexto verbal é íntima e variada. Segundo os autores a imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário, em ambas situações a autonomia semiótica¹²⁹ da imagem é questionada. "O contexto mais importante da imagem é a linguagem verbal".

Os autores (2005:55) mencionam duas formas principais de referência recíproca entre texto e imagem, desenvolvidas por Barthes (1964c:38-41): a ancoragem e *relais*. Na primeira,

¹²⁹ Para Joly (1996:30) dentre todas as teorias que podem abordar a imagem — teoria da imagem na informática, na matemática, na retórica, na sociologia, etc — a mais geral, mais "globalizante" e que permite ultrapassar suas categorias funcionais, é a teoria da semiótica. Segundo a autora (1996:30) estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é "considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações." Joly apresenta como os grandes precursores dessa teoria o o lingüista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), na Europa e o cientista Charles Sanders Peirce (1839-1914), nos Estados Unidos. A respeito da semiótica ver também: SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983. Embora esta abordagem analítica não seja o escopo desse trabalho, alguns elementos da semiótica são pertinentes para auxiliar a leitura em busca de significações da linguagem escrita e fotográfica.

o texto conduz o leitor através dos significados da imagem; na segunda, o texto e a imagem se encontram em relações complementares. A autora Martine Joly também trabalha com a função âncora desenvolvida por Barthes. Segundo a autora,

A função de âncora consiste em deter essa corrente flutuante do sentido, consequência da inevitável polissemia da imagem, indicando o bom nível de leitura e o que deve ser privilegiado por entre as diferentes interpretações que uma única imagem pode proporcionar. A imprensa oferece exemplos quotidianos desta função de âncora da mensagem linguística, a que chamamos também a legenda da imagem. (JOLY, 1996:127)

Nesse sentido, os autores Noth e Santella chamam atenção para a composição nos meios de imprensa, que não são constituídos por uma díade entre texto e imagem, mas, por uma tríade, de texto impresso, imagem ilustrativa e sua legenda: "A legenda comenta a imagem que, sozinha, não é totalmente entendida. A imagem ou a figura comenta o texto e, em alguns casos, a imagem até comenta sua própria legenda" (MOLES, 1978:22 *apud* NOTH E SANTAELLA, 2005:55).

Assim como a relação entre texto-imagem, a relação entre fotografia e legenda pode ser entendida como de complementariedade ou mesmo de dependência. Segundo Lima (1988:31), a legenda é parte integrante da fotografia, que cumpre a função de mediar a realidade vivida pelo fotógrafo e a imagem vista pelo receptor.

Já para Guran (1991:53), a relação fotografia-texto na imprensa aparece de três modos diferentes: a imagem como ilustração isolada, a foto como a informação principal em relação ao texto, ou ainda como complemento deste. A relação da fotografia com o texto é explicitada a partir da legenda, ou do texto-legenda; nesse sentido, o autor argumenta que a legenda deve suprir o leitor de informações não contidas ou evidentes na imagem.

Grosso modo, os autores aqui mencionados argumentam que a relação palavra e imagem é baseada em complementariedade e interação mútua, que pode assumir diferentes funções. Partindo de tais referenciais teóricos, fundamentaremos as análises das imagens fotográficas publicadas nos periódicos científicos selecionados.

Em ambos periódicos, via de regra, as legendas, assim como o discurso escrito, referem-se às fotografias de maneira genérica, como "figura 1", "fotografia n.1" ou "observação 1". Todavia, ressalta-se que nas *Memórias*, antes ou depois das ilustrações, situa-se o item "explicação das estampas" que, como o nome diz, descreve o material ilustrado. Os casos abaixo são excepcionalidades de legendas mais detalhadas encontradas nos periódicos.

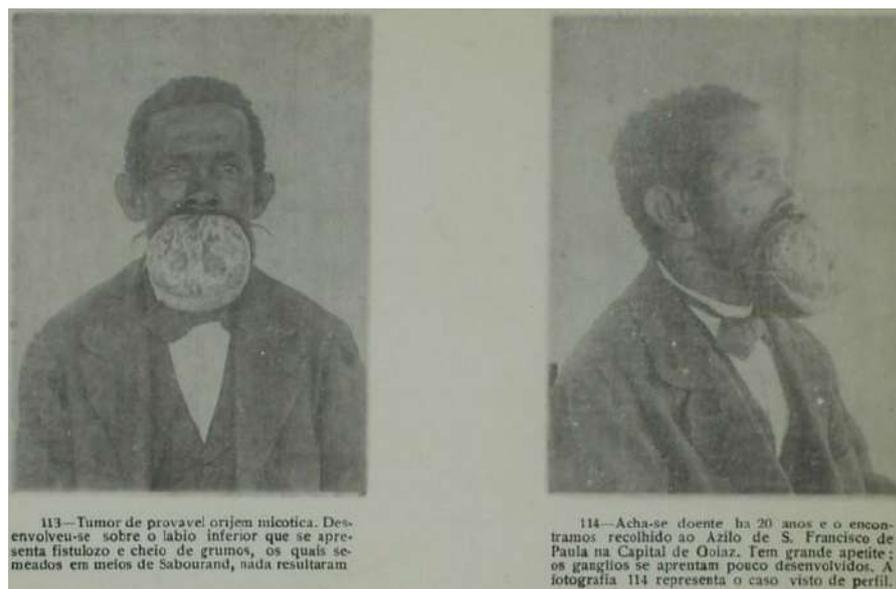


Imagem 3.1 - Homem com tumor. In: NEIVA, Arthur; PENNA, Belisario. Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhí e de norte a sul de Goiaz, *Memórias do IOC*, 1916, n3.

Estas fotografias foram publicadas no relatório de expedição científica, realizado por Belisário Penna e Arthur Neiva, em viagem pelas regiões do Nordeste e Centro-oeste do Brasil, nas *Memórias do IOC*, em 1916. Conforme apontou Lima (2009:230), embora este relatório tenha sido publicado originalmente em um periódico especializado na área da saúde e lido por um público restrito, alcançou mais tarde ampla repercussão na imprensa, em pronunciamentos, conferências e outros, tornando-se referência fundamental para a ideia de oposição entre o litoral e interior do país, como “retrato de um país doente”.

O relatório é composto por 150 páginas de texto e 28 páginas de fotografias. Conforme mencionado no primeiro capítulo, a parte escrita do relatório se refere a observações e descrições de diferentes assuntos, como clima, vegetação, animais, doenças, terapêutica popular e outros, e o diário do itinerário da viagem. Já a parte contendo as fotografias apresenta uma narrativa visual organizada em concordância com os temas descritos na primeira parte, composta por um total de 116 fotografias, com temáticas variadas, englobando meios de transportes, moradias, fauna e flora dos locais percorridos, pessoas doentes. Cada uma delas, vinha acompanhada por legendas que continham observações científicas, explicações e comentários.

Dentre essas, 24 fotografias são apenas de pessoas doentes, fotografadas em grupo e individualmente. Dessas, 17 fotografias se referem à Doença de Chagas, que trataremos melhor mais adiante. Além dos acometidos com a Doença de Chagas, outras afecções foram dignas de nota e registro, como o caso aqui analisado.

Este homem que sofre com um tumor “de provável origem micótica” em seu lábio inferior, foi o único a ser retratado por duas vezes no conjunto fotográfico do relatório, na posição frontal e de perfil. O retrato frontal dá destaque ao rosto e condição do enfermo, enquanto o posicionamento em perfil intencionava demonstrar o tumor por um ângulo diferente. A partir das duas fotografias, podemos inferir que o caso deste doente tenha sido o que mais atraiu a atenção dos médicos e do fotógrafo, José Teixeira, talvez devido ao tamanho e local do tumor. Outra característica desse caso digna de nota é a vestimenta do doente. A maioria foi fotografada com roupas simples, humildes, característica que demonstra a origem modesta desses doentes, residentes de regiões consideradas “atrasadas”. O homem em questão, ao contrário, vestiu terno e gravata e, embora estivesse recolhido em um asilo, o seu traje o diferenciou no conjunto fotográfico apresentado.

Ambas as fotografias são acompanhadas por legendas que oferecem ao leitor informações e comentários sobre o caso em questão. Na primeira legenda, os autores apresentaram uma descrição detalhada do tumor visto no retrato; enquanto na segunda foram acrescentados dados que não correspondem à leitura da fotografia, mas adicionam informação sobre o paciente e a enfermidade. Nesse sentido, essas legendas não só complementam as imagens, como dizem mais do que a própria imagem pode demonstrar, oferecendo riqueza à leitura da fotografia.

113 - Tumor de provavel origem micotica. Desenvolveu-se sobre o lábio inferior que se apresenta fistuloso e cheio de grumos, os quais semados em meios de Sabourand, nada resultaram. 114 - Acha-se doente há 20 anos e o encontramos recolhido no Azilo de S.Francisco de Paula na capital de Goiaz. Tem grande appetite; os ganglios se apresentam pouco desenvolvidos. A fotografia 114 representa o caso visto de perfil. (NEIVA; PENNA, 1916:179)

A fotografia a seguir expressa outra relação assumida pela legenda, a imagem e o texto científico. Publicada no *Arquivos* em 1925, em uma das comunicações na ata de reunião do dia 18/05/1925, trata-se de “uma interessante observação” sobre um caso de debilidade mental, síndrome paranoide, que foi redigida por Hermelino Lopes Rodrigues¹³⁰ (1899- 1971) quando esteve no manicômio de Vargem Alegre.

¹³⁰ Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1916, aos 18 anos. Em 1920, se transferiu para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde cursou o quinto ano. Foi aluno de Henrique Roxo (1877-1969) e discípulo de Juliano Moreira (1873-1933), se dividindo entre o ambiente acadêmico e o HNA. A influência de Moreira marcaria Lopes Rodrigues, que em 1925 se tornaria, por concurso, professor livre docente de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Sua tese de concurso foi sobre Demência paranoide, esquizofrenias e paraesquizofrenias. No ano seguinte, por sugestão de Henrique Roxo e Juliano Moreira, Rodrigues fez concurso para professor catedrático de Psiquiatria na Faculdade de Belo

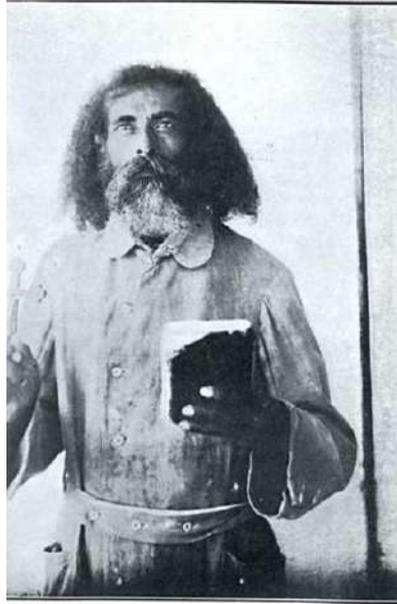


FIG. 3 — Caso de debilidade mental com syndrome paranoide
(Almeida de prévia).

Imagem 3.2 - Homem que sofre de delírio religioso. In: ALMEIDA, Waldemar de. Caso de debilidade mental com síndrome paranoide, *ABNP*, 1925.

O profeta, como era chamado o paciente, teve seu caso apresentado por descrições técnicas muito comuns em estudos clínicos publicados nos *Arquivos*, constando sua idade, cor, profissão, descrição física, anamnese sobre seu histórico familiar e exame mental. O paciente sofria com delírios religiosos e os pregava pelas ruas da cidade, levando-o a ser preso por diversas vezes.

Tendo sido criado por uma família “fervorosa no catolicismo” o médico concluiu que a sua mentalidade se formou em um “ambiente místico” (ALMEIDA, 1925:132). Segundo o relato médico, o paciente “entrou para o serviço de deus” após a pandemia da gripe, em 1918. E após a primeira guerra mundial, devido ao seu vasto conhecimento da bíblia sagrada, começou a acreditar na realização das profecias da bíblia.

Ao contrário do que vimos no caso publicado nas *Memórias do IOC*, a doença sofrida pelo “profeta” não está visível em marcas corporais. Entretanto, a imagem da enfermidade foi construída por meio de adereços como a cruz e a bíblia e, pela gestualidade apresentada pelo retratado. Assim como na *mise-en-scène* dos estúdios fotográficos burgueses munidos de diferentes artefatos, poses e cenários, escolhidos com o objetivo de caracterizar uma representação ideal, o retrato do “profeta” apresenta recursos cênicos para tipificar o sujeito e

Horizonte, em Minas Gerais. Em 1929, Lopes Rodrigues tornou-se diretor do primeiro hospital psiquiátrico de Belo Horizonte, o Instituto Raul Soares. (SILVEIRA, 2009:583-584)

sua manifestação mórbida. Chama a atenção, o destaque oferecido aos símbolos religiosos, a cruz e a bíblia, erguidos pelo paciente que assume um olhar vago, como se olhasse para cima, encenando uma manifestação de seu delírio, como uma pregação. Essa ação teatral é corroborada por sua própria legenda “atitude prédica”. Nesse caso, a legenda funcionou como norteadora para a leitura da imagem, destacando o que “se deve ver” na fotografia construída por objetos e trejeitos, que aliados ao texto, ajudam descrever visualmente o caso clínico.

Nesse sentido, as afecções que tinham sinais visualmente marcáveis, funcionavam como prova objetiva da doença, enquanto as doenças mentais, que nem sempre tinham sinais perceptíveis, precisavam construir uma linguagem visual que convencesse a quem a observasse da existência do transtorno mental, acionando a linguagem escrita e elementos que auxiliem na fabricação de uma aparência, a do delírio, que nos remete à ideia desenvolvida por Didi-Huberman (2015), de teatralidade. Segundo o autor (2015:92), “[...] ao mesmo tempo que a fotografia mostrava os corpos, ela os solenizava, destinava-os a um rito social e familiar — e, portanto, refutava-os, por uma espécie de teatralidade”.

As características físicas do "profeta", como a barba e o cabelo comprido, bem como o seu diagnóstico de delírio religioso, também nos remete a figura de Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), conhecido como Antônio Conselheiro, líder religioso dos sertões do Nordeste do final do século XIX e fundador de Arraial de Bello Monte (Canudos-BA). Antônio Conselheiro¹³¹ foi definido pela literatura como fanático, bandido, louco, líder e/ou peregrino cuja imagem é a de homem com barba e cabelos cumpridos, assim como o enfermo em questão.

No que diz respeito às fotografias de afecções visíveis, a perspectiva do “antes e depois” foi frequentemente utilizada na construção do conhecimento médico. Com o objetivo de apresentar casos de eficácia na terapêutica, foram publicados retratos dos processos de tratamento e cura de pacientes. Nesses quadros comparativos, as legendas de ambos os casos se referem apenas como “antes e depois do tratamento” e “em plena doença e curado”

Como exemplo podemos citar o caso a seguir, publicado nas *Memórias* em 1913, no artigo “Pesquisas sobre o granuloma venereo”, escrito por Henrique Beaurepaire Aragão e Gaspar Vianna. No texto, os autores descreveram sete casos de doentes que observaram, trataram e acompanharam ao longo de meses. Esse quadro comparativo se refere a um doente

¹³¹ Para conhecer mais sobre as inúmeras versões de Antônio Conselheiro, ver: BOVO. Ana Paula M.C. Antônio Conselheiro: os vários. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

que estava internado no Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro, considerado pelo médico Domingos de Góes¹³² (1856-1921) um caso “digno de estudo colocou o paciente à nossa inteira disposição”. Segundo os autores,

O doente se apresentava então muito anemiado, extraordinariamente magro e enfraquecido, quase já não podendo andar. Tinha então 7 úlceras de tamanho variado na glade, no prepúcio, no escroto, na região pubiana e no abdômen pouco acima da arcada de Poupart esquerda, medindo a maior 12:7 cm. [...] Do aspecto e sede das lesões se pode ter uma ideia muito precisa examinando a fig. 1 da estampa 24, reprodução fotográfica. (GASPAR; ARAGÃO, 1913:212-213)

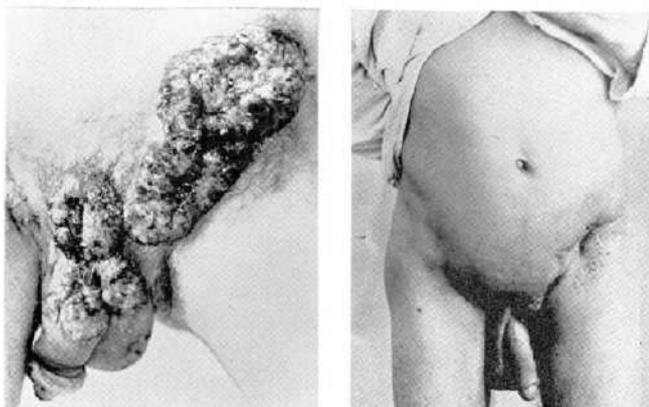


Imagem 3.3 - Antes e depois do caso com granuloma venereo. In: ARAGÃO, Henrique De Beaurepaire; VIANNA, Gaspar. Pesquisas sobre o Granuloma venereo, *Memórias do IOC*, 1913, n2

Na cena do antes, o corpo foi retrato de maneira fragmentada, atribuindo enfoque apenas nas partes específicas do corpo, favorecendo a visualização das lesões em detalhe. Já na perspectiva do depois, o paciente foi retrato de pé, por um ângulo maior abrangendo a área curada, barriga e parte das pernas. Nesse caso, a fotografia demonstrou a notável melhora do paciente — que antes quase não podia andar —, e foi fotografado de pé; além disso, o texto registrava que antes era magro e posteriormente, não mais se encontrava assim. Dessa maneira, a imagem da cura era contraposta às palavras que descreveram a condição anterior do paciente, oferecendo ênfase e impacto ao sentido de melhora da enfermidade que o texto não consegue dar.

¹³² Nascido na cidade do Rio de Janeiro, doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1880, defendendo a tese intitulada “Paralísias”. Exerceu o cargo de assistente de Clínica Cirúrgica em 1883 na FMRJ. Ainda na instituição, atuou como professor substituto da 6ª Secção, professor de Anatomia Médica Cirúrgica com Operações e Aparelhos, e lente de Operações e Aparelhos em 1898. E ainda, desempenhou a função de cirurgião da Santa Casa de Misericórdia e regeu interinamente a Cadeira de Clínica Cirúrgica. Disponível em: http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=279

Este mesmo recurso fotográfico foi publicado nos *Arquivos*, em casos de pacientes infantis, em 1915, no artigo “Síndrome cefaloplégica em crianças”, assinado por Fernandes Figueira. Neste artigo, o autor relata a observação de seis pacientes que sofriam com paralisia cervical, de origem medular e encefálica, analisando a evolução dos casos, inclusive com registros fotográficos, e descrevendo seus tratamentos.

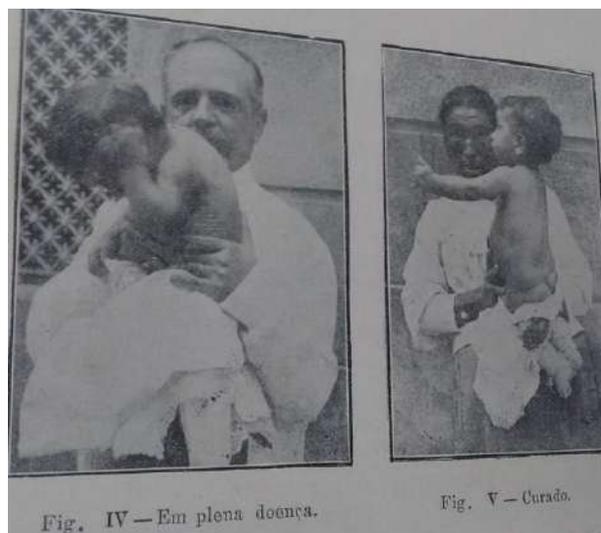


Imagem 3.4 - Antes e depois caso infantil. In: FIGUEIRA, A. Fernandes. Síndrome cefaloplégica em crianças, *ABPNML*, 1915, n.3

A doença foi descrita pela primeira vez pelo pediatra, em 1910, em sua monografia intitulada “Ortopedia e lesões paralíticas”, nomeando o diagnóstico como paralisia psicogênica. Em 1912, ao participar do I Congresso Universal de Pediatria, de Paris, fez menção à síndrome recém-descoberta:

Tendo mandado proceder em minha clínica ao exame elétrico da maior parte dos doentes, tive ocasião de examinar uma paralisia isolada dos músculos do pescoço, da qual não conhecia caso semelhante. (FIGUEIRA, 1915:155)

No artigo em questão, Fernandes caracterizou a síndrome cefaloplégica pela flacidez dos músculos do pescoço, causando súbita paralisia dos movimentos do pescoço, observada sempre após o sono, “precedida ou não por catarro das vias digestivas ou aéreas, acompanhada as vezes por diarreia”, com desaparecimento dos sintomas em até 10 dias, no máximo.

O caso fotografado foi o de um menino, de dois anos de idade, que foi levado pela mãe à Policlínica de Crianças para a consulta ao apresentar os sintomas descritos. Figueira (1915:160) constatou que “efetivamente a extremidade cefálica pende para qualquer dos lados, para frente ou para traz, passivamente”. Embora o texto não faça menção à fotografia, a visualização em perfil do caso, demonstra a movimentação descrita pelo médico.

Essas tomadas fotográficas, diferente das outras que acompanharam esse artigo, chamaram atenção pela presença de personagens secundários que foram retratados segurando em seu colo a criança enferma, objeto do estudo. A identificação desse homem e dessa mulher é dificultada pelos seguintes fatores: não há qualquer indicação de suas identidades no texto; o homem posiciona a criança um pouco à frente de seu rosto e a mulher não tem sua aparência nítida. No entanto, podemos supor no caso da figura masculina, que se trata do próprio Antônio Fernandes Figueira, apoiando-se na vestimenta médica e na comparação a outros registros fotográficos do médico. Já a figura feminina — trata-se de uma mulher negra, de vestimenta simples —, pode ser a mãe da criança ou alguma funcionária do HNA, do Pavilhão Bourneville destinado a crianças e dirigido por Fernandes Figueira desde sua inauguração em 1903-1904. Cabe lembrar que há uma personagem bastante conhecida dessa ala infantil do HNA, chamada “Tia Anna” uma cabocla que também teria sido paciente da instituição (SILVA, 2008:44). No entanto, não conseguimos comprovar a identificação dessa mulher¹³³.

Nas duas últimas publicações estudadas podemos observar que quando as fotografias são ordenadas uma ao lado da outra, funcionam como um motor do discurso fotográfico para reproduzir a passagem do tempo, fundamentadas na mudança de tomadas; incluindo-se também transformações no cenário e na presença de personagem ao fundo, no caso da segunda fotografia. Além disso, lado a lado as fotografias tornam evidente a melhora dos pacientes sem carecer do auxílio de linguagem escrita para transmitir sua mensagem.

O emprego de fotografias com a perspectiva do antes e depois, muito utilizado pela produção médica, visava assim demonstrar a veracidade de uma interpretação científica sobre o evento corpóreo constatando a própria eficácia do tratamento aplicado. Nesses trabalhos, suas legendas são objetivas e o texto menciona a fotografia como meio suficiente e capaz de expressar as características da doença e, conseqüentemente, da cura.

Sendo assim, os casos aqui expostos demonstraram as diversas funções exercidas pela legenda em enunciados científicos, compondo uma tríade com a fotografia e o texto. Na análise da relação entre linguagem escrita e visual, percebemos que o poder comunicativo das imagens

¹³³ A única foto por nós encontrada de “Tia Anna” está reproduzida em Silva (2008: 158). Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp065234.pdf>. Contudo a comparação entre as duas não nos podemos afirmar que se trata da mesma pessoa. A referência descritiva de “Tia Anna” encontra-se em BILAC, Olavo. Registro histórico. In: AMARANTE, Paulo, (org.) *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, Coleção Loucura & Civilização, pp.307-314. 2000. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

fornece diferentes possibilidades para a narrativa científica, em que as imagens e o texto podem ser mutuamente complementares mas também, de certa maneira, independentes.

Em geral, as legendas eram indicativas, descritivas ou em forma de comentário e, em conjunto com a fotografia e o texto, proporcionavam ao leitor todas as informações necessárias sobre o que os médicos consideravam importante em suas as investigações clínicas. Mais que isso, como salientou Didi-Huberman (2015:92), enquanto a fotografia captura uma encenação, a legenda explicita sua dramaturgia.

3.2.1 - Olhares sobre o corpo doente: da pele aos nervos

Tudo na fotografia já é objetivo, inclusive a crueldade: nela podemos ver, segundo dizem, “até a mínima falha”. Já é quase uma ciência: a humildade feita ausência de linguagem. Essa mensagem sem código, portanto, sempre diria muito mais que a melhor descrição: e, em se tratando de medicina, pareceria realmente haver realizado o próprio ideal da “observação”, reunindo caso e quadro. Por isso ela se tornou no século XIX, o paradigma da “verdadeira retina” do cientista. (DIDI-HUBERMAN, 2005:59)

Segundo Sicard (2006:145) e Rouille (2009:114), a fotografia emergiu ao final de um longo processo de reorganização das profissões médicas, após a Revolução Francesa, que consistiu na fusão entre dois ofícios, até então distintos: o de cirurgião e o de médico. De acordo com Rouille (2009:114), esse reagrupamento com os cirurgiões abriu aos médicos a possibilidade de tocar, de apalpar e de olhar direto sobre o corpo. “Nesta redescoberta do visível, a medicina clínica emergente e a fotografia convergem” (SICARD, 2006:145).

A partir da epígrafe e da argumentação dos autores, podemos perceber que a fotografia foi incorporada ao meio médico como um instrumento ideal de observação, frequentemente empregado em instituições médicas, que produziam fotografias de doentes e doenças com especial incidência nas áreas da dermatologia e psiquiatria (SICARD, 2006:146; CLODE, 2010:10).

Na dermatologia, segundo Peres (2014:114), o uso da imagem teve um papel importante no diagnóstico, tratamento e comunicação entre pares desde pelo menos a Idade Média, através de ilustrações de leprosos, doentes com sífilis, e outras lesões de pele. Conforme afirmou Sicard (2006:147) “a pele que mostra as suas lesões torna-se o primeiro objeto de uma fotografia médica institucionalizada”. Isso porque as alterações vivíveis na pele representariam a explícita presença da doença, possibilitando classificações baseadas na sua morfologia. Nesse sentido, de acordo com Sicard (2006:149), “a fotografia cria as classificações, estabelece correspondências entre forma e um nome. O sinal substitui o sintoma; o nome substitui o

diagnóstico”. Tal afirmação aproxima-se da ideia desenvolvida por Didi-Huberman (2015:45-47), a respeito da conjugação entre caso e quadro, no qual para atingir uma *linguagem-quadro*, integra-se o caso construído por um diagnóstico, a uma tabulação, um traçado, que seria um “retrato” da doença associada à sua manifestação visível.

Os primeiros a registrarem e divulgarem dados fotográficos sobre doenças, especialmente as da pele, foram o médico de Hospital *Saint-Louis*, em Paris, Alfred Hardy¹³⁴ (1811-1893) e seu aluno A. de Montméja¹³⁵ (1841-?). Em 1868, estes médicos publicaram a primeira revista médica ilustrada com fotografias produzidas no interior do Hospital, em um “magnífico estúdio de fotografia”, intitulada *A Clínica Fotográfica do Hospital de Saint-Louis*.

De acordo com Silva (2003:79), esta publicação contava com 14 fascículos de grande formato (30x22cm), com 49 estampas fotográficas, as quais exibiam imagens como fotomicrografias, detalhes das lesões do corpo, na maioria, dermatoses, e outras enquadrando o corpo inteiro ou fragmentado. Segundo o autor, Hardy e Montméja se dedicaram a elaborar uma representação das doenças de pele e, com isso, dispuseram de um recurso visual de utilidade didática para o ensino da dermatologia. Nas palavras de Sicard,

A Clínica Fotográfica é o instrumento pioneiro insubstituível da comunicação entre médicos. Substituindo bem as ceras anatómicas, os casos fotografados circulam, levando ao domicílio, em França e no estrangeiro, as patologias raras. Com elas, mais as dúvidas do que as certezas; a fotografia, que possui a incomparável capacidade de não eliminar nem o desconhecido e nem o surpreendente, facilita a consideração de novas patologias. (SICARD, 2006:149)

No ano seguinte à criação da *A Clínica Fotográfica*, devido ao seu sucesso na comunidade médica parisiense, surgiu a *Revue Photographique des Hôpitaux de Paris*, descendente direta da *Clínica*. Segundo Silva (2003:81), *Reveu Photographique* tinha como objetivo “publicar os casos mais interessantes recolhidos nos hospitais de Paris”, e circulou por oito anos (1869-1876), sendo publicada mensalmente e sem interrupção. Segundo o autor (2014:351-352), esta revista contava não só com fotografias médicas, expondo pacientes com afecções de todo gênero – dos mais simples até os casos teratológicos, como também os moldes em cera que eram produzidos no próprio Hospital *Saint Louis*. Dentre as doenças estudadas

¹³⁴ Alfred Louis Philippe Hardy tornou-se médico do Hospital de Saint-Louis em 1851. Em 1862, o médico ofereceu seu primeiro curso de dermatologia e, em 1867, é nomeado professor de patologia interna da Faculdade de Medicina de Paris. Hardy ficou mais reconhecido como dermatologista, mas seu interesse era variado, tocando temas como contagiosidade da lepra, profilaxia da tuberculose e, queda populacional na França etc. (SILVA, 2003:79)

¹³⁵ Conforme Silva (2003:79), pouco se sabe sobre Montméja, foi residente do Hospital de Saint Louis quando inicia sua colaboração com Hardy na *A Clínica Fotográfica*, depois se tornou chefe da clínica oftalmológica.

pode-se encontrar elefantíase, cancróide, sífilis e outras, com sinais visíveis, que eram descritas, classificadas e nominadas com auxílio do dispositivo documental (ROUILLE, 2009:114).

Conforme notou Silva (2014:353), as publicações médicas brasileiras, assim como na Europa, exibiam, principalmente, doenças que apresentavam deformidades físicas, afecções apresentando sérios sintomas visíveis, provocando impacto em seus leitores. A exemplo da elefantíase, conhecida como filariose causada pela larva da filária, descoberto pelo inglês Patrick Manson (1844- 1922). Os estudos de Manson, segundo Kropf (2006:59), foram decisivos para o conceito de inseto-vetor, que depois de desvendar quase todo o ciclo do parasita que causava a filariose, estabeleceu em 1879, que os mosquitos tinham papel fundamental na transmissão de doenças para os seres humanos. Dessa maneira, conforme apontou Azevedo (2016:38), a filariose foi caracterizada como uma doença tropical, quando da criação da nova especialidade por Manson.

Sua obra *Tropical Diseases: A Manual of Diseases in Warm Climates*, publicada em 1898, foi fartamente ilustrada com desenhos e fotografias. Dentre essas, sete registros fotográficos foram dedicados aos indivíduos portadores da filariose. Segundo Stepan (2001:174), tais imagens tinham o efeito de chocar, construído pela atenção atribuída aos órgãos genitais dos doentes. Esses indivíduos foram fotografados de corpo inteiro, demonstrando o tamanho dos enormes inchaços em suas genitálias e membros inferiores, característico da doença, também conhecido como perna de barbados. Nas palavras de Stepan (2001:177), “a elefantíase, em resumo, mostrou tudo o que se acreditava ser patológico sobre os trópicos: seu ambiente, sua composição racial e sua sexualidade”. Vale ressaltar que, segundo a autora, o uso da fotografia na medicina tropical¹³⁶ ganhou destaque. Para Stepan,

(...) a preocupação dos europeus com a propagação de doenças dos trópicos para a Europa e para populações europeias nas colônias tropicais, e a fé que eles tinham na habilidade da ciência moderna de controlar infecções, contribuíram para a produção e exibição quase pública de imagens, de maneiras e em formas que teriam sido inaceitáveis se se tratassem de europeus doentes. Estas imagens se misturavam com imagens antropológicas, e imagens de paisagens, portanto, raça, lugar e doença convergiam visualmente no conceito do tropicalmente diferente patológico. Essa forma de

¹³⁶ A grosso modo, segundo Stepan (2001:152-153), a medicina tropical, como o nome já indica, tem por característica diferenciar as doenças tropicais de outros tipos de enfermidades, definindo-as como pertencentes as populações e lugares tropicais. Nesse sentido, de acordo com a autora (2001:154-156), a conexão entre ambiente, doença e raça orientava essa disciplina médica. Cabe destacar que ao longo do século XIX, a medicina tropical ganhou diversas denominações como: higiene tropical, climatologia médica, topografia médica ou geografia médica.

representação visual continua presente hoje em livros sobre doenças tropicais. (STEPAN, 2001: 152-153)

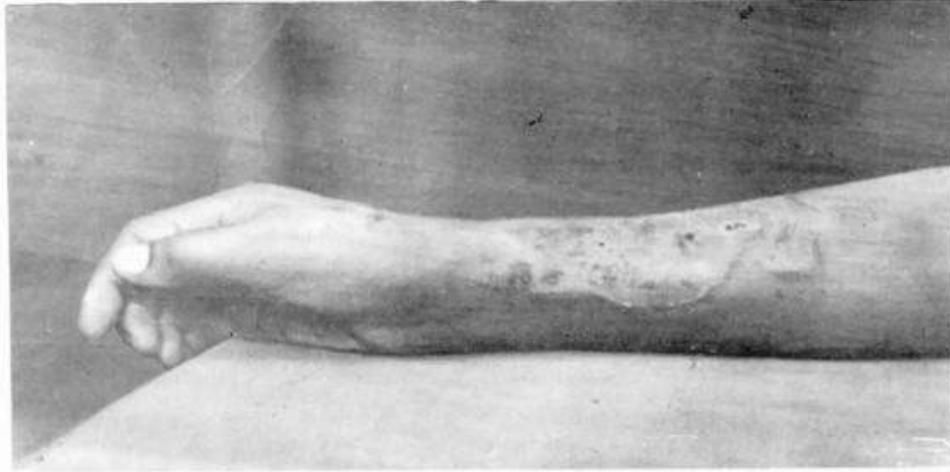
No Brasil, observamos que as publicações das *Memórias do IOC* acompanhadas por registros fotográficos atribuíram destaque aos trabalhos sobre doenças com afecções visíveis na pele, especialmente, doenças dermatológicas e Doença de Chagas. Dentre essas publicações na área da dermatologia, o artigo que mais publicou fotografias foi o “Ensaio de Mycologia: (Contribuição para o estudo dos cogumelos em Bello Horizonte)” escrito por Octavio de Magalhães¹³⁷ e Aroeira Neves¹³⁸. O trabalho é composto por fotografias, fotomicrografias e desenho, dentre as quais 28 fotografias se referem a indivíduos enfermos.

Esse trabalho foi publicado em 1926, após quatro anos da instalação da seção de micologia no IOC, à época, sob a direção de Olympio da Fonseca que, segundo Benchimol (1990:62), empreendeu a sistematização dos trabalhos já existentes na área, visando constituir uma base mais sólida. Esta seção era integrada também pelos assistentes Antônio Eugênio Arêa-Leão e Alberto Simões Levy. De acordo com Chagas, a seção de micologia "era a única em seu gênero no país, e possuía uma coleção de culturas de cogumelos com mais de mil espécies diferentes, uma das mais ricas e preciosas do mundo" (BENCHIMOL, 1990:62). Ressalta-se que antes da instalação da seção de micologia, o Instituto contava com pesquisadores como Henrique Figueiredo de Vasconcellos e Paulo Parreiras Horta que introduziram em Manguinhos os primeiros estudos sobre fungos, agentes causais de micoses humanas.

Entre as 28 fotografias de doentes publicadas, identificamos crianças, homens e mulheres, que tiveram suas identidades preservadas, fotografados em frontal, de costas e em detalhe. Dentre essas, 23 correspondem a fotografias em detalhe, isto é, restrita a parte do corpo enquadrando apenas o necessário para demonstrar a manifestação mórbida. Apesar do enfoque apenas nas lesões, em alguns registros fotográficos identificamos o uso de apoios para o braço, perna e cabeça e, como mobília, uma cadeira. A exemplo da fotografia subsequente.

¹³⁷ Octavio de Magalhães (1890-1972) nascido no Rio de Janeiro, estudou no Colégio Alemão e, em seguida, bacharelou-se em Ciências e Letras no Colégio Alfredo Gomes. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Diplomou-se pelo curso do Instituto Oswaldo Cruz em 1908 e, em 1913, doutorou-se pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, onde passou a lecionar e exerceu os cargos de diretor e de vice-diretor. Foi diretor do Instituto Ezequiel Dias entre 1923-1941. Foi reitor da Universidade de Minas Gerais entre 1949 e 1952. Disponível em: <https://www.ufmg.br/80anos/reitores.html#08>

¹³⁸ José Aroeira Neves (1893-1950) nasceu em Ouro Preto, no Estado de Minas Gerais. Entrou para a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e diplomou-se na terceira turma em 1919. Em 1914, foi contratado para trabalhar como auxiliar acadêmico na fundação Oswaldo Cruz, filial de Belo Horizonte, dirigida por Ezequiel Dias. Foi promovido a auxiliar da 1ª classe em 1919 e aperfeiçoou-se durante um ano na Fundação Oswaldo Cruz, no Instituto de Manguinhos no Rio de Janeiro. Assumiu, em 1948, a Direção do Instituto Ezequiel Dias. Disponível em: <http://www.acadmedmg.org.br/ocupante/cadeira-46-patrono-jose-aroeira-neves/>



Phot. n. 1

Imagem 3.5 - Lesão em braço. In: MAGALHÃES, Octavio de; NEVES, Aroeira. Ensaio de Mycologia: (Contribuição para o estudo dos cogumelos em Bello Horizonte), *Memórias do IOC*, 1926.

O apoio de braço funciona como um elemento de composição em que o membro afetado foi posicionado para a realização do registro fotográfico, deixando evidente sua lesão. Os autores descrevem a afecção e mencionam a fotografia acima ao longo do texto: "alguns ganglios se ulceraram como muito bem se verifica na fotografia junta, formando pequenas depressões perfeitamente circulares"(1926:255). Cumpre dizer que nas *Memórias do IOC*, as fotografias de partes específicas do corpo, conforme apontamos em nosso quadro 1, foi o mais recorrente entre as fotografias de doentes, ao contrário do observado nas publicações dos *Arquivos Brasileiros*, em que as fotografias dos doentes e da doença dizem respeito sempre à imagem de uma totalidade do corpo do doente: todo o rosto; o rosto e o corpo; o rosto com o busto e o gestual das mãos etc.

Observamos que nas *Memórias*, a doença que foi amplamente fotografada graças ao seu efeito de impacto visual foi a Doença de Chagas. Essa “nova entidade mórbida” foi descoberta por Carlos Chagas e anunciada ao mundo científico em abril de 1909, quando o cientista realizava pesquisas na pequena cidade de Lassance, ao norte de Minas Gerais. Era causada por um protozoário até então desconhecido (denominado *Trypanosoma cruzi*, em homenagem a Oswaldo Cruz) e transmitida por inseto hematófago conhecido como barbeiro, muito comum nas casas das áreas rurais do país. Devido a essa “tripla descoberta” a enfermidade teve grande repercussão nos meios científicos nacionais e estrangeiros e instituiu, no Instituto Oswaldo Cruz, uma ampla agenda de estudos a seu respeito. A doença foi também utilizada como tema central para o fortalecimento e consolidação institucional do IOC (KROPF, 2009:269; KROPF, AZEVEDO, FERREIRA, 2000:351).

Segundo Kropf (2009:207), Chagas caracterizou a doença na fase aguda, que tinha como sintomas a febre, o aumento do fígado, do baço e dos gânglios, e inchaço no rosto (mixedema). A fase crônica, que compreenderia a maior parte dos casos, era definida a partir dos distúrbios endócrinos, cardíacos e neurológicos. No que tange aos distúrbios endócrinos, o primeiro sinal clínico mais característico da doença seria a hipertrofia da tireóide, conhecida como bócio¹³⁹ ou “papo”. De acordo com a autora, o bócio endêmico, que era comum em Minas Gerais desde o século XVIII, despertou a atenção de naturalistas, viajantes e médicos como um dos motivos do “atraso” dos camponeses mineiros.

Stepan (2001:196), por sua vez, sinalizara que o bócio se tornou a própria identidade da Doença de Chagas, sendo considerado o sinal primordial para o diagnóstico clínico da enfermidade e, conseqüentemente, para seu enquadramento como entidade nosológica específica, firmando uma certa maneira de ver e reconhecer a doença. A autora ressaltou que,

[...] os bócios se tornaram um elemento visual da Doença de Chagas. Eles se prestaram a visibilização fotográfica dos processos de doenças no corpo que eram parte da medicina científica. Dada a longa associação entre bócio, atraso mental e degeneração racial, no entanto, os retratos dos chagásicos eram muito perturbadores, especialmente se o número deles fosse como Chagas afirmou, e especialmente para olhos não médicos (STEPAN, 2001:196).

Tendo sido objeto de investigação de diversos pesquisadores do IOC e associada a questão de saúde pública, a Doença de Chagas recebeu bastante destaque na instituição e nas expedições científicas promovidas pelos médicos do Instituto, como no caso da viagem realizada por Arthur Neiva e Belisário Penna, em 1912. O relatório dessa expedição¹⁴⁰ contou com 10 páginas de narrativa textual sobre a doença, tornando-a a enfermidade mais comentada do documento e a mais fotografada, contando 17 retratos de portadores do bócio, que apresentaram diferentes tamanhos de “papos”. Essa ênfase na documentação detalhada sobre a doença, demonstra o objetivo da expedição em registrar evidências que corroborassem a importância epidemiológica da doença (LIMA, 2003:196; MELLO; ALVES, 2009:160).

Entretanto, não foi somente no interior do Brasil que a Doença de Chagas foi registrada. Os portadores do bócio também foram fotografados no próprio Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, como se vê na fotografia subsequente.

¹³⁹A hipótese de que o bócio seria um dos sintomas clínicos da Doença de Chagas recebeu muitas críticas e posteriormente se revelou equivocada. Após a morte de Chagas, ficou definitivamente demonstrado que, embora um dos sítios de localização do T. cruzi seja a tireóide, a Doença de Chagas e o bócio endêmico são enfermidades que não mantêm nenhuma relação entre si. (Kropf, Azevedo, Ferreira, 2000:353)

¹⁴⁰ Ressalta-se que a imagem 3.1 desse capítulo faz parte do conjunto fotográfico publicado nesse relatório.

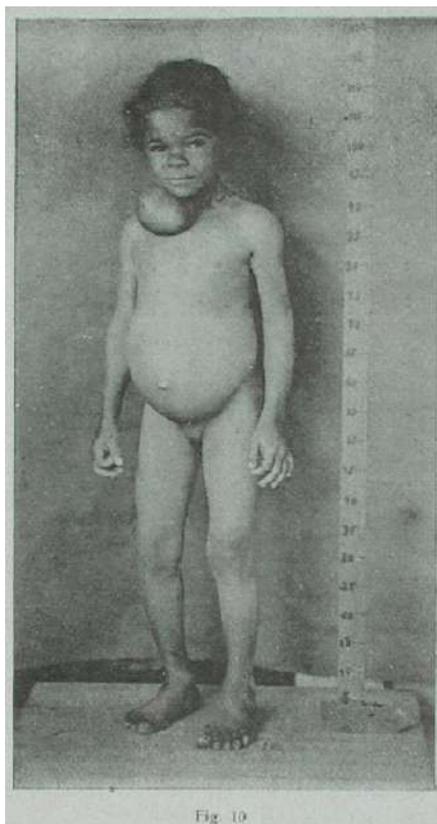


Imagem 3.6 - Caso de infantilismo e Doença de Chagas. In: VILLELA, Eurico; BICALHO, Chagas. As pesquisas de laboratório no diagnóstico da Molestia de Chagas - *Memórias do IOC*, 1923 V.16 n1

Segundo Kropf (2009:212), a partir de 1915, a Doença de Chagas se tornou objeto de controvérsia científica¹⁴¹, quando estudos feitos na Argentina, sob a liderança do microbiologista austríaco Rudolf Kraus, confrontaram-se às formulações de Chagas sobre as formas crônicas da tripanossomíase, em especial a etiologia parasitária do bócio endêmico.

A datar desses estudos, outros pesquisadores também tornaram públicas suas dúvidas acerca da enfermidade e, como maneira de rebater tais argumentos, foram realizados reforços nos investimentos no estudo da forma cardíaca da doença e no estudo dos métodos de diagnóstico das formas crônicas (KROPF, 2006:227). A exemplo dessas produções, no artigo publicado nas *Memórias do IOC*, em 1923, por Eurico Villela e Chagas Bicalho, intitulado “As pesquisas de laboratório no diagnóstico da Molestia de Chagas”, encontramos a seguinte afirmação:

O diagnóstico clínico da moléstia de chagas encontra nas pesquisas de laboratório aplicadas assim as formas agudas como as crônicas, não só um poderoso auxiliar, mas principalmente uma contraprova decisiva. (VILLELA; BICALHO, 1923:13)

¹⁴¹ Ver KROPF, Simone Petraglia. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, p.205-227.

Tal artigo é composto por três registros fotográficos sobre portadores do bócio, dentre eles o retrato acima. Trata-se de uma mulher, brasileira, de 26 anos de idade, que deu entrada no Hospital Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, em setembro de 1922, sendo portadora da Doença de Chagas e infantilismo.

A fotografia em questão demonstra uma das poses mais recorrentes dos pacientes fotografados no meio médico. Segundo Silva (2014:357), a tomada frontal do corpo nu ereto era o ideal de pose científica e correspondia, para as suas concepções de objetividade, ao oposto do que, para a arte, representava o gestual. Esse modo de fotografar, de acordo com Silva (2014:357), foi defendido pelo antropólogo Gabriel de Mortillet que, em 1898, reivindicou para as ciências, direito que já tinham os artistas e o comitê de alistamento militar de ver e registrar os corpos nus, alegando que “só podemos conhecer bem ao homem vendo-o inteiramente nu”. (Mortillet, 1898:105 *apud* SILVA, 2014:357) O autor André Rouille (2009) também menciona essa mudança de representação do corpo nu.

Novas visibilidades, alheias às da arte, emergem ao mesmo tempo que os novos saberes, modernos, sobre a natureza, o território ou as extensões das regiões. Iguamente aparecem outros saberes sobre os corpos, quando a fotografia rompe com os gêneros artísticos tradicionais, em particular o nu. [...] a fotografia-documento causa o surgimento de novas imagens de corpos desnudos, que não dependem da arte, mas do documento, e que não são feitas para ser contempladas, mas para servir: são estudos para artistas, vistas eróticas ou clichês médicos. (ROUILLE, 2009:113)

Vale ressaltar que, em nosso levantamento sobre os registros fotográficos publicados nas *Memórias*, verificamos que as mulheres não foram retratadas nuas, já os homens tiveram em dois artigos apenas os seus órgãos genitais fotografados. Os únicos enfermos a serem retratados nus, em posição frontal, da cabeça aos pés foram os pacientes infantis. Em vista disso, podemos inferir que, retratar um adulto nu dessa maneira, esbarrava em questões morais e poderia gerar constrangimento ao paciente.

Embora a paciente fotografada seja uma mulher adulta, por padecer de infantilismo, tem atributos morfológicos de uma criança e, por isso, sua imagem apresenta-se livre de qualquer apelo sexual, o que justificaria seu retrato em nu frontal. Essa tomada em vertical possibilita a visualização de alguns aspectos da produção fotográfica, tais como: a régua de medir altura disposta ao seu lado, para demonstrar sua estatura; seu corpo — desprovido de qualquer expressão gestual — foi cuidadosamente posicionado em um fundo neutro montado, de cor branca ou cinza, com o objetivo de evidenciar seu status como espécime patológico (STEPAN, 1992:142). Por fim, seu posicionamento frontal ainda favorece a visualização do tamanho de seu “papo”, objeto principal de estudo do artigo. Grosso modo, portanto, nas edições das

Memórias do IOC podemos notar a importância do recurso fotográfico para os estudos sobre afecções dermatológicas e a Doença de Chagas, tendo sido empregado em artigos e expedições científicas em diferentes tomadas e servindo a propósitos específicos.

Além de auxiliar em estudos de doenças visíveis na pele, na segunda metade do século XIX, a fotografia surgia como importante ferramenta para o exame das doenças mentais (MELLO, 2007:64; PERES, 2014:111). Conforme apontou Rouille,

O conhecimento dos corpos, todavia, não se limita a superfície, ao inventário de suas afecções visíveis. Desde o século XIX, a fotografia contribuiu para romper a opacidade corporal, para atravessar seu invólucro carnal, para estudar a dinâmica de seus movimentos e, marginalmente, para pesquisar os sintomas corporais das doenças mentais. A fotografia integra-se, desse modo, aos dispositivos produtores de conhecimento científicos. (ROUILLE, 2009:115)

Segundo Gil (2015:178), o registro fotográfico das patologias psiquiátricas, na segunda metade do século XIX, tinha como objetivo documentar as "doenças da alma", tendo como mediador o corpo, já que à época, acreditava-se que a loucura se manifestava através da gestualidade corporal e expressões faciais. Sendo assim, a fotografia foi aplicada em diferentes experiências com pacientes de hospitais e asilos da França e da Inglaterra.

Dentre elas, as mais conhecidas foram as experiências do neurofisiologista francês Guillaume Duchenne (1806-1875), conhecido como Duchenne de Boulogne, do fisiologista Étienne-Jules Marey (1830-1904) e do neurologista de Jean-Martin Charcot (1825-1893). Segundo Silva (2003:22), os dois primeiros, ao longo da segunda metade da década de 1870, buscavam não apenas registrar a aparência da enfermidade nos corpos, mas também captar e congelar as mínimas variações expressas no corpo, porém não perceptíveis pelos olhos.

Conforme Silva (2014:350), Étienne-Jules Marey era professor de fisiologia no *Collège de France*, mas ficou conhecido pelas fotografias que registrara, em sequência, fases da locomoção humana, animal e de objetos. Para Rouille (2009:115), Marey construiu uma ciência sobre o movimento ao unir uma prática de enunciados (os da sua disciplina, a fisiologia), a uma prática de visibilidades (suas cronofotografias), em um lugar (*Parc des Princes*), com a ajuda de um dispositivo técnico (estação fisiológica), agindo de maneira específica sobre os corpos e fornecendo imagens às formas e usos singulares.

Nesse sentido, a pesquisa de Marey considerava a dimensão espaço-temporal do movimento, buscando captar as mobilidades mais complexas. Conforme apontou Fabris,

Todo movimento é produto de dois fatores, o tempo e o espaço. Conhecer o movimento de um corpo é conhecer a série de posições que este ocupou no espaço numa série de instantes sucessivos. (MANNONI, 1997: 178 *apud* FABRIS, 2004:55)

Duchenne de Boulogne, por sua vez, segundo Silva (2014:349), com a colaboração do fotógrafo Adrien Tournachon produziu séries fotográficas registrando as expressões faciais de seus pacientes sob estímulos de correntes elétricas, que deu origem ao álbum, *Mécanisme de La physionomie humaine ou analyse électrophysiologique de l'expression des passion*, em 1862. De acordo com Fabris (2004:49), esse trabalho reuniu 82 figuras fotografadas em nove pranchas que davam conta das linhas expressivas das grandes paixões como dor, alegria, medo, reflexão dentre outras.

Como apontou Silva (2014:349), em seu trabalho no hospital Salpêtrière, Duchenne de Boulogne conduziu suas experiências buscando compreender o mecanismo dos feixes musculares da face humana na formação das expressões. Foi observando as experiências de Boulogne que Charcot se interessou pela fotografia.

Em “Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière”, Didi-Huberman analisa o modo como foi construído o diagnóstico de histeria a partir das imagens produzidas no Hospital da Salpêtrière entre os anos 1875-1880, sob a direção de Jean-Martin Charcot com auxílio de Albert Londe (1858-1917), Paul Regnard (1850-1927) e Désire-Magloire Bourneville (1840-1909).

Segundo Didi-Huberman, Charcot é conhecido como um dos maiores estudiosos sobre a histeria, considerando-a um "objeto nosológico puro", separando-a e a distinguindo de outras patologias, em especial, da epilepsia. A histeria, associada por muitos anos como um "sintoma de ser mulher", seria configurada por sinais instáveis e irregulares, manifestada em diversas fases, e, por isso, entendida como um desafio aos médicos que tentavam identificar sua causa. Charcot forneceu à histeria uma forma, um quadro, um conceito próprio, mas, além disso, atribuiu a ela uma identidade visual, ao utilizar-se da fotografia para acompanhar, experimentar e registrar as diversas fases da doença.

Neste sentido, Huberman definiu Salpêtrière como a maior fábrica de imagens de doentes mentais na Europa, baseada em um projeto científico, terapêutico e pedagógico promovido por Charcot, para quem a fotografia funcionaria ao mesmo tempo como um instrumento de laboratório, arquivo científico e instrumento de transmissão de conhecimento (DIDI-HUBERMAN, 2015:57). Assim, segundo o autor (2015:92), a prática fotográfica executou-se como um serviço hospitalar organizado e munido de acessórios como em um estúdio fotográfico.

A produção iconográfica de Salpêtrière chama atenção por suas modelos expressarem, através de gestos e teatralização, as inúmeras crises histéricas, tais como contraturas do rosto,

bocejos, paraplegias, catalepsias, paralisias faciais, episódios de sono histérico, entre outras. Para que tais fotografias fossem registradas, Charcot submetia suas pacientes aos efeitos da hipnose por meio de diferentes estímulos com o objetivo de reproduzir ou repetir o fenômeno patológico sofrido pelas pacientes.

Para o autor, esta produção iconográfica é uma “discreta ultrapassagem do limite pela qual uma prática médica relativa à histeria transforma-se em uma invenção figurativa, graças ao diabólico instrumento do saber, a máquina fotográfica” (DIDI-HUBERMAN, 2015:134). O autor ressalta ainda, a apropriação dos corpos das histéricas pelos médicos, tornando-os objeto de experiência guiada pelo estudo e observação.

A Iconografia fotográfica da Salprière instrumentalizou os corpos, jogou arditamente com os corpos - com as histéricas corpos-simulacros -, almejando uma verdade conceitual. Abusou arditamente do ostentatório "fazer as vezes de" praticado pelas histéricas. Mas, para instrumentalizar "com discernimento", para usar de artifícios e obter o "aspecto verdadeiro" de um sintoma, a Iconografia foi obrigada a prezar, a valorizar e a enxergar cada vez mais este ou aquele simulacro de escolha, manipulável, obtido por consentimento ou extorsão, o que não vinha ao caso. (DIDI-HUBERMAN, 2015: 383)

Além dos médicos citados, outro clínico também ficou conhecido por sua produção fotográfica com doentes mentais, o Dr. Hugh W. Diamond (1809-1883) apontado por Gonçalves (2012:77) como médico pioneiro neste procedimento, na Inglaterra e membro fundador da *Royal Photographic Society*.

Diamond considerou a fotografia como um instrumento altamente útil para a prática psiquiátrica (NARS, 2017: 189). Entre 1848 e 1858, como médico do *Surrey County Lunatic Asylum* e responsável pela ala feminina desse hospício, utilizou a fotografia como meio de observação e estudo da fisionomia dos internos da instituição. Conforme Gonçalves (2012:77), à medida que a loucura passa a ser identificada a olho nu devido à externalização na fisionomia e gestualidade do seu estado patológico, a doença mental se tornaria apta ao registro fotográfico.

Nesse sentido, como aparato técnico e mecânico, a fotografia se apresentava como a ferramenta ideal para capturar de forma mais realista estas imagens fisionômicas e como auxiliar para formulação do diagnóstico médico. Segundo Gonçalves, em 1856, em um artigo intitulado “*On the application of Photography in the physiomic and mental Phenomena of Insanity*”, Diamond apresenta três importantes funções da fotografia no tratamento a esses doentes:

Ela poderia fixa/preservar a aparência do doente mental para estudo (endossando as teorias da fisionomia da insanidade aceitas neste período); ela poderia ser usada no tratamento do mentalmente doente através da apresentação de uma imagem própria acurada; e ela poderia fixar/preservar a

aparência de pacientes para facilitar sua identificação e readmissão posterior e tratamento. (GONÇALVES, 2012:79)

No Brasil, os registros fotográficos de pacientes portadores de doenças mentais foram publicados, no início do século XX, no primeiro periódico brasileiro especializado na área, os *Arquivos Brasileiros*. O artigo em questão foi uma comunicação de Waldemar de Almeida, apresentada a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em agosto de 1919, e publicada nos *Arquivos Brasileiros* no mesmo ano, pretendendo discutir um caso clínico de sífilis cerebral. Segundo Cerqueira (2014:173), Waldemar de Almeida foi um dos atores de destaque para a SBNPML e seu veículo de comunicação e divulgação. Conforme a autora, Almeida fez parte da diretoria em diferentes cargos, foi um dos membros mais ativos nas reuniões da instituição apresentando comunicações e discutindo casos clínicos; e por fim, foi quem organizou, em conjunto com Ulysses Vianna, a publicação dos *Arquivos Brasileiros*, em 1919. Como apontamos no capítulo anterior, foi também um dos médicos que mais publicaram fotografias em seus trabalhos editados no *Arquivos*.

O trabalho tem como caso clínico a ser debatido, a sífilis cerebral, tipo esquizofrênico com variedade catatônica. Desde o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, a sífilis esteve muito presente nas discussões médicas, por duas razões. A primeira, por ter se tornado um diagnóstico de princípio etiológico geral, sendo percebida como causa de inúmeros quadros sintomáticos, a segunda, porque acreditava-se que a sífilis era hereditária e, por isso, produziria a degeneração das raças (VENANCIO, 2004:297; CARRARA; CARVALHO:2010:393).

De acordo com Carrara; Carvalho (2010:392), a sífilis era objeto de debate internacional, contando com médicos como Max Nonne, Emil Kraepelin e Alfred Fournie, e no âmbito nacional, com Juliano Moreira, Ulysses Vianna¹⁴² e outros. Portanto, o trabalho de Almeida está inserido nesse contexto. Ao longo de seu texto, o autor busca construir um diagnóstico para a enferma observada, a partir dos exames laboratoriais realizados e pelas fotografias que o acompanham.

Em início do ano corrente, revendo na Colônia de Alienadas no Engenho de dentro algumas doentes com o diagnóstico de demência precoce no propósito de realizar algumas terapêuticas, nossa atenção foi despertada para uma insana que, apesar de rotulada com um diagnóstico mui diverso de nosso objetivo,

¹⁴² Em um número anterior ao dessa publicação, Ulysses Vianna considerava a sífilis do sistema nervoso “um dos capítulos mais interessantes da neuriatria e da psiquiatria” (Vianna, 1919:164). Cabe lembrar que este é exatamente um dos períodos em que a revista passou por mudanças em sua nomeação, periodicidade e organização.

dava, entretanto pelo colorido de certos modos dados somáticos e físicos a impressão de uma demência precoce catatônica. (ALMEIDA,1919: 280)



Imagem 3.7 - Enferma em movimento. In: ALMEIDA, Waldemar de. Caso de syphilis cerebral, tipo eschyzophrenico, variedade catatonica, *ABNP*,1919, 3 tri.

O artigo foi composto por três fotografias de uma paciente feminina, a saber: um retrato de busto, utilizado como instrumento de identificação e as duas fotografias acima, em que a interna se apresentada sentada e em pé realizando movimentos com os braços e as pernas.

No momento de sua internação, em 1914, a paciente foi diagnosticada com psicose alcoólica, embora Almeida (1919:281) considerasse que, tal classificação nosológica não estava em acordo com seus sintomas. O autor, então, estabeleceu sua própria observação em 1919 e, baseado em dados somáticos, exames físicos e laboratoriais, atestou o diagnóstico de sífilis cerebral, tipo esquizofrênico, com variedade catatônica. Ainda que, segundo o autor, outras duas entidades psiquiátricas pudessem ser atribuídas à paciente, como a demência precoce catatônica e a associação da sífilis cerebral com a demência precoce. Contudo, segundo Almeida (1919:285), ambas poderiam ser descartadas por meio dos resultados laboratoriais e reações físicas da paciente.

Por essas e por outras razões de ordem clínica que foram evidenciadas no decurso descritivo de nosso caso, julgamos não só justificar o diagnóstico que formulamos, como também realçar as dificuldades que surgem ao especialista pouco avisado para destrinchar de um modo seguro o tipo nosológico. Tais

foram os intuitos que nos animaram em conduzir a esta Sociedade a presente enferma, de cuja observação nos resulta um ensinamento valioso, que talvez contribua para esclarecer um dos mais momentosos problemas da patologia mental da lues (ALMEIDA, 1919:288).

As duas fotografias da enferma, portanto, embora não sejam acompanhadas por legendas ou menção ao longo do texto, ilustram os movimentos e trejeitos realizados pela observada, a fim de justificar o diagnóstico defendido pelo autor.

Tendo em vista a importância da expressão corporal e gestual dos doentes mentais para o registro fotográfico de sua enfermidade, poucas foram as fotografias que atribuíram ênfase apenas as áreas lesionadas do corpo. Identificamos apenas dois trabalhos. O primeiro em 1907, intitulado "Dois casos de paralisia datando a infância" de Marcio Nery, já mencionado no capítulo anterior; e o segundo em 1930, em "Sobre um caso de ainhum" por Joaquim Motta¹⁴³. Em ambas publicações, a área lesionada fotografada em *close-up* foi o pé do paciente.

No Brasil, o primeiro trabalho a respeito do ainhum foi publicado na *Gazeta Médica da Bahia*¹⁴⁴, em 1867, por José F. da Silva Lima (1826-1910)¹⁴⁵ intitulado "Ainhum. Molestia ainda não descripta, peculiar à raça ethiopica e affectando os dedos mínimos dos pés", no qual o autor a define como uma afecção que atinge apenas os negros/africanos, apresentando dois casos clínicos para dar uma ideia dos seus sintomas. Segundo o autor, o termo "ainhum" quer dizer serrar, correspondendo ao que consiste na moléstia

em uma degeneração gordurosa lenta e progressiva dos dedos mínimos dos pés, compreendendo quase todos os seus elementos anatômicos, em toda a sua extensão daqueles órgãos para além da dobra digito-plantar, e produzindo inevitavelmente a sua caída em um período mais ou menos longo. (SILVA LIMA, 1867:147)

¹⁴³ Joaquim Pereira Motta (1894-1952) Livre docente e assistente da Faculdade de Medicina. Membro titular da Academia Nacional de Medicina. (ABNP, 1930:53); nascido no Rio de Janeiro, doutorou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em 1917, com a tese intitulada "Suprarrenalite palustre", que foi aprovada com distinção e condecorada com a medalha de ouro, correspondente ao "Prêmio Torres Homem". Coursou Microbiologia e Parasitologia no Instituto Oswaldo Cruz. Realizou um estágio docente na Europa, na Clínica de Pautrier e no Hospital St. Louis. Em 1925, quando o Acadêmico Eduardo Rabello assumiu a cadeira de Dermatologia da Faculdade Nacional de Medicina, o Dr. Pereira da Motta formou-se como um de seus assistentes. Além disso, também foi presidente por dois anos da Sociedade Brasileira de Dermatologia e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Disponível em: http://anm.org.br/conteudo_view.asp?id=445

¹⁴⁴ A *Gazeta Médica da Bahia* foi criada em 1866 e é considerada como um dos patrimônios culturais da história da medicina brasileira, pois serviu de veículo para as pesquisas originais de uma "associação de facultativos" que ficou consagrada com a denominação de Escola Tropicalista Bahiana (Coni, 1952 *apud* JACOBINA; GELMAN, 2008:1078). Os autores Jacobina e Gelman (2008:1078) destacam o papel de Juliano Moreira nessa revista, como colaborador, redator e redator principal (1901-1902).

¹⁴⁵ Nascido em Portugal, chegou à Bahia em 1840 e doutorou-se em 1851 pela Faculdade de Medicina, defendendo a tese "A força medicatriz da natureza, primeiro trabalho filosófico editado no estado". No ano de 1851, fundou o jornal *Gazeta Médica da Bahia*, da qual foi o principal colaborador. Ficou conhecido na história da medicina brasileira como representante da Escola Tropicalista Bahiana, por ter inovado os estudos da medicina tropical no Brasil através da utilização do método experimental. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=94&sid=7>

Além de Silva Lima, o ainhum também foi objeto de trabalho de Juliano Moreira e Antônio Austregésilo nomeado "Contribuição ao estudo do ainhum"¹⁴⁶, em 1908, no periódico *Brazil Médico*. Neste estudo, os autores apresentam as principais características diferenciais entre o ainhum e a lepra mutilante, fundamentando-se em suas próprias observações e nas argumentações defendidas por Silva Lima. Nas palavras dos autores,

O ainhum só ataca o negro africano, ou os seus descendentes mais puros; a lepra ataca tanto branco como o mestiço ou o negro. O ainhum é uma afecção própria do operário, do carregador, do trabalhador do campo; é muito raro na mulher e não existe na primeira, na segunda infância e na puberdade; a lepra não tem preferência de classe, de sexo, nem de idade. No ainhum só os dedos do pé são atacados, mais especialmente os mínimos; a lepra ataca todos os dedos dos pés e das mãos (...). (MOREIRA; AUSTREGESILO, 1908:173)

Este trabalho de Moreira e Austregésilo corresponde a primeira fase da produção intelectual de Juliano Moreira, chamada por Venancio (2014:286-287) de "tropicalista", a medida em que seus estudos versavam sobre as doenças ditas tropicais como a leishmaniose, sífilis, malária e ainhum.

Vale destacar que, anos antes desse trabalho em conjunto com Austregésilo, o ainhum já havia sido objeto de estudo por Juliano Moreira. Durante as suas viagens para a Europa, entre 1895-1902, Moreira esteve no laboratório do Dermatologium, um instituto para diagnóstico e tratamento das enfermidades de pele em Hamburgo (Alemanha), chefiado pelo dermatologista alemão Paul Gerson Unna (1850-1929). Lá realizou o mais completo estudo anatomopatológico sobre o ainhum que ao ser publicado. À época, um dos trabalhos feitos por brasileiro, mais citados no exterior, intitulado "*Neue pathologischer anatomischer und klinischer Beitrag zur Kenntniss des Ainhum*" (LOPES; FONSECA, s/d; ANNAES¹⁴⁷, 1933:83; NOBRE, 2013:5).

Sendo assim, quando publicado o trabalho de Joaquim Motta "Sobre um caso de ainhum", em 1930, nos *Arquivos Brasileiros*, o tema já havia sido objeto de estudo de inúmeros trabalhos que apresentaram seus aspectos etiológicos, histológicos e de tratamento. Este trabalho é uma exposição sucinta a respeito de um enfermo que sofre de ainhum, uma doença rara, internado na enfermaria da Clínica Dermatologia e Sifiligráfica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Contudo, segundo o autor, embora o caso observado fosse cada vez menos comum, não haveria nada que o tornasse excepcional.

¹⁴⁶ Este estudo foi dividido em duas partes e publicado no número 17 e 18 do periódico *Brazil Médico* do ano de 1908. No entanto, só tivemos acesso a segunda parte do trabalho, na edição de número 18.

¹⁴⁷ Não identificamos o autor do texto. In: A memória de Juliano Moreira: fundador e presidente da academia. *Annaes da Academia Brasileira de Ciências*. Tomo V, n.2, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1933, p.81-97.

Embora tivéssemos procurado estudar o caso cuidadosamente, nada digno de nota pudemos encontrar que lhe desse particular interesse, (...) enquadrando-se assim a observação dentro dos fatos conhecidos e reproduzindo exatamente o que tem sido verificado por todos os autores. Desse modo, vale esta nota apenas pela curiosidade e raridade da doença, merecendo por isso o caso apenas rápido registro, somente para que conste da cazuística cada vez mais pobre, da doença. (1930:53-54)



Imagem 3.8 - Lesão em pé. In: MOTTA, Joaquim. Sobre um caso de ainhum, *ABNP*, 1930.

A nota foi acompanhada por duas fotografias dos pés do paciente, uma em formato oval e outra em quadrado, vista acima, que demonstram sua aparência e ausência do quinto dedo em ambos os pés. Ambas não são acompanhadas por legendas e não identificam o fotógrafo responsável.

Desse modo, podemos notar que, por meio de experiências, discursos e práticas, a fotografia foi empregada como um instrumento de pesquisa, de observação, de comprovação de resultados, de ensino e de legitimação do enunciado médico. Notamos que as fotografias de doentes publicadas nas *Memórias* atribuíram destaque às imagens de impacto, que exibiam as deformidades e afecções visíveis na pele. Enquanto as fotografias publicadas nos *Arquivos*, enfatizaram a dimensão fisionômica e comportamental dos enfermos, em muitos casos, com auxílio de recursos cênicos para sua constituição. Além disso, ressalta-se a presença de fotografias de identificação do paciente e, em menor incidência, aquelas que expressam deficiências físicas.

3.2.2 - Semelhanças e diferenças nas apresentações de indivíduos doentes

As fotografias publicadas nas duas revistas médicas cariocas analisadas abrangeram um universo de enfermidades que retrataram desde as menores lesões na pele até deformidades com sintomas mais graves. Em uma visão geral dos conjuntos fotográficos, notamos a diferença na caracterização de alguns enfermos. Diante disso, algumas indagações se fizeram necessárias: Quem são aqueles fotografados de maneira distinta? E por quê? Como caminho para responder tais perguntas, dividimos as fotografias dos pacientes de acordo com modelo fotografado: homem, mulher e criança.

O *corpus* de investigação em questão corresponde a 40 trabalhos publicados nos *Arquivos Brasileiros*, entre os anos de 1905 e 1930, que totalizam 126 fotografias. No que diz respeito as publicações das *Memórias*, entre 1909 e 1930, identificamos apenas 17 trabalhos com imagens fotográficas reunindo 121 fotos. As tabelas a seguir demonstram a distribuição dessas fotografias nas publicações.

Tabela 3 – Relação do número de fotografias de doentes publicadas nos *Arquivos Brasileiros* (1905-1930)

Doentes fotografados	Número de fotografias
Homem	45
Criança	43
Mulher	38
Total	126

Fonte: Levantamento realizado pela autora nos exemplares dos *Arquivos Brasileiros*

Tabela 4 – Relação do número de fotografias de doentes publicadas nas *Memórias do IOC* (1909-1930)

Doentes fotografados	Número de fotografias
Homem	43
Criança	36
Não identificável	20
Mulher	19
Homem e mulher	3
Total	121

Fonte: Levantamento realizado pela autora nos exemplares das *Memórias do IOC*

Como pode ser observado nas tabelas acima, em ambas as publicações, os enfermos masculinos foram os mais fotografados, seguidos, pelos infantis. No caso deste último, notamos um certo padrão de representação sem muitas variações: crianças nuas/vestidas; acompanhadas ou não; de pé, no colo ou deitadas. Nas *Memórias do IOC*, em geral, as crianças que foram fotografadas sofriam do Mal de Chagas ou lesões dermatológicas. O maior número dessas fotografias foi publicado em 1916, no artigo “Tripanosomiase americana: forma aguda da moléstia”, escrito por Carlos Chagas, que totaliza 18 fotografias; seguido pelo o “Ensaio de Mycologia: (Contribuição para o estudo dos cogumelos em Bello Horizonte)” de Octavio de Magalhães e Aroeira Neves, em 1926, com 11 fotos.

No que se refere aos *Arquivos Brasileiros*, os pacientes infantis foram fotografados, principalmente, na perspectiva do “antes e depois”, demonstrando o seu processo de adoecimento, tratamento e cura. Os trabalhos compostos por estas fotografias foram publicados nos *Arquivos Brasileiros*, nos seguintes anos: em 1907, no artigo “Em torno do beribéri e da topografia anestésica” de Júlio Novaes, formado por 9 fotografias; em 1911, 1915 e em 1919 em três trabalhos assinados por Fernandes Figueira, no qual um dos casos analisamos nesse capítulo (ver imagem 3.4).

Portanto, para essa análise incluímos apenas os casos clínicos de homens e mulheres, com o intuito de identificar casos de disparidades e semelhanças na representação do enfermo feminino e masculino.

No caso das fotografias de doentes publicadas nas *Memórias do IOC*, a identidade dos enfermos era, em geral, preservada, atribuindo destaque apenas às lesões provocadas, principalmente, por micoses na pele, alastrim e outras anomalias que causavam alguma visibilidade da patologia no corpo. Apesar disso, outros enfermos tiveram seus rostos revelados em duas situações: quando as lesões eram no rosto do paciente e em casos de portadores do bócio.



Imagem 3.9 - Mulher com lepra. In: SOUZA-ARAÚJO, H. C. de. Estudos sobre a lepra: II. tentativas de cultura do *Mycobacterium Leprae* (*Coccothrix Leprae* Lutz, 1886): isolamento de um *Actinomyces* de um Leproma: o *Actinomyces Lepromatis*, *Memórias do IOC*, 1928 V.21 supl.4

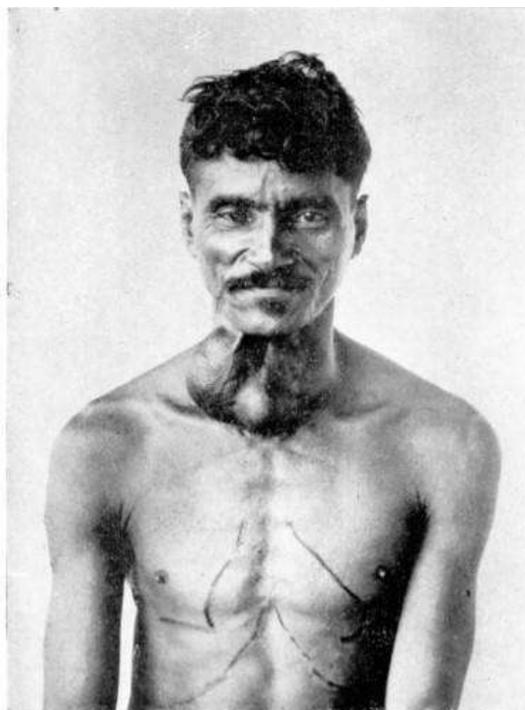
Um bom exemplo é o caso da lepra e das imagens divulgadas nas *Memórias* a respeito. Como sabemos, a lepra é conhecida desde a Idade Média, mas foi na primeira metade do século XX que se tornou objeto de grande preocupação, com a adoção de medidas profiláticas pela medicina e pelo Estado para tratar a doença (SCHNEIDER, 2001:53). Souza-Araújo foi um dos maiores articuladores quanto à questão da lepra, produzindo inúmeros trabalhos a respeito, como a obra “A História da Lepra no Brasil”, na qual discorreu sobre a história da lepra no país desde a chegada dos europeus até a metade do século XX (SCHNEIDER, 2001:15).

A fotografia acima compunha o trabalho que foi apresentado à Sociedade Brasileira de Biologia, no dia 30 de outubro de 1928, escrito por H.C Souza Araújo, no qual o autor relata seu sucesso para isolar um leproma de uma bactéria. Além da fotografia, outras 10 imagens de culturas e microfotografias acompanharam o texto.

A legenda da fotografia a identifica como “A doente H.S. que forneceu material para culturas (lepromas a e b)” e não há qualquer outra informação sobre a enferma. No entanto, sua pose pode dizer mais sobre o objetivo da imagem: possivelmente foi dirigida pelo médico e/ou fotógrafo para que demonstrasse claramente suas lesões, em especial aquelas próximas ao seu cotovelo, local de extração dos lepromas e objetos de estudo. Além disso, o pano claro posto entre seu colo e seu braço posado, recria o fundo neutro ideal para a realização de fotografias consideradas científicas, a fim de realçar sua condição patológica.

Embora tenha sido comum nas fotografias publicadas nas *Memórias*, a preservação do anonimato dos pacientes fotografados, podemos inferir que o estigma em torno da lepra,

também pode ter sido um fator para ocultação de seu rosto. Já os portadores do bócio, foram retratados sem a preocupação em preservar seus rostos.



Phot. n. 30

Imagem 3.10 - Homem com bócio. In: LACORTE, José Guilherme. A reacção do desvio do complemento na Molestia de Chagas, *Memórias do IOC*, 1927 – V. 20 n.2

A fotografia acima faz parte do artigo de José Lacorte, composto por outras 15 fotografias de doentes e 22 eletrocardiogramas¹⁴⁸, no qual o autor demonstra o resultado da pesquisa realizada ao longo de três meses no hospital de Lassance, no norte de Minas Gerais, onde praticou a reação do desvio de complemento aplicada a moléstia de Chagas, tomando como base os trabalhos anteriores de alguns autores, inclusive, Villela e Bicalho (1923), citado anteriormente. O autor estudou 200 casos suspeitos dentre os muitos doentes que apareceram na consulta do ambulatório do hospital, fotografando alguns desses. Assim como outros trabalhos do IOC, este artigo também buscava comprovar a hipótese de Chagas. Em suas conclusões, registra Lacorte:

¹⁴⁸ Segundo Kropf (2006:345), o termo eletrocardiograma foi introduzido em 1893 pelo holandês Willian Einthoven (1860-1927), que em 1901 desenvolveu o galvanômetro de corda, instrumento que permitiu o primeiro registro eletrocardiográfico. No Brasil, Carlos Chagas foi pioneiro ao utilizar o método eletrocardiográfico no estudo clínico da Doença de Chagas. O primeiro trabalho do autor publicado nas Memórias contendo eletrocardiogramas, em conjunto com Eurico Villela, foi a "Forma cardíaca da Trypanosomiase Americana. Mem. Inst. Oswaldo Cruz; 14:5-61, 1922."

[...]Julgamos constituir tal fato um grande apoio em favor da hipótese formulada pelo descobridor da moléstia, de que o bócio endêmico daquela região [Lassance, MG] e provavelmente de outras, tenha como causa o *Trypanosoma cruzi*. (LACORTE, 1927:201)

Retornamos ao bócio nas publicações das *Memórias do IOC*, dessa vez, com o diagnóstico da Doença de Chagas nas formas cardíaca e tiroidiana de um homem observado na cidade de Lassance. Em sua fotografia, assim como as dos demais portadores, fica evidente o inchaço em seu pescoço, considerado como identidade visual da enfermidade, e também as marcações feitas em seu peito. Entretanto, no artigo não há nada que explique os desenhos feitos à mão na região torácica de alguns enfermos masculinos, mas notamos que em cada indivíduo, foram feitas marcações distintas.

De forma geral, nas *Memórias do IOC*, percebemos que as fotografias de enfermos publicadas, tanto em artigos como em relatórios de expedição, foram realizadas em perspectiva frontal e com fundo neutro, preservando as identidades dos enfermos, com exceção dos portadores de bócio e de lesões localizados no rosto. Além disso, nestas fotografias, ao contrário dos homens, as mulheres não tiveram sua genitália fotografada, com exceção ao caso de infantilismo que discorremos anteriormente.

No que concerne às fotografias de doentes publicadas nos *Arquivos*, notamos que todos tiveram sua identidade revelada, dada a importância das expressões faciais e gestualidade corporal para o diagnóstico de doença mental. Estes foram fotografados de frente e de perfil, em casos de doentes criminosos ou não, de busto, meio corpo e corpo inteiro, evidenciando traços, características físicas, deformidades e outros.

Em uma apresentação publicada na ata da reunião da Sociedade do dia 9 setembro de 1925, Cunha Lopes expôs um caso de “Obesidade tornada monstruosa por intoxicação alcoólica”, assim como nos artigos científicos publicados, o autor apresenta descrições sobre os hábitos da paciente, seu histórico familiar, exames realizados e seu diagnóstico. Em seu texto, escreveu (1925:187) que a própria enferma procurou o hospital por ter alucinações visuais, auditivas e sensitivas.



FIG. 1 — Photographia anterior da doente

Imagem 3.11 - Mulher obesa. In: LOPES, Cunha. *Obesidade tornada monstruosa por intoxicação alcoólica*, ABNP, 1925.

Mencionamos anteriormente a inexistência de fotografias de mulheres nuas nas *Memórias do IOC*; todavia, o mesmo não ocorreu nos *Arquivos Brasileiros*, homens e mulheres foram retratados nus de corpo inteiro e/ou apenas seu órgão genital. No caso dos homens, encontramos quatro artigos acompanhados por estes registros fotográficos.

No caso das mulheres, além da fotografada acima, outras três também foram fotografadas nuas, — duas delas com uma tarja em seus olhos e a terceira sem a tarja, mas fotografada sentada. A fotografada em questão foi a única mulher a ser registrada de pé, e de lado — em outra fotografia que também acompanha o artigo —, sem ter sua identidade preservada e o corpo inteiramente exposto.

Nesse sentido, a exposição sofrida pela paciente chama atenção e nos remete ao caso ocorrido no início do século XIX de Saartjie Baartmann, também conhecida como "Vênus Hotentote". Tratava-se de uma mulher sul-africana que chamava a atenção por suas curvaturas, foi levada para Europa para realizar apresentações nos chamados *freak shows*, em que eram exibidos casos considerados exóticos como a mulher barbuda e outros, com espectadores que pagavam para assisti-la e tocá-la (CITELI, 2001:163-164).

Baartmann foi exibida em praças públicas, em espetáculos e em reuniões científicas coordenadas por eminentes cientistas franceses, Georges Cuvier, Henri de Blainville e Geoffroy

Saint-Hilaire. Nessas ocasiões, a exibiam-na seminua onde mediam seu corpo, “observavam, desenhavam, escreviam tratados sobre, modelavam, modelavam em cera, escrutinizavam cada detalhe de sua anatomia” (HALL, 1997:265 *apud* DAMASCENO, 2008:2). Conforme destacou Damasceno (2008:1), a ciência desse período buscava no corpo as diferenças entre as raças a fim de provar racionalmente e cientificamente a inferioridade dos povos não europeus.

Baartmann morreu em dezembro de 1815, mas continuou sendo objeto de estudo e alguns de seus órgãos foram expostos no Museu de História Natural, e mais tarde no Museu do Homem, ambos em Paris, até 2002, quando seus restos mortais foram devolvidos à África do Sul. Embora mais de um século separe essas personagens, alguns aspectos devem ser destacados (DAMASCENO, 2008:4).

Assim como Saartjie Baartmann, a mulher fotografada nos *Arquivos* recebeu destaque devido à sua estrutura física. Em seu exame somático, o autor Cunha Lopes descreveu: “É uma mulher que chama a atenção de qualquer pela formidável desenvoltura física.” (1925:187) Ambas foram retratadas com seios e nádegas à mostra, atendendo à demanda do nu científico para conhecer as proporções e formas do corpo humano. No entanto, a enferma fotografada nos *Arquivos*, expressa em seu rosto o desconforto dessa exposição, parece chorar. Outro aspecto comum a essas mulheres negras foi o excesso de bebida alcoólica. Uma das versões para a causa da morte de Baartman foi a bebida, assim como para nossa fotografada, segundo Cunha Lopes, o alcoolismo teria sido um dos fatores agravantes por sua obesidade.

O papel do alcoolismo na obesidade, diz Floramel, é incontestável. [...] Os casos mais típicos de obesidade tóxica se encontram nos alcoolatras: dois terços dos obesos observados por Carnot no consultório do Hospital Broussais, eram grandes bebedores. (LOPES, 1925:190)

Como vemos, ambas as mulheres negras estiveram a serviço da ciência e da observação, enquanto objetos de estudo por suas formas físicas. Tiveram seus corpos expostos para esta finalidade, ao contrário de outras mulheres, em que se verifica que as identidades foram preservadas ou a exposição foi moderada. Vale ressaltar que identificamos três casos masculinos que também foram fotografados como a mulher em questão: de corpo inteiro, nus e em perspectiva frontal, publicados nos *Arquivos* nos anos de 1906, 1909 e 1912.

Outro caso excepcional nas publicações dos *Arquivos*, foi de um indivíduo que cometeu um crime e apesar disso, não foi retratado como os criminosos costumavam ser, em retrato duplo de frente e perfil; ao contrário, o uso de terno e gravata e o enquadramento fotográfico — entre o frontal e o perfil — reforçavam sua posição de prestígio social. Com isso, podemos imaginar que a condição social do doente importava para a difusão de sua imagem como um sujeito patológico.

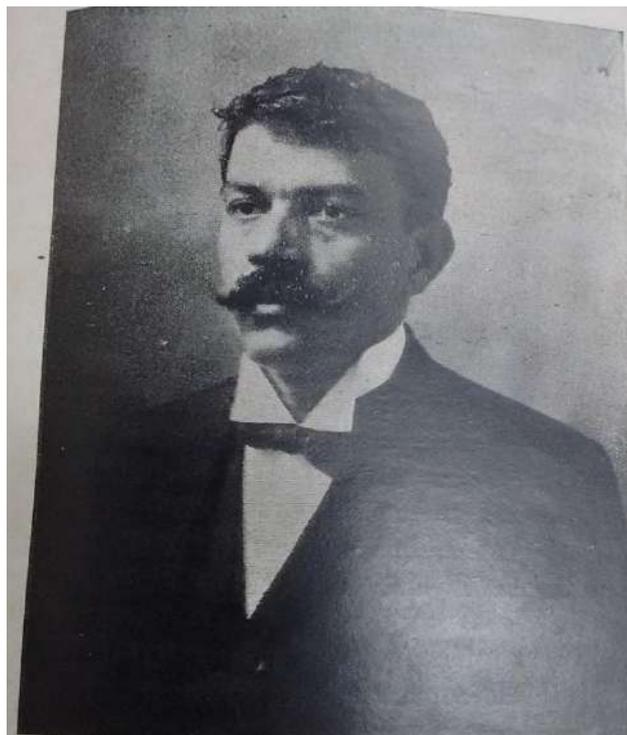


Imagem 3.12 - Homem criminoso de terno e gravata. In: ESPOSEL, Faustino; LOPES, Ernani. Uma perícia médico-legal: estado degenerativo, alcoolismo crônico, *ABPNML*, 1914, n.3-4

João Pereira Barreto¹⁴⁹ foi um poeta muito conhecido no meio intelectual carioca, no início do século XX, nascido na cidade de Estancia, no Sergipe, atuava como jornalista do *O País*, responsável pela redação dos debates da Câmara dos deputados e autor de um crime cometido contra sua esposa grávida, Anita Levy Barreto (ENGEL, 2001:206; MASSI; MOURA, 2017:60). O caso ocorreu na madrugada do dia 3 de dezembro de 1912, em Icaraí, bairro nobre de Niterói, e virou notícia na imprensa carioca, ainda pela manhã, conhecido como a “Tragédia de Icaraí”.

Doloroso, bastante doloroso é o fato que vamos narrar e no qual tomaram parte saliente um homem das nossas melhores rodas, intelectual de reputação firmada a quem o álcool transviou a ponto de o tornar um criminoso vulgar, um assassino, o algoz da própria esposa, a outra personagem da tragédia. (Jornal *A Noite*¹⁵⁰ - 3/12/1912)

¹⁴⁹ Era apelidado por Lima Barreto de Risada de Tigre. Lima e Pereira Barreto eram amigos, frequentavam o Café Papagaio, e faziam parte do mesmo grupo que ficou conhecido como “Esplendor dos Amanuense”. (MASSI; MOURA, 2017:60-61) Ambos foram enquadrados em classificações nosológicas ligadas ao alcoolismo.

¹⁵⁰ O vespertino *A Noite* foi fundado em 18 de julho de 1911 por Irineu Marinho, no Rio de Janeiro, e foi considerado um dos primeiros jornais populares do Rio de Janeiro. *A Noite* tratava principalmente da política nacional e de questões da cidade do Rio de Janeiro, com destaque para o noticiário policial. Tornou-se assim um dos primeiros a valorizar os fatos do cotidiano e, desta forma, os gostos do grande público, da chamada massa urbana que se ia formando nas grandes cidades do país. Circulou provavelmente até 31 de agosto de 1964. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>. Acessado em: 22/05/2020.

A ampla repercussão do caso, segundo Engel (2001:106), mobilizou a opinião pública da cidade, por se tratar de um uxoricídio, em que o assassino era um homem de “alto valor intelectual”, de “boa família” com alto status social, e ainda, por acarretar discussões sobre a responsabilidade criminal nos meios jurídicos, médico-legais e psiquiátricos.

À época, o famoso jurista Evaristo de Moraes encarregou-se da defesa de Barreto, alegando se tratar de um “episódio de alcoolismo”, provocado pelo “ciúme mórbido que vinha desde muito torturando o uxoricida”, e assentado em “base hereditária” (MORAES, 1933:119 *apud* ENGEL, 2001:107). Para que tal argumentação fosse validada, fazia-se necessária a comprovação médica da enfermidade sofrida pelo acusado. Nesse sentido, os médicos Faustino Esposel e Ernani Lopes ficaram responsáveis pela elaboração do laudo médico-pericial e o resultado foi publicado nos *Arquivos*, composto por esta fotografia de João Barreto.

Os médicos preparam um longo e detalhado relatório baseado em observações clínicas, antecedentes familiares, exame do sistema nervoso, físico e psíquico. Neste último, os médicos avaliaram seu nível intelectual e suas produções literárias, incluindo no relatório uma fotografia de sua escrita. Após examinarem os depoimentos dos mais próximos ao observado, indícios do caso e exames médicos, os peritos definiram como fatores determinantes para a execução do crime, a associação entre o alcoolismo crônico e o delírio de ciúme.

No primeiro julgamento João Barreto foi condenado culpado, com pena de 21 anos de prisão, mas a defesa recorreu e, no segundo julgamento o réu foi absolvido. A promotoria fez nova apelação, e no terceiro julgamento foi, mais uma vez, considerado inocente devido a sua condição de enfermo. João Barreto foi considerado enfermo, vítima de um ciúme doentio provocado pelo alcoolismo, mas foi retratado no laudo médico como homem de sua posição social, sem demonstrar qualquer sintoma visível de doença ou elemento visual que o fizesse. Nesse caso, o texto científico e a fotografia não funcionaram como complementares da mesma informação, enquanto a linguagem escrita construía um diagnóstico de alcoolismo e delírio, a linguagem visual era de um homem aparentemente, sadio e de notório prestígio social.

Embora tenha sido inocentado pelo seu crime, foi considerado um degenerado e, por isso, deveria ter sido recluso no hospício, mas isso não aconteceu, de acordo com Engel,

Enquanto não existisse uma instituição asilar especialmente destinada aos alcoólatras, a pena para aqueles que se tornavam assassinos seria a reclusão definitiva no hospício – como no caso dos três uxoricidas referidos por Lima Barreto no *Diário do Hospício*. Entretanto, somente para aqueles que não tivessem prestígio ou, como diria Lima Barreto, não tivessem pistolão, pois para estes – como João Pereira Barreto – a pena seria o próprio sofrimento provocado pela doença. (ENGEL, 2001: 114-115)

Portanto, embora tenha cometido um crime e sofresse de uma doença degenerativa, João Barreto não foi fotografado como um enfermo ou como um criminoso, mas como um homem à altura de seu status social. Por isso, podemos inferir que as relações sociais dos enfermos interferiam na maneira em que estes eram representados.

Nesse terceiro capítulo discorremos brevemente sobre o surgimento da fotografia através do desenvolvimento de alguns processos fotográficos e seus principais inventores. Partindo desse contexto de criação, apresentamos a recepção da fotografia no Brasil e em instituições médicas e científicas que se apropriaram do recurso fotográfico como um instrumento de observação, de pesquisa, de ensino, de comprovação de resultados, visto que, no início do século XX, a fotografia era considerada uma prova documental, um reflexo da realidade. Dentre as fotografias produzidas por estas instituições, focamos na análise das fotografias de indivíduos enfermos publicadas nos *Arquivos Brasileiros* e *Memórias do IOC*, canais de comunicação e disseminação dos trabalhos produzidos por estas organizações científicas. Identificamos como se dava a relação entre as palavras e as imagens, isto é, entre o texto escrito e o texto visual, mediada por legendas que poderiam assumir diferentes funções, como nortear a leitura da fotografia, ou ainda, complementar e explicar informações sobre a imagem. Também buscamos demonstrar como o recurso fotográfico privilegiou as manifestações mórbidas que possibilitavam a visibilidade do corpo enfermo, com sinais perceptíveis na pele através de deformações físicas e lesões e, inclusive, por meio da construção de poses e encenação que encarnassem o quadro nosológico. Por fim, identificamos os padrões fotográficos assumidos por cada veículo de comunicação, trazendo alguns exemplos de representação similares e díspares, demonstrando como a intenção documental, o status social e sexo do enfermo foram fatores determinantes para a composição fotográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Sob a direção de Juliano Moreira e Oswaldo Cruz saem ainda publicações periódicas, sistemáticas proficientemente elaboradas, com contribuições que honrariam a cultura científica de qualquer povo, as Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, e os Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, (...) revistas já conhecidas e acatadas nas rodas médicas da América e da Europa. (...) Ambos os jornais citados apresentam-se ilustrados por excelentes e bem elaboradas gravuras". (PENAFIEL, 1913:125-126)

Por meio da análise dos periódicos *Arquivos Brasileiros* e *Memórias do IOC*, especializados em medicina mental e medicina experimental, nos propusemos a investigar a contribuição das imagens, em especial, a fotografia, para a constituição do conhecimento médico e a comunicação em ciência, nas três primeiras décadas do século XX. Para tanto, iniciamos com a apresentação das instituições responsáveis pelos canais de comunicação em questão, buscando reconhecer sua organização, seus colaboradores, sua produção e seu conjunto iconográfico.

O Instituto Oswaldo Cruz criado com o intuito limitado de produzir soros e vacina contra a peste bubônica, em poucos anos de existência, se tornou o primeiro grande centro de medicina experimental do Brasil. Suas atividades eram fundamentadas no ensino das ciências biomédicas com os Cursos de Aplicação, na pesquisa ligada às doenças animais e humanas e na produção de produtos imunobiológicos. Vimos a partir da historiografia a respeito do Instituto que graças a sua autonomia administrativa e financeira em relação ao Estado (BENCHIMOL, 1990:33), o IOC se desenvolveu e sobreviveu aos escassos recursos destinados pelo governo à pesquisa, diferentemente de outras instituições congêneres.

A partir dos decretos que regulamentavam a instituição, notamos o crescente aumento do seu quadro de funcionários, que atuavam, ao mesmo tempo, em diversas atividades como funções pedagógicas, investigação científica e de produção de vacinas. Além disso, chamou a atenção a presença dos cargos de desenhista e fotógrafo desde os primeiros anos de seu funcionamento.

A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, por sua vez, foi a primeira instituição médica brasileira especializada em medicina mental, criada por médicos interessados na produção e divulgação das disciplinas que lhe nomeavam, como um espaço de discussão sobre o tema da assistência, dos diagnósticos e outras questões científicas referentes a essas especialidades. Essa associação científica contou com membros de diferentes nacionalidades, especialidades e gerações, inclusive, com alguns pesquisadores do IOC.

Constatamos ainda que a trajetória da SBNPML esteve estreitamente relacionada com a de outras instituições, em especial, o Hospício Nacional de Alienados por diversas razões. Dentre as mais importantes, a relevância do HNA e do IOC como principais instituições de ensino prático da medicina naquele período.

Tanto o IOC como a SBNPML — bem como o HNA — estavam inseridos em um contexto de modernização da pesquisa e do ensino médico no Brasil, no início do século XX, inspirado no exemplo das instituições alemãs que direcionavam suas pesquisas e a produção de conhecimento ao laboratório, considerando-o um importante espaço de experimentação. Além disso, ambas eram notavelmente centralizadas nas figuras de seus diretores, Oswaldo Cruz e Juliano Moreira, que promoveram inovações e reformas nessas instituições, ganhando notoriedade e prestígio frente a sociedade brasileira e a comunidade científica, atraindo novos adeptos para suas entidades.

Em busca do aperfeiçoamento de suas produções e pesquisas, o IOC e a SBNPML também acolheram a participação de especialistas de outras nacionalidades, principalmente alemães, — no IOC estiveram entre os anos 1908-1912 e na Sociedade no período pós a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) — com o intuito de participarem de pesquisas e palestras sobre as investigações científicas realizadas em suas dependências. Do mesmo modo, os colaboradores destas instituições realizavam viagens ao exterior visando o aprimoramento de técnicas e estudos.

Outro ponto comum a estas entidades é a publicação de periódicos científicos, destinados a divulgação do conhecimento gerado pela atividade de pesquisa e a propaganda da própria instituição. As *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, como o nome já sugere, desempenhou o papel de arquivo da produção científica do IOC e, não permitia a colaboração externa, a não ser quando se tratava de trabalhos realizados em coautoria, entre os cientistas do Instituto e pesquisadores de outras instituições. Os *Arquivos Brasileiros*, em suas três versões, no que lhe concerne, foi escrito por colaboradores oriundos de diferentes estados brasileiros e estrangeiros, e sofreu mudanças estruturais nas seções que o compunham, na sua diagramação visual, na periodicidade e na apresentação de seus editores responsáveis.

Já em relação ao uso de imagens por essas instituições, notadamente a fotografia, vimos que as representações visuais estiveram presentes em instituições científicas dedicadas a diferentes especialidades médicas no Brasil e no mundo. Desde o seu surgimento no século XIX, a fotografia foi incorporada às práticas médicas e científicas como um instrumento privilegiado e objetivo, devido a crença em sua natureza mecânica, livre de qualquer intervenção humana. Segundo Fabris (2002:30), a aplicação da fotografia nas áreas científicas,

se justifica devido à suas principais qualidades: a sua força documental e sua capacidade de comprovação (FABRIS, 2002:30). Endossando essa perspectiva, Silva (2014:347) ressalta que a imagem fotográfica, a um só tempo, “desviava a atenção do texto para si e conferia poder persuasivo ao conjunto do discurso científico”.

Nesse sentido, a utilização da fotografia em publicações médicas revela a sua importância como um elemento fundamental na construção da narrativa científica e institucional, tal como uma ferramenta de identificação, de pesquisa, de prova, de acompanhamento de estudos e resultados, de classificação nosológica e de representação do poder institucional.

Desde seus primeiros anos de funcionamento, o Instituto Oswaldo Cruz contava com os serviços auxiliares de desenho e fotografia, considerados “indispensáveis” e realizados por profissionais, o que evidencia a importância dessa produção para a prática científica da instituição. A partir de nossa pesquisa, percebemos que os tipos de ilustrações mais explorados nas *Memórias do IOC* foram os desenhos, as fotomicrografias e as fotografias.

De acordo com nosso estudo, entre 1909 e 1930, o desenho se fez presente em mais da metade dos trabalhos ilustrados publicados no periódico. Tal recurso visual foi elaborado por desenhistas, que constavam no quadro de funcionários da instituição desde o decreto que criou o Instituto de Patologia Experimental, em 1907, e também pelos próprios pesquisadores, tendo sido desenvolvidos por diferentes técnicas, cores e com apoio de equipamentos como os microscópios. Cumpre dizer que os desenhos presentes nas *Memórias* se referem a diferentes objetos de estudo, como plantas, animais, ciclos biológicos de insetos, de fungos, de bactérias, de protozoários e outros, de lesões dermatológicas no humano, cortes histológicos, células e etc.

Outro tipo ilustrativo frequente nas *Memórias* é a fotomicrografia que classificamos aqui como um subtipo de fotografias médicas-científicas, isto é, aquelas produzidas em geral, no trabalho de laboratório. A fotomicrografia é uma técnica fotográfica resultado da associação de uma câmera fotográfica a um microscópio, amplamente utilizada em pesquisas científicas desde meados do século XIX, na medida em que viabiliza a observação mais ampliada e, com isso, detalhada de objetos não visíveis a olho nu. Em geral, a encontramos acompanhada por outras ilustrações científicas, como desenhos e/ou fotografias.

Em termos numéricos, o emprego mais recorrente da fotografia nas *Memórias* refere-se aos relatórios de expedições científicas realizadas pela instituição ao interior do Brasil e publicadas entre os anos de 1915 a 1929. Essa série fotográfica foi também a mais estudada entre as pesquisas sobre a produção fotográfica do IOC, devida a sua importância para os

estudos desenvolvidos pela instituição. Tais fotografias possuem ampla variedade temática, e se referem a habitação, a saúde/doença, a fauna, a flora, e outros. Cada expedição atribuiu destaque a temas diversos, a depender de sua intenção documental, dentre elas, a mais conhecida e de maior número de fotos, foi a realizada por Arthur Neiva e Belisário Penna, publicada em 1916.

Como já mencionamos, a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal esteve ligada ao HNA que, possivelmente, dispunha de um gabinete fotográfico desde o final o final do século XIX. Contudo, não encontramos fontes suficientes para aprofundar o conhecimento a seu respeito. Da mesma maneira, encontramos dificuldades para identificar a origem e o local de atuação dos profissionais que assinaram as representações gráficas presentes no periódico. De acordo com o nosso levantamento, entre os anos de 1905 a 1930, os recursos visuais de maior incidência publicados nos *Arquivos Brasileiros* foram aqueles produzidos por métodos fotográficos, a fotomicrografia e a fotografia. Em oposição ao que vimos nas *Memórias*, onde o desenho foi o protagonista, nos *Arquivos*, as fotografias estiveram no lugar de destaque e, desde o seu surgimento, o recurso fotográfico foi importante para os estudos sobre as doenças mentais com fins de identificação e construção de diagnósticos.

No que concerne à fotomicrografia, esta recebeu destaque nas publicações dos *Arquivos*, assim como nas *Memórias*, enfatizando a importância do laboratório e do estudo microscópico para a produção do conhecimento científico em diferentes disciplinas médicas, principalmente, para a neurologia e especialidades ligadas a microbiologia.

Outro tipo fotográfico recorrente nos *Arquivos* diz respeito às fotografias de doentes mentais que foram retratados de corpo inteiro, meio corpo e busto, de maneira que evidenciassem por meio de objetos, gestualidade corporal e expressões faciais o seu diagnóstico. Esses pacientes foram fotografados visando sua identificação, a evolução de seu tratamento e a sua classificação nosológica.

Cabe destacar que as instituições aqui estudadas viveram realidades financeiras distintas que impactaram os seus periódicos e as suas produções iconográficas. Enquanto o IOC gozava de independência financeira e de profissionais responsáveis pela produção do desenho e da fotografia, a Sociedade, por outro lado, passou por indisponibilidade de recursos financeiros, recorrendo a diferentes meios para manter o seu periódico, o qual teve que ser impresso em diferentes tipografias. Além disso, em relação à produção dos registros fotográficos do *Arquivos*, podemos conhecer pouco ou quase nada dos profissionais que o realizavam.

Em cada periódico investigamos o seu conjunto fotográfico, no sentido quantitativo e qualitativo, procurando identificar as funções que exerceram. Dessa maneira, percebemos que

as fotografias de doentes, as institucionais, as de médicos e as fotografias médicas-científicas, com destaque para as fotomicrografias, foram comuns a estas publicações. Portanto, estes conjuntos fotográficos estiveram inseridos no contexto de produção científica, no qual cada instituição procurou atender os escopos de sua narrativa especializada.

As fotografias de doentes foram, em nossa conclusão, utilizadas com a finalidade de identificação individual e patológica dos indivíduos, estabelecendo tipologias nosológicas a partir do reconhecimento de seus sinais, permitindo o acompanhamento da evolução e o tratamento dessas enfermidades. No caso das *Memórias*, estas fotografias conferiram ênfase aos casos de bócio endêmico, tanto nos relatórios de expedições científicas, como em artigos cuja principal característica é o impacto visual. Por outro lado, nos *Arquivos* estas fotografias demonstraram a constante utilização de recursos cênicos na sua construção e a relevância dos movimentos realizados pelos doentes. Dessa maneira, observamos em ambas produções científicas a busca pela visibilidade da enfermidade sofrida, por meio da disposição dos enfermos em cenários, enquadramentos e posturas específicas.

Já as fotografias dos médicos importantes para as instituições e suas respectivas especialidades foram empregadas como uma maneira de homenageá-los, tanto em vida como após sua morte, enaltecendo suas contribuições para a comunidade científica.

Vimos que este tipo de imagem — o retrato fotográfico — foi um gênero apropriado pelas ciências médicas e sociais, pelo sistema judiciário, pela sociedade burguesa e outros, atendendo cada uma a sua finalidade e elementos de construção. De acordo com Sekula (1992:346), o retrato fotográfico assumiu no século XIX, um sistema duplo de representação, que funciona de maneira honorífica, que seria a apresentação cerimonial do eu burguês, e a repressiva, que deriva dos imperativos da ilustração médica e anatômica.

A autora Fabris (2002) corrobora tal afirmação de Sekula, ao argumentar que o retrato burguês funciona como uma representação individual, tributária de modelos pictóricos e fruto de uma negociação entre cliente e fotógrafo (FABRIS, 2002:33). Ademais, na esfera médica e judicial, o retrato fotográfico atende a uma normatização e padronização que visa criar tipos, apontando desvios patológicos (FABRIS, 2002:32). Desse modo, os retratos de médicos e de doentes publicados em ambos periódicos servem a finalidades distintas e específicas.

No que se refere às fotografias institucionais, estas serviram para a divulgação das realizações e eventos promovidos pelas entidades, bem como, uma ferramenta para construção da sua memória oficial. No caso da SBNPML, as fotografias institucionais também serviram à propaganda e debate sobre a aplicabilidade de um modelo assistencial psiquiátrico específico, o das colônias agrícolas.

Portanto, esperamos ter demonstrado como instituições científicas e seus respectivos periódicos empregaram os recursos visuais, principalmente a fotografia, como um elemento constitutivo e polivalente da produção científica de diferentes especialidades médicas no início do século no Rio de Janeiro. Esses registros, por sua vez, respondiam a diferentes finalidades: acadêmico-científicas, institucionais, memorialistas, etc. Mais do que simples ilustrações relegadas ao papel de coadjuvantes, este estudo demonstra a relevância e o papel de destaque desempenhado por essas imagens na produção científica, bem como a importância atribuída a elas pelos próprios agentes envolvidos na construção do conhecimento médico-científico durante as três primeiras décadas do século XX em nosso contexto.

REFERÊNCIAS

Fontes

Periódicos especializados:

Annaes da Academia Brasileira de Ciências - RJ (1933)
Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Affins (1905-1907)
Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal (1908-1918)
Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria (1919-1930)
Brazil-Médico (1908)
Gazeta Médica da Bahia (1867)
Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (1909-1930)

Livro:

DIAS, Ezequiel. *O Instituto Oswaldo cruz: Resumo Histórico (1899-1918)*. Rio de Janeiro: Manguinhos, 1918.

Legislação:

BRASIL. Decreto n.º 1.802, de 12 de dezembro de 1907. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1802-12-dezembro-1907-582504-publicacaooriginal-105302-pl.html>

_____. Decreto n.º 6.891, de 19 de março de 1908. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-6891-19-marco-1908-502874-publicacaooriginal-1-pe.html>

_____. Decreto n.º 13.159, de 28 de agosto de 1918. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-13159-28-agosto-1918-517454-republicacao-95667-pe.html>

_____. Decreto n.º 13.527, de 26 de março de 1919. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-13527-26-marco-1919-510498-publicacaooriginal-1-pe.html>

_____. Decreto n.º 17.512, de 5 de novembro de 1926. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17512-5-novembro-1926-517458-publicacaooriginal-1-pe.html>

_____. Decreto n.º 5.963 de 16 de julho de 1940. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/norma/409543/publicacao/15688183>

_____. Decreto n.º 1.746, de 12 de abril de 1856. Disponível em, <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1746-16-abril-1856-571195-publicacaooriginal-94291-pe.html>

_____. Decreto n.º 3.640, de 14 de abril de 1900. Disponível em, <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-3640-14-abril-1900-504589-publicacaooriginal-109093-pe.html>

_____. Decreto nº 5.125, de 1º de fevereiro de 1904. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-5125-1-fevereiro-1904-503179-publicacaooriginal-1-pe.html>

_____. Decreto nº 3.902, de 12 de janeiro de 1901. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-3902-12-janeiro-1901-513707-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=O%20Presidente%20da%20Republica%20dos,de%20acordo%20com%20o%20art.>

Relatórios:

BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório dos anos de 1904 e 1905 apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905. Disponível em <http://brazil.crl.edu> e em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório dos anos de 1905 e 1906 apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1906. Disponível em <http://brazil.crl.edu> e em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Jornais:

Almanak Laemmert- Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - 1891 a 1940 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 18/11/2019

A Manhã (RJ) - 1925 a 1953 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 17/12/2019

A Noite (RJ) - 1920 a 1929 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 17/12/2019

A Razão (RJ) - 1916 a 1921 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 21/11/2019

Correio da Manhã (RJ) - 1920 a 1929 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 17/12/2019

Gazeta Médica da Bahia: Publicada por uma Associação de Facultativos (BA) - 1867 a 1905 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 01/08/2020

Gazeta de Notícias (RJ) - 1900 a 1919 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 18/11/2019

Jornal do Brasil (RJ) - 1920 a 1929 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 17/12/2019

Jornal do Commercio (RJ) - 1840 a 1849 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 07/05/2020.

Jornal A Noite (RJ) - 1911 a 1919 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 22/05/2020

O Imparcial (RJ) - 1920 a 1929 - Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 17/12/19.

O Imparcial (RJ) - 1920 a 1929 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 18/11/2019

O Jornal (RJ) - 1920 a 1929 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 17/12/2019

O Paíz (RJ) - 1920 a 1929 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 17/12/2019

O Paíz (RJ) 1890-1899 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 22/11/2019

Revista da Semana (RJ) - 1900 a 1918 – Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 29/10/2019.

Rua do Ouvidor (RJ) - 1898 a 1912 - Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 21/11/2019

Bibliografia

ALMEIDA, Marta de. Entre balões, carrosséis e ciências: a exposição internacional de higiene na capital federal. In: Encontro Regional de História Anpuh-RJ: Usos do passado, Niterói. Anais... Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisadores em História-RJ. p.1-10. 2006.

ALMEIDA, M.: Circuito aberto: ideias e intercâmbios médico-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 3, p. 733-57, jul.-set. 2006.

ALMEIDA, Francis Moraes de. O Esboço de psiquiatria forense de Franco da Rocha. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* São Paulo, v. 11, n. 1, p. 137-150, Mar. 2008.

ALVES, Olga Sofia Fabergé. Um manual de ilustração zoológica. *Cadernos de História das Ciências* v. 11, n.2,2017, p. 218-222.

AMARANTE, Paulo (Coord.). *Projeto Memória da Psiquiatria no Brasil. Catálogo de Periódicos não-correntes em Psiquiatria da Biblioteca de Manguinhos*. CD. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2004.

ARAGÃO, H. B. Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*.1950.1-50.

AZEVEDO, Maria Cecília Neves de. *Um olhar sobre o sertão: as fotografias do relatório da expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016. 169 f.

AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Os dilemas de uma tradição científica: ensino superior, ciência e saúde pública no Instituto Oswaldo Cruz, 1908-1953. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, n.2, abr.-jun. 2012, p.581-610.

BENCHIMOL, Jaime. Pasteur, a saúde pública e a pesquisa biomédica no Brasil. In: Nísia Trindade Lima & Marie-Hélène Marchand (org.) *Louis Pasteur & Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz/Banco BNP Paribas Brasil S/A, 2005, 55-107.

BENCHIMOL, Jaime L. Febre amarela e a instituição da Microbiologia no Brasil. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

BENCHIMOL, J. L. (Org.), *Manguinhos do Sonho à Vida; a Ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz—Fiocruz, 1990.

_____. Dos micróbios aos mosquitos. Febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Editora da UFRJ, 1999. v. 01. 498p.

_____. *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Bio-Manguinhos, 2001. v. 1. 469p.

BENCHIMOL, J. L.; TEIXEIRA, L. A. *Cobras e lagartos & outros bichos. Uma história comparativa dos institutos Butanta e Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/Editora da UFRJ, 1994. 225p.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. Traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Héctor Pérez. O método comparativo na História. In: _____. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979, p. 409-420.

CARRARA, Sérgio; CARVALHO, Marcos. A sífilis e o aggiornamento do organicismo na psiquiatria brasileira: notas a uma lição do doutor Ulysses Vianna. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.391-399.

CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014. 234

_____. A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e seu papel na institucionalização da psiquiatria (1907-1928). In: ANPUH Nacional, 2013, Natal. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.

_____. A perícia médico-legal e o ensino: dissidências e discussões na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 22, p. 641-649, 2015.

_____. A fundação da primeira sociedade brasileira especializada em medicina mental. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 9, p. 51-66, 2016.

CITELI, Maria Teresa. As Desmedidas da Vênus Negra: gênero e raça na história da ciência. *Novos Estudos CEBRAP*: São Paulo, n. 61, p. 163-175, 2001.

CLODE, J. História da fotografia e da sua aplicação à medicina. *Cadernos de Otorrinolaringologia*, p. 1-23, 2010.

COHN, A. Correio Paulistano. In: Verbetes para o Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, RJ: CPDOC-FGV/RJ, 1983 (Verbetes). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/correio-paulistano> Acessado em: 29/01/2020

CORREIA, F. A ilustração científica: “santuário” onde a arte e a ciência comungam. *Visualidades*, jul.- dez. 2011, v.9, n.2.

COURA, José Rodrigues; FERREIRA, Luiz Fernando; LOBATO-PARAENSE, Wladimir (Org.). *Centenário do Instituto Oswaldo Cruz: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Ed. Instituto Oswaldo Cruz. 2000.

DAMASCENO, Janaína. O corpo do outro: construção raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: o caso de Vênus Hotentote. In: *Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder*, Florianópolis, 2008.

DANIEL-RIBEIRO, CLÁUDIO T.; SAVINO, W.O. Instituto Oswaldo Cruz: 115 anos de ciência para a saúde da população brasileira. Rio de Janeiro: *Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical*, 2014.

DANTES, Maria Amélia M. (Org.). Introdução. In: *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

DANTES, Maria Amélia M. Fases da Implantação da Ciência no Brasil. *Quipo*, vol.5, num.2 mayo-agosto de 1988, p. 265-275.

DASTON, Lorraine. The Sciences of the Archive. *Osiris*, vol. 27, nº1, 2012, p.156-187.

DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. *The Image of Objectivity*. Representations, n 40, 2007.

DELAPORTE, F. *Histoire de la Fièvre Jaune*. Paris: Payot, 1989.

DIAS, Allister Andrew Teixeira. “*Dramas de Sangue*” na Cidade: psiquiatria, loucura e assassinato no Rio de Janeiro (1901-1921). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010. 191 f.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

EDLER, Flávio Coelho. O debate em torno da medicina experimental no Segundo Reinado. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.284-299, 1996.

ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2001.

FABRIS, A. Atestados de presença: a fotografia como instrumento científico. *Locus* (Juiz de Fora), Juiz de Fora, v. 8, n.1, p. 29-40, 2002.

_____. *Identidades virtuais. Uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. A imagem técnica: do fotográfico ao virtual. In: Kern, Maria Lúcia Bastos; Fabris, Annateresa (Orgs.). *Imagem e conhecimento*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 157-178.

_____. A captação do movimento: do instantâneo ao fotodinamismo. *Ars*, São Paulo, v. 2, n.4, p. 50-77, 2004.

_____. A Invenção da Fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa. (Org.). *Fotografia: Usos e funções no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1991, p. 11-37.

FACCHINETTI, Cristiana e MUÑOZ, Pedro. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2013, pp. 239-262.

FACCHINETTI, Cristiana et al. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.733-768.

FACCHINETTI, Cristiana, CUPELLO, Priscila e EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Neurologia, Psiquiatria e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, dez. 2010.

FERNANDES. Tânia. Oswaldo Cruz x Barão de Pedro Affonso: polêmica no controle de imunizantes. *Cadernos da Casa de Oswaldo Cruz*, vol 1, n° 1, Rio de Janeiro, 1989.

FERREIRA, Luiz Otávio. Introdução. In: *O nascimento de uma instituição científica: o periódico médico brasileiro da primeira metade do século XIX*. 1996. 176 f. (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

_____. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827- 1843). *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, jul.- out., 1999.

FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor e AZEVEDO, Nara: A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, IV(3): nov. 1997-fev. 1998, pp. 475-491.

FERREIRA, M. M. Os professores franceses e a redescoberta do Brasil. *Revista Brasileira (Academia Brasileira de Letras)*, Rio de Janeiro, v. 1, n.43, p. 227-245, 2005.

FONSECA FILHO, O. *A escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil*. 1974. In: COURA, José Rodrigues; FERREIRA, Luiz Fernando; LOBATO-PARAENSE, Wladimir (Org.). *Centenário do Instituto Oswaldo Cruz: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Ed. Instituto Oswaldo Cruz. 2000.

FONSECA, Maria Rachel Fróes. Miguel Ozório de Almeida. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz* <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/almmigoz.htm>. Acessado em: 21/11/2019

FORD, Brian J. *Images of science. A history of scientific illustration*. Londres, The British Library, 1992.

GALEANO, Diego. Identidade cifrada no corpo: o bertillonage e o gabinete antropométrico na polícia do Rio de Janeiro, 1894-1903. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, p. 721-742, 2012.

GIL, Ines. Imagens em sofrimento nas fotografias psiquiátricas. In CASCAIS, A.F. (Org). *Olhares sobre a cultura visual da medicina em Portugal*. Leya Editores, Lisboa, 2015.

GOMES, Marleide da Mota. “Franz Nissl (1860-1919), noted neuropsychiatrist and neuropathologist, staining the neuron, but not limiting it.” *Dement. Neuropsychol.*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 352-355, Sept. 2019.

GONÇALVES, Tatiana Fecchio. *A Representação do louco e da Loucura nas Imagens de quatro fotógrafos brasileiros do século XX*. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade Estadual de Campinas, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2010.

_____. A fotografia psiquiátrica no século XIX: Hugh W. Diamond. *Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual: Visualidades*. Góis. V.6, n.1 e 2, jan/Jun 2012 e Julho/Dez 2012, pp.72-83. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18071/10773>> ISSN:1679-6748

GURAN. Milton. *Linguagem Fotográfica e Informação*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, 1991.

_____. *Documentação fotográfica e pesquisa científica. Notas e Reflexões*. XII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, 2012. Disponível em: http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc_foto_pq.versao_final_27_dez.pdf

HEIZER, A. L. A Exposição Nacional de 1908: entre comemorações. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. n.2, p. 14-24, 2008.

INSTITUTO SOROTERÁPICO FEDERAL. In: *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em, <<https://goo.gl/EG8CoA>>

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro, CHAVES, Leandra, BARROS, Rodolfo. A “Escola Tropicalista” e a Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, v. 78, n. 2, p. 86-93, 2018.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester Aida. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.- dez. 2008, p.1077-1097.

JACÓ-VILELA, Ana Maria; SANTO, Adriana Amaral do Espírito; PEREIRA, Vivian Ferraz Studart. Medicina Legal nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1830-1930): o encontro entre medicina e direito, uma das condições de emergência da psicologia jurídica. *Interações*, vol. X, n. 19, jan.-jun. 2005, pp. 9-34.

JARDIM, M.E.; PERES, I.M.. Photographing Microscopic Preparations in the nineteenth century: Techniques and Instrumentation. In: Granato, M., Lourenço, M. (Edit.), *Scientific Instruments in the History of Science: Studies in transfer, use and preservation*. Rio de Janeiro: MAST, p.299-318, 2014.

JARDIM, M.E.; PERES, I.M.; COSTA, F.M. Imagens do século XIX: fotografia científica. In: Pombo, O. (Ed.). *As Imagens com que a Ciência se faz*. Lisboa: Editora Fim de Século e Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, p. 223-245, 2010.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

JUNQUEIRA, H. G. F.W. *Doidos[as] e Doutores: A medicalização da loucura na Província /Estado da Parahyba do Norte (1830-1930)*. Tese de doutorado Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, 2016.

KOIDE, K. I. Visibilidade e invisibilidade: representações fotográficas de doenças tropicais. Buenos Aires: *Afñic*, 2018.

KOSSOY, Boris. *Dicionário Histórico - fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo. Instituto Moreira Salles, 2002, 405p.

KNAUSS, Paulo. O Desafio de fazer história com imagens. In: *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 8, n. 12, jan. /jun. 2006, p. 97-115.

KROPF, Simone Petraglia. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação, 1909-1962*. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

_____. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, p.205-227.

KROPF, Simone Petraglia; AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luís Otávio. Doença de Chagas: a construção de um fato científico e de um problema de saúde pública no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.347-365. 2000.

LACERDA, Aline Lopes de; LIMA, A. L. G. S.; ALMEIDA, F.; LOURENCO, F. S.; MARQUES, R. C. S. A imagem a serviço do conhecimento: um estudo sobre a ilustração científica no Instituto Oswaldo Cruz. *Cadernos de História da Ciência*, v. 12, n. 1, p. 90-110, 2016.

LACERDA, Aline Lopes de; MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de. Produzindo um imunizante: imagens da produção da vacina contra a febre amarela. *Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]*. 2003, vol.10, suppl.2, pp.537-571.

LACERDA, Aline Lopes de Fontes para a História das Doenças no Brasil: o acervo da Casa de Oswaldo Cruz. Texto apresentado no Seminário “As doenças e os espaços de exclusão” – promovido pelo LEER – Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, racismo e discriminação. 18 e 19 de novembro de 2015.

LEITE, M. E. Fotografia e Sociedade no Brasil Imperial: a Heterogeneidade Humana e Social fixada pela Fotografia (1840-1889). *Cadernos de Campo (UNESP)*, Araraquara - São Paulo, v. 1, n.7, p. 91-108, 2001.

LEMOS, A. Briquet. Análise Crítica de uma Revista Institucional, as Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. *Cad. Saúde Públ.* Rio de Janeiro, 9 (2), 161-169, abr/jun, 1993.

LIMA, N. S.: Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. V (suplemento), 163-193 julho 1998.

LIMA, Nísia Trindade. Viagem científica ao coração do Brasil: notas sobre o relatório da expedição de Arthur Neiva e Belisário Penna à Bahia, Pernambuco e Goiás (1912). *Revista da Fundação do Homem Americano*, Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.185-215. 2003.

_____. Uma brasileira médica: o Brasil Central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Julio Paternostro. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos, Rio de Janeiro*, v.16, supl.1, jul. 2009, p.229-248.

LIMA, S. F. O circuito social da fotografia: estudo de caso II. In: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia: usos e funções no séc. XIX*. São Paulo: Edusp, 1991. p. 59-82.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos”. In: LUCA, Tânia Regina de; PINSKY, Carla Bassenezi. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, v. 01, p. 29-60.

LIMA, Ivan. *A fotografia é a sua linguagem*. Rio de Janeiro. Espaço e Tempo, 1988.

LISOVSKY, M. O dedo e a orelha: Ascensão e queda da imagem nos tempos digitais. *Acervo* Rio de Janeiro, p.55-74,1993.

LISOVSKY, Mauricio. Guia prático das fotografias sem pressa. In: HEYNEMANN, Cláudia; RAINHO, Maria do Carmo (Orgs.). *Retratos modernos*. Rio de Janeiro: Editorial Arquivo Nacional, 2005.

LOPES, Atiele A.de L.; FONSECA, Maria Rachel F. da. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz – Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/morjul.htm>

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto: notas sobre uma trajetória médica. *Revista da SBPC*, n. 11, p. 75-81, 1994.

_____. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica. *Cad. Saúde Públ.* Rio de Janeiro, 11 (2): 226-237, abr./jun., 1995.

MARTINS, Ruth Barbosa. *Do papel ao digital, a trajetória de duas revistas científicas brasileiras*. 2003. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2003.

MASSI, A.; MOURA, M. M. *Diário do Hospício e O cemitério dos vivos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

MAUAD, Ana M. *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. 1. ed. Niterói: EDUFF, v. 1. 261p, 2008.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de; LACERDA, Aline Lopes de. Imágenes de la salud pública: la institucionalización del Instituto Oswaldo Cruz en Brasil. *Dynamis*, Granada, n.25, p.179-198. 2005.

MELLO, Maria Teresa V. B. de. *Imagens da Memória, uma história visual da malária (1910 - 1960)*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de Mello; PIRES-ALVES, Fernando A. Expedições científicas, fotografia e intenção documentária: as viagens do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro. V.16, supl. 1, jul. 2009, p. 139-179.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. O Brasil-Médico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.15, n. 1. p. 209-219, jan-mar, Rio de Janeiro. 2008.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain et al. *História do Corpo, volume 3 – as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, p. 15-62, 2008.

MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015. 356 f.

NASR. Rebeca Monroy. La fotografía le da rostro a la locura: dispositivo de registro, propaganda, afirmación o rebeldía. In: *La psiquiatría más allá de sus fronteras Instituciones y*

representaciones en el México contemporáneo. MOLINA, Andrés Ríos (coord.). México Universidad Nacional Autónoma de México Instituto de Investigaciones Históricas. 2017. Disponível em: http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/psiquiatria/688_04_04_RostroLocura.pdf

NETO, Verlan Valle Gaspar. Muito além do CSI: história e sociologia da polícia científica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. V.21, n. 3, p. 1065-1070, jul.-set. 2014.

NEVES, Afonso Carlos. *O emergir do corpo neurológico: neurologia, psiquiatria e psicologia em São Paulo a partir dos periódicos médicos paulistas (1889-1936)*. Tese de doutorado em História Social - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

NOBRE, Maira F. de O. A Clausura sob a Ótica de Juliano Moreira. In: ANPUH Nacional, 2013, Natal. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013

NOTH, W & SANTAELLA, L. *Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*; 22(4); 2000. P. 178-179

OLIVEIRA, R. L.; CONDURU, R. Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz. *Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]*, Maio-Ago. 2004, v.11, n.2, p.89-100.

PEARD, J. G. *The Tropicalist School of Medicine of Bahia, Brazil, 1869-1889*. Michigan: Columbia University, Dissertation Information Service, 1992.

PEARD, J. G. Medicina tropical en el Brasil del siglo XIX: la ‘Escuela Tropicalista Bahiana’, 1860-1890. In: CUETO, M. (Ed.) *Salud, Cultura y Sociedad en América Latina*. Lima: IEP/Organización Panamericana de la Salud, 1996. p. 31-52.

PERES, Isabel M. Fotografia Médica. In: *100 anos de Fotografia científica em Portugal (1839-1939): Imagens e Instrumentos*, capítulo: 5, Publisher: Edições 70, Editors: Fernanda M. Costa, Estela Jardim, pp.109-147, 2014.

PEREIRA, M. A. C. S. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. *Arqtexto (UFRGS)*, v. 16, p. 6-27, 2010.

PETER, Jean-Pierre e REVEL, Jacques. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, J. e NORA, P. (orgs.) *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 4ª edição, 1995.

PORTER, Roy. História do Corpo. In: Peter Burke (org.), *A escrita da história: Novas perspectivas*, São Paulo, UNESP, 1992.

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

POTTKER, Gisele. *Ex Libris Resgatando marcas bibliográficas no Brasil*. Monografia. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RODRIGUES, Jeorgina Gentil; MARINHO, Sandra Maria Osório Xavier. A trajetória do periódico científico na Fundação Oswaldo Cruz: perspectiva da Biblioteca de Ciências Biomédicas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.2, abr.-jun. 2009, p.523-532.

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. Trad. Constança Egredas. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SÁ, Dominichi Miranda de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o “imenso hospital”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.16, supl.1, jul.2009, p.333-348.

SCHNEIDER, Sílvia Danielle. *Lepra: fotografia e discurso na obra de Souza-Araújo (1916-1959)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2011, 232 f.

SCHWARCZ, Lília Moritz. “Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais.” *Sociol. Antropol.*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 391-431, Dec. 2014.

SCHWARTZMAN, Simon. O auge e o declínio da ciência aplicada e A Profissionalização da ciência. In: *Um Espaço para a Ciência: A Formação da comunidade científica no Brasil*. Brasília, Ministério de Ciência e Tecnologia, 2001.

SEKULA, A. The body and the archive. In: Bolton, R. (ed.) *The contest of meaning: critical histories of photography*, Cambridge: MIT Press, 1992.

SILVA, James Roberto. De aspecto quase florido. Fotografias em revistas médicas paulistas, 1898-1920. *Revista Brasileira de História (Impresso)*, São Paulo, v. 21, n.41, p. 201-216, 2001.

_____. *Doença, Fotografia e representação. Revistas médicas em São Paulo e Paris, 1869-1925*. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. S.P, 2003.

_____. Fotografia e ciência: a utopia da imagem objetiva e seus usos nas ciências e na medicina. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 9, p. 343-360, 2014.

SILVA, Renata P. da. *Medicina, Educação e Psiquiatria para a Infância: O Pavilhão-Escola Bourneville no Início do Século XX*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008. 180p.

SILVEIRA, Renato Diniz. Psicanálise e psiquiatria nos inícios do século XX: a apropriação do conceito de esquizofrenia no trabalho de Hermelino Lopes Rodrigues. *Rev. latinoam. psicopatol. Fundam*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 582-596, Sept. 2009.

SOUSA, Rui Fernando Gonçalves Teixeira. *Mutações diagnósticas: a propósito da psicose unitária*. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria e Saúde Mental) - Faculdade de Medicina, Universidade do Porto. Portugal, 2000.

STEPAN, N. *Gênese e Evolução da Ciência Brasileira; Oswaldo Cruz e a Política de Investigação Científica e Médica*. Rio de Janeiro, Artenova-Fundação Oswaldo Cruz 1976.

_____. *Picturing Tropical Nature*. London, Reaktion Books Ltda. 2001.

_____. Portraits of a possible nation: photographing medicine in Brazil. *Bulletin of the History of Medicine*, Baltimore, n.68, p.136-49, 1994.

TAGG, John. Introdução. In: *The burden of representation: essays on photographs and histories*. 2ª ed., Minneapolis, University of Minnesota Press, 1995.

TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro; RAMOS, Fernando A. de Cunha. As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II.” *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 364-381, June 2012 .

TEIVE, HÉLIO A G. et al. Professor Antônio Austregésilo: o pioneiro da neurologia e do estudo dos distúrbios do movimento no Brasil. *Arq. Neuro-Psiquiatr.*, São Paulo, v. 57, n. 3B, p. 898-902, Sept. 1999.

THIELEN, E. V. *Imagens da Saúde do Brasil. A fotografia na institucionalização da saúde pública*. Dissertação de mestrado no Programa de Estudos Pós Graduados em História PUCSP, São Paulo, 1992.

THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9 (2), 387-404, maio-ago. 2002.

THIELEN, Eduardo Vilela; PIRES-ALVES, Fernando Antonio; BENCHIMOL, Jaime Larry; ALBUQUERQUE, Marli Brito de; SANTOS, Ricardo Augusto e WELTMAN, Wanda Latmann. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz, 1991.

TRINCHÃO, G. M. C.; SOBRAL, P. S.; PAIXAO, P. L. O desenho como prática de investigação científica: Da percepção ao desenho registro. *Revista Educação Gráfica*, v. 2, p. 41-55, 2018.

VENANCIO, Ana Teresa A. “Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (1907-1957?)”. In JACÓ-VILELA, Ana (Org.). *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP, 2011a.

_____. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. N. 36, julho-dezembro de 2005, p. 59-73.

_____. Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol. 10(3): 883-900, set.- dez. 2003.

_____. Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, dez. 2011, p.35-52.

_____. Doença mental, raça e sexualidade nas teorias psiquiátricas de Juliano Moreira. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 283-305, july, 2004.

VENANCIO, Ana Teresa A. e CARVALHAL, Lázara. A classificação psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira. In JACÓ-VILELA, Ana Maria et al. (Org.). *Clio-Psyché ontem: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2001.

VENANCIO, A. T. A.; CERQUEIRA, EDE C. B. Os intercâmbios científicos pela Sociedade Brasileira de Neurologia Psiquiatria e Medicina Legal (1907-1933). In: Artur Cesar Isaia; Natalia Priego. (Org.). *História, Ciência e Medicina no Brasil e América Latina (séculos XIX e XX)*. 1ªed.Canos: Editora Unilasalle, 2016, p. 1-312.

WELTMAN, W. L. A produção científica publicada pelo Instituto Oswaldo Cruz no período 1900-17, um estudo exploratório. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9(1),159-86, jan.-abr. 2002.

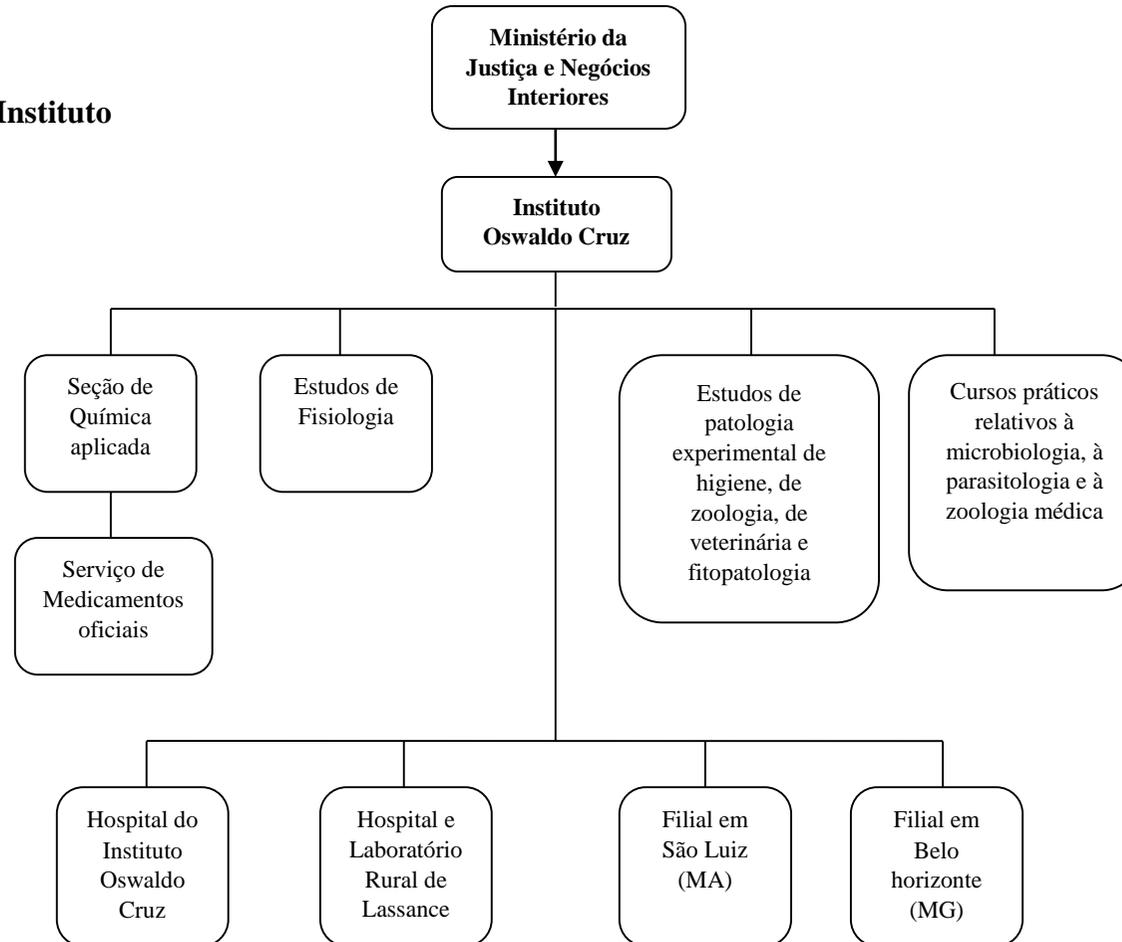
WILLCOX, M. C. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 80 anos de editoração. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. 1989. 435-439.

ZAMBON, Michele. LOPES, Dirce Vasconcellos. A fotografia como modo de representação da identidade: dos cartões de visita de Disdéri ao ciberespaço. In: *Discursos Fotográficos*, Londrina v. 3. v.3, n.3, p.29-54, 2007

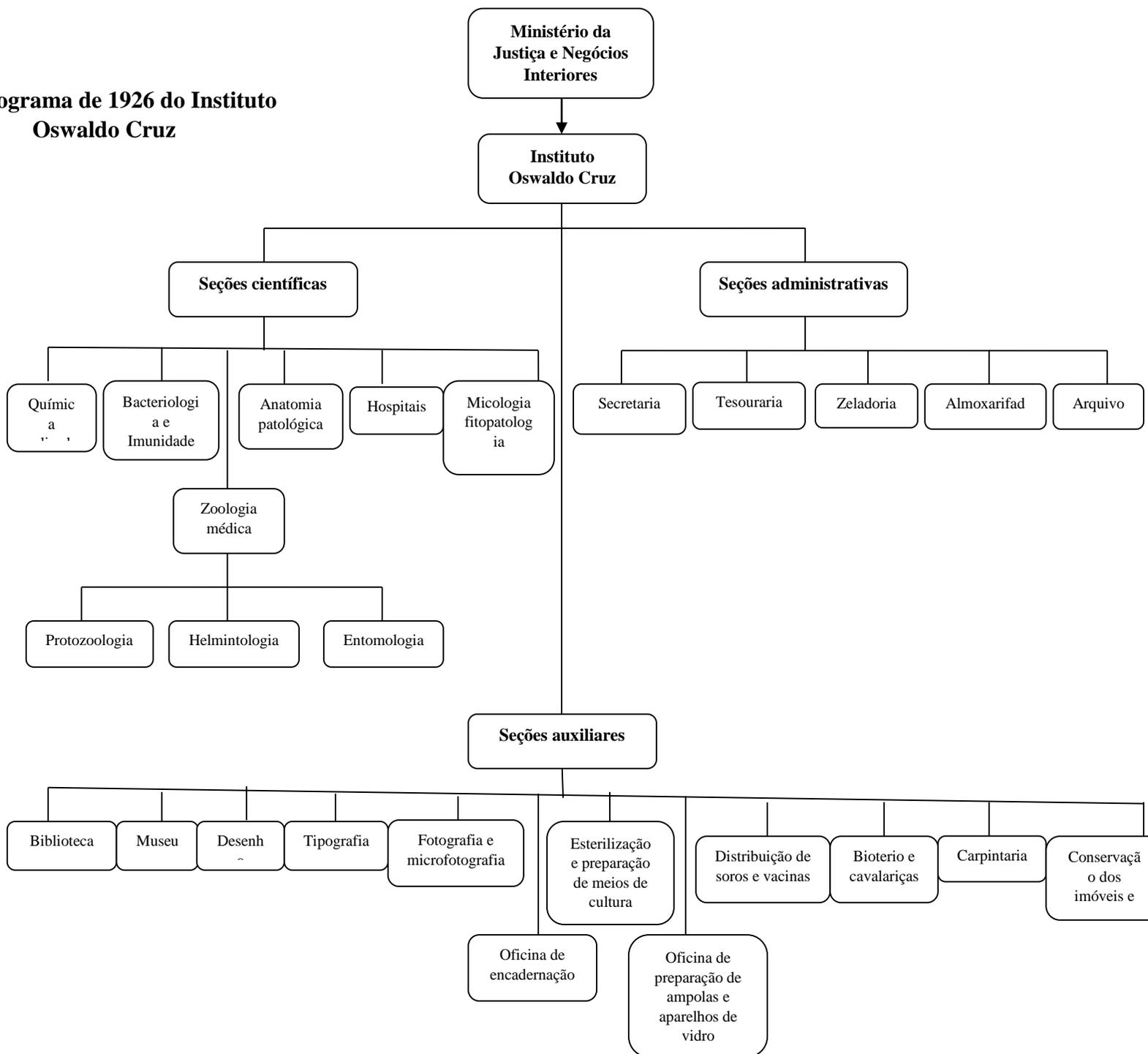
ANEXOS

Anexo I – Organogramas IOC

Organograma de 1919 do Instituto Oswaldo Cruz



**Organograma de 1926 do Instituto
Oswaldo Cruz**



Anexo II – Seções que compreendiam os *Arquivos Brasileiros* (1905-1930)

Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins (1905-1907)

Seção	Finalidade
Artigos	Trabalhos médicos sobre determinados casos clínicos, assistência a alienados e outros.
Notas terapêuticas/ Notas de Fisioterapia	Apresentava formas de tratamento, medicamentos e higiene, além de discutir os diagnósticos, classificações e procedimentos.
Versas	Poemas de autoria dos considerados alienados, a respeito de variados temas. No texto consta o diagnóstico do escritor.
Notícias	Espaço para a divulgação de eventos, congressos, novas instituições ligadas à assistência e medicina no contexto nacional e internacional.
Congressos	Seção dedicada às apresentações e discussões ocorridas em congressos.
Necrologias	Textos em homenagem a algum membro falecido da comunidade científica.
Análises, Bibliografia e Revistas as Revistas	Consistia em resenhas sobre livros e artigos publicados em outras publicações.

Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal (1908-1918)

Seção	Finalidade
Artigos	Idem
Notas terapêuticas/ Notas de Fisioterapia	Idem
Bibliografia e Revistas das Revistas	Idem
Versas	Idem
Notícias	Idem
Congressos	Idem
Necrologias	Idem
Boletim da Sociedade Brasileira de Neurologia	Atas das reuniões/sessões promovidas pela Sociedade.

Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria (1919- 1930)

Seção	Finalidade
Trabalho originais	Trabalhos médicos sobre determinados casos clínicos, assistência a alienados e outros.
Análises, Bibliografia e Revista das Revistas	Idem
Notícias	Idem
Necrologias	Idem
Boletim da Sociedade Brasileira de Neurologia	Idem

Fonte: Anexo elaborado pela autora com base em consulta aos exemplares dos *Arquivos Brasileiros*. Ver também: FACCHINETTI, et.al, 2010:530-531.